



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

HELEN CARMEM LUCENA DA SILVA

**A CONSTITUIÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOS RECREADORES:
um estudo de caso a partir do Sesc Pernambuco**

Recife
2024

HELEN CARMEM LUCENA DA SILVA

**A CONSTITUIÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOS RECREADORES:
um estudo de caso a partir do Sesc Pernambuco**

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-graduação em
Educação da Universidade Federal
de Pernambuco como requisito
parcial para a obtenção do grau de
Mestra em Educação.
Área de concentração: Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Clarissa Martins de Araújo

Recife

2024

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Silva, Helen Carmem Lucena da.

A Constituição da profissionalidade dos recreadores: um estudo de caso a partir do Sesc Pernambuco / Helen Carmem Lucena da Silva. - Recife, 2025.

218f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2024.

Orientação: Clarissa Martins de Araújo.

Inclui referências, apêndices e anexos.

1. Recreador; 2. Formação Profissional; 3. Profissionalidade;
4. Formação Humana. I. Araújo, Clarissa Martins de. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

HELEN CARMEM LUCENA DA SILVA

**A CONSTITUIÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOS RECREADORES:
um estudo de caso a partir do Sesc Pernambuco**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestra em Educação.
Área de concentração: Educação.

Aprovada em: __/__/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Clarissa Martins de Araújo (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Hélder Ferreira Isayama (Examinador)
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. Fernando Gonçalves de Azevedo (Examinador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.^a Dr.^a Viviane de Bona (Examinadora)
Universidade Federal de Pernambuco

À vovó e vovô (em memória dos seus legados de amor); às minhas preciosidades em vida: mainha, momô e os meninos; aos meus amigos e a todas as professoras da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Muita gente contribuiu para que este trabalho fosse realizado. Alguns, de maneira mais direta, já outros, nem sabem o quanto foram importantes nesse processo. Mas, o que eu quero que todos vocês saibam é: eu sou muito grata a todos!

Agradeço a Deus, pela dádiva da vida. Aos meus avós, seu Hélio e dona Carminha, por me acolherem em sua casa, cuidando de mim e da minha mãe, com muito carinho.

À minha mãe, Marly Pereira Lucena, por ser um verdadeiro anjo na minha vida. Durante todo o mestrado, mainha me apoiou, fazendo o melhor que poderia fazer, para que eu chegasse até aqui. Foram muitos cafezinhos, água, lanchinhos, abraços e beijinhos. Muito obrigada, mainha! Te amo tanto!

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Clarissa Martins de Araújo, por aceitar me orientar nesta pesquisa, demonstrando tanta humanidade e compaixão. Obrigada pelas conversas, pelo apoio, por ouvir minhas angústias e desabafos. Obrigada por acreditar, incentivar, pegar na minha mão e não soltar! Muito obrigada, querida professora, por ter entrado nessa comigo, até o fim!

À minha companheira, Alyne Souza, que sempre acreditou em mim, me apoiando e me incentivando a ousar. Sempre compreensiva e fazendo de tudo para que esse período de pesquisa se tornasse leve e cheio de amor. Obrigada, meu amor!

Aos meus meninos, Guilherme, Theo e Miguel, por tentar fazer silêncio e por aguentar a minha ausência em alguns momentos, o que diminuiu o nosso tempo de lazer. Obrigada pela compreensão, meninos. Ainda temos muita coisa para fazer juntos. A primeira delas é comemorar mais essa conquista, porque ela é nossa! Amo vocês!

À minha amiga Michelle Ferreira, que, junto com mainha e Alyne, teve a paciência de me ouvir falar várias vezes sobre a pesquisa, cronometrando e comentando sobre a minha desenvoltura nos ensaios de apresentação. Te amo, amiga!

Ao Prof. Dr. Everson Melquíades, por me orientar na graduação e me incentivar a ingressar no mestrado. Obrigada por me apoiar e acreditar em mim, Mel.

À Prof.^a Dr.^a Laeda Bezerra Machado, por ter compartilhado, de maneira tão detalhada, os seus conhecimentos comigo. Foi um prazer ter a oportunidade de aprender contigo, querida professora Laeda.

Ao Prof. Dr. Gustavo Gilson Sousa, pelas discussões tão construtivas que tivemos nas aulas do mestrado. Muito obrigada, professor!

À Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia Gonçalves, por todas as contribuições e ensinamentos. Muito obrigada, querida professora!

Ao Prof. Dr. Fernando Azevedo, por compartilhar, de maneira tão amorosa, parte de seus conhecimentos comigo. Foi um prazer conhecê-lo, querido professor.

Aos meus amigos professores e professoras, que me acompanharam em todas as instituições de ensino em que estive, da infância até os dias atuais: Escola Monteiro Lobato, Instituto Escolar da Emília, Colégio Brasileiro, Codai, Uninabuco, Unicap, Fafire e UFPE.

À FACEPE, por apoiar, com incentivo financeiro, a pesquisa em Educação e, especialmente, por apoiar esta pesquisa, concedendo bolsa de estudo.

Ao Centro de Educação, à linha de Formação de Professores e Prática Pedagógica, e à Universidade Federal de Pernambuco. Obrigada por apoiarem a pesquisa, por serem referências científicas e por acreditarem neste trabalho.

Aos grupos de estudos e pesquisas Grupo de Pesquisa em Formação de Professores e Práticas Inclusivas (GEFOPI) e Grupo de Pesquisa em Formação de Professores de Arte e Inclusão (GEFAI), pelo apoio, acolhimento, encontro, troca de saberes e contribuições.

Aos colegas da turma 39 do mestrado, pelas conversas, sugestões e pela amizade, especialmente a Caio José Lopes de Queiroz, com quem compartilhei a mesma orientadora. Foi muito bom ter conhecido e aprendido com você, meu amigo.

A todos os recreadores do Sesc Pernambuco, meus amigos e amigas do Sesc, com quem compartilhei uma longa jornada profissional no campo da recreação. Em especial, agradeço a todos os recreadores que aceitaram participar e foram sujeitos desta pesquisa. Obrigada, minha gente, pelos momentos memoráveis e pelas histórias incríveis que vivenciamos juntos. Vocês moram no meu coração.

Ao Instituto Educacional Novo Saber e ao Instituto Motivação, em especial, à Adriana Conceição, pela confiança, oportunidade profissional, parceria e amizade estabelecida. Obrigada, minha querida!

Aos meus amigos, que me ajudaram, após a enchente de 28 de maio de 2022. Minha gente, vocês não sabem o quanto eu sou grata a cada um de vocês por cada ajuda recebida. Jamais esquecerei da força de vocês juntos. Muito obrigada, AMIGOS!

Aos meus amigos da equipe pedagógica e funcionários da Escola Mata do Ronca e aos meus amigos e funcionários da Escola Marluce Santiago, pelo apoio e incentivo.

Aos meus amigos Frederico Fonseca, Andrea Arcoverde, Michelle Ferreira, Raffaella Belo e Jaqueline, por me apoiarem e compreenderem a minha ausência em determinados momentos de suas vidas, devido à dedicação à pesquisa. Minha gente, nem acredito! Viva!

RESUMO

Esta dissertação aborda a constituição das profissões dos recreadores. De natureza qualitativa, esta pesquisa é caracterizada como um estudo de caso a partir do Sesc Pernambuco. O nosso objetivo geral foi compreender como os recreadores do Sesc Pernambuco têm constituído suas profissões. Como objetivos específicos, buscamos: a) caracterizar os contextos que contribuem para a constituição das profissões dos recreadores do Sesc Pernambuco; b) conhecer os saberes que são mobilizados para a construção das profissões dos recreadores do Sesc Pernambuco; c) identificar os elementos que contribuem para a constituição das profissões dos recreadores do Sesc Pernambuco; e d) delinear os limites para a constituição das profissões dos recreadores do Sesc Pernambuco. A fundamentação teórica seguida foi elaborada a partir de autores e estudos que abordam conceitos referentes às categorias: recreação e lazer: caminhos para uma formação humana e ser recreador: profissões em processo de construção. Como coleta de dados, utilizamos as técnicas de pesquisa de análise documental, questionário e entrevista semiestruturada. Na primeira etapa da coleta de dados, aplicamos um questionário para traçar o perfil dos recreadores do Sesc Pernambuco. A partir da análise do questionário, selecionamos sete recreadores e dois profissionais do Sesc para a realização de entrevistas semiestruturadas. A presente pesquisa possibilitou identificarmos os principais aspectos relacionados à constituição das profissões dos recreadores, tais como a identificação do Sesc como um dos principais contextos de constituição das profissões dos recreadores da pesquisa. O Sesc, além de ser constituído por espaços físicos, também apresenta nuances como diretrizes políticas e institucionais, personagens e projetos que evidenciam ainda mais a referida instituição como principal contexto de formação da profissão dos recreadores. Nesse sentido, o projeto *Brincando nas Férias* e o *Encontro Técnico* são os dois principais projetos que influenciam diretamente na formação e no desenvolvimento profissional dos recreadores entrevistados. Também, a partir de uma analogia com o Campo da Física, elencamos os cinco campos de saberes dos recreadores, os quais favoreceram a reflexão sobre os saberes necessários aos recreadores. Dessa forma, anunciamos as possibilidades e denunciamos os limites para a construção das profissões dos recreadores do Sesc Pernambuco.

Palavras-chave: recreador; formação profissional; profissão; formação humana.

ABSTRACT

This dissertation deals with the constitution of the professionalities of recreationists. This is a qualitative work, characterized as a case study from Sesc Pernambuco. The general objective of this research was to understand how recreationists at Sesc Pernambuco have constituted their professions. As specific objectives, we seek to: a) characterize the contexts that contribute to the constitution of the professionalities of Sesc Pernambuco recreationists; b) learn about the knowledge that is mobilized to build the professional skills of sesc pernambuco recreation workers; c) identify the elements that contribute to the constitution of the professionalities of Sesc Pernambuco recreationists; and d) outline the limits for the constitution of the professionalities of Sesc Pernambuco recreationists. The theoretical foundation followed was drawn up from authors and studies that address concepts relating to the categories: recreation and leisure: paths to human development and being a recreator: professionalities in the process of construction. To collect data, we used the research techniques of document analysis, questionnaire and semi-structured interview. In the first stage of data collection, we applied a questionnaire to profile the recreationists at sesc pernambuco. Based on the analysis of the questionnaire, we selected seven recreationists and two sesc professionals to carry out semi-structured interviews. This research made it possible to identify the main aspects related to the constitution of the recreationists' professionalities, such as the identification of sesc as one of the main contexts for the constitution of the recreationists' professionalities in the research. Sesc, in addition to being made up of physical spaces, also presents nuances such as political and institutional guidelines, characters and projects that further highlight the aforementioned institution as the main context for training the professionalism of recreationists. In this sense, the project playing on vacation and the technical meeting are the two main projects that directly influence the training and professional development of the entertainers interviewed. Also, based on an analogy with the field of physics, we list the five fields of knowledge of recreators, which favored reflection on the knowledge necessary for recreators. In this way, we announce the possibilities and denounce the limits for building the professional skills of Sesc Pernambuco uco recreationists.

Keywords: recreation; professional qualification; professionalism; human formation.

LISTA TABELAS

Tabela 1 –	Estudos categorizados da CAPES	30
Tabela 2 –	Categorias emergentes, a partir do termo “recreação”, por meio do refinamento com o filtro “Assunto”	38
Tabela 3 –	Categorias emergentes, a partir do filtro “Assunto” – Lazer	38
Tabela 4 –	Categorias, a partir do refinamento “Assunto” – Revista Licere	41
Tabela 5 –	Estudos encontrados nos periódicos da CAPES	44
Tabela 6 –	Estudos encontrados nos periódicos da CAPES – Recreação	44
Tabela 7 –	Outras atividades profissionais desenvolvidas pelos recreadores	97
Tabela 8 –	Motivações dos recreadores	119
Tabela 9 –	Campo de saberes da prática profissional cotidiana dos recreadores	161
Tabela 10 –	Campo de saberes fundamentados dos recreadores	168
Tabela 11 –	Campo de saberes das dimensões do ser recreador	171
Tabela 12 –	Campo de saberes sobre o universo infantil dos recreadores	176
Tabela 13 –	Campo de saberes do brincar dos recreadores	179

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Registros de estudos sobre recreação no período de 25 anos (1996-2021)	26
Gráfico 2 – Instituições que produziram estudos sobre recreação por região	27
Gráfico 3 – Produção de pesquisas sobre recreação por região do Brasil	27
Gráfico 4 – Grandes áreas do conhecimento dos estudos sobre recreação registrados no Catálogos de Teses e Dissertações da CAPES no período de 1966-2021	29
Gráfico 5 – Estudos encontrados na revista Licere	40
Gráfico 6 – Vínculo de trabalho dos recreadores do Sesc	89
Gráfico 7 – Gênero dos recreadores do Sesc PE	90
Gráfico 8 – Recreadores que possuem formação acadêmica	91
Gráfico 9 – Formação acadêmica dos recreadores	92
Gráfico 10 – Tipo de pós-graduação dos recreadores	93
Gráfico 11 – Cursos de pós-graduação <i>lato sensu</i> dos recreadores	94
Gráfico 12 – Início da atuação dos recreadores do Sesc Pernambuco	95
Gráfico 13 – Tempo de atuação dos recreadores no Sesc Pernambuco	96
Gráfico 14 – Cargos ocupados no Sesc	98
Figura 1 – Esquema sobre os contextos de formação das profissões	114
Quadro 1 – Contextos de descoberta e interesse pela recreação	116
Gráfico 15 – Motivações intrínsecas e extrínsecas	119
Quadro 2 – Local de início da atuação profissional enquanto recreador	120
Gráfico 16 – Espaços que contribuem para a prática profissional dos recreadores	122

Gráfico 17 – Espaços constitutivos das profissões dos recreadores	134
Gráfico 18 – Principais diferenças entre as unidades Sesc, segundo os recreadores	138
Quadro 3 – Possibilidades para a constituição das profissões dos recreadores	140
Quadro 4 – Limites para a constituição das profissões dos recreadores	147

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRE	Associação Brasileira dos Recreadores
AESGA	Autarquia do Ensino Superior de Garanhuns
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BNF	Brincando nas Férias
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CDRM	Centro de Difusão e Realizações Musicais
CTL	Centros de Turismo e Lazer
DFE	Desenvolvimento Físico Esportivo
DN Sesc	Departamento Nacional do Serviço Social do Comércio
EUA	Estado Unidos da América
FAFOPA	Faculdade de Professores de Araripina
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
PPGEdu	Programa de Pós-Graduação em Educação
RBEL	Revista Brasileira de Estudos do Lazer
Sesc	Serviço Social do Comércio
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
U.E. Sesc	Unidade Executiva Sesc
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNIBRA	Centro Universitário Brasileiro
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

UNIMEP

Universidade Metodista de Piracicaba

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	18
2 O ESTADO DO CONHECIMENTO.....	25
2.1 CATÁLOGO DE TESES E DISSERTAÇÕES – CAPES.....	25
2.2 BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES..	37
2.3 REVISTA LICERE.....	39
2.4 REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS DO LAZER.....	43
2.5 PORTAL DE PERIÓDICOS DA COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR.....	43
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	47
3.1 RECREAÇÃO E LAZER: CAMINHOS PARA UMA FORMAÇÃO HUMANA.....	47
3.2 SER RECREADOR: PROFISSIONALIDADES EM PROCESSO DE CONSTRUÇÃO.....	62
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	78
5 OS RECREADORES E SUAS PROFISSIONALIDADES: ACHADOS E REFLEXÕES.....	87
5.1 PERFIL DOS RECREADORES DO SESC PERNAMBUCO.....	87
5.1.1 Distribuição dos recreadores.....	88
5.1.2 Características demográficas.....	89
5.1.3 Formação acadêmica.....	91
5.1.4 Experiência profissional.....	95
5.1.5 Fonte de renda.....	96
5.1.6 Cargos ocupados no Sesc.....	97
5.1.7 Funções desempenhadas.....	98
5.2 SELEÇÃO DOS SUJEITOS PARA A SEGUNDA ETAPA DA PESQUISA.....	99
5.3 CONHECENDO OS RECREADORES E PROFISSIONAIS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	101
5.4 CONTEXTOS E SABERES FORMATIVOS DAS PROFISSIONALIDADES DOS RECREADORES DO SESC PERNAMBUCO.....	105
5.4.1 Contextos formativos das profissões dos recreadores....	106

5.4.1.1	Conhecendo os contextos de atuação profissional dos recreadores.....	107
5.4.1.2	Documentos norteadores, política e estrutura organizacional da recreação no Sesc Pernambuco.....	110
5.4.1.3	Descortinando os fatores que contribuem para as profissões dos recreadores.....	113
5.4.1.4	Adentrando nos espaços que contribuem para a atuação dos recreadores.....	122
5.4.1.5	Personagens influentes na constituição das profissões dos recreadores.....	136
5.4.1.6	Anunciando as possibilidades e denunciando os limites de ser recreador.....	140
5.4.2	Os saberes que constituem as profissões dos recreadores.....	158
5.4.2.1	Os saberes dos recreadores a partir de uma analogia da Física.....	159
5.4.2.2	Os cinco campos dos saberes mobilizados pelos recreadores.....	161
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	184
	REFERÊNCIAS.....	189
	APÊNDICE A – RESUMO DA PESQUISA ENVIADA AO SESC.....	200
	APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO – PERFIL DOS RECREADORES DO SESC PERNAMBUCO.....	202
	APÊNDICE C – CARTA CONVITE AOS RECREADORES PARA ENTREVISTA.....	205
	APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – ENTREVISTA.....	207
	APÊNDICE E – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM OS RECREADORES.....	209
	APÊNDICE F – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM A PROFISSIONAL SIGA A MESTRE.....	211
	APÊNDICE G – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM O PROFISSIONAL SEU MESTRE MANDOU.....	214
	ANEXO A – COMUNICADO DAS VAGAS E ETAPAS DO PROCESSO	

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa emergiu das minhas experiências com a recreação nas esferas pessoal, profissional e acadêmica. A minha intensa relação com a recreação se estabeleceu na infância e continua até hoje. Sempre gostei muito de brincar, de inventar brincadeiras e de coordenar as regras do jogo. Fui crescendo e, aos poucos, sendo requisitada por amigos e familiares para “animar” os eventos. Com o tempo, passei a trabalhar como recreadora em diversos lugares: creches, igrejas, praças, acampamentos, entre outros. Participei de alguns cursos de capacitação e, cada vez mais, fui me interessando pelo campo em questão.

Aos 19 anos de idade, comecei a atuar profissionalmente como recreadora no Serviço Social do Comércio (Sesc), em Pernambuco, no qual passei a desenvolver ações e eventos de recreação, em contextos formais e não formais, destinados a crianças, jovens, adultos, idosos e ao público geral. Diante da complexidade das experiências vivenciadas nesta instituição, percebi que as atividades desempenhadas por mim demandavam mais compreensão sobre elas. Então, resolvi ingressar no ensino superior. Logo, identifiquei que, na época, não havia nenhum curso superior específico de recreação, em Pernambuco.

Assim, após analisar ementas de diversos cursos, optei por ingressar no curso superior de Tecnologia em Eventos, por acreditar que ele poderia contribuir com a minha prática profissional. Dei continuidade aos estudos, ingressando no curso de especialização em Produção Cultural, com ênfase em Eventos Culturais, no qual me apaixonei pela docência do ensino superior. Então, decidi ingressar no curso de Pedagogia.

A partir do meu ingresso no curso de Pedagogia, passei a compreender que a complexidade das minhas experiências, enquanto recreadora, também estavam relacionadas aos processos educativos. Diante disso, ainda neste curso, mediante o contato com os estudos de Silva (2010), submergi na reflexão sobre meu processo formativo como recreadora. Em seu estudo, Silva (2010) desloca a formação dos professores do campo das políticas públicas para o campo da formação humana. Essa perspectiva me fez compreender que a minha formação como recreadora não poderia se resumir apenas à

formação acadêmica, uma vez que, mesmo antes de ingressar no curso superior, eu já era recreadora.

Visando compreender melhor sobre como me formei recreadora e também como outras pessoas se formaram recreadoras, em meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), desenvolvido em 2018, realizamos um estudo com o objetivo de compreender como tem se constituído a formação (humana) dos recreadores¹ do Sesc Pernambuco. No referido estudo, buscamos compreender quais experiências possibilitaram a constituição da formação dos recreadores do Sesc Pernambuco. Para isso, com base na concepção de formação humana, traçamos um percurso metodológico que procurou responder às seguintes questões: quais experiências foram relevantes na formação dos recreadores? Como se caracterizam essas experiências? Quais experiências formativas são comuns aos recreadores?

No estudo em questão, mapeamos 10 (dez) tipos de experiências: 1) experiências escolares; 2) experiências em comunidade; 3) experiências acadêmicas; 4) experiências no exercício da profissão; 5) experiências familiares; 6) experiências profissionais; 7) experiências de autoformação; 8) experiências em Movimentos Sociais; 9) experiências de formação em serviço; e 10) experiências em cursos.

Considerando essas experiências, identificamos uma categoria transversal, que perpassa pela maioria delas, a qual denominamos *Experiência do Brincar*. Dessa maneira, chegamos à compreensão de que o brincar é uma ação fundamental e necessária à formação do recreador. Seguindo essa experiência, identificamos, também, maior transversalidade nas experiências familiares e nas experiências em comunidade. Logo, salientamos a primordialidade contida em ambas, bem como suas respectivas potencialidades formativas.

Vale ressaltar que a maioria das experiências emergentes ocorreu em contextos não formais, o que implica dizer que os contextos formais apresentaram pouca relevância na constituição do ser recreador. Diante disso, consideramos que o referido estudo contribuiu para uma maior reflexão sobre a

¹ Utilizamos termo no gênero masculino com o objetivo de manter a fluidez e a uniformidade na leitura. No entanto, é importante reconhecer que esta escolha não desconsidera a presença e a contribuição igualmente significativa de recreadores e recreadoras em todo trabalho.

formação do recreador, possibilitando compreender que esse processo formativo se dá em meio a uma gama de experiências, advindas do próprio percurso de formação do sujeito humano.

Portanto, frente à complexidade desse profissional, que constitui-se por diferentes caminhos formativos, emerge a necessidade de compreender os elementos que estão relacionados aos caminhos do torna-se recreador.

Para tanto, realizamos um levantamento de estudos relacionados ao tema desta pesquisa nos seguintes acervos bibliográficos: Catálogo de Teses e Dissertações – CAPES; Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD); Revista Licere; Revista Brasileira de Estudos do Lazer (RBEL); e portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), utilizando os seguintes descritores: “recreador”, “recreadores” e “recreação”.

Nesse levantamento, encontramos 4 (quatro) dissertações sobre recreação e formação profissional: “Lazer/recreação e formação profissional” (Moreno, 2005); “O bacharelado em recreação e lazer da FEF/UNICAMP (1990-2004): projetos de formação, disposições institucionais e contradições políticas” (Destéfani, 2007); “Formação profissional em lazer, os cursos de Educação Física, o estado de São Paulo” (Filippis, 2012); e “Perfil e trajetória de recreadores: uma análise da atuação profissional no mercado de trabalho” (Arruda, 2018).

Nesses estudos, identificamos quatro aspectos relevantes: 1) encontramos apenas 4 (quatro) estudos que discutem a formação do recreador numa perspectiva multiprofissional, ou seja, há pouquíssimas pesquisas que tratam sobre o tema numa perspectiva para além do curso de Educação Física; 2) a carência de estudos sobre a formação profissional do recreador, tendo em vista o tempo de existência e a relevância da recreação no Brasil e no mundo; 3) a necessidade de compreensão desse profissional, sob as diferentes dimensões da recreação no Brasil e no mundo, o que tem estimulado o crescimento de profissionais que atuam na área. Essa expansão implica na diversidade de ofertas de trabalho, bem como na diversidade de funções que passam a ser atribuídas ao recreador, tais como: planejar, organizar, realizar, avaliar, coordenar, assessorar, registrar, entre outras; e 4) por fim, nenhum dos estudos encontrados discute, especificamente, sobre o conjunto de elementos

constituintes da profissionalidade do recreador, o que justifica a relevância deste estudo.

Dessa forma, é preciso trazer à tona a discussão que envolve os termos *ofício* e *profissão*, além de outros termos relacionados, a saber: *profissionalismo*, *profissionalização* e *profissionalidade*. A esse respeito, segundo Dubar (2005), a análise das profissões tornou-se objeto de pesquisa para a Sociologia, a partir dos estudos das estruturas de grupos profissionais. O autor destaca que, mais tarde, esses estudos deram origem à Sociologia das Profissões. Diante disso, a partir da criação das universidades, os primeiros estudos sociológicos das profissões foram realizados, passando a considerar a diferença entre *ofício* e *profissão*.

Diferentes pesquisadores, dentre os quais Carr-Saunders e Wilson (1934), Parson (1968) e Goode (1969), destacaram outras atribuições para constituição de uma profissão, indicando o saber como componente elementar na estruturação de um grupo profissional, sob as mais diferentes perspectivas.

Maurice Tardif é um dos autores que traz a abordagem do saber, ou melhor, dos saberes, como elementos fundamentais na constituição do profissional. Ele amplia o sentido do “saber”, ao afirmar que “engloba os conhecimentos, as competências, as habilidades ou aptidões e atitudes, isto é, aquilo que muitas vezes foi chamado de saber, saber-fazer e saber-ser” (Tardif, 2020, p. 255). Para o autor, tais elementos asseguram ao profissional a fluência de resolver problemas e atuar profissionalmente.

Essa afirmação apresenta os saberes profissionais como heterogêneos e provenientes de diversas fontes, além de explicar que “o saber profissional está, de um certo modo, na confluência entre várias fontes de saberes provenientes da história de vida individual, da sociedade, da instituição escolar, dos outros atores educativos dos lugares de formação, etc.” (Tardif, 2020, p. 19). Desse modo, ainda para o autor, “o tempo de aprendizagem do trabalho não se limita à duração da vida profissional, mas inclui também a existência pessoal” (Tardif, 2020, p. 79).

Barreto (2016), ao discutir sobre profissionalismo e profissionalidade, aponta que estes termos são elementos constituintes do processo de profissionalização e estão interligados, relacionados com o termo *profissão*, na perspectiva de melhor qualificação. Nessa direção, Ramalho, Nuñez e Gauthier

(2004), por sua vez, afirmam que a profissionalização abarca dois processos: externo e interno. A profissionalização como processo externo é vista como profissionalismo, o qual está relacionado à reivindicação de *status* dentro da visão social do trabalho, implicando as negociações realizadas por grupos e associações de pessoas, com intuito de alcançar reconhecimento social e as qualidades específicas profissionais, complexas e difíceis de serem aprendidas (Ramalho; Nuñez; Gauthier, 2004).

Com relação à profissionalização como processo interno, esta é entendida como a construção de uma profissionalidade, relacionando-se “à pessoa, às suas aquisições, à sua capacidade de utilizá-las em uma dada situação, ao modo de cumprir as tarefas. Ela é instável, sempre em construção, surgindo mesmo do ato de trabalho; facilita a adaptação a um contexto de crise” (Altet, 2003, p. 235). Altet (2003), a partir dos estudos de Bourdoncle e Mathey-Pierre (1995), explica que o termo *profissionalidade* surge do modelo italiano *professionalità*, que significa atributo de uma atividade profissional, e recupera as aptidões profissionais, identidade, cultura e saberes de uma profissão.

Assim, surgiram questões relacionadas à constituição profissional do recriador: existe um processo interno de profissionalização dos recriadores em Pernambuco? Como os recriadores têm constituído suas profissionalidades? Quais elementos e contextos favoráveis à essa constituição?

O SESC foi fundado em 1946, por meio do decreto-lei nº 9.853. Mencionado pela primeira vez na Carta de Paz Social, o Sesc foi projetado prioritariamente para a promoção do bem-estar social dos trabalhadores, de suas famílias, bem como da comunidade em geral, com o objetivo de conter as tensões entre empregadores e empregados. Os autores Stoppa, Isayama, Marcellino e Melo (2011, p.16), ressaltam as contribuições do Sesc (Serviço Social do Comércio) na promoção da recreação e lazer no Brasil.

Em Pernambuco, o Sesc foi constituído em 1947 e, atualmente, conta com 23 unidades operacionais em 18 municípios. Desde então, a instituição tem atuado de diferentes formas em todo o estado, contando com sede administrativa, restaurantes, centros culturais, unidades móveis, unidades

executivas, centros educacionais e centros de turismo e lazer. Os três últimos dispõem de ações específicas voltadas para o campo da recreação.

Com a atuação consolidada no campo da recreação, o Sesc Pernambuco se destaca não só como uma referência no estado na promoção da Recreação, mas também como local de atuação profissional sistemática de Recreadores. Dessa forma, direcionamos as questões emergentes sobre a constituição profissional do recreadores ao Sesc Pernambuco, campo de investigação da presente pesquisa.

Destarte, é na forma como a profissionalidade se constitui que encontra-se o objeto de investigação deste estudo, numa perspectiva de valorização pessoal, social e profissional do recreador. Diante disso, este estudo se insere na linha de pesquisa *Formação de Professores e Prática Pedagógica*, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), tendo como objetivo geral compreender como tem se constituído as profissionalidades dos recreadores do Sesc Pernambuco. Para alcançar este objetivo, estabelecemos os seguintes objetivos específicos:

- Caracterizar os contextos que contribuem para a constituição das profissionalidades dos recreadores do Sesc Pernambuco;
- Conhecer os saberes que são mobilizados para a construção das profissionalidades dos recreadores do Sesc Pernambuco;
- Identificar os elementos que contribuem para a constituição das profissionalidades dos recreadores do Sesc Pernambuco;
- Delinear os limites para a constituição das profissionalidades dos recreadores do Sesc Pernambuco.

Acreditamos que as discussões acerca da profissionalidade do recreador, propostas nesta pesquisa, podem trazer considerações relevantes em relação aos saberes, competências, valores, entre outros elementos que formam o ser recreador e que servem de base para a ação desse profissional. Trata-se de um passo em direção à superação dos paradigmas existentes sobre o ser recreador, a fim de estabelecer melhores condições e possibilidades para a atuação profissional dele.

Do ponto de vista dos elementos discursivos, esta pesquisa organiza-se em quatro seções. Na primeira, apresentamos, detalhadamente, o estado do

conhecimento sobre a recreação, a partir do levantamento bibliográfico realizado nos seguintes acervos: Catálogo de Teses e Dissertações – CAPES; BDTD; Revista Licere; RBEL; e portal de periódicos da CAPES.

Na segunda seção, trazemos o marco teórico, ou seja, os autores que colaboraram para a compreensão do contexto teórico que cerca os objetivos deste estudo.

Na terceira seção, descrevemos o percurso metodológico desta pesquisa, evidenciando a abordagem e o tipo da pesquisa, bem como expondo o campo, os participantes da investigação, os instrumentos de coleta e os procedimentos de análise dos dados.

Na quarta seção, apresentamos a análise de dados e discussão dos resultados, a partir das categorias de análise.

Na quinta seção, realizamos as nossas considerações finais, seguida pelas referências.

Na próxima seção, apresentaremos o estado do conhecimento, de modo a evidenciar, do ponto de vista das produções acadêmicas, a relevância do objeto de investigação deste estudo.

2 O ESTADO DO CONHECIMENTO

Como mencionamos anteriormente, com o intuito de compreender melhor o nosso objeto de pesquisa, realizamos um levantamento de estudos relacionados à recreação e à formação profissional. Este levantamento bibliográfico foi realizado em 4 (quatro) etapas.

Na primeira etapa, ocorrida no período de março de 2021 a janeiro de 2022, como dito, fizemos a busca de trabalhos em 5 (cinco) diferentes acervos: Catálogo de Teses e Dissertações – CAPES; BDTD; Revista Licere; Revista Brasileira de Estudos do Lazer - RBEL; e portal de periódicos da CAPES. Escolhemos estes acervos devido à abrangência de dados disponibilizados, bem como à credibilidade atribuída pela comunidade acadêmica. Nesta etapa, realizamos a busca a partir dos seguintes descritores: “recreador”, “recreadores” e “recreação”.

Na segunda etapa, identificamos e categorizamos os estudos encontrados, de acordo com as semelhanças entre as temáticas abordadas neles. Na terceira, por sua vez, selecionamos os estudos que mais se aproximaram da discussão aqui proposta. Por fim, na quarta etapa, trouxemos à tona as principais ideias e discussões promovidas pelos trabalhos selecionados, a fim de situar nossa pesquisa em um cenário geral de conhecimento.

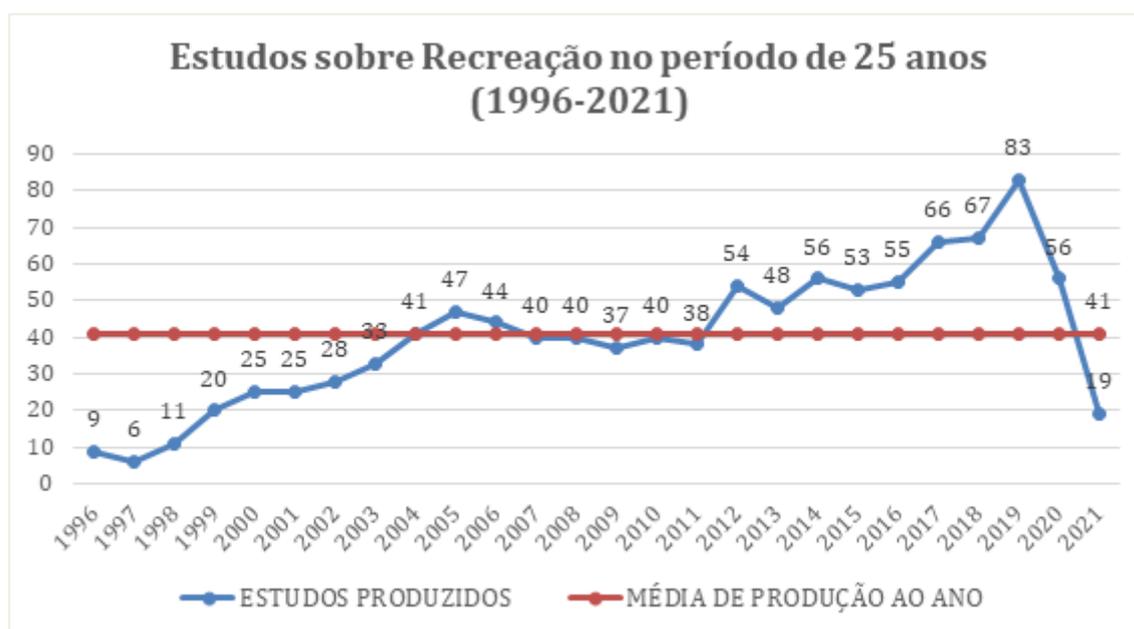
Durante o processo de levantamento bibliográfico, identificamos informações relevantes, contidas nos diferentes estudos encontrados nos acervos mencionados anteriormente, o que nos instigou à uma escrita com maior detalhamento sobre cada uma das bases de dados pesquisadas, que apresentamos a seguir.

2.1 CATÁLOGO DE TESES E DISSERTAÇÕES – CAPES

No Catálogo de Teses e Dissertações – CAPES, utilizando o descritor “recreador”, encontramos 5 (cinco) estudos. Porém, verificamos que eles não estavam relacionados ao profissional que atua com recreação. Por meio do descritor “recreadores”, por seu turno, localizamos 4 (quatro) estudos, todos relacionados à temática da recreação, que foram categorizados da seguinte

forma: 1) *Recreação e Saúde*; 2) *Recreação e Educação*; 3) *Recreação e Turismo*; e 4) *Recreação e Formação Profissional*. Por fim, ao buscarmos através do termo “recreação”, localizamos 1041 (mil e quarenta e uma) pesquisas, divididas em 23 (vinte e três) estudos profissionais, 814 (oitocentas e quatorze) dissertações e 204 (duzentas e quatro) teses, que foram produzidas entre os anos de 1996 e 2021, conforme demonstra o gráfico a seguir.

Gráfico 1 – Registros de estudos sobre recreação no período de 25 anos (1996-2021)



Fonte: A autora (2022).

Desse modo, identificamos que os primeiros registros de estudos, disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações – CAPES, relacionados à recreação foram realizados há exatos 25 (vinte e cinco) anos, com uma média anual de 41 (quarenta e um) estudos. Além disso, verificamos que eles foram produzidos em 202 (duzentas e duas) instituições de ensino superior, situadas em todas as regiões do país, como podemos observar no gráfico abaixo.

Gráfico 2 – Instituições que produziram estudos sobre recreação por região



Fonte: A autora (2022).

Como demonstra o gráfico 2, a região Sudeste apresenta, aproximadamente, 53% (107) do número total de instituições de ensino superior, nas quais foram produzidos estudos sobre a recreação no Brasil, seguida pelas regiões Sul, com 18% (36), Nordeste com 16% (33), Norte e Centro-oeste, ambas com 6% (13).

No gráfico a seguir, relacionamos a produção de pesquisas por regiões.

Gráfico 3 – Produção de pesquisas sobre recreação por região do Brasil



Fonte: A autora (2022).

Como visto no gráfico 3, a região Sudeste apresenta o equivalente a 51% das pesquisas produzidas em instituições de ensino superior, ou seja,

mais da metade dos estudos sobre recreação realizados no país, durante os últimos 25 (vinte e cinco) anos. Em outras palavras, esta região não só possui o maior número de instituições de ensino superior que desenvolvem pesquisas na área de recreação, mas também apresenta o maior número de produções acadêmicas relacionadas ao tema em questão.

É importante destacar que a maioria dessas produções acadêmicas, desenvolvidas na região Sudeste, está centrada no estado de São Paulo, com 352 (trezentos e cinquenta e dois) estudos, seguida pelos estados de Minas Gerais, com 91 (noventa e um) estudos, e Rio de Janeiro, com 73 (setenta e três). Esses dados admitem a relevância das pesquisas realizadas nas instituições de ensino superior desses estados, no que tange à produção de conhecimento na área de recreação, no cenário nacional.

Além disso, verificamos que a região Sul, além de apresentar o segundo maior número de instituições de ensino superior produtoras do conhecimento sobre recreação, também apresenta a segunda maior fatia dos estudos realizados no país, com 227 (duzentas e vinte e sete) produções.

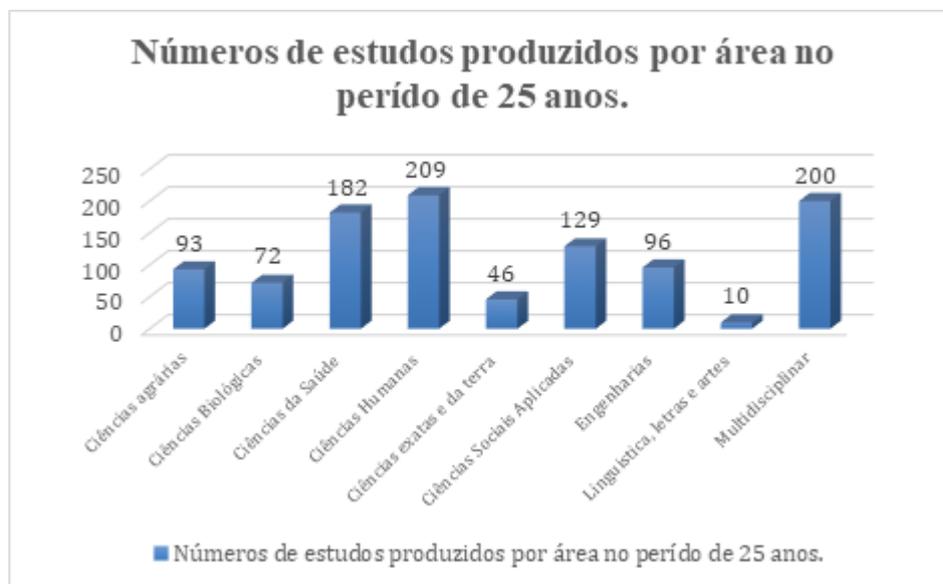
Com o percentual equivalente a 15% das produções, o Nordeste, por seu turno, é a terceira região que mais produziu estudos sobre recreação nos últimos 25 anos. As regiões Centro-oeste, com 8%, e Norte, com 4%, representam as menores fatias dos estudos identificados. Apesar da pequena porcentagem de produções nestas regiões, em relação às outras regiões do país, evidenciamos o valor dos estudos encontrados, pois demonstram que em todas as regiões do Brasil tem se produzido pesquisa, conhecimento e ciência relacionados à recreação.

Vale salientar que cada região possui um contexto histórico, econômico, acadêmico e social específico, que influencia na quantidade de suas respectivas produções acadêmicas. Desse modo, embora algumas regiões apresentem um menor valor percentual, é importante reconhecer a relevância dos estudos encontrados, no que concerne à discussão e compreensão sobre as mais diversas nuances que envolvem a recreação no cenário nacional.

As pesquisas encontradas estão ligadas a 9 (nove) grandes áreas do conhecimento, são elas: Ciências Agrárias; Ciências Biológicas; Ciências da Saúde; Ciências Exatas da Terra; Ciências Humanas; Ciências Sociais

Aplicadas; Engenharias; Linguística, Letras e Artes; e Multidisciplinar, como demonstra o gráfico abaixo.

Gráfico 4 – Grandes áreas do conhecimento dos estudos sobre recreação registrados no Catálogos de Teses e Dissertações da CAPES no período de 1966-2021



Fonte: A autora (2022).

Ao identificarmos 9 (nove) diferentes grandes áreas do conhecimento, distribuídas em 369 (trezentos e sessenta e nove) Programas de Pós-Graduação, verificamos que o termo “recreação” também é utilizado para designar ações referentes às Ciências Ambientais. Portanto, a fim de selecionar, especificamente, os estudos que tratam sobre a recreação, objeto de investigação da presente pesquisa, enfocamos os Programas da área de Educação. Destacamos, contudo, que também consideramos os Programas de Pós-graduação em Educação Física, por compreendermos que estão atrelados à Educação. Ademais, analisamos igualmente os Programas da área de Lazer, por compreendermos que estes dialogam com a temática em questão.

Sendo assim, a fim de refinar a nossa busca, utilizamos o filtro de pesquisa e selecionamos os seguintes Programas de Pós-graduação: 1) Ciência, Tecnologia e Educação; 2) Ciências da Atividade Física; 3) Ciências da Motricidade; 4) Ciências da Saúde Aplicada ao Esporte; 5) Ciências do Movimento Humano; 6) Desenvolvimento Humano e Tecnologias; 7) Educação; 8) Educação Ambiental; 9) Educação Básica; 10) Educação e Novas

Tecnologias; 11) Educação e Contemporaneidade; 12) Educação Escolar; 13) Educação Especial; 14) Educação Física; 15) Educação Tecnológica; 16) Educação: História, Política e Sociedade; 17) Estudos do Lazer; 18) Interdisciplinar em Ciências Humanas; e 19) Lazer.

Estes Programas estão relacionados às 3 (três) grandes áreas do conhecimento: Ciências Humanas, Ciências da Saúde e Multidisciplinar. Desse modo, chegamos ao total de 181 (cento e oitenta e uma) pesquisas que, para melhor identificação, foram categorizadas, como observamos na tabela a seguir:

Tabela 1 – Estudos categorizados da CAPES

Nº	ESTUDOS CATEGORIZADOS	Nº DE ESTUDOS
1	Recreação na Escola	47
2	Recreação e Saúde e Qualidade de Vida	24
3	Espaços de Recreação	19
4	Recreação e Lazer no Currículo do Curso de Educação Física	18
5	Recreação e Esporte	15
6	Recreação e Políticas Públicas	10
7	Recreação e Processos Inclusivos	8
8	Recreação e Pessoa Idosa	7
9	Recreação e Formação Profissional	5
10	Recreação e Educação Social	5
11	Recreação e Tecnologia	5
12	Recreação, Arte e Cultura	5
13	Recreação e Análise de Periódicos	4
14	Recreação e Lazer no Brasil	3
15	Recreação Operária	3
16	Recreação e Gênero	2
17	Recreação e Biografia	1
Total		181

Fonte: A autora (2022).

Conforme a tabela 1, agrupamos os estudos em 17 (dezessete) categorias, e eles revelam que a recreação, nos Programas de Pós-graduação selecionados, vem sendo abordada em diferentes perspectivas, as quais discutem da recreação na escola a recreação, saúde e qualidade de vida.

Evidenciamos uma categoria que se aproxima da temática deste estudo, a qual denominamos *Recreação e Lazer no Currículo do Curso de Educação*

Física, que é composta por 18 (dezoito) pesquisas, sendo 4 (quatro) teses e 14 (quatorze) dissertações, que foram desenvolvidas pelos seguintes autores: Isayama (2002); Stefane (2003); Tschoke (2016); Bernardini (2017); Valente (1993); Linczuk (2003); Paiva (2003); Bonfim (2004); Querido (2007); Schwarz (2007); Shaff (2009); Silva (2010); Nunes (2010); Vieira (2010); Caregatto (2012); Nascimento (2017); Junior (2020); e Costa (2021). Estes estudos, apesar de abordarem variadas perspectivas sobre lazer e recreação, discutem a recreação como um elemento integrante do currículo do curso de Educação Física. Tratam-se, portanto, de estudos que não focam a formação profissional em recreação, mas, sim, a formação do profissional de Educação Física, na qual a recreação também está inserida.

Sendo assim, direcionamos o nosso olhar para os estudos que categorizamos como *Recreação e Formação Profissional*. Nesta categoria, inserimos 5 (cinco) estudos, quais sejam:

O estudo de mestrado desenvolvido por Moreno (2005) foi produzido na Universidade Metodista de Piracicaba, em São Paulo, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação Física e na área de concentração em Corporeidade, Pedagogia do Movimento e Lazer. Orientada pelo Prof. Dr. Nelson Carvalho Marcellino, a dissertação, intitulada **Lazer/Recreação e Formação Profissional**, teve como objetivo verificar e comparar quais as concepções de lazer/recreação que os alunos dos cursos de graduação em Educação Física possuíam antes e depois de ingressar no ensino superior.

Em seu estudo, Moreno (2005) utilizou a combinação de pesquisa bibliográfica, documental e de campo. As técnicas de coleta de dados, por sua vez, foram questionário, entrevista e análise documental. Na pesquisa bibliográfica, a autora destacou que, historicamente, os termos *recreação* e *lazer* estão imbricados, de modo que a recreação passou a ser considerada como uma função do lazer e não mais como um conjunto de jogos e brincadeiras, embora algumas pessoas ainda tenham essa concepção. Quanto ao campo profissional, o estudo constatou que a recreação e o lazer têm se caracterizado como um campo multiprofissional em ascensão, envolvendo altos índices de ocupações.

Na pesquisa documental, o estudo constatou que a instituição formadora e as organizações ligadas ao mercado de trabalho apresentaram uma

percepção de lazer/recreação ultrapassada e divergente da concepção identificada na pesquisa bibliográfica. Enquanto a teoria aponta maior amplitude do campo do lazer, que abarca ações que vão da institucionalização de políticas ao desenvolvimento pessoal e social, a pesquisa documental trouxe uma noção de recreação restrita à atividades de conteúdos físico-esportivos, jogos e brincadeiras, direcionadas, majoritariamente, ao público infantil, em forma de monitoria. Se na pesquisa bibliográfica a função do animador sociocultural (recreador) tem uma dimensão pedagógica definida com dimensões técnico-políticas, na pesquisa documental, a figura do monitor aparece com uma dimensão técnica extremamente “tarefista”. Diante disso, Moreno (2005) supõe que essas discrepâncias, entre outros fatores, talvez tenham sido acentuadas pela característica interiorana da cidade em que ela realizou a pesquisa de campo para o estudo de caso. Todavia, a autora faz o registro de sua preocupação em relação às divergências encontradas entre teoria e prática, por compreender que as instituições de ensino e as pesquisas devem estar bem atualizadas com o conhecimento produzido.

Ademais, Moreno (2005) utiliza o termo “animador cultural” para tratar do recreador, evidenciando características fundamentais, como, por exemplo, “competência técnica e posicionamento político, sólida formação cultural e exercício permanente de reflexão filosófica, além da necessária adaptação para fazer parte de equipes multiprofissionais, buscando o trabalho interdisciplinar” (Moreno, 2005, p. 69). Partindo dessa concepção, a autora destaca a função social do profissional de Educação Física, enquanto animador sociocultural (recreador), atuante no campo do lazer/recreação.

Já em relação ao objetivo principal da pesquisa, o estudo revelou que o entendimento dos profissionais permaneceu limitado, no que tange à percepção da possibilidade de desenvolvimento do lazer/recreação. Além disso, o estudo mostrou que os sujeitos da pesquisa apresentaram respostas pouco preocupadas com os conhecimentos específicos sobre a recreação/lazer, fato que conduziu a autora à necessidade de ressaltar a importância da relação teoria/prática como condição para superação do “tarefismo”.

Em síntese, a dissertação de Moreno (2005) trouxe discussões relevantes à reflexão e ao desenvolvimento do conhecimento sobre a

recreação e o lazer. Entretanto, também incute a necessidade de discutirmos e produzirmos conhecimento sobre a formação e atuação profissional do recreador, a partir de outras perspectivas, ou seja, para além do próprio campo da Educação Física. Isso porque, mesmo se tratando de uma área considerada multiprofissional pela teoria, a autora constatou que, na prática, não há atuação de profissionais capacitados e em diálogo com as múltiplas áreas profissionais.

Dessa forma, como relacionar teoria e prática se, na prática, não se encontram aqueles que estão a par da teoria? Para superar o “tarefismo”, apontado por Moreno (2005), é preciso pensar na formação e na atuação profissional de recreadores, tendo em vista a compreensão da função social deles, para além do saber fazer, bem como da sua ocupação, numa perspectiva que envolva questões de identidade, reconhecimento, valorização e constituição profissional.

No âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação, a dissertação produzida por Santos (2005), intitulada **Educadoras dos parques infantis em São Paulo: aspectos de sua formação e prática entre os anos de 1935 e 1955**, foi desenvolvida na Universidade de São Paulo, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Tizuko Morchida Kishimoto, e tem como objetivo principal discutir a formação e a prática das educadoras dos parques infantis da cidade de São Paulo, abordando sobre os aspectos da formação na Escola Normal relacionados à dimensão pedagógica.

Para isso, a autora utilizou a combinação de pesquisa de campo e análise documental. Os instrumentos de coleta de dados foram os seguintes: 1) entrevistas – realizadas com ex-educadoras e usuários de parques infantis –; e 2) análise documental – composta por documentos escritos e fotografias dos acervos da Prefeitura Municipal de São Paulo e da Escola Normal Caetano de Campos.

O estudo traz um panorama histórico sobre a origem e o desenvolvimento dos parques infantis da cidade de São Paulo, nos anos de 1935 a 1955. A pesquisa em questão apontou os parques infantis como espaços educativos, democráticos e de inclusão, onde o processo educativo, apoiado nos ideais da Escola Nova e nas propostas das Irmãs Agazzi, efetivou-se, principalmente, por meio da recreação. Na dissertação, Santos (2005) destaca a sua preocupação com a formação dos profissionais atuantes

nos parques infantis, visto que o ato de recrear, naquele contexto, tratava-se de “uma função educativa que requeria pessoas qualificadas para atender aos filhos dos operários” (Santos, 2005, p. 73).

Já a pesquisa de mestrado produzida por Destefani (2007), na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em São Paulo, no Programa de Pós-graduação em Educação, com o título **O bacharelado em recreação e lazer da FEF/UNICAMP (1990-2004): projetos de formação, disposições institucionais e contradições políticas**, teve como objetivo geral identificar as contradições da formação dos trabalhadores da Educação Física da FEF/UNICAMP como bachareis em Recreação e Lazer frente à realidade concreta do mundo do trabalho, nos marcos do sociometabolismo do capital para a produção da vida.

O referido estudo foi desenvolvido a partir da combinação de fontes documentais e da aplicação de questionário. Orientado pelo Prof. Dr. César Aparecido Nunes, trata-se de um estudo sobre projetos de formação e suas contradições, consistindo, nesse caso, numa análise da proposta de formação do profissional de lazer e recreação e suas implicações, tendo em vista diferentes fatores, dentre os quais a identidade e as políticas de formação do profissional de educação física.

Para tanto, Destefani (2007) investigou os bachareis em Recreação e Lazer – uma das três modalidades que dividia o curso de Educação Física – formados num curso superior específico de recreação e lazer, que, entre os anos de 1991 e 2004, foi ofertado pela UNICAMP, a fim de compreender as trajetórias profissional e acadêmica dos participantes da pesquisa. Por fim, o estudo questiona a fragmentação da formação dos bachareis em Recreação e Lazer, evidenciando suas implicações na formação, na identidade profissional e no mercado de trabalho.

A dissertação produzida por Filippis (2012), por sua vez, foi apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física, da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), na linha de pesquisa Movimento Humano, Lazer e Educação. Sob a orientação do Prof. Dr. Nelson Carvalho Marcellino, o estudo em questão, intitulado **Formação profissional em lazer, nos cursos de Educação Física, no estado de São Paulo**, teve como objetivo principal investigar as relações entre

a formação profissional em lazer, nos cursos de Educação Física, e o mercado de trabalho na área de lazer.

Ademais, o autor buscou identificar se há diferenças na formação do bacharelado e da licenciatura e de que forma os cursos vêm trabalhando a formação profissional para a atuação na área de lazer e recreação. Para isso, Filippis (2012) realizou pesquisas bibliográfica e documental. A pesquisa bibliográfica foi feita nos sistemas de bibliotecas da UNIMEP e da UNICAMP, em sites acadêmicos e no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, efetivando-se por meio dos respectivos procedimentos: 1) levantamento bibliográfico; 2) análise textual; e 3) análise interpretativa. O estudo em questão faz menção a diferentes autores, entretanto, evidencia as contribuições de Marcellino (2010; 2011), no que concerne à discussão do lazer como manifestação cultural, e Isayama (2002; 2008; 2010), que relaciona a atuação do profissional de lazer à formação no curso superior em Educação Física.

No que se refere à pesquisa documental, foram analisados planos de ensino e projetos pedagógicos de 6 (seis) instituições de ensino superior do estado de São Paulo. O autor interpretou esses documentos a partir da técnica de análise de conteúdo, analisando os dados por meio do estudo comparativo, a fim de verificar quais as aproximações e distanciamentos existentes entre as universidades. Assim, mediante a análise de conteúdo, Filippis (2012) definiu 7 (sete) categorias: 1) Como o lazer é citado nos projetos pedagógicos; 2) Disciplinas diretamente vinculadas aos estudos do lazer; 3) Vinculação das disciplinas com a vida; 4) Vinculação das disciplinas com relação aos conteúdos culturais do lazer; 5) Vinculação das disciplinas com os conteúdos físico-esportivos; 6) *Relação da bibliografia básica utilizada nas ementas das disciplinas relacionadas ao lazer*; e 7) *A relação entre teoria/prática*.

Em síntese, a referida pesquisa evidencia a relação entre a formação profissional em lazer nos cursos de Educação Física e a atuação no campo em questão, ressaltando que estes cursos são espaços de formação para atuação profissional em lazer. Por outro lado, Filippis (2012) também destaca a importância de abordar sobre a formação profissional em lazer em outros cursos, frente à necessidade de atender a natureza pluri e multiprofissional inerente ao lazer. O autor ainda destaca o aumento do número de disciplinas relacionadas aos estudos do lazer, chamando a atenção para os conteúdos

abordados que estão para além da recreação, os quais estabelecem relações com outras áreas da vida, abarcando diferentes conteúdos culturais e históricos.

Por fim, Arruda (2018) produziu a sua dissertação de mestrado no âmbito do Programa Interdisciplinar de Pós-graduação de Estudos do Lazer, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, da Universidade Federal de Minas Gerais. Sob a orientação do Prof. Dr. Hélder Ferreira Isayama, a pesquisa, intitulada **Perfil e trajetória de recreadores: uma análise da atuação profissional no mercado de trabalho**, teve como objetivo geral descrever e analisar o perfil, a trajetória e a construção de saberes de recreadores, procurando identificar as relações no âmbito da formação e da atuação profissional no lazer no mercado de trabalho. Para isso, a metodologia utilizada foi uma combinação entre as pesquisas bibliográfica e de campo.

Na pesquisa de campo, a autora empregou as técnicas de aplicação de questionário, na primeira etapa, e realização de entrevistas semiestruturadas, na segunda. A utilização do questionário online foi justificada pela pretensão de se alcançar recreadores no cenário nacional. Assim, foi identificado que a maioria dos recreadores, participantes da primeira etapa da pesquisa, possuía formação em nível superior, predominantemente no curso de Educação Física, em instituições privadas. Além disso, os participantes da pesquisa elencaram características necessárias ao perfil do profissional para atuar com recreação e lazer: *ser comunicativo, dinâmico, alegre, educado, ter amor pelo que faz e possuir conhecimentos teóricos sobre recreação e lazer*. Destacamos que, ainda na primeira etapa, o estudo levantou aspectos relevantes sobre os principais limites relacionados ao mercado de trabalho, dentre os quais o descontentamento dos recreadores com a remuneração e a desvalorização da profissão, decorrentes de dois fatores: 1) falta de valorização do profissional pela sociedade; e 2) presença de mão de obra não qualificada no mercado.

Já as entrevistas semiestruturadas, segunda etapa da pesquisa, foram realizadas em uma empresa de recreação, localizada na cidade de Belo Horizonte. Arruda (2018) verificou que os entrevistados possuíam curso superior incompleto, nas áreas de Comunicação, Direito e Teatro. Considerando a discussão trazida no referencial teórico do estudo, acreditamos

que os critérios estabelecidos para a escolha do campo e dos sujeitos, da segunda etapa da pesquisa, foram insuficientes. Talvez por isso, as informações alcançadas com as entrevistas se mostraram pouco consistentes em relação à discussão relacionada aos saberes dos recreadores.

2.2 BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES

Na BDTD, por meio dos descritores “recreador” e “recreadores”, encontramos 9 (nove) estudos. Entretanto, 3 (três) deles se tratavam de um periódico chamado “O Recreador Mineiro”, publicado em Ouro Preto, Minas Gerais, entre os anos de 1845 e 1848. Como esses estudos não estão relacionados à temática recreação, eles foram descartados da nossa pesquisa.

Desse modo, restaram 6 (seis) estudos, divididos em 2 (duas) teses e 4 (quatro) dissertações. Destes, 4 (quatro) definem o recreador como o profissional presente na educação infantil. Os estudos em questão foram produzidos por De Oliveira (2017), Silva (2016), Costa (2000) e Guimarães (2008). Em relação aos 2 (dois) estudos restantes, um deles trata-se de uma tese, produzida por Comerlatto (2015), que investiga o recreador enquanto o profissional presente nos hotéis (resorts), e o outro, diz respeito a uma dissertação, produzida por Santos (2013), que busca investigar quais saberes são privilegiados em um curso técnico em lazer na modalidade à distância. Neste estudo, Santos (2013) define o recreador como um profissional do campo do lazer.

Por meio do descritor “recreação”, realizamos uma busca avançada, através do filtro “Assunto”. Assim, localizamos 142 (cento e quarenta e dois) estudos, produzidos entre os anos de 1982 a 2020. Para melhor direcionarmos a nossa busca, utilizamos a opção de refinamento, também nomeada de “Assunto”. Dessa forma, chegamos ao total de 39 (trinta e nove) estudos, os quais se dividem em 13 (treze) teses e 26 (vinte e seis) dissertações.

Para melhor compreensão, realizamos todas as etapas mencionadas, que envolvem a identificação, seleção, classificação e discussão. Sendo assim, os 39 (trinta e nove) estudos foram separados em 10 (dez) categorias, as quais apresentamos na tabela a seguir:

Tabela 2 – Categorias emergentes, a partir do termo “recreação”, por meio do refinamento com o filtro “Assunto”

Nº	CATEGORIAS ENCONTRADAS, A PARTIR DO TERMO “RECREAÇÃO”, POR MEIO DO REFINAMENTO “ASSUNTO”	Nº DE ESTUDOS
1	Espaços de Recreação	7
2	Recreação e Educação	8
3	Recreação e Turismo	6
4	Recreação no contexto geográfico Ambiental	2
5	Recreação, Saúde e Qualidade de Vida	5
6	Recreação e Políticas Públicas	2
7	Recreação e Lazer no Curso Educação Física	5
8	Recreação e Pessoa Idosa	1
9	Recreação e Prática esportiva	2
10	Recreação e Lazer no Brasil	1
	Total de Estudos	39
	Total de Estudos	37

Fonte: A autora (2022).

Dentre os estudos apontados, eliminamos 2 (dois), por abordarem temáticas totalmente divergentes ao que nos interessa. Estes estudos relacionam o termo *recreação* ao contexto ambiental, distanciando-se, portanto, desta pesquisa.

Ademais, observamos a existência de uma segunda opção de refinamento, intitulada de “Lazer”. Por compreendermos que esta opção está bastante atrelada à temática da nossa pesquisa, também a utilizamos. Por meio deste descritor, localizamos 26 (vinte e seis) estudos, os quais se dividem em 7 (sete) teses e 18 (dezoito) dissertações. Neste novo refinamento, identificamos e categorizamos os estudos conforme a tabela abaixo:

Tabela 3 – Categorias emergentes, a partir do filtro “Assunto” – Lazer

Nº	CATEGORIAS, A PARTIR DO REFINAMENTO “RECREAÇÃO” E “LAZER”	Nº DE ESTUDOS
1	Espaços de Recreação e Lazer	9
2	Recreação e Educação	3
3	Recreação e Lazer no Brasil	1
4	Recreação Operária	1
5	Recreação, Saúde e Qualidade de Vida	2
6	Recreação e Políticas Públicas	1
7	Recreação e Lazer no Curso Educação Física	5
8	Recreação e Pessoa Idosa	1
9	Prática Esportiva e Lazer	1

10	Lazer e Manifestações Culturais	1
11	Lazer e Trabalho	1
Total de Estudos		26

Fonte: A autora (2022).

Como podemos observar, a maioria das categorias se repetem, o que comprova a aproximação dos dois termos, quando discutidos academicamente. Essa aproximação entre os termos “recreação” e “lazer” também é bastante discutida por pesquisadores da área. Na presente pesquisa, dialogaremos com esta discussão, a fim de evidenciar o nosso posicionamento quanto à distinção desses termos.

Entre os estudos categorizados, a partir dos refinamentos já mencionados, direcionamos o olhar para a categoria *Recreação e Lazer no Curso de Educação Física*, na qual estão inseridos os trabalhos de Pinto (1992), Valente (1993), Isayama (2002), Vieira (2010) e Tschoke (2016). Esse movimento teve como intuito identificar se os autores tratam sobre a atuação e formação profissional do recreador. No entanto, percebemos que todos eles discutem sobre recreação e lazer no currículo da formação de profissionais de Educação Física, evidenciando, assim, a atuação e formação profissional específica do educador físico.

Face ao exposto na presente seção, destacamos que nenhum dos estudos localizados na BDTD foram selecionados para maior aprofundamento de nossas discussões, pois eles não dialogam com nosso objeto de pesquisa.

2.3 REVISTA LICERE

Na revista Licere, realizamos a busca, a partir dos descritores “recreador”, “recreadores” e “recreação”, e identificamos 65 (sessenta e cinco) trabalhos que tratam sobre o tema desta pesquisa, como visto no gráfico abaixo:

Gráfico 5 – Estudos encontrados na revista Licere



Fonte: A autora (2022).

Ressaltamos que o resultado da busca utilizando os termos “recreador” e “recreadores” ainda é muito inferior, quando comparado com o resultado da busca utilizando o termo “recreação”.

Com o descritor “recreador”, encontramos os estudos produzidos por Ribeiro (2011), que aborda a atuação do profissional de lazer nos navios de cruzeiros, e Bandeira e Ribeiro (2015), que discorrem sobre os profissionais de aventura e os problemas de sua atuação na interface esporte e turismo. Ao inserirmos o descritor “recreadores”, por sua vez, identificamos os estudos produzidos por: 1) Auticchio (2017), que trata sobre a formação dos profissionais da cidade de Socorro, em São Paulo, em atividades de aventura no âmbito do lazer; 2) Reyes (2020), que dialoga sobre as políticas públicas voltadas para a atividade física, desporto e recreação na Venezuela; 3) Arruda (2018), que aborda o perfil e a trajetória dos recreadores – também localizado no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES –; 3) e, por fim, Barnabé e Natali (2014), que, por se aproximar da nossa temática, detalharemos a seguir.

Com o título **Formação e atuação de recreadores: o caso da equipe de recreação de Maringá-PR nos anos de 2001 a 2004**, o artigo de Barnabé e Natali (2014) buscou investigar enfoques e princípios provenientes das falas dos recreadores atuantes na equipe de lazer e recreação municipal de Maringá, entre os anos de 2001 a 2004, a fim de refletir sobre o processo de construção, formação e atuação profissional deles. Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, as quais possibilitaram alguns apontamentos relacionados à formação e atuação dos recreadores.

O estudo identificou que o contexto do campo, bem como o estímulo e o incentivo, advindos da coordenação da Secretaria Municipal de Recreação e Lazer, favoreceram a formação dos recreadores. As autoras defendem que o processo de formação dos recreadores deve ser pautado em: 1) fundamentos técnicos; e 2) fundamentos pedagógicos, compreendendo o recreador como educador. Elas ainda consideram que esse processo deve ter como base princípios que fundamentam a *práxis* do recreador, a saber: a) princípio da formação política e social ampliada; b) princípio das vivências práticas e sociais diversificadas; c) princípio da troca, compartilhamento de experiências e práticas profissionais; d) princípio do reconhecimento e participação dos processos de gestão; e e) princípio de democratização do lazer.

Por fim, Barnabé e Natali (2014) afirmam que o processo de formação dos recreadores deve ser permanente, com reflexão *para e sobre* a própria prática, a busca de novos conhecimentos e o aprimoramento profissional.

Com relação ao descritor “recreação”, localizamos 59 (cinquenta e nove) estudos, estes foram organizados em 16 (dezesseis) categorias, conforme a tabela a seguir:

Tabela 4 – Categorias, a partir do refinamento “Assunto” – Revista Licere

Nº	CATEGORIAS, A PARTIR DO REFINAMENTO “ASSUNTO”	Nº de estudos
1	Publicações de Eventos sobre Recreação e Lazer	9
2	Recreação e Educação	7
3	Recreação e Políticas Públicas	7
4	Espaços de Recreação e Lazer	5
5	Recreação do Currículo do Curso de Educação Física	5
6	Recreação e Formação profissional	4
7	Recreação e Lazer no Brasil	5
8	Grupos de Estudos de Recreação e Lazer	2
9	Recreação, Lazer e Trabalho	2
10	Recreação e Meio Ambiente	2
11	Recreação e Processos Inclusivos	2
12	Recreação, Saúde e Qualidade de Vida	2
13	Gestão de Recreação e Lazer	1
14	Recreação e Esportes de Aventura	1
15	Recreação e Pessoa Idosa	1
16	Recreação e Tecnologia	1
	Total de Estudos	59

Fonte: A autora (2022)

Como é possível observar, os estudos discutem a recreação desde as publicações sobre eventos de recreação e lazer até a relação entre recreação e tecnologia. Entretanto, direcionamos o nosso olhar para os 4 (quatro) estudos da categoria *Recreação e Formação Profissional*: Barnabé e Natali (2014); Arruda (2018); Moreno (2005) e Pinheiro (2005). Dentre estes estudos, 3 (três) foram contemplados nos “Assuntos” (descritores) mencionados anteriormente, restando-nos detalhar, a seguir, apenas o estudo de Pinheiro (2005), cujo artigo, intitulado **Um estudo sobre o perfil dos profissionais de lazer e recreação de Florianópolis**, foi publicado no volume 8 (oito) da Revista *Licere*, no ano de 2005.

O estudo de Pinheiro (2005) teve como objetivo traçar um perfil dos profissionais de recreação e lazer da cidade de Florianópolis, no estado de Santa Catarina. Além disso, este estudo também se propôs a identificar de onde esses profissionais são provenientes; como se dá a formação e a atualização desses profissionais; quais eram seus objetivos profissionais e suas perspectivas, em relação ao mercado de trabalho; e quais os motivos que podem levar esses profissionais a abandonar o mercado de trabalho.

Para isso, o autor realizou uma pesquisa de campo descritiva, do tipo diagnóstica. A amostra contou com a participação de 25 (vinte e cinco) recreadores atuantes na cidade de Florianópolis. O instrumento de coleta utilizado foi o questionário, e os dados foram analisados por meio da estatística descritiva e mostrados através das frequências obtidas.

O estudo constatou que a maioria dos recreadores era mulher jovem, com idade entre 20 (vinte) e 29 (vinte e nove) anos, advinda de outros estados do país. Também revelou que a maioria dos recreadores da cidade de Florianópolis estava cursando o ensino superior. O curso de Educação Física apresentou maior incidência entre os pesquisados. Entretanto, o estudo destaca que esse não é o único caminho que prepara o recreador. A predominância dos profissionais da Educação Física foi justificada devido à maior valorização das atividades físicas e esportivas nos momentos de lazer. Pinheiro (2005) ainda destaca que a diversidade de conteúdos culturais e a multiplicidade de atividades de lazer demandam profissionais capacitados. Quanto aos cursos de outras áreas, além da Educação Física, foram

identificados recreadores com formação em Pedagogia, Administração, Turismo, entre outros.

Ademais, é importante destacar o curto tempo de experiência profissional dos recreadores pesquisados, evidenciando que poucos deles conseguiram completar 10 (dez) anos de profissão. As hipóteses justificadas pela curta duração da carreira dos recreadores foram as seguintes: 1) o fato de a recreação ser uma atividade vista como uma fonte de renda secundária; 2) a baixa remuneração; 3) a concentração de trabalho nos finais de semana, feriados e férias; 4) a sazonalidade do mercado; e 5) a pouca valorização profissional pela sociedade. Dessa forma, Pinheiro (2005) ressalta que é preciso ética, responsabilidade e perseverança para criar uma imagem positiva do recreador, afirmando que “o lazer e a recreação precisam ser encarados como profissão e como ciência pela sociedade, mas, para isso, devem ser vistos dessa forma por seus próprios profissionais” (Pinheiro, 2005, p. 10).

2.4 REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS DO LAZER

Ao realizarmos a busca na RBEL, por meio do descritor “recreador” e, posteriormente, do descritor “recreadores”, não encontramos nenhum artigo.

Contudo, ao efetuarmos a pesquisa através do descritor “recreação”, conseguimos localizar 6 (seis) estudos, produzidos entre os anos de 2014 a 2018. Separamos estes estudos em 4 (quatro) categorias: 1) *Espaços de Recreação*, com 3 (três) estudos; 2) *Recreação e Processos Inclusivos*, com 1 (um) estudo; 3) *Recreação e Saúde*, com 1 (um) estudo; e 4) *Recreação e Sustentabilidade*, com 1 (um) estudo. Assim, constatamos que nenhum dos estudos supracitados aborda a temática da presente pesquisa.

2.5 PORTAL DE PERIÓDICOS DA COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR

Ao realizarmos a busca, por meio do descritor “recreador”, no portal de periódicos da CAPES, encontramos apenas 1 (um) estudo, em português, intitulado: **Instrução popular e nação literária no Recreador Mineiro**. O artigo foi produzido por Drummond (2008) e publicado pela revista Anpoll. No

entanto, o estudo não refere-se ao profissional recreador, mas, sim, a um antigo jornal periódico, intitulado ***O Recreador Mineiro***.

Já ao efetuarmos a busca através do descritor “recreadores”, encontramos 35 (trinta e cinco) estudos, produzidos entre os anos de 2005 a 2020.

Tabela 5 – Estudos encontrados nos periódicos da CAPES

Nº	CATEGORIAS ENCONTRADAS NO PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES	Nº DE ESTUDOS PRODUZIDOS
01	História e Arqueologia	4
02	Nutrição	2
03	Trabalho Social	3
04	Bem Estar e Serviço Social	3
05	Investigação Social	1
06	Pesquisa Social	1
07	Práticas de Escrita	1
08	Educação Infantil	1
09	Dimensão Epistemológica	2
10	Cartulários	1
11	Arquitetura	1
12	Subjetividades	2
13	Intervenção Profissional	3
Total de estudos		35

Fonte: A autora (2022).

Dos estudos encontrados, apenas 2 (dois) abordam sobre a temática da nossa investigação: o estudo produzido por Arruda (2018), mencionado anteriormente, e o estudo produzido por Barnabé e Natali (2014), que também já havíamos localizado nas plataformas anteriores.

Quando efetuamos a busca a partir do descritor “recreação”, encontramos 135 (cento e trinta e cinco) artigos produzidos até 2020. Após o refinamento por “Título”, restaram 89 (oitenta e nove) artigos em português. Os referidos estudos foram divididos em 14 (quatorze) categorias, conforme a tabela a seguir:

Tabela 6 – Estudos encontrados nos periódicos da CAPES – Recreação

Nº	CATEGORIAS ENCONTRADAS NO PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES	Nº DE ESTUDOS PRODUZIDOS
01	Recreação e Saúde	23

02	Ciências Ambientais	46
03	Espaços de Recreação	9
04	Recreação e Educação Física	6
05	Recreação e Educação	5
06	Recreação e Turismo	5
07	História da Recreação	5
08	Recreação e Idosos	2
09	Recreação e Literatura	2
10	Recreação Operária	4
11	Ensino de Recreação	2
12	Recreação Filosófica	5
13	Recreação e Esporte	1
14	Teoria da Recreação	3
15	Recreação e Processos Inclusivos	1
	Total de estudos	89
	Total de estudos	73

Fonte: A autora (2022).

Identificamos que os estudos da categoria *Ciências Ambientais* não relacionam-se à temática desta pesquisa. Por isso, essa categoria foi excluída da nossa investigação. Desse modo, chegamos a 73 (setenta e três) estudos. Constatamos, contudo, que muitos deles se repetiam, de acordo com a quantidade de suas publicações. Ademais, não encontramos nenhum estudo que se propusesse a investigar a constituição profissional de recreadores. No entanto, encontramos um estudo, inserido na categoria 11 (onze) – *Ensino de Recreação* – que realizava uma discussão sobre a recreação, a partir de uma perspectiva pedagógica.

O artigo intitulado **O ensino de recreação: repensando algumas práticas** foi produzido por Santos (2001) e publicado na Revista Movimento. O estudo buscou investigar as aproximações da teoria e prática nos livros de recreação. Para tanto, o autor analisou 22 (vinte e duas) obras que tratam sobre recreação infantil.

Santos (2001) criticou o modelo de constituição da recreação no país, levantando a necessidade de refletir sobre o ensino de recreação nas Faculdades de Educação Física. Além disso, o autor apontou para a necessidade de enxergar a recreação numa perspectiva pedagógica, para que

a proposta do ensino dela seja fundamentada em critérios acadêmicos, destacando o rigor no trato com o conhecimento. Embora em todo o estudo seja discutido o ensino de recreação na perspectiva específica do professor de Educação Física, destacamos a contribuição das reflexões levantadas sobre a recreação e a formação profissional do recreador no estudo em questão.

Mas, afinal, o que os estudos sobre os recreadores têm apontado? O nosso estado do conhecimento demonstrou que, no Brasil, existe a preocupação entre os pesquisadores de investigar a constituição do recreador. No entanto, identificamos que, apesar de significativa, as produções existentes ainda são insuficientes frente às dimensões territoriais e avanços conceituais apresentados por esses estudos no país.

Nesse sentido, o nosso estudo aponta para a existência de uma lacuna no campo da formação de recreadores, no que tange à produção de estudos sobre o processo de constituição das profissões dos recreadores numa perspectiva de compreensão, reconhecimento e valorização desse profissional.

Na próxima seção, apresentamos os fundamentos teóricos que embasaram o nosso estudo, dividindo-os em duas subseções: *Recreação e lazer: caminhos para uma formação humana*; e *Ser recreador: profissões em processo de construção*.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 RECREAÇÃO E LAZER: CAMINHOS PARA UMA FORMAÇÃO HUMANA

“Recreação” e “lazer” são dois termos muito utilizados que, no Brasil, estão historicamente relacionados. Alguns autores os definem como fenômenos distintos, outros, compreendem estes termos como sinônimos e, até mesmo, binômios.

De acordo com Bramante (1998), os termos *recreação* e *lazer* apresentam dois conceitos distintos desde suas respectivas origens, uma vez que o movimento em prol da recreação data do começo do século XX e, só depois, surge o conceito de *lazer* como fenômeno social, mais especificamente, por volta dos anos cinquenta. Sendo assim, para alcançarmos máxima compreensão sobre ambos os termos, apresentamos, a seguir, uma breve perspectiva histórica da origem de cada um deles.

A palavra *lazer* tem origem etimológica relacionada ao termo latino *licere*, que corresponde ao que é permitido, ao que é lícito. De acordo com Júnior (2004), o termo em francês *loisir* é proveniente do termo inglês *leisure*, o qual refere-se ao tempo livre. Segundo Gomes (2003, p. 58), por seu turno, o significado de *loisir* remete ao “tempo disponível após as ocupações, e também como distrações e livre ocupações desenvolvidas depois de cumpridos os afazeres profissionais, entre outras tarefas cotidianas”.

O autor também explica que os estudos sobre o surgimento do lazer estão divididos em duas diferentes concepções. A primeira é defendida por autores como, por exemplo, Grazia (1966), Munné (1980) e Medeiros (1975), que acreditam que o lazer já existia nas sociedades mais antigas. Já a segunda concepção é defendida por autores como, por exemplo, Dumazedier (1979), Marcellino (1983), Melo (2003) e Mascarenhas (2005), que compreendem o lazer como um fenômeno moderno, originado a partir das modernas sociedades urbano-industriais. Neste estudo, corroboramos com a segunda perspectiva.

No período pré-industrial, as atividades lúdicas também se faziam presentes no cotidiano da sociedade (Aquino; Oliveira, 2007). Desse modo, as atividades de trabalho ocorriam no próprio círculo familiar, envolvendo o prazer

criativo e lúdico, bem como as demais manifestações relacionadas aos cultos, festas e tradições sociais. Assim, a relação entre trabalho e tempo subjetivo era indissociável.

Com a chegada da industrialização, com os novos modos de produção e, conseqüentemente, com os novos modelos de trabalho, toda a dinâmica social foi alterada (Melo; Alves Júnior, 2003). Dessa maneira, o trabalho passou a ser realizado nas indústrias, a jornada de trabalho impôs novas rotinas e, assim, o tempo de trabalho passou a ser separado do tempo de não trabalho. De Masi (2000) discute esta transformação, afirmando que

o camponês e o artesão viviam no mesmo lugar em que trabalhavam, o tempo que dedicavam ao trabalho misturava-se ao das tarefas domésticas, ao dedicado a cantorias e outras distrações. Foi a indústria que separou o lar do trabalho, a vida das mulheres da vida dos homens, o cansaço da diversão. Foi com o advento da indústria que o trabalho assumiu uma importância desproporcionada, tornando-se a categoria dominante à vida humana, em relação a qualquer outra coisa – família, estudo, tempo livre – permaneceu subordinada (De Masi, 2000, p. 151-152).

Foi também durante a revolução industrial que surgiram as primeiras organizações operárias, com o objetivo de reivindicar melhores condições de trabalho, diante da grande exploração sofrida. De acordo com Melo (2007, p. 125), “entre as suas reivindicações pioneiras estava a redução da jornada de trabalho. Desde as primeiras greves, os trabalhadores passaram a lutar por um maior tempo livre, a exemplo do que ocorrera e ocorria na Europa naquele instante”.

Nessa perspectiva, Mascarenhas (2005, p. 230), por sua vez, destaca que “é então neste movimento de administração do tempo livre, de peleja contra os valores, hábitos e comportamentos inerentes ao ócio, que podemos localizar o aparecimento do lazer, fenômeno condizente com a ideologia da sociedade industrial”.

Nesse contexto, surge o fenômeno do lazer, compreendido por Dumazedier (1975) como fato social moderno, decorrente da revolução industrial, mais precisamente, do tempo de trabalho e não trabalho. O autor reitera que, mesmo sempre existindo a necessidade humana de lazer, o conceito de *lazer* emerge na Europa, justamente nesse período pós Revolução

Industrial, a partir das transformações da sociedade, em relação às novas formas de organização do trabalho.

Com relação à origem etimológica do termo *recreação*, pode ser compreendida de duas formas distintas. A primeira concebe o termo *recreação* como oriundo do latim *recreatio*, proveniente do vocábulo *recreare*, que corresponde ao sentido de reproduzir, recuperar, restabelecer. Esta definição compreende a recreação como divertimento, com a função de recuperação e renovação para o trabalho. Já a segunda origem etimológica da palavra, presente no “Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa” e utilizada por Marcellino (1990) e Brêtas (1997), concebe o termo *recreação* como derivado do verbo latino *recreare*, traduzido como recreio e divertimento, porém com um sentido relacionado à perspectiva de recriar, de renovar, de criar de novo. As duas concepções etimológicas estão igualmente associadas ao divertimento. Entretanto, a diferença entre elas é que a primeira apresenta o objetivo específico de reprodução e a segunda, a perspectiva de recriação.

Pina (2022) afirma que, no período moderno, a criação do primeiro *Kindergarten*, também conhecido como “jardim de infância”, pelo educador alemão Friedrich Froebel, em 1837, teve um impacto significativo na educação. Froebel trouxe uma nova perspectiva, ao inventar um ambiente natural onde as crianças pudessem brincar livremente, reconhecendo a importância vital dessa atividade para o desenvolvimento integral delas.

Este conceito revolucionário teve uma influência global na abordagem educacional, destacando a valorização da criatividade e da interação com a natureza como elementos fundamentais para o desenvolvimento pleno das crianças. De acordo com o autor, essa proposta logo se espalhou pela Europa e chegou à América do Norte, mais especificamente aos Estados Unidos e ao Canadá.

No final do século XIX, a recreação foi amplamente difundida nos Estados Unidos, uma vez que o conhecimento sobre recreação passou a ser sistematizado com intervenções destinadas a crianças, jovens e adultos. Essa sistematização se efetivou por meio da recreação dirigida, que instigou a criação de espaços específicos para a prática da recreação, visando à saúde, à produção e aos valores morais pertinentes (Gomes; Elizalde, 2012).

Desse modo, surge a recreação institucionalizada, que se diferencia das demais experiências lúdicas que sempre fizeram parte das culturas da vida humana. A diferença entre o lúdico e a recreação é evidenciada por Gomes e Elizalde (2012), quando ressaltam que “muitas vezes se observa uma tendência a confundir a história das manifestações culturais lúdicas com a história das propostas de recreação que foram sistematizadas e institucionalizadas nos Estados Unidos” (Gomes; Elizalde, 2012, p. 64).

Portanto, as manifestações culturais lúdicas existem desde a existência humana, mas, a partir da propagação das ideias de Friedrich Froebel, a recreação ganhou significativa estrutura nos Estados Unidos da América (EUA), sendo pensada, sistematizada e organizada de maneira dirigida e institucionalizada.

Nesse período, também houve o engajamento de muitas pessoas, que criaram organizações que visavam conseguir fundos para educar as pessoas sobre como não desperdiçar o tempo “ocioso”. A intenção era promover assistência à população carente, melhorando, assim, a sua qualidade de vida (Gomes; Elizalde, 2012). Uma dessas organizações deu origem às casas comunitárias – as *hull houses* –, que provocaram um grande avanço, no que diz respeito à oferta de serviços sociais e ao oferecimento de recreação, jogos, esportes e clubes para crianças e adolescentes, bem como alternativas culturais para os adultos.

A primeira *hull house* foi criada, em 1889, por Jane Addams e Ellen Starr, em Chicago, sendo rapidamente expandida para outras cidades. Posteriormente, ainda nos EUA, surgiram os *playgrounds*, trazendo uma nova concepção de espaço dedicado ao lazer e à diversão das crianças. Os *playgrounds* foram implementados pelas autoridades municipais nos EUA e foram modelos fundamentais para os centros de recreação em outros países da América Latina (Gomes; Elizalde, 2012).

Ressaltamos que a recreação foi formulada, nos EUA, como uma atividade conduzida com intencionalidade por profissionais especializados. Nesse sentido, segundo Gomes e Elizalde (2012), diferentes práticas culturais passaram a ser enxergadas como possibilidades educativas, como, por exemplo, ginástica, música, pintura, jogos e brincadeiras, teatro e dança.

Enquanto o termo *recreação* é proveniente dos estudos norte-americanos, o *lazer* tem origem na Europa. No Brasil, com forte influência norte-americana, a recreação passou a ser difundida no início do século XX. De acordo com Melo (2007),

as primeiras 'Praças de Esporte' e 'Centros de Recreios' surgiram na transição das décadas de 20 e de 30 do século XX, inseridas no contexto de controle dos espaços públicos das cidades. Naquele momento, as atividades 'recreativas' eram entendidas como forma de manutenção da saúde e recuperação da força de trabalho [...] (Melo, 2007, p. 126).

Na época, passagem dos anos de 1920 para 1930, muitos centros urbanos estavam em expansão, e a criação dos espaços públicos de recreação se efetivou como uma estratégia de controle social e urbano. A recreação era vista, portanto, como “uma boa solução para minimizar os problemas desencadeados pela modernidade, possibilitando intervenção na saúde e na higiene dos habitantes” (Melo, 2007, p. 126). Esta perspectiva objetivava a adequação dos sujeitos aos transtornos sociais, advindos do exaustivo trabalho ocasionado pelo processo de modernização, ao invés de procurar superá-los.

Assim como nos EUA, no Brasil, a recreação foi instaurada como uma estratégia educativa de controle social, a fim de minimizar os “perigos” do ócio. Barnabé e Natali (2013) explicam que “a recreação fora ofertada como um meio para organizar o tempo de lazer da massa operária, diminuindo os perigos que supostamente eram causados pela ociosidade, como vandalismo, a banalidade e, principalmente, o risco de reivindicações” (Barnabé; Natali, 2013, p. 4).

No cenário brasileiro, esta estratégia foi mais incisiva, devido à intenção de preencher o tempo ocioso das pessoas com atividades julgadas como saudáveis e úteis, visando, assim, ter maior controle dos aspectos físicos, morais e sociais da população. Nessa época, a recreação, como recuperação de força de trabalho e manutenção de saúde, era relevante “para um país que se industrializava e sentia os impactos desse processo, principalmente, a organização dos espaços urbanos, que cresciam rapidamente e de forma desordenada” (Melo, 2007, p. 126).

Diante disso, a crescente conjuntura da industrialização, aos poucos, foi sendo introduzida no Brasil, numa dinâmica parecida com a ocorrida na Europa e, desde então, passamos a conviver com os termos *recreação* e *lazer* no nosso cotidiano (Melo, 2007).

As publicações sobre recreação aparecem primeiro e são marcadas, sobretudo, pela sua relação com a educação. Conforme explica Gomes (2003),

no Brasil já é possível observar, desde as primeiras décadas do século XX, a publicação de algumas obras sobre a recreação, relacionando-a principalmente com a educação. No caso do lazer, a situação é diferente: *Lazer Operário*, de Acácio Ferreira, foi publicado no ano de 1959 e é considerado o primeiro livro brasileiro sobre o lazer, como afirmam vários autores (Gomes, 2003, p. 3, grifo do autor).

Sendo assim, além de apresentarem origens distintas, as publicações sobre recreação e lazer datam de momentos diferentes. Só depois de várias publicações sobre recreação, acontece a publicação de *Lazer Operário* (1959), que se consagra como a primeira obra analisada no Brasil pelos estudiosos da área.

Apesar da forte relação entre a recreação e a educação, já nas primeiras décadas do século XX, ou seja, desde a sua origem no país, Gomes (2003) ressalta que tanto a educação quanto a recreação eram vistas de maneiras bem distintas das concepções que temos hoje.

No início dos anos de 1960, Joffre Dumazedier veio diversas vezes ao Brasil para discutir sobre o lazer nos seminários internos promovidos pelo Sesc. Segundo Marcelino *et al.* (2007), o Sesc foi uma das primeiras instituições com a iniciativa de desenvolver mecanismos para a disseminação do lazer e da recreação. Por meio do diálogo com o sociólogo francês Joffre Dumazedier, o Sesc colaborou para o começo da sistematização dos estudos sobre recreação e lazer no Brasil.

Dessa maneira, as discussões sobre o lazer e a recreação no Brasil partiu da iniciativa de uma instituição que defendia a paz e o bem-estar social. Nessa lógica, o lazer e a recreação chegam ao país numa perspectiva de resolução dos problemas sociais, “para alcançar a ordem e o progresso imponentemente apresentados em nossa flâmula” (Marcellino *et al.*, 2007, p. 271).

Assim, as formações profissionais eram muito influenciadas pelos programas existentes na década de 1930, como, por exemplo, os Centros de Recreios, os quais estimulavam a efetiva organização das escolas de formação profissional em Educação Física, com o objetivo de formar profissionais para trabalhar nos Centros, a partir da compreensão funcionalista do lazer e da recreação (Melo, 2003). Destacamos que, no contexto brasileiro, desde o princípio, a recreação e o lazer, além da perspectiva funcionalista, também relacionavam-se à ideia de atividade e das práticas propostas por ela.

De acordo com Marcellino (2007), este movimento trouxe à tona a necessidade de pensar sobre a formação profissional de um campo em processo de institucionalização, com o intuito de

dar condições para que a população faça uso 'adequado' de seu 'tempo livre', falar do prazer de dispor o corpo de outra forma, de cuidar dele, contê-lo exercitá-lo e adestrá-lo; na forma de um corpo veloz, produtivo, saudável que combate ao ócio, a doença, a moleza. Tal discurso logo encontrou ressonância com os ideais defendidos pela Educação Física da época, o que culminou com o oferecimento de disciplinas de recreação nos cursos de nível superior da área. O profissional de Educação Física foi considerado o mais apto a atuar no campo do lazer (Marcellino *et al.*, 2007, p. 271).

Assim, a recreação, ainda na década de 1960, passou a contribuir veementemente na domesticação dos corpos – corpos disciplinados, aptos e produtivos –, o que explica a estreita relação entre a recreação e o curso de Educação Física desde a sua inserção no Brasil. Ressaltamos que essa configuração se insere no período em que o país se encontra sob o regime militar. Como salienta Teixeira (2008), o Brasil

[...] vivia sobre efeitos de uma ditadura, as condutas da população deveriam ser conduzidas para aceitação das normas sociais preconizadas por aquele governo. Este buscava ater-se a todos os detalhes e minúcias, incrustando no seio da sociedade, através de práticas corporais, componentes lúdicos que eram idealizados por sua vinculação ao prazer, à saúde, ao bom convívio social e à integração nacional (Teixeira, 2008, p. 38).

Logo, a recreação e o lazer, ligados às práticas corporais, se mostravam como uma boa estratégia de controle social.

No final da década de 1960, o pensamento de Paulo Freire exerce grande influência no contexto nacional e internacional. A luta pela democracia,

somada às experiências relacionadas à educação popular propostas por Freire, provocaram novas discussões e perspectivas relacionadas ao lazer e à recreação (Melo, 2007).

Nos anos 1980, segundo Melo (2007), as discussões sobre recreação e lazer passaram a ocorrer de modo sistemático nas esferas governamentais e acadêmicas. Nas universidades, este movimento se efetiva, de maneira mais sistemática, com a organização de grupos de estudos, eventos científicos e produções bibliográficas, sinalizando a tendência de abordar a temática de modo mais crítico. Dessa forma, não cabia mais pensar a recreação e o lazer como “o oferecimento de um conjunto de atividades para o simples passar do tempo, que acabam contribuindo para a alienação do indivíduo perante a ordem social” (Melo, 2007, p. 127).

A recorrência dos estudos produzidos sobre recreação e lazer culminaram na institucionalização do lazer, no Brasil, como direito social, por meio da Constituição de 1988, estabelecendo-se políticas públicas de implementação da recreação e do lazer. Frente à necessidade da garantia do direito ao lazer e à recreação como componentes necessários à vida humana, as instituições privadas e não governamentais passaram a assumir um importante papel na promoção e no acesso a esses bens. De acordo com Silva *et al.* (2011),

no contexto brasileiro, cabe destacar também as contribuições de duas instituições para a disseminação de propostas de ‘recreação e lazer’: o Sesc (Serviço Social do Comércio) e o Sesi (Serviço Social da Indústria), pertencentes, respectivamente, aos segmentos do comércio e da indústria. Essas entidades tinham como preocupação central a ação social e educacional por meio de vários projetos, dentre os quais os de lazer e recreação, referenciados por documentos internos de normas e diretrizes de ação (Silva *et al.*, 2011, p. 16).

Como já sinalizamos, o Sesc destaca-se na promoção e no desenvolvimento de ações voltadas às áreas da recreação e do lazer no Brasil, iniciadas em 1970 até os dias atuais. A importância desta instituição é evidenciada por diversos autores como, por exemplo, Marcellino (), Isayama e Stoppa (2017) e Melo (2011), justamente porque o Sesc desenvolve, sistematicamente e há muitos anos, ações educativas dentro e fora de suas unidades.

Nessa trajetória histórica, chamamos a atenção para a grande contribuição da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), localizada na região Sudeste, no que tange à oferta do curso de formação inicial de nível superior voltado, especificamente, para a recreação e o lazer. De acordo com Destefani (2007), o curso de Educação Física na UNICAMP facultava três diferentes modalidades, uma delas era o curso de bacharelado em Recreação e Lazer, fundado no início da década de 1990. Quinze anos depois, em 2005, por razões desconhecidas, o curso deixou de ser ofertado.

Hoje, no Brasil, a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) tem atuado de maneira contundente na produção e propagação dos estudos sobre o lazer. Além de grupos de estudos, a UFMG possui um programa de pós-graduação em estudos do lazer, nos níveis de mestrado e doutorado: o Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGEL), que teve início com o curso de mestrado, no ano de 2006, e, mais tarde, em 2012, com a inclusão do curso de doutorado.

Desde a instituição da recreação e do lazer como direito social e do reconhecimento de ambos como elementos importantes para a pessoa humana, os estudos sobre recreação e lazer passam, cada vez mais, a fazer parte do cenário brasileiro. Contudo, Melo (2007, p. 129) evidencia que “temos uma série de denominações que convivem, muitas vezes tornando-se um fator complicador para o debate”. Isto significa que a falta de consenso entre os autores acaba dificultando a compreensão dos termos e, conseqüentemente, da representação social sobre a recreação e o lazer.

Para Bramante (1998), por exemplo, os termos *recreação* e *lazer* possuem significados distintos, desde as suas respectivas origens. Já Pinto (1992), compreende que estes termos possuem o mesmo significado, ou seja, dizem respeito a uma única área do conhecimento, “cuja preocupação central é a vivência de conteúdos culturais que possibilitem ao sujeito experienciar o lúdico em sua vida” (Pinto, 1992, p. 291).

Melo (2007), por sua vez, explica que o termo *recreação* passou a ser utilizado comumente para denominar o conjunto de atividades que ocorriam durante o tempo de lazer, este entendido como fenômeno social moderno. A concepção da recreação como atividade recreativa “consiste numa somatória de atividades isoladas entre si, eminentemente físicas e onde o expressivo e

artístico costuma estar ausente ou ser desvalorizado” (Waichman, 2007, p. 110). Salientamos que, até hoje, esta visão sobre a recreação ainda se faz presente no pensamento da maioria das pessoas que, equivocadamente, enxergam a recreação apenas como o oferecimento de um conjunto de atividades.

O tempo livre das obrigações tornou-se uma oportunidade de descanso e entretenimento, que, mais tarde, passou a se configurar como espaço de consumo e aparelho de propagação de normas e valores, de acordo com os interesses econômicos da racionalidade de produção. Logo, se “cria a aprendizagem do consumo do tempo livre” (Waichman, 2007, p.110). Waichman salienta que o tempo livre é um termo que se faz presente na discussão sobre recreação e lazer, sendo, muitas vezes, considerado como sinônimo de *lazer*. Entretanto, destacamos que este termo é definido como o tempo livre das obrigações pessoais, enquanto o lazer pode ser uma das formas de se desfrutar dele.

Este fenômeno está atrelado ao conceito de indústria cultural, desenvolvido por Adorno e Horkheimer (1944), que se refere à ideia de produção de massa, comum nas indústrias, que foi adaptada à cultura. Marcellino (2005) entende o lazer como cultura vivenciada no tempo disponível, que combina aspectos de tempo e atitude, relacionados a todas as esferas da vida social, inclusive ao trabalho. Nessa perspectiva, Gomes (2007), por seu turno, define o lazer como “uma dimensão da cultura, caracterizada pela vivência lúdica de manifestações culturais no tempo/espaço conquistado, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações” (Gomes, 2007, p. 208).

Nesse contexto, ocorre a expansão da recreação no Brasil e no mundo, devido ao progressivo aumento de consumo de bens e serviços. Os “pacotes de lazer” passam a ser vendidos como mercadorias, que são feitas, sobretudo, para o consumo alienado. Ou seja, o estímulo ao consumo, a fruição de entretenimento, a fim de diminuir a tensão social decorrente do capitalismo, os meios de comunicação de massa, a transformação de cultura e lazer em mercadoria, bem como as produções culturais voltadas ao capital compartilham da mesma lógica: a alienação para o consumo. Diante disso, Marcuse (1971 *apud* Vilela Junior, 2012, p. 15) diz que o lazer é um meio de “alienação, uma

ilusão de autossatisfação das necessidades do indivíduo, porquanto estas necessidades são criadas e manipuladas pelas forças econômicas da produção e do consumo de massa, conforme o interesse de seus donos”.

Essa lógica não faz parte apenas do contexto do lazer, mas também do mundo do trabalho, visto que “a principal característica capitalista é a força de produção ter assumido a forma de mercadoria e o trabalhador produzir para o capital e não para si, sendo mais um simples objeto de produção” (Trevisol; Almeida, 2019, p. 218). Apesar das constantes inovações tecnológicas, essas relações continuam se intensificando e interferindo nas subjetividades das pessoas.

Sendo assim, a recreação também passou a ser compreendida como um componente do lazer, com o significado de “criar de novo, recriar, dar vida nova, com mais vigor” (Marcellino, 2000, p. 3), levando-nos a compartilhar a compreensão da recreação como possibilidades de criação e recriação.

Contribuindo com o debate, Dumazedier (1976) apresenta as três funções do lazer, mais conhecidas como os 3Ds, são elas: o **descanso**; a **recreação** – com o sentido de **divertimento** –; e o **desenvolvimento**. Para o autor, a recreação passa a ser considerada como uma das funções do lazer, e este a ser compreendido a partir de uma perspectiva que abarca as propriedades de descanso, divertimento e desenvolvimento social e pessoal, ou seja, numa perspectiva educativa.

No que se refere à educação, corroboramos o pensamento de Libâneo (2001), quando ele diz que a

educação é o conjunto dos processos, influências, estruturas e ações que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais, visando a formação do ser humano. A educação é, assim, uma prática humana, uma prática social, que modifica os seres humanos nos seus estados físicos, mentais, espirituais, culturais, que dá uma configuração à nossa existência humana individual e grupal (Libâneo, 2001, p. 7).

Logo, a educação é um conjunto de processos que acontecem por meio da prática humana, visando ao desenvolvimento e à formação de todas as pessoas, de gerações diversas, que compõem os diferentes espaços planetários. Partimos do entendimento que “a educação acontece em todos os

cantos, nos vários espaços e tempos da vida cultural e social, em casa, na escola, no bairro, na cidade, no país e no planeta, durante a infância, a adolescência, a juventude, a vida adulta e também durante a velhice das pessoas” (Padilha, 2007, p. 51).

Conceber a educação em todas as suas dimensões e fases da vida humana, numa perspectiva humanizadora, implica o estabelecimento de relações que consolidam a cultura da paz. Segundo Padilha (2007),

a educação, como atividade humana, pode, mais do que tantas outras, contribuir para a nossa humanização, principalmente se a realizarmos de forma alegre, organizada na perspectiva da busca incessante de uma relação pacífica entre as pessoas, acreditando que é possível viver em sociedade construindo laços e estruturas voltadas para a consolidação do que poderíamos chamar de uma cultura da paz, nascida das tramas culturais e sociais que nós podemos desenvolver no nosso cotidiano (Padilha, 2007, p. 58).

Dentre as tramas culturais e sociais que contribuem para a educação humana de todas as pessoas no nosso cotidiano, Requixa (1979) destaca o papel do lazer como possibilidade de aperfeiçoamento de cada um, bem como do despertar de compromissos familiares, individuais e sociais. Para o autor, “a educação é hoje entendida como o grande veículo para o desenvolvimento, e o lazer, um excelente e suave instrumento para impulsionar o indivíduo a desenvolver-se, a aperfeiçoar-se, a ampliar os seus interesses e a sua esfera de responsabilidades” (Requixa 1979, p. 21).

Diante disso, tanto Dumazedier (1974; 1980) quanto Requixa (1980) e Melo (2003) abordam o duplo processo educativo do lazer, considerando-o como *veículo* e *objeto* de educação. A *educação pelo lazer* ocorre quando o processo educativo se desenvolve por meio do lazer. Desse modo, o lazer se apresenta como ferramenta para o processo educativo. Por sua vez, a *educação para o lazer* ocorre quando o lazer é o próprio objeto da educação. Corroborando a ideia dos autores supracitados, Marcellino (1996) compreende que

a *educação para o lazer* pode ser entendida, também, como um instrumento de defesa contra a homogeneização e internacionalização dos conteúdos veiculados pelos meios de comunicação de massa, atenuando seus efeitos, através do desenvolvimento do espírito crítico. Além do mais, a ação conscientizadora da prática educativa, inculcando a ideia e

fornecendo meios para que as pessoas vivenciem um lazer criativo e gratificante (Marcellino, 1996, p. 51, grifo nosso).

A *educação para o lazer* se configura como uma prática educativa necessária aos sujeitos, para que eles tenham a possibilidade de desenvolver o pensamento crítico e, assim, possam exercer o lazer em sua plenitude. Nessa perspectiva, como ressalta Silva e Silva (2004), é possível pensar o lazer numa dimensão de formação humana, tendo a educação para o lazer como um dos caminhos possíveis de estruturação do lazer, de modo que ele “resista a se tornar mercadoria e contribua para a construção de um novo projeto histórico” (Silva; Silva, 2004, p. 11).

Para tanto, é necessário que haja a superação da “visão simplista e alienante que reduz o lazer ao entretenimento e ao distanciamento da realidade” (Silva, 2007, p. 282). A educação para o lazer, de acordo com Silva (2007), é um meio de combater a perspectiva do lazer como mercadoria e objeto de consumo. Entretanto, Melo (2007) alerta-nos sobre o poder da cultura midiática, que requer uma educação para o lazer crítica como forma de compreensão das linguagens e discursos que dela emergem. Para o autor, “a educação para o lazer só pode efetivamente se dar, se articulada com processos de mediação cultural, que contribuam para tornar os indivíduos mais críticos perante o poder dos meios de comunicação e para ampliar os conhecimentos acerca das diversas linguagens” (Melo, 2007, p. 130).

Portanto, pensar a relação entre recreação e educação é uma tarefa complexa, justamente por existir, no Brasil, uma grande mistura de conceitos sobre o que significam os termos *recreação* e *lazer*. Entendemos que, para o estabelecimento desta relação – recreação e educação –, é preciso adotar posturas e posicionamentos “face da gama de possibilidades, aspectos, desafios e dificuldades que tal questão envolve” (Gomes, 2004, p. 126). No presente estudo, não consideramos recreação e lazer como sinônimos. Todavia, trouxemos para a nossa discussão autores que compreendem estes termos como sinônimos e/ou binômios.

Ao compreendermos a recreação como uma função do lazer, defendemos que ela também deve se articular com processos de mediação que possuam caráter educativo. Waichman (2007) afirma que

o caráter educativo é obtido pela intenção de transformação daquilo que é para o que não é; tal intencionalidade deve ser consciente para todas as partes envolvidas na experiência – educador, recreandos e instituição. A intencionalidade deve acrescentar-se a temporalidade – em termos de processo – e a estrutura organizacional em que se desenvolve tal processo (Waichman, 2007, p. 111-112).

Ou seja, para que a recreação e, até mesmo, o próprio lazer sejam elementos de caráter educativo, é preciso haver uma intencionalidade educativa que favoreça experiências transformadoras. Ressaltamos, contudo, que a recreação pode apresentar duas possibilidades de experiências: a educativa e a deseducativa.

Segundo Dewey (1979), a *experiência educativa* trata-se de uma atividade social prática, experimental, interativa, que parte das necessidades individuais ligadas à vida. Logo, esta prática tem como finalidade, além da formação humana integral, uma educação progressiva, que permita ao sujeito a autonomia de dar continuidade a sua educação. Já a *experiência deseducativa*, segundo o autor, produz o efeito de parar ou deformar a essência da continuidade de novas experiências, podendo produzir “dureza, insensibilidade e incapacidade de responder aos apelos da vida, restringindo, portanto, a possibilidade de futuras experiências mais ricas” (Dewey, 1938, p. 14).

Nesse sentido, mesmo que a vivência da recreação seja, instantaneamente, agradável, há o perigo de comprometer a qualidade desta experiência com vivências fragmentadas, desconexas, preconceituosas, limitadas e alienantes, que podem provocar nos sujeitos a passividade frente à lógica de homogeneização dominante – econômica, social, política e religiosa –, propagada e reforçada pelos meios de comunicação em massa.

Ziperovich (2007) aponta para a necessidade de aprofundarmos a função transformadora da recreação, o que pode possibilitar uma posição crítica frente às perspectivas de consumo que, nos dias de hoje, são, cada vez mais, impostas de maneira perspicaz. Para ele, “a educação é um fenômeno que se dá no entrelaçamento de múltiplos processos: sociais, econômicos, culturais e políticos, a partir dos quais ela (a recreação) opera dialeticamente com duas funções, a reprodutora e a transformadora” (Ziperovich, 2007, p.

235). Daí a importância de experiências educativas com vistas à formação crítico-reflexiva das pessoas que integram essa estrutura social.

A recreação, na ótica transformadora, emerge como uma alternativa relevante nas diversas esferas da vida humana – social, política, cultural e educativa –, visto que ela se constitui como

[...] o tipo de influência intencional e com algum grau de sistematização que, partindo de atividades voluntárias, grupais e coordenadas exteriormente, estabelecidas em estrutura específicas, através de metodologias lúdicas e prazerosas, pretende colaborar com a transformação do disponível ou livre de obrigações dos participantes, em práxis da liberdade no tempo, gerando protagonismo e autonomia (Waichman, 2007, p. 109).

Nessa perspectiva, a recreação está diretamente atrelada à educação, por conter, em seu cerne, a intencionalidade educativa. Desse modo, evidenciamos a necessidade de recriar o sentido da palavra *recreação* numa perspectiva totalmente oposta à lógica de mercado e às ideias do senso comum, que estão fortemente associadas ao sentido de entretenimento, consumo, produtividade, passividade, subordinação e alienação. Ressaltamos que essa associação tem a ver com a origem do lazer e da recreação no Brasil e os seus desdobramentos até os dias de hoje – apesar de existir alguns movimentos contrários, como já mencionamos.

Propomos a recriação e ressignificação da palavra *recreação*, para que possamos entendê-la como um processo educativo, que pode ocorrer em contextos escolares ou não escolares, de cunho lúdico, que favoreça o desenvolvimento, o pensamento crítico e o aprendizado para a vida de todas as pessoas.

Logo, evidenciamos a necessidade de enxergar a recreação sob um ponto de vista pedagógico, o qual favorece a compreensão desta como elemento que possibilita o desenvolvimento holístico nas esferas pessoal, social, cultural, política, econômica e religiosa. Nesse sentido, a recreação apresenta a potencialidade de provocar inúmeros benefícios aos recreandos, como, por exemplo, o bem-estar, a melhoria da qualidade de vida, o cuidar de si e do outro, a socialização, a solidariedade, o desenvolvimento do pensamento crítico, o estímulo à criação e ao comprometimento com a realidade, o pensar e o agir e intervir no mundo. A recreação é, portanto, um

elemento “de intervenção à busca da construção de uma ordem social, mais igualitária e justa” (Melo, 2007, p.127). o que a torna – assim como ao próprio lazer – um caminho para uma formação humana.

Considerada como um campo multiprofissional, defendemos que a recreação é um elemento educativo. Por isso, ressaltamos a necessidade de discutir sobre ela também nos cursos ligados à educação.

No entanto, mesmo diante das relações da recreação com a educação, no Brasil, ainda são poucas as discussões relacionadas à recreação no curso de Pedagogia, por exemplo, havendo uma maior concentração desses estudos no campo da Educação Física, como sinalizamos anteriormente. Dessa forma, do mesmo modo que propomos uma visão da recreação sob uma perspectiva pedagógica, também propomos, à própria Pedagogia, maior apropriação da recreação como meio e fim educativo.

3.2 SER RECREADOR: PROFISSIONALIDADES EM PROCESSO DE CONSTRUÇÃO

Nesta subseção, iniciamos a discussão com a seguinte questão: quem são os recreadores? Em seguida, buscamos refletir sobre o *ser recreador*² e acerca do profissional da recreação, trazendo, por fim, elementos que contribuem para pensar a respeito da profissionalidade do recreador, em diálogo com a profissionalidade docente, posto que há uma clara preferência desse profissional por cursos de licenciatura, como, por exemplo, Educação Física e Pedagogia, como parte do processo de profissionalização deles.

A expansão das dimensões da recreação, no Brasil e em outros países do mundo, tem impulsionado o crescimento de profissionais atuantes nesse campo do conhecimento. Esse crescimento tem provocado o aparecimento de diversas nomenclaturas, com conceitos variados, para designar o profissional que atua com recreação, como, por exemplo, recreacionista, recreólogo, recreador, brinquedista, pedagogo lúdico, ludotecário, animador cultural, animador sociocultural, entre outras. Embora diante dessas diversas terminologias, utilizamos, na presente pesquisa, o termo *recreador*, para nos

² Para maior fluidez da leitura, utilizamos o termo masculino (recreador) para referirmo-nos aos sujeitos que atuam como recreadores, independentemente de seus gêneros.

referirmos ao profissional que atua com recreação nos mais diversos contextos sociais, escolares e/ou não escolares.

Atualmente, a atividade profissional do recreador é considerada uma ocupação listada na tabela de Classificação Brasileira de Ocupações (CBO 3714-10), cuja descrição sumária é de “promover atividades recreativas diversificadas, visando ao entretenimento, à integração social e ao desenvolvimento pessoal dos clientes”³. Entretanto, salientamos que, desde a sua inserção no nosso país e no mundo, a recreação passou a adquirir outros significados, os quais implicam a necessidade de maior reflexão e aprofundamento sobre a formação e atuação profissional do recreador. Nesse sentido, Pina (2005, p. 129) afirma que “ao mesmo tempo que se abrem novas oportunidades, torna-se mais evidente a necessidade de uma melhor capacitação profissional dos que atuam ou pretendem atuar na área do lazer”.

Melo (2007), por seu turno, se refere ao recreador pelo termo *animador cultural*, ressaltando que “não possuímos uma formação profissional específica para o animador cultural, e mesmo as experiências relacionadas à formação do profissional de lazer têm se mostrado parciais e/ou deficientes [...]” (Melo, 2007, p. 129). Contudo, apesar das dificuldades relacionadas ao mercado de trabalho formal, salientamos que as iniciativas acadêmicas relacionadas à formação profissional em recreação e lazer, aqui no Brasil, têm se mostrado relevantes no fortalecimento desse campo, desde o final da década de 1980 até os dias atuais.

Destacamos o curso de bacharelado em Recreação e Lazer oferecido pela UNICAMP, que, de acordo com Destéfani (2007), durou 15 (quinze) anos (1990-2005). Profissionais que iniciaram a vida acadêmica no referido curso e que atuam na área da recreação e do lazer têm fomentado esse debate nas instituições onde desenvolvem suas atividades profissionais, formais – inclusive nas universidades – e não-formais.

Para Melo (2007), a coexistência dos termos *recreação* e *lazer*, bem como a grande quantidade de terminologias a eles relacionadas, no Brasil, são fatores que atrapalham o debate e a compreensão sobre esse profissional. Logo, evidenciamos que, assim como propomos no presente estudo, distinguir os termos *recreação* e *lazer* é necessário para fomentar a discussão sobre a

³ Disponível em: <https://www.ocupacoes.com.br/cbo-mte/371410-recreador>. Acesso em: 06 ago. 2021.

constituição profissional de um dos atores elementares na ação recreativa: o recreador.

Autores como Pina (2005), Moreno (2005), Destéfani (2007), Santos (2005), Filippis (2012), Arruda (2018) e Costa (2021) têm contribuído de forma significativa com a discussão sobre a formação profissional do recreador. Em seus estudos, eles têm apontado diversas questões a serem pensadas sobre o recreador, como, por exemplo, a falta de reconhecimento e a desvalorização deste profissional no Brasil. Além disso, a não distinção entre o recreador e os demais profissionais do lazer consiste em mais um elemento desfavorável para a compreensão da identidade profissional do recreador.

Em relação a esse lugar de não identidade, Melo (2007) evidencia a necessidade de construir um campo de estudos relacionado à formação do recreador, afirmando que “devemos continuar pleiteando uma abordagem multi e interdisciplinar, lutando para que tal característica seja respeitada, ainda que paguemos um preço por essa imprecisão, por exemplo, no que se refere ao diálogo com as agências de fomento à pesquisa” (Melo, 2007, p. 129).

Entretanto, acreditamos que este pleito pode representar um obstáculo para a definição da identidade desse profissional. Ora, como se reconhecer e ser reconhecido, enquanto recreador, se não for delimitado o que é necessário para a formação de todos os recreadores? É essencial, portanto, pensar sobre os elementos que os profissionais de recreação têm em comum, o que eles têm que dominar e o que precisam fazer e saber para se tornar um recreador, bem como compreender quais elementos da atividade profissional do recreador são peculiares à sua ação, a fim de diferenciá-los de outros profissionais, ou seja, de delimitar a sua identidade enquanto recreadores.

Diante disso, acreditamos que o recreador é um profissional do lazer, mas que nem todo profissional do lazer é um recreador. Concordamos com Silva (2018), quando ela afirma que o recreador é um profissional do campo da Educação *para e pelo* lazer – concretizado na ação recreativa –, cuja atuação lúdica, além do divertimento, tem o intuito de formar sujeitos humanos. Sendo assim, compreendemos que o recreador é um profissional da educação, pois ele possui, no cerne de suas ações, a intencionalidade educativa.

Entendemos, em diálogo com Tardif (2020), que a prática educativa integra uma das categorias imprescindíveis à atividade humana, posto que ela

mobiliza vários saberes de ação e supõe uma ética profissional, “no sentido da educação como responsabilidade diante do outro” (Tardif, 2020, p. 182). Daí inferimos que a prática educativa do recreador deve estar pautada na ética, a fim de alcançar a formação humana, o que significa construir práticas que tenham a incumbência de denunciar o que desumaniza e de anunciar o que humaniza os seres humanos (Freire, 1980).

Nesse sentido, estando a ação do recreador voltada para a educação, é preciso pensar como tem sido a constituição profissional desse sujeito, para que ele, assim como outros educadores, seja capaz de formar outros sujeitos mais humanos. A sistematização do conhecimento vivenciado na prática, como também a ampliação da produção de estudos nesse campo do conhecimento são alguns dos exemplos de elementos que podem contribuir para a elaboração de teorias, para a socialização de saberes com seus pares, bem como para a constituição da identidade desse profissional.

Acreditamos que não há como produzir conhecimento sem estabelecer relações entre a teoria e a prática. Conforme Freire (1987, p. 38) “a práxis [...] é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido”. Logo, a teoria e a prática são elementos indissociáveis que possibilitam aos sujeitos a reflexão sobre a ação. Aqui apontamos para a necessidade de refletir sobre a prática do recreador, bem como de promover a reflexão dos recreadores sobre a própria prática. Referimo-nos, portanto, à epistemologia da prática profissional, que, para Tardif (2020), tem a finalidade de revelar saberes e “compreender como são integrados concretamente nas tarefas profissionais e como estes os incorporam, produzem, utilizam, aplicam e transformam em função dos limites e dos recursos inerentes às suas atividades de trabalho” (Tardif, 2020, p. 256).

No entanto, para além desses saberes, compreendemos que existem outros elementos que são necessários ao *vir a ser*, que remetem à identidade profissional do recreador. A epistemologia da prática é um ato filosófico que conduz à reflexão sobre o conhecimento. É a busca pelo conhecimento inerente à própria condição humana, que possibilita alcançar a capacidade de compreensão, intervenção e transformação da realidade. Mas, a ontologia também é um ato filosófico atrelado à própria epistemologia. Contudo, enquanto esta se configura no estudo e na busca pelo conhecimento, aquela

se debruça sobre a natureza do ser. Essa concepção da prática nos aproxima de Freire (1992), quando ele afirma que a esperança é uma necessidade ontológica, a qual requer ação e pensamento crítico, para que, assim, possamos alcançar a transformação sonhada.

Enquanto seres do *que fazer*, porque o nosso fazer é ação e reflexão (Freire 1987), e considerando a relevância da ação profissional dos recreadores para a formação de sujeitos humanos, ressaltamos que os recreadores precisam se constituir profissionalmente, para além do campo das ideias e intuições, fundamentados numa abordagem racional e crítica. Para tanto, é fundamental, antes mesmo de reivindicar o reconhecimento da atuação profissional dos recreadores pela sociedade, que eles se reconheçam enquanto tal, ou seja, enquanto sujeitos educadores, independentemente do contexto no qual estejam inseridos.

Esse processo de (re)significação do profissional da recreação requer levar para a academia o conhecimento prático vivenciado pelo recreador, para que outras pessoas – que tenham o desejo de ser profissionais da recreação – possam ter acesso aos conhecimentos sistematizados que podem orientar as suas ações. Assim, acreditamos que a sistematização teórica, discutindo a fundo sobre a formação profissional de recreadores, pode colaborar para a construção de “um projeto de sociedade comprometido com a emancipação do ser social e com a concretização de utopias” (Gomes, 2007, p. 208). Estas utopias, segundo Gomes (2007), não tratam daquilo que é visto como inalcançável ou inatingível, mas, sim, daquilo que Freire (*apud* Freitas, 2008, p. 418) denomina de “concretização dos sonhos possíveis”. Essa perspectiva parte da compreensão de que a realidade pode vir a ser transformada, uma vez que segundo Freire (1980, p. 27), “o utópico não é o irrealizável; a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por essa razão a utopia é também um compromisso histórico”.

Corroboramos o autor supracitado, visto que acreditamos que a utopia não é impossível, mas, sim, uma possibilidade de concretizar os nossos sonhos. Nesse caso, a utopia que sonhamos com o presente estudo é que futuros recreadores possam se constituir de modo crítico, reflexivo e transformador, possibilitando não apenas a sua formação humana, mas

também, por meio das suas práticas, a formação de outros sujeitos humanos. Embora demonstrando a relevância da teorização do conhecimento, produzido a partir da experiência prática, como um dos caminhos para pensar sobre a formação qualitativa dos recreadores, sabemos que apenas esse movimento é insuficiente para que haja o reconhecimento e a valorização desse profissional.

Nesse sentido, questionamos: afinal, o recreador é um profissional? De acordo com o Dicionário *Dicio Online*, o termo *profissional* está relacionado à determinada profissão. As discussões sobre profissão são permeadas por debates que relacionam diferentes termos, dentre os quais *trabalho*, *ofício*, *ocupação*, *profissionalização*, *profissionalismo* e *profissionalidade*. Já a palavra *profissão*, é proveniente do latim *professio*, *onis*, cujo sentido diz respeito à ação de professar, de ensinar. Em alguns dicionários, o termo *profissão* é apresentado como sinônimo de *ocupação* ou *ofício*.

Entretanto, com o tempo, frente às transformações sociais emergentes no século XX, o vocábulo *profissão* passou a assumir diferentes conceitos em diversos países. Estes conceitos são provenientes de muitos lugares do mundo e seus referentes contextos históricos, sociais, políticos e econômicos.

Segundo Dubar (2005), a análise das profissões se tornou objeto de pesquisa para a Sociologia, a partir dos estudos das estruturas de grupos profissionais que emergiram no processo de crescimento da industrialização, face à necessidade de compreender sobre a recorrência de problemas alusivos a essa estruturação social. Logo, diversos sociólogos, como Durkheim, Max Weber e Tonnies, analisaram algumas associações de trabalhadores e o processo de profissionalização ligado à modernização social. Mais tarde, de acordo com o autor, esses estudos deram origem à Sociologia das Profissões.

A partir da criação das universidades, os primeiros estudos sociológicos das profissões foram desenvolvidos, passando-se a considerar a diferença entre ofício e profissão. Braem (2000) explica essa distinção, ao afirmar que o ofício é um tipo de ocupação manual ou mecânica, possuindo sua utilidade na sociedade, enquanto a profissão, como trabalho, possui maior importância e reconhecimento social, devido ao seu caráter intelectual ou artístico. Corroborando essa perspectiva, Angelin (2010) afirma que

[...] antes da multiplicação das universidades no século XIII, o trabalho era algo consagrado e todos os trabalhadores, sejam eles das artes liberais (artistas, intelectuais) ou das artes mecânicas, (artesãos, trabalhadores manuais) eram provenientes de uma mesma organização corporativa. A separação entre artes liberais e artes mecânicas só ocorreu com a expansão e fortalecimento das universidades, gerando, por fim, uma oposição entre profissões, que surgiram das artes liberais e que eram ensinadas na universidade e estavam ligadas ao conhecimento técnico-científico, e os ofícios que surgem das artes mecânicas (Angelin, 2010, p.3).

Evidenciamos, portanto, que, com a expansão das universidades, o ofício passou a ser associado às atividades manuais, ao serviço braçal, remetendo a algo menor, enquanto a profissão relacionou-se ao espírito, à intelectualidade, ao que é elevado e superior.

No entanto, para além dos limites acadêmicos, diferentes pesquisadores destacaram outras atribuições para a constituição de uma profissão. Para Araújo *et al.* (2005, p. 25), “a profissão é um ato específico e complexo, e diz respeito a um grupo especializado, competente”. Na mesma perspectiva do autor supracitado, Freidson (1996) afirma que a profissão impõe um maior e mais profundo conhecimento intelectual, contrário ao ofício, que está apenas associado à prática. Em outro estudo (Freidson, 2009), o autor diz que as profissões se diferenciam das ocupações por possuírem tarefas específicas, as quais demandam conhecimentos, competências e outros elementos específicos. Dez anos depois, contudo, Freidson (1998) volta a refletir sobre o assunto, defendendo que cada pesquisador deve apresentar o seu próprio conceito de profissão.

Já Braem (2000), ressalta que a Sociologia das Profissões constatou que, há muito tempo, uma profissão se funda a partir do aparecimento de um conhecimento “reconhecido, implementado e controlado” (Braem, 2000, p. 9). O autor elenca cinco exigências necessárias à constituição de uma profissão, ou de um corpo profissional, são elas:

- 1) a delimitação de um objecto**, componente de base que define ao mesmo tempo o âmbito e a finalidade da intervenção da profissão. Esse objecto não é definido de maneira estável e definitiva, e é toda a aposta na vitalidade e na sobrevivência duma profissão que o facto de saber manter a actualidade e alargar o alcance do seu objeto;
- 2) a existência de um saber**, isto é, de um sistema de partilha reunindo capacidades ao mesmo tempo técnicas (as técnicas do ofício, a posse das regras da arte...), sociais (o domínio do sistema de relações sociais dentro do qual se insere a actividade:

relação com o cliente, relação com as outras profissões...), e de gestão (articulação da dimensão técnica e da dimensão social);

3) a implementação desse saber, quer dizer a utilização desse saber conforme um certo número de normas e de valores que definem o universo moral ao mesmo tempo que a identidade profunda da profissão, segundo um modo de funcionamento específico que vai determinar a organização do trabalho e a estrutura da empresa;

4) o reconhecimento desse saber e desse universo, quer dizer o reconhecimento social da legitimidade de intervenção da profissão, ao mesmo tempo legitimidade de um campo de intervenção (a profissão tem, portanto, um objecto reconhecido e delimitado) e legitimidade do sistema de vistoria dos intervenientes;

5) o controlo desse saber, isto é, a garantia da posse das capacidades de peritagem por um sistema institucional ou organizacional de controlo do acesso à profissão (Benjamin, Aballéa, 1990, p. 4 *apud* Braem, 2000, p. 9-10, grifo nosso).

Dessa forma, a constituição de uma profissão depende, em sua maioria, de processos relacionados ao saber. No entanto, para além do saber, Lins (2011) destaca outros elementos, ao afirmar que

a profissionalização não seria apenas o processo de aprimoramento de capacidades e de saberes, permitindo maior eficácia individual e coletiva. Refere-se, além dos conhecimentos e das competências exigidas pela prática, às estratégias e à retórica de um grupo profissional na busca pelo reconhecimento de suas atividades, quer dizer, faz referência ao aprimoramento do *status* da atividade enquanto tal (Lins, 2011, p. 39).

Logo, corroboramos a compreensão de Lins (2011), que entende o processo de profissionalização para além dos conhecimentos e das competências impostas pela prática, destacando o movimento de busca pelo reconhecimento e *status* profissional. Na mesma direção, Hoyle (1980) compreende a profissionalização a partir de duas dimensões significativas: a melhoria da prática e a melhoria do estatuto. A melhoria da prática engloba o constante aprimoramento das competências e do conhecimento prático, podendo ser comparada ao desenvolvimento profissional. Já a melhoria do estatuto, compreende o empenho de uma profissão para o alcance de parâmetros que correspondam ao padrão determinado ou de melhorar e manter uma profissão já constituída. Ou seja, para que uma profissão seja devidamente reconhecida e valorizada, é preciso que ocorra o processo de profissionalização. Este processo, segundo Bourdoncle (1991), exige

[...] a passagem de uma abordagem intuitiva para uma abordagem racional, que acompanha a profissionalização de cada actividade, quando passa da fase «artesanal» para a fase «científica», exige, para que haja uma verdadeira profissionalização, que sejam tomados em conta pela universidade não só a teorização da prática, mas também e sobretudo os aspectos práticos e profissionais da formação (Bourdoncle, 1991, p. 17).

Portanto, para que haja a profissionalização dos recreadores, bem como de qualquer grupo profissional é preciso que eles se constituam profissionalmente não apenas no âmbito das teorias da prática, mas também a partir dos elementos práticos e profissionais que norteiam a formação. Isso significa que o processo de profissionalização encontra-se estreitamente ligado à formação profissional, tendo em vista que esta é uma das primeiras etapas do desenvolvimento das profissões, quando são projetadas as orientações iniciais acerca da especificidade do trabalho.

Para Ramalho, Nuñez e Gauthier (2004), a profissionalização abarca dois processos: externo e interno. Como processo externo, ela é vista como profissionalismo, o qual está relacionado à reivindicação de *status* dentro da visão social do trabalho, implicando as negociações realizadas por grupos e associações de pessoas, com o intuito de alcançar reconhecimento social e qualidades específicas profissionais, complexas e difíceis de serem aprendidas. Corroborando a perspectiva dos autores supracitados, Hoyle (1980) afirma que o profissionalismo se refere “a um compromisso entre os membros duma ocupação em relação à melhoria do estatuto e as estratégias utilizadas particularmente pelas associações ou pelos sindicatos para chegarem a este fim” (Hoyle, 1980, p. 4).

Em relação à profissionalização como processo interno, esta é apreendida como a construção de uma profissionalidade, a qual, de acordo com Hoyle (1980), remete às “atitudes em relação à prática profissional entre os membros duma ocupação e o grau de conhecimento e de competência que eles aplicam nessa tarefa” (Hoyle, 1980, p. 4). Nesse sentido, a profissionalidade é compreendida por Altet (2003) como os elementos que pertencem “à pessoa, às suas aquisições, à sua capacidade de utilizá-las em uma dada situação, ao modo de cumprir as tarefas. Ela é instável, sempre em construção, surgindo mesmo do ato de trabalho; facilita a adaptação a um contexto de crise” (Altet, 2003, p. 235).

Monteiro (2015) também divide o processo de profissionalização de duas formas. Segundo ele, “**coletivamente**, profissionalização é o processo através do qual uma profissão eleva o seu grau de profissionalidade”; **individualmente**, “profissionalização é o processo de aprendizagem e de socialização profissionais, isto é, tanto de aquisição de saberes como de interiorização de valores” (Monteiro, 2015, p. 39, grifos nossos). Dessa forma, é a profissionalização individual que alavanca a profissionalização coletiva, através dos saberes assimilados, por meio da prática, da formação e da experiência. Todavia, para se constituir individualmente, é preciso também se ancorar na construção coletiva de saberes e experiências práticas de pares.

Bourdoncle (1991), por sua vez, destaca que a profissionalização abarca três diferentes processos, estes designados como estados da profissionalização, quais sejam: 1) **o profissionalismo**, que está relacionado às normas, valores e regras compartilhadas pelo grupo profissional; 2) **o profissionalismo**, que se traduz no movimento de lutas, reivindicações pela valorização e reconhecimento social do grupo; e 3) **a profissionalidade**, que se refere ao desenvolvimento profissional que requer o conhecimento e o fazer específico da referida profissão. Tais processos são complementares e elementares no movimento de profissionalização.

Portanto, para discutir sobre a formação e atuação profissional dos recreadores, é necessário atentar para esses complexos aspectos da profissionalização, tendo em vista que cada um deles tem características e objetivos específicos. Embora, no Brasil, a recreação ainda não seja considerada uma profissão, percebemos a existência desse movimento de profissionalização, por parte de recreadores, em várias esferas da sociedade. Podemos citar alguns exemplos individuais e coletivos desse movimento, como, por exemplo, a procura e oferecimento de cursos nos diferentes níveis – desde os profissionalizantes aos cursos de pós-graduação – relacionados a esse campo do conhecimento, dentre os quais os cursos de licenciatura em Educação Física e Pedagogia, a organização e atuação da Associação Brasileira de Recreadores (ABRE) e a ampliação de oferta de eventos científicos e publicações.

De acordo com Silva (2021), podemos pensar determinada profissão, a partir da compreensão da dinâmica do processo de profissionalização de

outras profissões e seus respectivos contextos. Nesse processo, a profissionalidade tem ocupado lugar de destaque nos estudos sobre as diversas profissões.

Nos aproximamos do campo da formação de professores, uma vez que, como mencionamos, há um movimento crescente nessa direção, por parte de recreadores que buscam a elaboração de bases teóricas, bem como a socialização de saberes com seus pares, para a constituição da sua identidade profissional. Entendemos, portanto, que o ser recreador tem uma interface com a profissionalidade docente, a qual é compreendida aqui como o que é “específico na ação docente, isto é, o conjunto de comportamentos, conhecimentos, destrezas, atitudes e valores que constituem a especificidade de ser professor” (Sacristán, 2000, p. 78).

Além disso, no campo da formação de professores, dialogamos com Contreras (2002), que aborda a profissionalidade, a partir de três dimensões: **a obrigação moral**, que está relacionada ao bem-estar dos sujeitos, no caso, o bem-estar dos alunos, abarcando, inclusive, a afetividade; **o compromisso com a comunidade**, compreendendo que a educação é uma demanda social e, por isso, exige que haja a devida intervenção nos problemas políticos e sociais; e **a competência profissional**, que extrapola o domínio de habilidades e técnicas, revelando-se a partir do diálogo entre as duas primeiras dimensões – a obrigação moral e o compromisso com a comunidade.

À luz das discussões realizadas por Sacristán (2000), Contreras (2002), entre outros autores, inseridos no campo da formação de professores, que debatem sobre a profissionalidade docente, podemos pensar sobre os elementos específicos e necessários à constituição da profissionalidade do recreador. No entanto, embora nos aproximando das discussões sobre a profissionalidade docente para refletir sobre a constituição da profissionalidade do recreador, destacamos que o recreador a quem nos referimos aqui não é necessariamente um docente, mas, sim, um educador, cuja ação deve estar voltada à formação integral dos sujeitos humanos.

Sendo assim, evidenciamos a relevância de discutir sobre a constituição da profissionalidade, justamente porque esta é a característica inicial do processo de profissionalização, além de ser, de acordo com Braem (2000), integrante de um dos alicerces da profissão.

Para compreender o que, hoje, chama-se de profissionalidade, é preciso trazer à memória a sua gênese. Segundo Altet, Paquay e Perrenoud (2003, p. 56), o termo *profissionalidade* advém do modelo italiano *professionalità*, que significa “caráter profissional de uma atividade” e que recupera as “capacidades profissionais, saberes, cultura e identidade” de uma profissão.

Barisi (1982) foi o primeiro a explorar o conceito de *profissionalidade*, a partir da noção de *professionalità*, explicando que este termo sofreu alterações com o passar dos anos. De acordo com o autor, o termo *professionalità* foi compreendido, de maneiras distintas, em três diferentes fases: “do pós-guerra até 1968, com um período médio de 1960 a 1968, depois de 1968 até 1974 e de 1974 até hoje em dia” (Barisi, 1982, p. 389). No caso, o último período se deu até os anos 80.

Enquanto na primeira fase a noção de *professionalità* articulava-se com uma estratégia sindical unicamente defensiva e apenas era usada para defender os trabalhadores contra a desqualificação, no seguimento ao desaparecimento dos ofícios tradicionais (1º período), depois a seguir (2º período) para adaptar os critérios de classificação à autonomização e às novas formas de organização do trabalho, na terceira fase, as novas definições da *professionalità* vão tornar-se o centro de uma ofensiva sindical (Barisi, 1982, p. 391).

Ou seja, o primeiro grande período da evolução da noção de profissionalidade refere-se aos anos de 1945 a 1968, quando há uma atuação contundente dos sindicatos italianos, que passam a exigir não só rendimentos, mas também melhores condições de trabalho, promoção profissional, bem como a diminuição da jornada de trabalho. Já no segundo período, que corresponde aos anos de 1968 a 1974, a ideia de profissionalidade está relacionada ao saber fazer, visto que os antigos ofícios foram, gradativamente, sendo trocados por uma qualificação, que considera os conhecimentos e as capacidades profissionais dos trabalhadores. O terceiro período, por seu turno, diz respeito aos anos de 1974 a 1980, momento caracterizado pelas lutas sindicais contra os interesses crescentes do capitalismo. Segundo Barisi (1982),

essas lutas adotaram formas muito variadas, porque tinham como objectivo modificar de maneira muito concreta as modalidades de organização do trabalho tais como eram aturadas todos os dias pelos trabalhadores. Elas diziam respeito ao ritmo das cadências, à

parcelização das tarefas, à monotonia, às modalidades de cálculo dos prêmios de produção, à recusa das formas incitativas de remuneração, à rejeição da diferenciação abusiva das remunerações individuais, à recusa da estagnação profissional provocada pela desestruturação dos ofícios tradicionais pelo Taylorismo (Barisi, 1982, p. 379).

Nesse sentido, o autor destaca que a ideia de profissionalidade cumpriu uma função estratégica, ao se contrapor às organizações capitalistas de trabalho, que, com a atuação dos sindicatos, passaram a discutir, a partir da subjetividade dos trabalhadores, elementos que, até aquele momento, não eram levados em consideração.

Naquele contexto, os sindicatos ocuparam um lugar de destaque na elaboração do conceito de *profissionalidade* que temos hoje. Foram os sindicatos que, gradativamente, deram significativa unidade teórica à conjuntura do movimento e da organização trabalhista. Dessa forma, a profissionalidade também se vinculava ao enfrentamento dos trabalhadores, por meio da ação coletiva, a fim de alcançar o reconhecimento, conforme a respectiva qualificação. Para Zarifian (1986 *apud* Braem, 2000),

a qualificação não exprime só qualidades exigidas e aplicadas para realizar um trabalho. Ela designa também a maneira como se constitui um conjunto de competências, de representações, de comportamentos adquiridos pelos indivíduos no decorrer da sua socialização e que contribuem a dar forma ao próprio trabalho (Zarifian, 1986 *apud* Braem, 2000, p. 4).

Demilly (1987) traz grandes contribuições para esse debate, ao diferenciar *qualificação* de *competência*, afirmando que a qualificação está relacionada a “títulos, diplomas, graus, certificados de aptidão exigidos para ocupar tal posto” (Demilly, 1987, p. 2). Ademais, a partir do sentido encontrado em dicionários, a autora também relaciona a qualificação à “formação e aptidões juridicamente reconhecidas e dando o direito de exercer uma dada atividade” (Demilly, 1987, p. 2). No entanto, ela evidencia que

[...] a garantia social proporcionada pelo título só funciona na medida em que o próprio título é reconhecido como principal critério da qualificação, ou, para usar uma linguagem mais cômoda, que a qualificação fundamenta em direito a adequação das qualidades pessoais e do posto de trabalho (Demilly, 1987, p.3).

Em relação à competência profissional, esta é compreendida pela autora como o “conjunto de saberes e de aptidões praticamente exigidas pelas situações profissionais (conjunto heterogêneo quanto ao seu grau de institucionalização)” (Demailly, 1987, p. 4).

A esse respeito, Dugué (1994) afirma que a qualificação se refere ao “ter”, enquanto a competência, ao “ser”. Assim, “dependendo do domínio do ‘ser’, ligadas ao indivíduo, no mais íntimo da sua constituição, as competências adaptam-se à objectivação, ao contrário da qualificação que, dependendo do domínio do ‘ter’, pode mais facilmente ser medida, classificada e hierarquizada” (Dugué, 1994, p. 277). Em outras palavras, a qualificação remete à aquisição de conhecimentos acadêmicos e à obtenção de títulos, enquanto a competência refere-se ao ser. Dessa maneira, o sujeito passa a ser competente para fazer.

Com o tempo, a noção de *profissionalidade* se transformou. Se, no início, ela estava relacionada à valorização profissional, ao *status* e à remuneração, estes elementos, nos dias atuais, são conferidos ao profissionalismo, que, assim como a profissionalidade, consiste num dos estados da profissionalização.

Como destaca Braem (2000), a profissionalidade é um estado individual, que abarca a qualificação e a competência, e, por essa razão, o conceito de *profissionalidade* deve conter “noções de deontologia” (Braem, 2000, p. 11), termo que se refere ao conjunto de deveres, princípios, normas, éticas e valores coletivos e individuais. Logo, acreditamos que qualificação, competência, deveres, princípios, normas, valores e ética são elementos da profissionalidade, que emergem, justamente, ao trabalhar a questão de qualificar os profissionais, ultrapassando a ideia de que o sujeito, para atuar em determinada profissão ou, por exemplo, para trabalhar com criança, deve ter um “dom”⁴. Diante disso, a compreensão da profissionalidade perpassa a superação dos dons, por acreditar ser possível aos sujeitos exercerem determinada atividade profissional e apontar a competência profissional como um desafio social.

⁴ A palavra *dom* é utilizada para se referir à vocação, a uma qualidade inata, ao conjunto de qualidades pessoais e positivas.

Embora a atuação profissional dos recreadores seja considerada uma ocupação, no contexto brasileiro, esses atores têm constituído suas profissões. Nos referimos às profissões no sentido plural, considerando que os recreadores se constituem em diferentes contextos, por meio de variadas experiências vivenciadas.

Como salienta Sacristán (2000), a prática profissional não é única. Por isso, há contextos a serem levados em consideração no exercício dela. Corroborando a perspectiva do autor supracitado, Benjamin e Aballéa (1990) afirmam que “não há profissão, sem profissão. Pelo contrário, o inverso não é verdade. Pode haver profissão sem profissão” (Benjamin; Aballéa, 1990, p. 3-4).

A constituição da profissão tem a ver com o contexto do desenvolvimento profissional, que pode ocorrer antes, durante e depois da formação. Em relação ao contexto do desenvolvimento profissional, Ludke e Boing (2010) identificam que

[...] a profissão passou a significar o que existe de potencial e expectativa nas carreiras profissionais. Como as expectativas são construções sociais em torno das diferentes profissões, a sociologia das profissões, na França, procurou fazer a ponte entre aspectos pré-profissionais e profissionais propriamente ditos que até então vinham separados pela formação. Por aí se entende a profissão antecedendo, acompanhando e se sucedendo à própria formação (Ludke; Boing, 2010, p. 3, grifo nosso).

Os diferentes contextos formativos possuem, portanto, elementos e sujeitos que contribuem para a constituição das diferentes profissões. Daí atentarmos para a necessidade de identificação dos contextos, sujeitos e elementos balizadores que têm favorecido a constituição das profissões dos recreadores da cidade do Recife, uma vez que acreditamos que estes têm realizado um movimento de profissionalização para vir a ser um recreador.

A profissão, ao mesmo tempo em que é vinculada à ação, aos valores, aos saberes, entre outros, também vincula-se à concepção do processo de vir a ser profissional. Nesse sentido, Bazzo (2007, p. 87) identifica que “a profissão seria a condição em potência (no sentido do caráter do que pode ser produzido, mas que ainda não existe) para se exercer uma dada profissão, isto é, representaria um estado anterior à ação”. No entanto, esse

processo do vir a ser, que está ligado à profissionalidade, não é estagnado, pois exige um movimento constante de desenvolvimento.

Segundo Cunha (2007, p. 14), por sua vez, a profissionalidade tem se inserido nos debates sobre a formação profissional por “se traduzir na ideia de ser a profissão em ação, em processo, em movimento”. Assim, a profissionalidade é dinâmica e carrega em si uma energia que “representa um horizonte para o qual convergem sonhos, desejos, expectativas, trabalho, esforço, crenças, compromisso, como é próprio das utopias” (Ludke; Boing, 2010, p. 3).

Na próxima seção, apresentaremos o percurso metodológico realizado para alcançarmos os objetivos desta pesquisa.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como mencionado, o objetivo desta pesquisa foi compreender como se constitui a profissionalidade dos recreadores em Pernambuco. Para tanto, realizamos uma pesquisa de abordagem qualitativa, o que nos permitiu a compreensão do fenômeno investigado por meio do contato mais aprofundado com os sujeitos e seus respectivos contextos.

A abordagem qualitativa abarca procedimentos metodológicos que consideram as subjetividades do pesquisador e dos sujeitos da pesquisa no processo de coleta, organização, tratamento, análise e interpretação dos dados. Segundo Romanelli (1998), “a subjetividade, elemento constitutivo da alteridade presente na relação entre sujeitos, não pode ser expulsa, nem evitada, mas deve ser admitida e explicitada e, assim, controlada pelos recursos teóricos e metodológicos do pesquisador [...]” (Romanelli, 1998, p. 128). Portanto, é, justamente, por levar em consideração a subjetividade dos envolvidos que optamos por esta abordagem.

Já Bogdan e Biklen (1994) ressaltam que o cerne da abordagem qualitativa é a procura de significados. Para eles, esta abordagem busca relacionar-se com os fatos que estão além do universo quantitativo, visto que a concepção e elucidação da dinâmica das relações sociais apresenta como objetivo interpretar o fenômeno que se observa. Conforme Minayo (2001), por seu turno,

a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2001, p. 21).

Assim, a escolha pela abordagem qualitativa justifica-se nesta pesquisa, uma vez que buscamos um caminho para a elaboração de estratégias e ações para o desenvolvimento de uma investigação que procurou unir elementos objetivos e subjetivos do recreador, em sua criação de sentidos e significados, sobre a sua prática na constituição de sua profissionalidade. Desse modo, destacamos a relevância da pesquisa qualitativa na educação, pois, como afirma Chizzotti (1995), esta abordagem de pesquisa

se fundamenta na relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro, está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas situações (Chizzotti, 1995, p. 79).

Em nossa pesquisa, nos propomos a compreender os significados da composição da profissionalidade, a partir dos relatos e dos sentidos que os recreadores exprimiram em relação à forma como vivenciam sua prática nos contextos em que constroem a sua atividade profissional. Sendo assim, do ponto de vista metodológico, esta pesquisa foi delineada como um estudo de caso, definido por Yin (2001) como:

[...] uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos. A investigação de um estudo de caso baseia-se em várias fontes de evidências e beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise de dados (Yin, 2001, p. 32).

A opção pelo estudo de caso justifica-se devido à nossa intenção de investigar um fenômeno atual, social e complexo: a constituição da profissionalidade do recreador. Compreender como os recreadores têm constituído a sua profissionalidade envolve uma questão pertinente, que, segundo Yin (2001), se alinha ao método do estudo de caso: “como?”. A relevância e peculiaridade do presente estudo demandou uma maior aproximação com o caso estudado e com os sujeitos envolvidos no respectivo contexto em que ocorre o fenômeno investigado.

Logo, o estudo de caso emergiu como uma estratégia de investigação da complexa questão desta pesquisa, por se tratar de um fenômeno social contemporâneo dentro de um contexto específico, no qual os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos. Sobre isso, Yin (2001) explica que o estudo de caso de abordagem qualitativa envolve a investigação de uma unidade específica no seu contexto. Esta unidade é selecionada com base em critérios predefinidos, e a pesquisa utiliza diversas fontes de dados

com o objetivo de proporcionar uma compreensão abrangente do fenômeno em estudo.

Sendo assim, o campo escolhido para a realização desta pesquisa foi o Sesc Pernambuco, devido ao seu pioneirismo e à sua histórica trajetória na promoção do lazer e da recreação no Brasil.

O Sesc Pernambuco é uma referência no desenvolvimento de ações no campo da recreação. Além de possuir uma atividade específica de recreação com profissionais exclusivos, o Sesc também apresenta o maior número de profissionais efetivos, com atuações sistemáticas presentes em toda extensão do território pernambucano.

Yin (2001) afirma que o estudo de caso pode abranger tanto casos únicos quanto múltiplos. Nesse contexto, embora a nossa pesquisa tenha ocorrido no âmbito do Sesc Pernambuco, o nosso campo de estudo foi subdividido em três naturezas distintas do Sesc, permitindo a investigação e comparação do fenômeno em diferentes contextos: 1) Centros Educacionais Sesc Ler; 2) Centros de Turismo e Lazer Sesc; e Unidades Executivas Sesc.

Em específico, o campo da nossa pesquisa foi composto por uma amostra de 6 (seis) unidades do Sesc Pernambuco, compreendendo 2 (duas) Unidades Executivas, 2 (dois) Centros Educacionais Sesc Ler e 1(um) Centros de Turismo e Lazer Sesc. As unidades-campo foram selecionadas com base no seguinte critério: ser uma unidade do Sesc Pernambuco que apresenta ações específicas direcionadas ao âmbito da recreação e do lazer, com recreadores experientes, contratados efetivamente, que são referência em sua atuação profissional.

Inicialmente, a nossa intenção era conduzir a pesquisa em 2 (duas) unidades do Sesc de cada uma das naturezas mencionadas anteriormente. Contudo, devido a alterações recentes no corpo de recreadores em 2 (dois) Centros de Turismo e Lazer Sesc, nas cidades de Guadalupe e Triunfo, em Pernambuco, não identificamos participantes que atendessem aos critérios estabelecidos para a inclusão em nossa pesquisa. Por essa razão, a investigação foi restrita ao Centro de Turismo e Lazer Sesc de Garanhuns, também localizado em Pernambuco.

Situado no Nordeste brasileiro e banhado pelo Oceano Atlântico, Pernambuco faz divisa com Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba e Piauí. O estado

é composto por 185 (cento e oitenta e cinco) municípios, sendo Recife a cidade mais populosa. Pernambuco, além de ser conhecido por sua diversidade cultural e praias paradisíacas, desempenha um papel relevante na economia e história do Brasil, desde a fundação do país. Segundo o Censo de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população pernambucana atingiu 9.058.155 habitantes, representando 4,46% do total nacional. No *ranking* populacional brasileiro, o estado ocupa a sétima posição e é o segundo mais populoso do Nordeste, ficando atrás apenas da Bahia.

A recreação e o lazer desempenham uma influência expressiva na vida e na cultura da população pernambucana, eventos como o Carnaval, festivais culturais e atrações naturais fortalecem o turismo do estado, juntamente com a cena cultural diversificada, a gastronomia peculiar e as práticas esportivas e recreativas nos parques e equipamentos públicos, gerando demanda por profissionais devidamente capacitados, dentre os quais os recreadores, para atuar nesses diferentes espaços.

Compreendendo que o recreador é um educador, cuja prática está voltada para a formação humana, visando à transformação social, entendemos que o presente estudo de caso é relevante para a compreensão sobre como os recreadores constituem a sua profissionalidade no estado de Pernambuco.

Dessa forma, a escolha pelo Sesc Pernambuco também justifica-se devido à necessidade de investigarmos os fenômenos próximos ao nosso contexto, fator crucial para buscarmos iniciativas que atendam às demandas sociais no contexto local, no qual estamos inseridos.

Além disso, esta escolha justifica-se, ainda, por entendermos que investigar aspectos ligados à constituição profissional dos recreadores no estado torna-se relevante por possibilitar o delineamento de um panorama local, viabilizando a criação de possíveis estratégias para alinhar os programas de formação profissional às oportunidades de atuação profissional dos recreadores em Pernambuco numa perspectiva educativa, a fim de proporcionar caminhos para uma formação humana.

Os sujeitos da pesquisa foram os profissionais que atuam como recreadores no Sesc Pernambuco. Nesse sentido, a coleta de dados foi realizada em duas etapas: a primeira, por meio da aplicação de questionário; e a segunda, por meio da realização de entrevistas semiestruturadas.

Para traçarmos um perfil dos participantes, utilizamos o questionário online, elaborado por meio da plataforma *Google Forms*, que foi utilizado com o intuito de caracterizar e identificar aqueles que fariam parte da segunda etapa da pesquisa. O link de acesso ao questionário foi enviado por meio de carta convite, enviada ao grupo de Whatapp dos Recreadores do Sesc Pernambuco. Além de apresentar a pesquisa, a carta também exibiu um convite para que os recreadores participassem da pesquisa acessando o link disponibilizado.

A utilização do questionário como instrumento de coleta de dados apresenta vantagens, pois, de acordo com Marconi e Lakatos (2010), economiza tempo, obtém grande número de dados, atinge grande número de sujeitos, obtém respostas mais rápidas, há mais liberdade de expressão nas respostas – quando garante o anonimato – e aponta a facilidade de uniformizar a avaliação dos dados em virtude da natureza impessoal do instrumento.

Sendo assim, a escolha pelo questionário online se deu, justamente, por sua acessibilidade, praticidade e ampla capacidade de emissão entre os sujeitos da pesquisa. Contudo, as autoras chamam a atenção para o cuidado que devemos ter na elaboração deste instrumento, ao destacar que

o processo de elaboração do questionário é longo e complexo: exige cuidado na seleção das questões, levando em consideração a sua importância, isto é, se oferece condições para obtenção de informações válidas. Os temas escolhidos devem estar de acordo com os objetivos geral e específicos (Marconi; Lakatos, 2010, p. 185).

Diante disso, procuramos selecionar questões pertinentes, que contribuíssem para o alcance de informações proeminentes. As questões solicitaram informações sobre gênero, faixa etária, zona de atuação na cidade, tempo de atuação profissional, identidade profissional, formação acadêmica, contextos de atuação, entre outros. Estas informações foram analisadas a partir das convergências e divergências identificadas. Com base nos dados encontrados, traçamos o perfil dos sujeitos que participaram da segunda etapa da pesquisa.

Destacamos a relevância da etapa de identificação dos sujeitos, uma vez que são peças fundamentais à investigação. Entendemos que a aproximação com os recreadores nos permitiu compreender como constituem a sua profissionalidade, bem como nos possibilitou identificar os respectivos

elementos constitutivos, para que, a partir dessas informações, pudéssemos refletir sobre os processos formativos desses profissionais.

Lüdke e André (1986) e Minayo (2010) ressaltam a importância da utilização de diversos procedimentos, situações e fontes para a realização da coleta dos dados, o que pode permitir a multiplicação das fontes de dados e, assim, possibilitar a ampliação da aproximação do objeto e dos resultados.

Assim sendo, para a segunda etapa da coleta de dados, utilizamos a entrevista semiestruturada, pois, por meio dela, os entrevistados tiveram a possibilidade de se expressar com maior liberdade. De acordo com Duarte (2004, p. 215), “entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados”.

Logo, por meio deste instrumento, buscamos alcançar os objetivos desta pesquisa. Ademais, com a entrevista, podemos

[...] fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados (Duarte, 2004, p. 215).

Corroborando o ponto de vista da autora supracitada, Ludke e André (1986, p. 34) afirma que a entrevista semiestruturada “se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações”. Segundo eles,

[...] a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. [...] a grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos (Lüdke e André, 1986, p. 33).

Desse modo, a entrevista semiestruturada possibilita a interação com o sujeito numa perspectiva mais abrangente, contribuindo para que ele tenha mais liberdade ao responder às perguntas do entrevistador. Nesse sentido,

Rosa e Arnoldi (2008) afirmam que é preciso assegurar-se de que a opção pela coleta de dados, através da entrevista, deve ser feita quando o pesquisador/entrevistador precisar valer-se de respostas mais profundas, para que os resultados da sua pesquisa sejam realmente atingidos, considerando que os sujeitos selecionados e conhecedores do tema em questão serão capazes de emitir opiniões concretas a respeito do assunto. Assim,

[...] a entrevista é uma ferramenta imprescindível para se trabalhar buscando-se contextualizar o comportamento dos sujeitos, fazendo a sua vinculação com os sentimentos, crenças, valores e permitindo, sobretudo, que se tenha dados sobre o passado recente ou longínquo, de maneira explícita, porém tranquila, e em comunhão em transferência e troca de confiabilidade (Biasoli-Alves, 1998, p. 144).

Salientamos que crenças, valores e sentimentos também são inerentes ao processo de constituição da profissionalidade – objeto desta pesquisa –, pois o modo como os sujeitos se enxergam implica no modo como se constituem, enquanto recreadores.

Minayo (2000) destaca um aspecto importante da entrevista: além da fala mais ou menos dirigida, é possível captar as relações, as práticas, os gestos e cumplicidades, bem como a fala informal sobre o cotidiano. Desse modo, a entrevista permite que haja trocas entre o pesquisador e o participante, com apreensões de sentidos e significados de expressões verbais e gestuais, que favorecem o diálogo, estabelecendo maior compreensão sobre o assunto abordado. Corroborando a perspectiva da autora, Bauer e Gaskell (2008) afirmam que

[...] toda pesquisa com entrevistas é um processo social, uma integração ou um empreendimento cooperativo, em que as palavras são o meio principal de troca. Não é apenas um processo de informação de mão única passando de um (o entrevistado) para o outro (entrevistador). Ao contrário, ela é uma interação, uma troca de ideias e de significados, em que várias realidades e percepções são exploradas e desenvolvidas (Bauer; Gaskell, 2008, p. 73).

Assim, compreendida como uma troca, a entrevista também pode consistir numa oportunidade de reflexão para o entrevistado sobre a sua trajetória de constituição profissional, bem como sobre os elementos e contextos importantes que contribuem e/ou contribuíram para tal.

No que se refere à análise dos dados coletados por meio das entrevistas, utilizamos a técnica da Análise de Conteúdo, elaborada por Bardin (2016), que implica

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (Bardin, 2016, p. 48).

Para tanto, cumprimos as seguintes etapas, propostas por Bardin (2016): 1) pré-análise; 2) exploração do material; 3) tratamento dos resultados obtidos; e 4) interpretação. Sabendo que a Análise de Conteúdo abarca um conjunto de técnicas, optamos pela análise temática, porque “consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (Bardin, 2016, p. 135).

A análise temática ocorreu em diferentes etapas, as quais permitiram o desmembramento do texto em unidades e em categorias que, analiticamente, foram reagrupadas. Assim, esse processo envolveu 2 (dois) momentos: 1) o inventário ou isolamento dos elementos; e 2) a classificação ou organização das mensagens, a partir dos elementos separados.

Por possibilitar a identificação de unidades temáticas, geralmente, a técnica em questão é utilizada “para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc.” (Bardin, 2016, p. 135). Estes elementos também estão atrelados à constituição da profissionalidade dos sujeitos enquanto recreadores.

O nosso percurso metodológico viabilizou o alcance da compreensão de como os recreadores do Sesc Pernambuco constituem as suas profissões, contribuindo para a reflexão sobre possíveis estratégias para o desenvolvimento de habilidades, competências, valores, entre outros elementos essenciais ao recreador, com o propósito de promover transformações sociais positivas. Isso envolve fomentar a inclusão, a saúde, o bem-estar, cultivando valores que contribuam para a constituição de uma

sociedade mais justa, como também para a formação de sujeitos mais humanos.

5 OS RECREADORES E SUAS PROFISSIONALIDADES: ACHADOS E REFLEXÕES

Neste capítulo, apresentamos os resultados da pesquisa, organizados de maneira a proporcionar uma visão ampla dos dados obtidos. Inicialmente, apresentamos o perfil dos Recreadores do Sesc Pernambuco, o processo de seleção dos participantes que compuseram a segunda etapa do estudo e um breve resumo das principais características de cada participante, com o propósito de contextualizar e facilitar a compreensão dos fenômenos analisados.

Em seguida, destacamos as duas grandes categorias de análise que emergiram da pesquisa, elaboradas a partir da interpretação dos dados, a primeira, “Contextos e Saberes Formativos das Profissionalidades dos Recreadores” e a Segunda, “Os Saberes que Constituem as Profissionalidades dos Recreadores”. Tais Categorias representam os principais eixos de discussão desta pesquisa, sendo basilares para a compreensão dos resultados alcançados.

O capítulo está organizado em quatro seções com os principais elementos que perpassam os achados. Dessa forma, além de apresentar os resultados da pesquisa, propomos uma reflexão crítica sobre os dados analisados, a fim de contribuir para o desenvolvimento do conhecimento sobre a constituição das Profissionalidades dos Recreadores.

5.1 PERFIL DOS RECREADORES DO SESC PERNAMBUCO

Como já dito, o processo de coleta de dados foi realizado em duas etapas. A primeira se deu por meio da aplicação de questionário e a segunda, de entrevista semiestruturada.

Nesta subseção, apresentamos o perfil dos recreadores que atuam no Sesc Pernambuco, expondo as suas principais características, a partir dos dados coletados na primeira etapa da entrevista, ou seja, na aplicação de questionário.

5.1.1 Distribuição dos recreadores

Os recreadores que participaram da primeira etapa da pesquisa estão distribuídos entre as Unidades Executivas do Sesc, Sesc Ler e Centros de Turismo e Lazer, em diversas cidades do estado de Pernambuco. Esses Recreadores estão distribuídos da seguinte maneira:

Sede (Fecomércio):

- Sede – 2 recreadores

Unidades Executivas do Sesc:

- Unidade Executiva Sesc Garanhuns – 1 recreador
- Unidade Executiva Sesc Casa Amarela – 2 recreadores
- Unidade Executiva Sesc Arcoverde – 3 recreadores
- Unidade Executiva Sesc Petrolina – 2 recreadores
- Unidade Executiva Sesc Serra Talhada – 2 recreadores
- Unidade Executiva Sesc Santo Amaro – 1 recreador
- Unidade Executiva Sesc Piedade – 1 recreador
- Unidade Executiva Sesc Caruaru – 1 recreador
- Unidade Executiva Sesc Santa Rita – 1 recreador

Sesc Ler:

- Sesc Ler Belo Jardim – 2 recreadores
- Sesc Ler Surubim – 2 recreadores
- Sesc Ler Bodocó – 2 recreadores
- Sesc Ler Buíque – 2 recreadores
- Sesc Ler Araripina – 1 recreador
- Sesc Ler São Lourenço da Mata – 1 recreador
- Sesc Ler Goiana – 2 recreadores

CTL (Centros de Turismo e Lazer) do Sesc:

- CTL Garanhuns – 4 recreadores
- CTL Sesc Guadalupe – 3 recreadores
- CTL Sesc Triunfo – 1 recreador

5.1.2 Características demográficas

- Vínculo de Trabalho

O questionário foi respondido por 36 recreadores, sendo 32 deles com vínculo efetivo e 4 com contratos temporários.

Gráfico 6 – Vínculo de Trabalho dos Recreadores do Sesc



Fonte: A autora (2023).

O fato de a maioria dos recreadores possuírem vínculo efetivo indica uma espécie de estabilidade no trabalho, enquanto os contratos temporários sugerem movimento para atender às demandas sazonais.

- Gênero

Gráfico 7 – Gênero dos Recreadores do Sesc PE



Fonte: A autora (2023)

Dessa forma, constatamos que, na instituição Sesc Pernambuco, dos 36 recreadores em atividade, há 21 profissionais do gênero feminino e 15 do gênero masculino. A forte presença feminina no corpo de recreadores pode representar vestígios de igualdade de oportunidades e inclusão de mulheres no campo profissional da recreação desta instituição. Um ambiente de trabalho acessível e equilibrado para ambos os gêneros contribui para a diversidade de experiências e perspectivas, as quais, por sua vez, ampliam as dimensões do desenvolvimento do trabalho.

- Idade

No que se refere à idade desses profissionais, os recreadores do Sesc Pernambuco apresentam entre 20 e 50 anos de idade. Além disso, eles possuem uma diferença etária de até três décadas.

- Autodeclaração de cor, raça e etnia

Quanto à autodeclaração de cor, raça e etnia, os recreadores apresentaram a seguinte distribuição: 41,7% declararam-se pardos; 27,8% pretos; 22,2% brancos; 5,6% amarelos; e 2,8% quilombolas. A diversidade étnico-racial dos recreadores é relevante e demonstra que há inclusão e representatividade dentro da instituição Sesc.

5.1.3 Formação acadêmica

- Percentual de recreadores com ensino superior

No que se refere à formação superior, podemos observar, no gráfico a seguir, o percentual de recreadores que possuem, não possuem ou estão cursando o ensino superior.

Gráfico 8 – Recreadores que possuem formação acadêmica



Fonte: A autora (2023)

Constatamos que, dos recreadores participantes desta pesquisa, 31 possuem formação superior, o que representa, aproximadamente, 86% do total. Ademais, quatro deles encontram-se, atualmente, cursando o ensino superior, correspondendo a cerca de 11%. Por fim, apenas um recreador não possui formação superior, representando, aproximadamente, 3% da amostra.

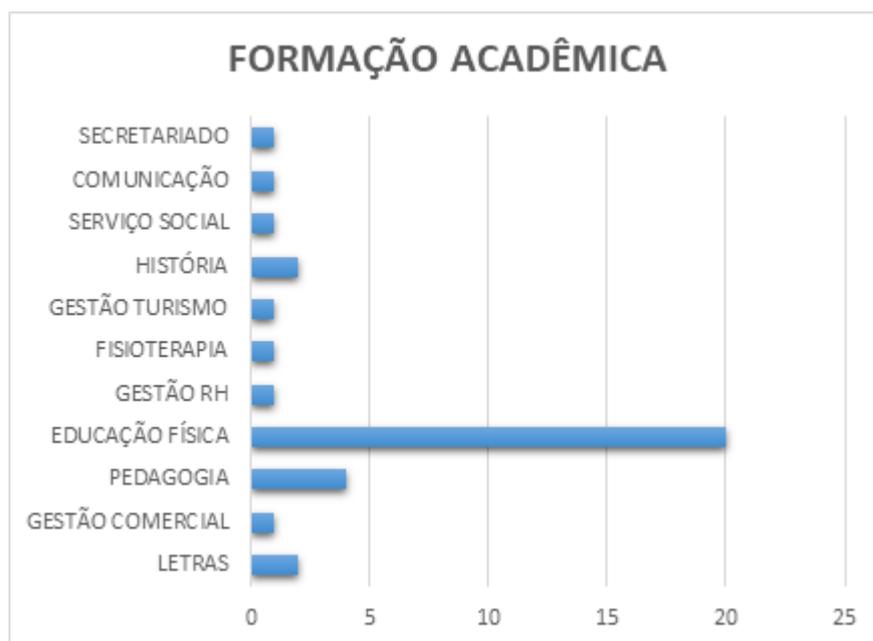
- Áreas de formação

Em relação à área de formação, 89% dos recreadores fizeram ou estão fazendo o curso superior. Dos 36 recreadores participantes, 20 estudam ou possuem graduação em Educação Física, representando, aproximadamente, 55,6% do total. Além disso, quatro estão cursando ou possuem formação em Pedagogia, correspondendo a cerca de 11,1%. Dois têm formação ou estão

cursando História, representando, aproximadamente, 5,6%, enquanto outros dois possuem formação ou estão cursando Letras, o que equivale a cerca de 5,6%.

No gráfico a seguir, podemos observar os cursos realizados pelos recreadores com as suas respectivas proporções:

Gráfico 9 – Formação acadêmica dos recreadores



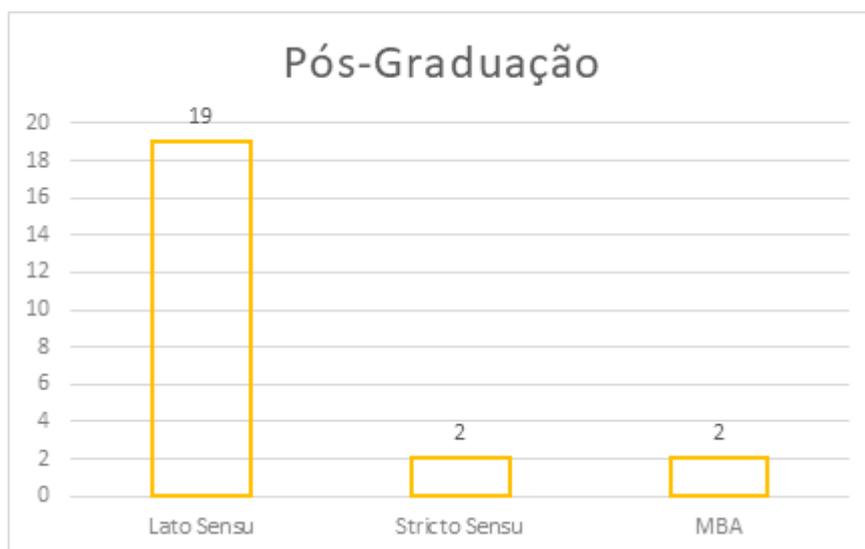
Fonte: A autora (2023).

Os resultados expressam a predominância do curso de Educação Física. Já o curso de Pedagogia, é o segundo de maior frequência, seguido pelas licenciaturas em História e Letras, o que revela certa aproximação da recreação com os cursos de licenciatura.

- Pós-graduação

No que se refere à pós-graduação, 21 recreadores possuem curso de pós-graduação, os quais estão distribuídos da seguinte forma:

Gráfico 10 – Tipo de pós-graduação dos recreadores



Fonte: A autora (2023).

Dos 21 recreadores participantes desta pesquisa, 19 possuem pós-graduação *lato sensu*, dois possuem pós-graduação MBA e outros dois possuem pós-graduação *stricto sensu* (mestrado). Alguns recreadores mencionaram que têm mais de uma graduação. Por isso, temos o registro de 25 pós-graduações.

Os dois recreadores que possuem pós-graduação MBA realizaram os cursos de Gestão Empresarial e Inovação (1) e Executivo em Hotelaria (2). Os dois recreadores que possuem pós-graduação *stricto sensu*, *por sua vez*, são Mestres em Educação Física.

Já os cursos de pós-graduação *lato sensu*, realizados pelos recreadores, são bem variados, como podemos observar no gráfico abaixo:

Gráfico 11 – Cursos de pós-graduação *lato sensu* dos recreadores

Fonte: A autora (2023).

A partir do gráfico acima, podemos inferir algumas informações importantes sobre a formação complementar dos profissionais, quais sejam:

Existe uma diversidade significativa de cursos de pós-graduação *lato sensu*, o que demonstra diferentes interesses dos recreadores: desde o treinamento esportivo até a pós-graduação em Educação Física Escolar. Esta é a pós-graduação com maior adesão pelos recreadores participantes desta pesquisa, seguida pela variedade de interesses relacionados à saúde, ao esporte e ao treinamento, especialidades diretamente ligadas ao curso de Educação Física.

Destacamos que, para trabalhar no Sesc Pernambuco como recreador, exige-se apenas o ensino médio completo e cursos na área de recreação. No entanto, percebemos que a maioria dos recreadores possuem curso superior e pós-graduação. Como era esperado, os cursos voltados para a área de Educação Física são os mais realizados pelos recreadores do Sesc, fato que, historicamente, está associado ao campo do lazer (Isayama, 2009).

Embora os cursos relacionados à área de Educação Física sejam a principal escolha dos recreadores, os cursos ligados à docência são a segunda opção deles.

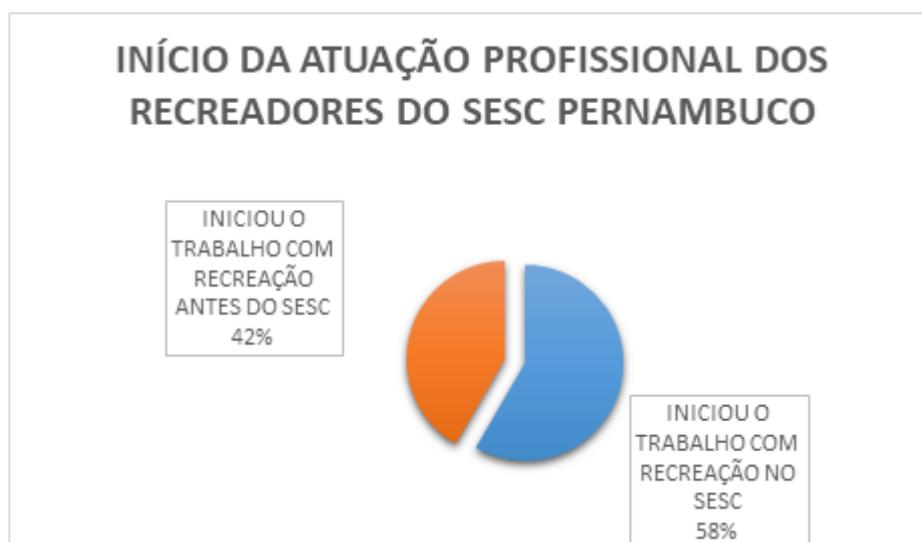
Diante do exposto, frente às informações coletadas, podemos afirmar que os recreadores estão buscando uma formação diversificada e especializada. Esse movimento, feito por cada recreador em busca de qualificação profissional, reflete parte das construções de profissões desses indivíduos.

5.1.4 Experiência profissional

- Experiência anterior à entrada no Sesc

A respeito da experiência profissional, 58% dos recreadores, o que representa a maioria, começaram a trabalhar com recreação no próprio Sesc, enquanto 42% deles iniciaram as suas atividades na área de recreação antes de ingressarem na instituição, conforme evidenciado no gráfico a seguir:

Gráfico 12 – Início da atuação profissional dos recreadores do Sesc Pernambuco



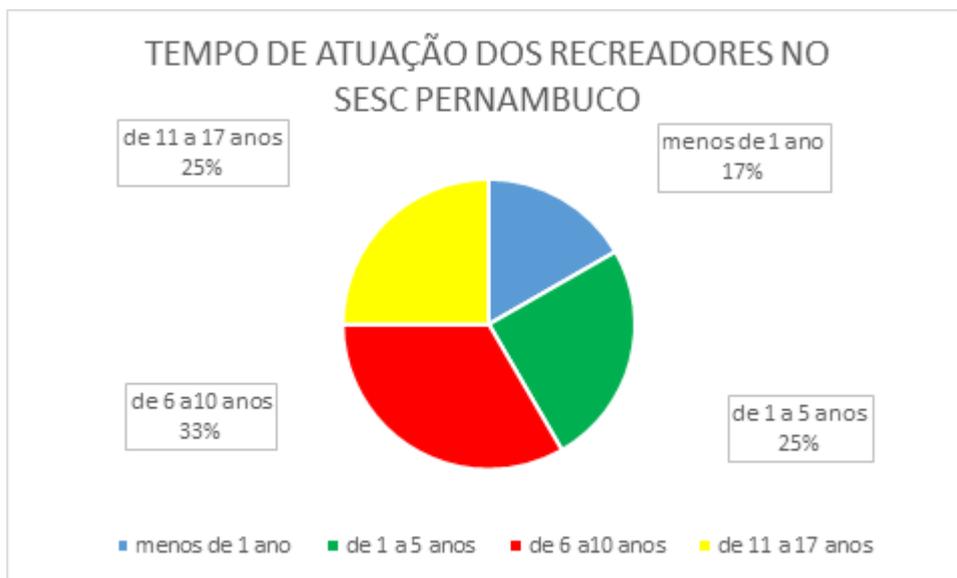
Fonte: A autora (2023).

O Sesc, além de ser um espaço de atuação dos profissionais de recreação, também é um espaço de formação profissional de novos recreadores.

- Tempo de atuação no Sesc

O gráfico a seguir apresenta o tempo de atuação dos recreadores no Sesc Pernambuco.

Gráfico 13 – Tempo de atuação dos Recreadores no Sesc Pernambuco



Fonte: A autora (2023).

Conforme evidenciado no gráfico acima, 25% dos recreadores estão em serviço no Sesc por um período superior a dez anos, 33% têm entre seis a dez anos de experiência nesta instituição, 25% possuem entre um a cinco anos de atuação no Sesc, enquanto 17% estão atuando há menos de um ano.

5.1.5 Fonte de renda

- Recreação como única fonte de sustento

No tocante à fonte de renda, observamos que 53% dos recreadores têm a recreação como a sua única fonte de sustento. Assim, podemos inferir que a maioria dos recreadores do Sesc se sustentam por meio do trabalho exclusivo com a recreação.

- Outras ocupações remuneradas

Os 47% dos recreadores restantes desempenham outras ocupações profissionais remuneradas, apresentadas na tabela a seguir:

Tabela 7 – Outras atividades profissionais desenvolvidas pelos recreadores

Nº	OUTRAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS DESENVOLVIDAS	Nº DE RECREADORES
<u>01</u>	Professor de Educação Física Escolar	7
<u>02</u>	Professora de ginástica	2
03	Arte/Educador	1
04	Atividades relacionadas a marketing e blogueiro	1
<u>05</u>	Atuação como professor de esportes	1
06	Atuação no turismo	1
07	Auxiliar de creche	1
08	Gestão escolar	1
<u>09</u>	Profissional de Educação Física	1
<u>10</u>	Personal trainer	1
11	Músico	1
TOTAL DE RECREADORES		18

Fonte: A autora (2023).

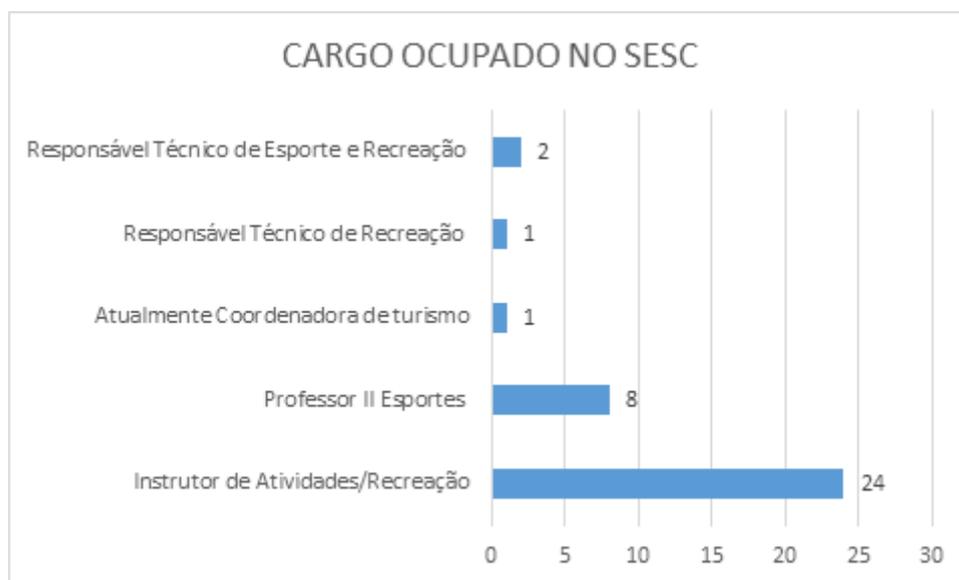
Os recreadores do Sesc desenvolvem diversas atividades, desde professor de Educação Física escolar até músico. No entanto, também constatamos que 12 das 18 atividades profissionais mencionadas pelos recreadores estão relacionadas ao campo da Educação Física.

Muitos fatores intrínsecos e extrínsecos podem estar associados ao envolvimento dos recreadores participantes desta pesquisa em outras atividades profissionais: desde a necessidade financeira até a realização pessoal. No entanto, a forte relação do campo da Recreação com a área da Educação Física torna-se mais evidente com esses dados, uma vez que a maioria dos recreadores desenvolve outras atividades profissionais ligadas à referida área.

5.1.6 Cargos ocupados no Sesc

Em relação às posições ocupadas no Sesc, observamos que os recreadores têm assumido uma variedade de cargos, que abrangem desde o cargo de *Instrutor de Atividades/Recreação* até funções de *Coordenação de Turismo*, como podemos observar no gráfico a seguir:

Gráfico 14 – Cargos ocupados pelos recreadores no Sesc



Fonte: A autora (2023).

A maioria dos recreadores do Sesc Pernambuco desempenha a função de *Instrutor de Atividades - Recreação*. Em seguida, como mostra o gráfico acima, vêm os recreadores que ocupam o cargo de *Professor II*. Estes devem, obrigatoriamente, possuir graduação em Educação Física, o que possibilita-lhes desempenhar outras atribuições na instituição, relacionadas à natureza do referido curso.

Os cargos de *Responsáveis Técnicos*, tanto em *Recreação* quanto em *Recreação e Esportes*, são posições de confiança, geralmente atribuídas aos profissionais também graduados em Educação Física. Da mesma forma, o cargo de *Coordenação de Turismo* é uma posição de confiança, que, além das competências para o cargo, exige formação superior em Turismo.

5.1.7 Funções desempenhadas

No que se refere às funções desempenhadas pelos recreadores no Sesc, de acordo com os dados coletados por meio do questionário, esses profissionais apresentaram uma variedade de atividades, incluindo o *planejamento*, a *execução e avaliação de projetos*, a *organização de eventos*

de lazer, bem como o acompanhamento dos processos financeiros relacionados à recreação da unidade.

Além disso, os recreadores se encarregam pela *elaboração de espaços para registros fotográficos atrativos para as redes sociais, pela criação de brincadeiras, pela gestão administrativa ligada à recreação, pela realização da recreação e pelo planejamento de programas recreativos para diversos públicos.*

Esses profissionais também são responsáveis por *conduzir oficinas de arte com materiais recicláveis, oficinas artísticas, jogos e campeonatos recreativos, além de avaliar projetos, elaborar programações e contratar serviços terceirizados.* Adicionalmente, alguns deles estão envolvidos em *atividades esportivas ligadas ao setor de Desenvolvimento Físico Esportivo (DFE), atuando como responsáveis técnicos, professores de futsal, natação, hidroginástica e musculação.*

Essas informações nos conduzem à reflexão sobre a gama de ações desenvolvidas pelos recreadores do Sesc, que exigem saberes, competências, atitudes e habilidades diretamente ligados à constituição de suas profissões.

Entender quais funções são desempenhadas pelo profissional de recreação é elementar para compreender que a nomenclatura *instrutor de atividades/recreação* não contempla a diversidade de funções desempenhadas pelos recreadores do Sesc, uma vez que essas funções caracterizam o perfil de uma profissão multifacetada necessária aos recreadores.

5.2 SELEÇÃO DOS SUJEITOS PARA A SEGUNDA ETAPA DA PESQUISA

Escolhemos os sujeitos que participaram da segunda etapa da pesquisa considerando os seguintes critérios: 1) ser um recreador que inspira profissionalmente outros recreadores do Sesc; 2) ser um profissional com vínculo efetivo, que tenha, no mínimo, três anos de trabalho como recreador do Sesc; 3) atuar como recreador em Sesc de natureza diferente: Sesc Ler, Unidade Executiva e Centro de Turismo e Lazer (CTL); e 4) ter a representação de dois recreadores por natureza Sesc, sendo um único recreador por Unidade Sesc.

Para atender ao primeiro critério, ainda no questionário, solicitamos que os participantes da primeira etapa da pesquisa escrevessem o nome de três recreadores do Sesc que os inspiram enquanto profissionais. Ao todo, foram mencionados 24 recreadores, uns mais frequentes que outros.

Em seguida, para atender ao segundo critério, excluimos os recreadores que tinham menos de três anos de experiência como recreador do Sesc. Este critério foi estabelecido levando em consideração os estudos de Tardif (2014), que, ao discutir sobre saber, tempo e carreira, define a fase inicial do processo de estabilização e de consolidação do trabalho docente após os três anos.

Segundo Tardif (2014), após três anos de experiência no trabalho, o profissional ganha mais confiança em si mesmo, enquanto profissional, passando a dominar aspectos do seu trabalho. Dessa forma, ao deslocarmos a lógica apresentada pelo autor, em relação ao trabalho docente, para refletirmos sobre o trabalho dos recreadores, compreendemos que a tomada de consciência dos recreadores, em relação aos elementos constituintes dos seus trabalhos nos contextos de atuação, serve de base para a construção gradual de suas identidades profissionais.

Em seguida, separamos os nomes dos recreadores por tipo de natureza Sesc, a fim de atender ao terceiro critério. Dentro de cada tipo de natureza Sesc, selecionamos os recreadores que foram mencionados mais vezes pelos demais participantes da pesquisa. A princípio, seriam dois recreadores por natureza Sesc, porém, no que se refere ao CTL, apenas um único recreador atendeu aos critérios estabelecidos. Sendo assim, participaram da segunda etapa da pesquisa cinco recreadores.

No entanto, além dos cinco recreadores selecionados, emergiram, a partir da fala destes, mais dois profissionais do Sesc que atuam, especificamente, na gestão da Atividade de Lazer, sendo uma na dimensão Estadual – Gerência Regional de Lazer – e outra na dimensão Nacional – Departamento Nacional do Sesc. Portanto, a segunda etapa da pesquisa contou, ao todo, com a participação de sete sujeitos, sendo cinco recreadores e dois profissionais da instituição.

Apresentaremos, a seguir, os sujeitos da segunda etapa da pesquisa.

5.3 CONHECENDO OS RECREADORES E PROFISSIONAIS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Nos estudos de Silva (2018), vimos que o ato de brincar é essencial para a formação do recreador. Além de proporcionar prazer e diversão, brincar tem o poder de criar experiências memoráveis. As lembranças afetuosas da infância, muitas vezes, incluem brincadeiras no quintal da casa da avó, nas calçadas e ruas, com primos e amigos.

Levando isso em consideração, decidimos atribuir codinomes aos participantes deste estudo, evocando as brincadeiras de rua, que marcaram seus passados não tão distantes. As crianças das décadas de 1970, 1980 e 1990 desfrutaram da liberdade de brincar na rua, criando amizades e memórias. Agora, como adultos, atuam como recreadores, proporcionando oportunidades para que outros vivenciem o brincar em suas diversas formas. Nesse cenário, nossos participantes, em conjunto, representam uma *Caixinha de Brincadeiras*, a qual é composta por: *Pula Corda*; *Amarelinha*; *Barra-bandeira*; *Pega-pega*; *Bola de Gude*; *Siga a Mestre*; e *Seu Mestre Mandou*.

Com o objetivo de compreender como os recreadores do Sesc, ou seja, nossa *Caixinha de Brincadeiras*, têm desenvolvido suas profissões, apresentaremos, de forma sucinta, a trajetória profissional de cada um deles, para proporcionar ao leitor uma compreensão mais ampla da realidade investigada.

- O Recreador Pula Corda

Nasceu em 31 de março de 1991, na cidade do Recife, Pernambuco. Descobriu sua paixão pela recreação, em 2013, ao ingressar no curso de licenciatura em Educação Física e realizar um curso complementar de Recreação, como parte dos requisitos acadêmicos. Sua primeira experiência profissional foi em uma colônia de férias escolares, o que o levou a considerar a recreação como carreira. Em 2016, iniciou sua jornada no Sesc como estagiário e, após ser contratado e aprovado em uma seleção pública, tornou-se recreador efetivo de uma das Unidades Executivas do Sesc, em Pernambuco. Embora ainda não tenha concluído a graduação em Educação

Física, Pula Corda acumula, até então, uma década de experiência na área, dedicando oito destes dez anos ao Sesc. Ele é um recreador que inspira e um profissional de referência para os recreadores do Sesc Pernambuco.

- A Recreadora Barra-bandeira

Nasceu em 12 de agosto de 1975, em Caruaru, Pernambuco. Antes de se tornar recriadora, já tinha experiência como arte-educadora. Seu envolvimento com a recreação começou, em 1996, no Sesc de sua cidade natal, onde se identificou com a área. Iniciou seu trabalho no Sesc, por meio de contratos temporários, mas, vendo a oportunidade de atuar profissionalmente, foi efetivada, em 2013, após aprovação em seleção. Sentindo a necessidade de aprofundar seus conhecimentos em processos educativos, graduou-se em Pedagogia pela Aces Unita, em 2022. Barra-bandeira é funcionária efetiva do Sesc há 11 anos, onde se tornou uma recriadora que inspira uma profissional de referência para os recreadores do Sesc Pernambuco.

- A Recreadora Amarelinha

Nasceu em 23 de junho de 1980, em São Paulo. Graduada em Pedagogia, Amarelinha acumulou experiência como auxiliar de professora, professora e coordenadora pedagógica, antes de ingressar na recreação. Sua jornada nesse campo começou no Sesc Ler, no agreste pernambucano, durante uma colônia de férias. Reconhecendo a recreação como uma carreira viável, ela foi efetivada, no início de 2017, após uma seleção pública. Amarelinha tem sido uma funcionária dedicada ao Sesc há oito dos seus 11 anos de carreira como recriadora. Ela é uma recriadora que inspira e também é uma profissional de referência para os recreadores do Sesc Pernambuco.

- O Recreador Bolinha de Sabão

Nasceu em 4 de novembro de 1987, em Bodocó, Pernambuco. Descobriu a recreação no Sesc, em 2010, durante uma colônia de férias. Formou-se em Letras pela Faculdade de Professores de Araripina (FAFOPA), em 2012, e, no mesmo ano, após ser aprovado em um concurso público, juntou-se ao quadro de funcionários efetivos do Sesc. Com 13 anos de atuação exclusiva no Sesc, ele buscou ampliar suas qualificações profissionais, ao

ingressar no curso de Administração na Universidade Paulista, em 2021, em meio às incertezas da pandemia da COVID-19. O recreador Bolinha de Sabão é um recreador que inspira e também é um profissional de referência para os recreadores do Sesc Pernambuco.

- O Recreador Pega-pega

Nasceu em 5 de maio de 1983, em Garanhuns, no Agreste pernambucano. Antes de se dedicar à recreação, trabalhou como fotógrafo de eventos. Sua trajetória no Sesc começou, em 2007, com uma experiência numa colônia de férias, que marcou o início de sua carreira no campo. No ano seguinte, foi efetivado no quadro de funcionários de um Centro de Turismo e Lazer (CTL) do Sesc, em Pernambuco, após ser aprovado em um processo seletivo. Formou-se em Secretariado pela Autarquia do Ensino Superior de Garanhuns (AESGA), em 2012. Com 17 anos de experiência em recreação, Pega-pega é um recreador que inspira e um profissional de referência para os recreadores do Sesc Pernambuco.

Nesta breve introdução dos nossos recreadores, podemos observar que cada um deles possui características distintas, mas também compartilham elementos em comum. Vamos explorar essas características com mais detalhes nas próximas seções.

- A Profissional Siga a Mestre

Nasceu em 30 de março de 1977, no Recife, capital de Pernambuco. Sua relação com a recreação se deu antes dos anos 90, quando ela e uma amiga começaram a organizar intervenções de lazer para os amigos em casa. Durante a faculdade de Educação Física na UPE, em 1996, Siga a Mestre ampliou sua visão sobre recreação, através de disciplinas específicas e cursos adicionais. Foi a Educação Física que a conduziu para o campo da recreação.

Após um curso na Companhia do Lazer, ela se tornou monitora e realizou vários projetos de recreação por esta empresa. Profissionalmente, atuou na Cia. do Lazer, onde percebeu que a recreação beneficia tanto os participantes quanto os recreadores, trazendo-lhe grande satisfação. Com o tempo de experiência, ela percebeu que o prazer proporcionado aos outros, por meio de sua atuação profissional, também lhe traz prazer.

Em 1999, coordenou as atividades de lazer de um parque aquático, localizado no litoral Norte de Pernambuco. Em 2004, Siga a Mestre ingressou no Sesc Pernambuco, integrando a primeira equipe de recreação da instituição. Mais tarde, assumiu a supervisão de recreação em uma Unidade Executiva Sesc, em Jaboatão dos Guararapes, e, em seguida, em outra unidade na capital. Pouco tempo depois, foi convidada para a Coordenação Regional de Recreação do Sesc Pernambuco. Hoje, Siga a Mestre ocupa o cargo de Coordenadora Regional de Lazer do Sesc Pernambuco, sendo responsável pela gestão dos campos de Turismo, Desenvolvimento Físico Esportivo (Esportes) e Recreação.

Com uma carreira de, aproximadamente, 28 anos no campo da Recreação, ela dedicou 20 destes anos à instituição Sesc, onde tem vivenciado e contribuído significativamente para o campo do Lazer, até os dias atuais. Por ela ocupar um lugar de catedrático no desenvolvimento profissional dos recreadores/participantes desta pesquisa, denominamos a referida profissional de Siga a Mestre, aludindo a uma brincadeira popular, na qual os brincantes devem seguir e copiar todos os movimentos que a (o) mestre fizer.

- A Profissional Seu Mestre Mandou

Nascida na Zona Oeste do Rio de Janeiro, a profissional Seu Mestre Mandou é formada em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Mestre em Lazer pela UFMG. Ela trabalha na Gerência de Lazer do Departamento Nacional do Sesc (DN Sesc) como especialista em lazer, sendo responsável pelo campo da Recreação. Seu Mestre Mandou exerce essa função há 25 anos. Embora esteja no campo da Recreação desde que ingressou no Sesc, Seu Mestre Mandou nunca foi recreadora. Profissionalmente, antes de começar a atuar no Sesc, há aproximadamente 30 anos, a referida profissional atuava com turismo pedagógico, oferecendo roteiros para escolas. Em seu trabalho, unia o conhecimento adquirido enquanto historiadora ao movimento do turismo pedagógico, que estava começando a existir no Rio de Janeiro. Em seguida, Seu Mestre Mandou, após uma seleção, ingressou no DN Sesc, onde atua até o presente momento. No DN Sesc, a profissional trabalha com processos normativos, institucionais, área de aperfeiçoamento, treinamento e assessoramento aos Sescs espalhados

pelo Brasil. Logo, a denominamos de Seu Mestre Mandou, por ela representar uma fala institucional sobre a recreação do Sesc em dimensão nacional.

5.4 CONTEXTOS E SABERES FORMATIVOS DAS PROFISSIONALIDADES DOS RECREADORES DO SESC PERNAMBUCO

Tendo em vista o principal objetivo desta pesquisa, que consiste em compreender a constituição das profissões dos recreadores do Sesc Pernambuco, nesta seção, analisaremos duas categorias elementares para compreender a constituição das profissões desses indivíduos.

A primeira delas refere-se aos *Contextos formativos das profissões dos recreadores*. Diante disso, ainda na referida seção, apresentaremos como estrutura-se a instituição Sesc, destacando os principais elementos que estão diretamente ligados ao ser e vir a ser recreador.

Conforme afirma Isayama (2010, p.17),

o local da prática pode constituir-se como um espaço formativo, a partir do momento que essa prática seja reflexiva, ou seja, capaz de identificar problemas e tentar buscar soluções para eles, além de considerar a subjetividade dos sujeitos que estão intervindo.

Dessa forma, o contexto de trabalho, no qual o recreador está inserido, é um espaço potencial para o desenvolvimento da sua profissão; além disso, suas características individuais influenciam e, ao mesmo tempo, são influenciadas por esse contexto (Gorzoni; Davis, 2017).

Nesse sentido, Morin (2003) ressalta que “um saber só é pertinente se somos capazes de situá-lo em um contexto” e que “o conhecimento só é conhecimento enquanto organização, relacionado com as informações e inserido no contexto destas” (Morin, 2003, p. 16).

Sendo assim, buscamos analisar a influência do contexto de atuação dos recreadores na constituição das suas profissões, destacando como as experiências vivenciadas nos contextos de trabalho delineiam e aprimoram suas práticas e identidades profissionais. Além disso, também apresentamos os principais limites e possibilidades do ser recreador, apontados pelos recreadores participantes da presente pesquisa.

A segunda categoria, sobre a qual trataremos nesta seção, diz respeito aos *Saberes que constituem as profissões dos recreadores do Sesc Pernambuco*. Sobre o assunto, Gomes (2011a, p. 38) entende a formação do profissional de lazer a partir dos “saberes”, afirmando que:

[...] eles constituem pressupostos mais amplos e que dizem respeito aos conhecimentos formais e informais dos sujeitos, considerando: os contextos, espaços e tempos socioculturais, políticos e econômicos; as transformações técnicas e organizacionais; os impactos ambientais; as contradições da sociedade; os laços coletivos e de solidariedade, sendo significativo avaliar também as influências de agrupamento social, de gênero, crença, etnia e grupos geracionais, entre outras (Gomes, 2011a, p. 38).

Diante disso, discutiremos aqui os conhecimentos, as habilidades e competências fundamentais para o desenvolvimento profissional do recreador. Para Morin (2005, p. 66), “é preciso, em certos casos, juntar os princípios, as ideias e as noções que parecem opor-se uns aos outros”. Logo, acreditamos que analisar os saberes dos recreadores exige um pensamento complexo e integrador. Por isso, com base nas ideias do referido autor, buscamos apresentar os saberes que constituem as profissões dos recreadores, por meio de uma analogia com o campo da Física, denominando esses saberes como *Os Campos dos Saberes dos Recreadores*.

Sendo assim, a seguir, apresentamos os contextos formativos das profissões dos recreadores.

5.4.1 Contextos formativos das profissões dos recreadores

Na presente subseção, primeiramente, procuramos caracterizar os contextos que contribuem para a constituição das profissões dos recreadores do Sesc PE, analisando o contexto Sesc e estabelecendo um diálogo com as principais ideias sobre a profissão. Essa caracterização é fundamental porque o processo de formação da profissão também se dá a partir de contextos.

Nesse sentido, Gorzoni e Davis (2017) afirmam que a profissão, além de estar relacionada aos comportamentos, habilidades, atitudes e valores, influencia e também é influenciada pelos próprios contextos de

trabalho. Este ponto de vista também foi defendido por Ambrosetti e Almeida (2009), que dizem que o contexto de trabalho é substancial para a constituição da profissionalidade.

Compreendemos como *contexto* o conjunto de fatores físicos, sociais, temporais, laborais e institucionais que influenciam diretamente na constituição da profissionalidade dos recreadores. Sendo assim, o contexto está para além do próprio espaço físico, situando-se no tempo e sendo composto por diferentes elementos situacionais.

Dando continuidade a esta subseção, a seguir, apresentamos o nosso campo de investigação, o Sesc Pernambuco, a fim de identificar os contextos profissionais que contribuem para as profissionalidades dos recreadores. Em seguida, apresentamos, também, os principais documentos norteadores e abordaremos a política e estrutura organizacional da recreação no Sesc Pernambuco.

Depois, verificamos os principais fatores que estão relacionados ao processo de formação das profissionalidades dos recreadores. Na sequência, voltamos o nosso olhar para os espaços ligados à prática desses profissionais.

Por fim, apresentamos os *personagens* influentes na constituição das profissionalidades dos recreadores, identificando os atores que contribuíram para a formação das profissionalidades dos participantes desta pesquisa. Além disso, para completar a visão panorâmica dos contextos formativos das profissionalidades desses sujeitos, reiteramos a posição política da presente pesquisa, anunciando as possibilidades e denunciando os limites do ser recreador.

5.4.1.1 Conhecendo os contextos de atuação profissional dos recreadores

- O contexto do Sesc Pernambuco

O Sesc foi criado, em 1946, pelos empresários do comércio, com o objetivo de ampliar e qualificar o acesso à educação, saúde, cultura, lazer e assistência para os trabalhadores do comércio e seus familiares, além da população em geral.

Em Pernambuco, o Sesc foi implementado em 1947 e conta com 23 unidades operacionais em 18 municípios. Desde então, a instituição em

questão tem atuado de diferentes formas em todo o estado, contando com sede administrativa, restaurantes, centros culturais, unidades móveis, unidades executivas, centros educacionais e centros de turismo e lazer. Os três últimos dispõem de ações específicas voltadas para o campo da recreação e do lazer.

As Unidades Executivas do Sesc Pernambuco possuem uma infraestrutura que possibilita oferecer serviços nos campos de educação, lazer, cultura e saúde, além de assistência aos comerciários, seus familiares e à população em geral. No estado de Pernambuco, o Sesc possui dez Unidades Executivas, quatro na Região Metropolitana do Recife – Casa Amarela, Piedade, Santo Amaro e Santa Rita – e seis no interior de Pernambuco – Arcoverde, Caruaru, Garanhuns, Petrolina, Serra Talhada e Floresta.

No entanto, nosso campo de investigação foi composto por apenas duas Unidades Executivas Sesc, uma localizada na zona Norte da capital pernambucana e outra situada no interior, mais precisamente, na Região Agreste do estado.

- O contexto das Unidades Executivas

A primeira Unidade Executiva Sesc (UE Sesc) foi inaugurada em 1975 e localiza-se na zona Norte do Recife. Foi a primeira unidade da Região Metropolitana a contar com um parque aquático recreativo e esportivo. A sua infraestrutura, além de contar com um parque aquático, é composta por: setor de administração; agência de turismo; atelier; biblioteca; central de relacionamento; Centro de Difusão e Realizações Musicais (CDRM); Cineclube Coliseu; consultório odontológico; escola; galeria de artes; lanchonete; quadra poliesportiva; turismo social; Restaurante Seu Xaxá; e Teatro Capiba.

A segunda UE Sesc, que também foi campo da nossa pesquisa, foi fundada no ano de 1950, em uma sala cedida pela Associação Comercial. Após 33 anos, a sua sede atual foi inaugurada, no ano de 1983, oferecendo atividades nas áreas de lazer, educação, cultura, assistência e saúde, por meio de uma infraestrutura composta por: academia; administração; agência de turismo; biblioteca; brinquedoteca; central de relacionamento; escola; Galeria de Arte Mestre Galdino; ginásio de esportes; lanchonete; minicampo de futebol; parque aquático; sala de convivência; salão de eventos; sala de música; sala

de pintura em tela; sala de teatro e dança; Restaurante Luiz Lua Gonzaga; e Teatro Rui Limeira Rosal.

- O contexto dos Centros Educacionais Sesc Ler

Os Centros Educacionais Sesc Ler fazem parte de um programa de educação integrada à cidadania. Os Centros Educacionais Sesc Ler foram implantados em municípios que possuem baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), a fim de contribuir para a redução do analfabetismo no estado de Pernambuco. Dentre esses municípios, encontram-se: Araripina; Belo Jardim; Bodocó; Buíque; Goiana; São Lourenço da Mata; e Surubim. No entanto, o nosso campo de pesquisa foi composto por apenas dois Sesc Ler.

O primeiro Sesc Ler, que foi campo da nossa pesquisa, foi inaugurado em 03 de junho de 2003, tendo como prioridade a educação de crianças, jovens e adultos da região. O Sesc Ler direciona o seu trabalho para os estudantes e à comunidade em geral, com a oferta de serviços que abarcam os campos da educação, cultura e do lazer. A sua infraestrutura conta com o seguinte: administração; campo de futebol; campo de futebol *society*; central de relacionamento; escola; horta; parque aquático; pátio de carretas; quadra poliesportiva; quiosque; refeitório; sala de informática; sala de leitura; e salas técnicas.

O segundo Sesc Ler, também selecionado como campo da nossa pesquisa, foi inaugurado no ano de 2005 e localiza-se no sertão pernambucano. Lá, ele oferece aos comerciários e suas famílias serviços nas áreas de educação, lazer, cultura, saúde e assistência. A sua infraestrutura é composta por: administração; central de relacionamento; escola; sala de leitura/biblioteca; sala de informática; refeitório; sala multiuso; parque aquático; quadras poliesportivas; e pátio de carretas.

- O contexto dos Centros de Turismo e Lazer

Os Centros de Turismo e Lazer (CTL) são hotéis que oferecem espaço para descanso, lazer e eventos, com serviços de hospedagem e passeios turísticos. Em Pernambuco, há três CTL: o CTL Garanhuns (Agreste); o CTL Triunfo (Sertão); e, recentemente, o CTL Guadalupe (Litoral).

Embora o Sesc Pernambuco possua três CTLs, selecionamos apenas um deles como nosso campo de pesquisa, pois apenas o CTL selecionado possuía a atuação de um recreador que atendia aos critérios estabelecidos para a escolha dos participantes desta pesquisa.

O CTL Sesc escolhido oferece uma infraestrutura hoteleira e está situado no Agreste de Pernambuco, a pouco mais de 200 quilômetros da capital do estado. A cidade é popularmente conhecida como a Suíça pernambucana, por causa do seu clima ameno, no verão, e das temperaturas baixas, no inverno, o que é atípico para o resto da região.

O referido CTL possui uma infraestrutura que abarca: 28 apartamentos *standard* com televisão, telefone, frigobar, ar-condicionado e banheiro; 18 apartamentos superiores com televisão, telefone, frigobar, ar-condicionado e banheiro; 55 apartamentos suítes com frigobar, televisão, telefone, internet, ar-condicionado, toailete, sendo dois adaptados para portadores de necessidades especiais; piscinas; restaurante; *Business Center* com acesso à internet; brinquedoteca; salão de jogos e de festa; parque infantil; loja de *souvenirs*; e academia. O serviço de hospedagem oferecido é de *Pensão Simples*, incluindo o café da manhã.

O CTL também disponibiliza espaços para alugar, dentre os quais: o Centro de Convenções, climatizado e equipado, com diversos espaços; o Auditório I, com capacidade para até 270 pessoas; o Auditório II, com capacidade para até 160 pessoas; o Salão de Festas, com capacidade para até 100 pessoas; e o Cine Vídeo, com capacidade para até 50 pessoas.

5.4.1.2 Documentos norteadores, política e estrutura organizacional da recreação no Sesc Pernambuco

Até o presente momento, apresentamos como está organizada a instituição Sesc, mais especificamente, no estado de Pernambuco. No entanto, é preciso destacar que o Sesc é uma instituição de grande porte e multifacetada, o que justifica a complexidade do contexto ao qual estamos nos referindo.

Desde a sua fundação, o Sesc tem se estruturado nas diferentes regiões do país por meio do Departamento Nacional. Lá, são constituídas as diretrizes

e políticas que as unidades de todo o país devem ter como referência, para que haja a condução adequada dos trabalhos a serem desenvolvidos em cada região.

De acordo com o depoimento de Seu Mestre Mandou, o Sesc, por meio do Departamento Nacional, produziu dois documentos que direcionam a prática dos recreadores de todo o Brasil. O primeiro é o *Modelo de Atividade de Recreação*,⁵ publicado em 2006, que busca orientar as práticas institucionais da atividade de recreação, como bem descreve a profissional Seu Mestre Mandou:

A gente tem o *Modelo da Atividade de Recreação*, que, na verdade, é também um documento orientador de fazeres. Esse documento é dividido em quatro partes. Ele tem um capítulo que fala do módulo político da recreação, como que a recreação precisa ser pensada dentro do serviço Sesc. A gente tem o módulo de Recursos Humanos, onde a gente fala qual é o ideal do profissional, como é que a gente precisa entender que a formação precisa se constituir para trabalhar no Sesc. A gente tem um módulo de programação, onde a gente fala um pouquinho sobre como o Sesc precisa pensar as suas ofertas. E, aí, as ofertas se desdobram em programações, que elas podem atender a demanda dos hotéis, elas podem atender as demandas das unidades que funcionam durante a semana inteira, elas podem atender a demandas específicas, que é do trabalho mais para público escolar, para público de idosos, enfim. E a gente tem um módulo de espaços e equipamentos, onde a gente fala mais ou menos como devem se constituir os espaços de recreação. Como é que a gente deve pensar uma brinquedoteca, como é que a gente deve pensar um parque aquático, como é que a gente deve pensar um salão de jogos. A gente também tem esse módulo. Então, é um documento que se constitui de 4 capítulos, esses são os principais (Profissional Seu Mestre Mandou).

A partir da fala da profissional Seu Mestre Mandou notamos que há uma organização institucional que estrutura a atividade de recreação do Sesc, norteando o trabalho do recreador dentro de seu contexto. Sobre o referido documento, tivemos acesso ao *Módulo Programação*, do *Modelo de Atividade de Recreação*, também publicado no ano de 2006. Nele, estão contidos os aspectos conceituais, metodológicos, operacionais, bem como as respectivas diretrizes de uma programação recreativa.

O segundo módulo, intitulado *Política de Lazer*, foi publicado em 2012 e consiste num documento norteador para todas as atividades que

⁵ Termo utilizado pelo próprio Sesc para se referir a uma das áreas de serviço oferecidas pela instituição.

compreendem o lazer do Sesc: recreação; turismo; e desenvolvimento físico esportivo. A seguir, a profissional Seu Mestre Mandou explica como está constituído o referido documento:

Temos uma *Política de Lazer*, que é o nosso documento maior. Na verdade, a política, ela deve orientar os procedimentos, a maneira de ser do Sesc, atuando no campo do lazer. E, aí, ali a gente tem as diretrizes, as quais a gente segue para que a gente ofereça serviços de lazer. Essa política de lazer ela também olha um pouco para as especificidades das três atividades que compõem essa gerência. Então, a gente tem o corpo de um documento maior, que é conceitual, onde a gente procura dar para as pessoas a noção de qual é o caminho que o Sesc, o Departamento Nacional, escolheu em relação ao campo do lazer. Olha, a gente trabalha com lazer dissociado de lazer/consumo. Então, é o nosso diferencial, em relação a qualquer proposta e oferta de serviço lá fora. Então, a gente busca alternativas para minimizar os efeitos do lazer/consumo dentro da instituição. A política, ela diz isso. Ela traz algumas diretrizes para o trabalho específico em cada uma dessas atividades. E, no campo da recreação, essas diretrizes apontam que, na verdade, o nosso trabalho, ele é eminentemente e essencialmente lúdico. A gente trabalha com esse viés, então todo o combustível daquilo que a gente vai oferecer precisa passar pelo aspecto da ludicidade. A gente entende também que dissociar essa questão do lazer/mercadoria para o lazer/fruição é muito importante. Então, é uma diretriz nossa também. Uma outra diretriz é a questão da formação profissional, que a gente entende que o Sesc é o espaço de atuação e é o espaço de formação. O nosso recreador, enquanto ele estiver ali, ele está à frente de um serviço da empresa, ele também está se organizando na questão de receber informações e construir um conhecimento, um saber próprio (Profissional Seu Mestre Mandou).

A partir da fala da profissional Seu Mestre Mandou, compreendemos como a política institucional de lazer do Sesc está estruturada. A recreação aparece como um dos componentes da grande área do Lazer, ainda que o referido documento contenha as diretrizes que fundamentam e orientam todas as ações das atividades que constituem o lazer do Sesc.

O primeiro ponto que destacamos é o intuito da instituição de deslocar o lazer da lógica do mercado e consumo para a lógica da fruição, pois isto propõe trazer ao centro da reflexão o próprio sujeito. Dessa forma, o lazer passa a representar

[...] a necessidade de fruir, ludicamente, as incontáveis práticas culturais constituídas, socialmente, em cada contexto. Essa necessidade pode ser satisfeita de múltiplas formas, segundo os valores e interesses dos sujeitos, grupos e instituições em cada contexto histórico, social e cultural. Por isso, o lazer precisa ser

tratado como um fenômeno social, político, cultural e historicamente situado (Gomes, 2011, p. 16-17).

Além de propor uma lógica do lazer voltada para a fruição, o referido documento institucional orienta que o trabalho desenvolvido pelas áreas de lazer do Sesc seja essencialmente lúdico. Essa perspectiva de trabalho, pautada na ludicidade, é imperativa para a construção e afirmação do sujeito criativo e construtor da sua própria história (Fernandes, 2013).

Dessa forma, com suas ações, o Sesc busca contribuir para a formação e o desenvolvimento da autonomia crítica, criativa e reflexiva dos sujeitos que vivenciam o lazer de fruição.

No que tange à formação e ao desenvolvimento profissional, como observamos na fala da profissional Seu Mestre Mandou, a instituição tem ciência da importância de promover formações para os profissionais, para que estes estejam aptos a desenvolver o trabalho proposto por ela. Ou seja, ao atuar como recreador do Sesc, o profissional desenvolve saberes específicos do seu fazer na própria instituição. Dessa forma, o Sesc possibilita que o recreador mobilize saberes específicos da sua prática profissional, que está situada em um contexto institucional. Este contexto, por sua vez, é composto por uma política e uma estrutura organizacional internas, que fundamentam e conduzem a ação dos seus profissionais.

Logo, podemos afirmar que a política e a estrutura organizacional do Sesc constituem a profissionalidade dos recreadores, uma vez que os elementos que as fundamentam orientam o trabalho dos recreadores do Sesc. Assim, identificamos que a profissionalidade dos recreadores possui uma dimensão institucional (André e Placco, 2007), que está relacionada aos processos formativos ocorridos nos contextos de trabalho, a partir das práticas institucionais.

5.4.1.3 Descortinando os fatores que contribuem para as profissionalidades dos recreadores

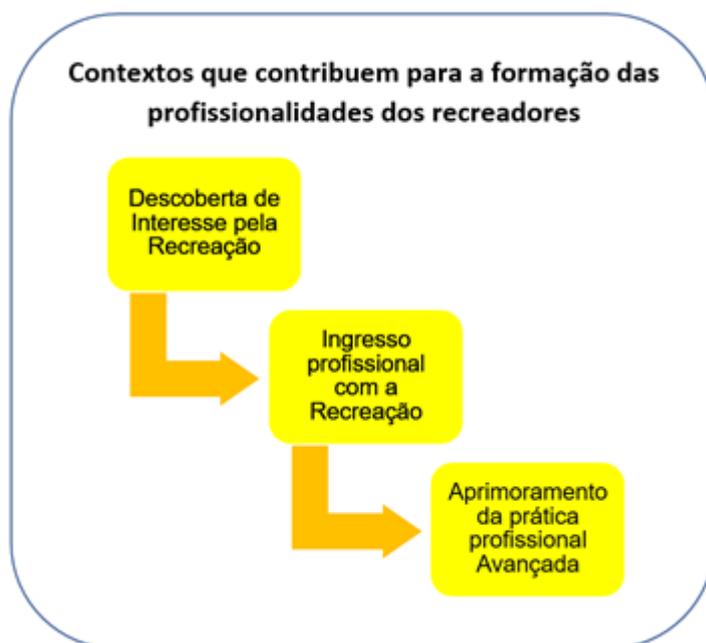
São muitos os elementos que constituem a profissionalidade de um profissional e grande parte destes estão situados no contexto de trabalho. Diante disso, o contexto de trabalho dos recreadores emerge como fonte de

aquisição de saberes, “uma vez que trabalhar remete a aprender a trabalhar, ou seja, a dominar progressivamente os saberes necessários para a realização do trabalho” (Tardif, 2014, p. 57). Logo, a profissionalidade também é desenvolvida no contexto de trabalho, onde a identidade do recreador, além de influenciar, também é influenciada.

Dentro dos contextos de trabalho existem alguns elementos que influenciam na profissionalidade dos recreadores, que estão presentes desde a descoberta da recreação como campo profissional até o aprimoramento constante da prática profissional avançada.

Dessa forma, com o intuito de caracterizar os contextos que contribuem para a constituição das profissionalidades dos recreadores do Sesc PE, elaboramos uma sequência linear, para facilitar a compreensão, conforme ilustra a imagem a seguir:

Figura 1 – Esquema sobre os contextos de formação das profissionalidades



Fonte: A autora (2024).

Como podemos observar, o imagem acima destaca os três pontos elementares que serviram de base para nossas reflexões sobre os contextos que contribuem para a formação das profissionalidades dos recreadores. A seguir, discutiremos sobre cada ponto destacado.

- Descoberta do interesse pela recreação

Ao nos debruçarmos sobre a investigação de como se deu a aproximação dos sujeitos com o campo da Recreação, numa perspectiva profissional, constatamos que a maioria deles apontou o Sesc como responsável pela sua relação inicial com a recreação, como podemos conferir nos trechos de relatos abaixo:

Eu recebi um convite para participar de uma colônia de férias no Sesc. Aí, o Sesc que me trouxe essa visão do profissional e também da atividade de lazer. Então, tudo começou bem lá atrás, em 2006. [...] Então, com o tempo, através da instituição Sesc, pude abrir a minha cabeça para entender que isso poderia ser uma profissão e uma maneira de lucrar também com recreação (Recreador Pega-pega).

A recreação é onde eu vi que eu poderia trabalhar, foi a partir do Sesc mesmo, né? Porque, como pedagoga, a gente trabalha em si, nas áreas escolares, mas não tão a fundo como na empresa Sesc. A empresa Sesc é uma empresa que possibilitou toda essa minha entrada no ramo da recreação, né? (Recreadora Amarelinha).

Como podemos observar nos fragmentos acima, para a maioria dos recreadores participantes desta pesquisa, o Sesc apresenta um contexto que possibilita aos seus profissionais vislumbrar a carreira profissional da recreação. Dessa forma, a instituição pode ser encarada como um espaço de promulgação da recreação como possibilidade profissional.

Além disso, verificamos que a colônia de férias do Sesc, hoje conhecida como o projeto *Brincando nas Férias (BNF)*, é um dos principais contextos de experiência inicial com a recreação, como podemos constatar nos seguintes relatos:

Aí, veio essa porta que abriu com o Sesc no sentido direto, com a recreação, com a colônia de férias, que é uma semana muito rica, toda voltada para a recreação. Então, ali foi o grande *boom*. Fiquei trabalhando um tempão dessa forma, não como profissional da casa, mas já comecei (Recreadora Barra-bandeira).

Quando eu comecei no Sesc, eu comecei como prestadora de serviço, né? Eu era monitora de colônia de férias. Eu conheci uma grande amiga, que era recreadora do Sesc, na época, e ela me chamou para começar a fazer esse trabalho com ela, para ser monitora de férias em algumas colônias de férias [no Sesc] (Recreadora Amarelinha).

Os relatos acima evidenciam que a colônia de férias do Sesc, mais precisamente, o projeto BNF, representa um contexto que favorece a composição de novos recreadores. Logo, o referido projeto tem se mostrado essencial não só para apresentar o campo da Recreação às pessoas, mas também como espaço fomentador de novos recreadores.

Esses dados reforçam que o contexto Sesc, em especial, o contexto de colônia de férias, marca, significativamente, a descoberta do interesse pela recreação, indicando que o contexto escolar, ao contrário do que imaginávamos, praticamente não interfere nessa escolha profissional, como podemos observar no quadro a seguir:

Quadro 1 – Contextos de descoberta e interesse pela recreação

CONTEXTOS DE DESCOBERTA E INTERESSE PELA RECREAÇÃO					
CONTEXTOS	Recreador Pula Corda	Recreadora Amarelinha	Recreadora Barra Bandeira	Recreador Bola de Sabão	Recreador Pega-pega
CONTEXTO SESC		x	x	x	x
CONTEXTO ESCOLAR	x				
EXPERIÊNCIA INICIAL COM A RECREAÇÃO					
COLÔNIA DE FÉRIAS	x	x	x	x	x

Fonte: A autora (2024).

No que se refere ao contexto escolar, o recreador Pula Corda destaca que a sua história profissional com a recreação teve início neste contexto, como podemos observar no seguinte depoimento:

Eu comecei numa escola privada, lá em Paulista, nesta oportunidade de colônia de férias. Eu comecei a trabalhar com recreação, a princípio, só para ganhar horas e experiências. Eu era aluno do primeiro período da faculdade de Educação Física, então queria ver tudo. Eu queria conhecer tudo, eu queria mudar o mundo. Então, nesse primeiro momento, não foi nem para pagar contas nem para ser um profissional de recreação. Foi para experimentar, conhecer (Recreador Pula Corda).

De acordo com Silva e Andrade (2022), as primeiras colônias de férias realizadas no Brasil, por volta de 1930, eram eventos de lazer com uma

programação diversificada, voltada, principalmente, para crianças e adolescentes em período de férias escolares. Contudo, com o tempo, as colônias de férias passaram a ser ofertadas para diferentes faixas etárias e realizadas em espaços variados, para além da própria escola, como, por exemplo, clubes, parques, condomínios, shoppings, academias e em instituições como o Sesc – este tem se revelado aqui como um contexto que desperta interesses no exercício profissional da recreação.

- **Motivação para atuação profissional no campo da recreação**

Consideramos a importância de compreender como se deu o processo de passagem da primeira experiência com a recreação ao ingresso profissional nesse campo. Para isso, buscamos, junto aos participantes da nossa pesquisa, conhecer o que os motivou a se tornarem recreadores.

Sabemos que as subjetividades presentes em cada sujeito dão sentido às experiências vivenciadas de maneira singular. Todos nós compartilhamos elementos em comuns e elementos peculiares, que nos motivam e nos fazem ser quem somos. Nesse sentido, como dito, nos propomos a entender quais as principais motivações que conduziram nossos sujeitos a escolher o campo da Recreação para atuar profissionalmente.

A motivação tem sido objeto de investigação de muitos pesquisadores, como Maslow (1987), que discutiu sobre motivação e personalidade, e Herzberg (1973), que abordou sobre motivação e trabalho. Entre os conceitos desenvolvidos por este, estão os dois fatores motivacionais do trabalho: intrínsecos e extrínsecos.

Os fatores intrínsecos referem-se “ao envolvimento em determinada atividade por sua própria causa, por esta ser interessante, envolvente ou, de alguma forma, geradora de satisfação e, sobretudo, com ausência de constrangimentos externos ou internos” (Guimarães *et al.*, 2002, p. 12).

Alguns recreadores ressaltaram, como motivação intrínseca, a recreação como experiência transformadora e a recreação como profissão, como podemos observar nas falas a seguir:

Porque eu vejo que ele [o recreador] é transformador. A recreação, ela transforma, ela traz um link diferente, enquanto o ser humano. Você transforma as pessoas, transforma o momento que a pessoa

está ali com você, que você está recreando, seja o que for, inclusive a questão da educação também, volto na tecla, não é? (Recreadora Barra-bandeira).

Como eu te falei: o Sesc abriu minha visão para o campo, o público e conhecer a atividade a fundo mesmo, conhecer o papel do recreador como um profissional. [...] Então, foi aí que eu percebi, cara, eu acho que minha profissão vai ser essa agora (Recreador Pega-pega).

Ou seja, as motivações intrínsecas têm a ver com os interesses pessoais, com os significados e valores internos, com o prazer pela ação em si, independentemente de qualquer recompensa externa.

Com relação aos fatores extrínsecos, estes estão relacionados “à motivação para trabalhar em resposta a algo externo à tarefa, como a obtenção de recompensas materiais ou sociais, de reconhecimento ou objetivando atender aos comandos de outras pessoas” (Guimarães *et al.*, 2002, p. 12). Podemos exemplificar algumas dessas motivações com os trechos a seguir:

Até que outro amigo me indicou para uma empresa de recreação em festa de aniversário e, no primeiro momento, eu recusei. Eu disse que não queria, pois eu já estava estagiando. Eu estava estagiando no *Segundo Tempo* com esportes. Eu já estava estagiando e tal e, enfim, mas ele disse: ‘então, vamos simhora? É só final de semana e tal’. E, aí, eu fui porque, nessa época, eu estava desempregado. Eu fui pra pagar minhas contas. E, agora, em outubro, fez dez anos que eu estou pagando contas (Recreador Pula Corda).

No caso, eu conheci a recreação de uma forma. Eu caí de paraquedas. Não fazia ideia nem exatamente sobre o que era esse termo de *recreação*. Era algo muito novo, diferente. Aqui na cidade onde eu trabalho, eu trabalhava numa *lan house*, na época, em 2008. E estava todo mundo se inscrevendo para o concurso do Sesc, que eu também não conhecia. Mas, mesmo assim, me inscrevi, fiz o concurso, a seleção, no caso, passei e comecei a mergulhar num mundo totalmente desconhecido (Recreador Bola de Sabão).

Como podemos observar nas falas dos recreadores, as motivações extrínsecas têm a ver com o que vem de fora deles, sendo impulsionadas por fatores externos, como, por exemplo, recompensas, cobranças, reconhecimento, representação e prestígio social.

Identificamos nove motivações, as quais impulsionaram os recreadores a optarem por atuar profissionalmente com a recreação. Agrupamos essas motivações, de acordo com as suas respectivas naturezas, como demonstra a tabela a seguir:

Tabela 8 – Motivações dos recreadores

MOTIVAÇÕES INTRÍNSECAS		MENÇÕES
M1	Por compreender o papel do recreador como profissional.	1
M2	Por perceber a aproximação da recreação com o campo da Educação.	2
M3	Por reconhecer a conexão entre recreação e arte/educação.	1
M4	Pela visão da recreação como elemento de transformação social.	1
M5	Por possibilitar contribuir para o bem-estar e desenvolvimento da sociedade.	2
M6	Por sentir-se parte da ação recreativa na interação com o público, compartilhando experiências significativas.	1
MOTIVAÇÕES EXTRÍNSECAS		MENÇÕES
M7	Por ter sido aprovado em seleção pública, garantindo estabilidade de emprego, com carteira assinada e todos os direitos trabalhistas.	1
M8	Busca por uma fonte de renda para atender às necessidades financeiras básicas, como, por exemplo, pagar as contas.	1
M9	Cumprir as horas adicionais de atividades extracurriculares requeridas pela faculdade.	1

Fonte: A autora (2024).

Salientamos que a maioria das motivações está relacionada aos fatores internos, como, por exemplo, a conexão pessoal e subjetiva que os recreadores têm com a recreação.

Gráfico 15 – Motivações intrínsecas e extrínsecas



Fonte: A autora (2024).

No entanto, é importante entender que as motivações externas também desempenharam um papel significativo na decisão desses profissionais de trabalhar no campo da recreação. Portanto, destacamos a importância tanto das motivações intrínsecas quanto das extrínsecas na escolha profissional dos recreadores.

- Início do exercício profissional dos recreadores

O início da carreira profissional como recreador se deu, no caso dos participantes da presente pesquisa, em dois contextos profissionais: 1) o Sesc e 2) as empresas de recreação de festas infantis, com uma clara predominância do primeiro, quanto à oferta de trabalho para este fim, conforme é possível observar na quadro a seguir:

Quadro 2 – Local de início da atuação profissional enquanto recreador

LOCAL DE INÍCIO DA ATUAÇÃO PROFISSIONAL ENQUANTO RECREADOR					
CONTEXTOS PROFISSIONAIS INICIAIS	Recreador Pula Corda	Recreadora Amarelinha	Recreadora Barra-bandeira	Recreador Bola de Sabão	Recreador Pega-pega
Sesc		x	x	x	x
Outras empresas de recreação de festas infantis	x				

Fonte: A autora (2024).

A seguir, apresentamos a fala da Recreadora Barra-bandeira, a fim de representar a maioria dos depoimentos dos recreadores, que citaram a instituição Sesc como o local de início das suas atividades profissionais na área da Recreação:

Eu comecei, profissionalmente, tem um bom tempo, como eu te falei. Mas, eu considero o lado profissional mais efetivo, quando assinam a carteira, né? Então, eu tive em uma instituição antes do Sesc, durante dois anos, e, depois, eu entrei para o Sesc realmente como recreadora, né? Então, isso, para mim, é um *boom*, porque realmente você está com uma carteira assinada. Você, às vezes, é um profissional, mas você não é considerado tal, porque você não tem aquele documento (Recreadora Barra-bandeira).

Como podemos observar na fala da Recreadora Barra-bandeira, ela passa a se considerar uma recriadora profissional apenas quando ingressa no Sesc com todos os direitos trabalhistas garantidos. Vale salientar que todos os participantes desta pesquisa foram aprovados em seleção pública, para atuar enquanto profissionais efetivos do Sesc. Isto quer dizer que os recriadores do Sesc possuem garantias trabalhistas, as quais compreendem carteira assinada, jornada de trabalho, férias, 13º salário, carga-horária, licença maternidade, seguro desemprego, segurança e saúde no trabalho, entre outras. Essas garantias são uma das principais razões para que a maioria dos recriadores considerem que iniciou profissionalmente no campo da recreação no contexto do Sesc PE.

Apenas um dos recriadores iniciou a sua carreira profissional em empresas de recreação voltadas ao público de festas infantis. Esse contexto difere daquele dos profissionais que iniciaram a sua carreira no Sesc, pois trata-se de um serviço conhecido como *freelancer*, em que o profissional é contratado para executar serviços pontuais, levando-o a conciliar a sua atuação profissional como recriador com outras atividades de curta duração. Os contratos de freelancers podem ocorrer por evento, por projeto, por hora, por dia ou por modalidades específicas. Os profissionais que atuam como *freelancers* não possuem vínculo empregatício e são remunerados exclusivamente pelo trabalho desenvolvido.

Então, nesse período, não fiz festas, fiquei desempregado. Aí, trabalhei dois meses como recepcionista em um hospital e, depois desses dois meses, eu trabalhei como consultor de vendas na pré-venda de uma concessionária (Recriador Pula Corda).

O relato do Recriador Pula Corda reflete a situação enfrentada por muitos dos recriadores que atuam como *freelancer*. O fato de serem remunerados somente quando realizam determinado evento pode ser um problema quando, por algum motivo, esse evento deixa de acontecer. Ademais, muitas vezes, o recriador se submete a longas jornadas de trabalho para conseguir recursos financeiros para a sua sobrevivência. Nesses casos, muitos recriadores recorrem a outras ocupações profissionais remuneradas, que

possam trazer garantias, sobretudo, financeiras. Essa instabilidade do recreador *freelancer* pode limitar a permanência no trabalho com a recreação.

5.4.1.4 Adentrando nos espaços que contribuem para a atuação dos recreadores

Na presente subseção, com base nos relatos dos recreadores participantes desta pesquisa, identificamos variados espaços que contribuíram para a atuação profissional desses indivíduos, enquanto recreadores. Esses espaços foram agrupados, conforme suas respectivas naturezas, como podemos observar no gráfico abaixo:

Gráfico 16 – Espaços que contribuem para a prática profissional dos recreadores



Fonte: A autora (2024).

Como é possível observar, identificamos seis espaços, os quais são compostos por suas diferentes particularidades: 1) espaços escolares; 2) festas infantis; 3) espaços de vulnerabilidade social; 4) lugares da infância; e 5) espaços Sesc. Apresentaremos a seguir cada um deles.

- Espaço de experiência escolar

Designamos como *espaço de experiência escolar* o ambiente que engloba a experiência da recreação no contexto escolar, seja na função de professor ou professor auxiliar, seja na função de coordenador ou pedagogo.

O *espaço de experiência escolar* foi mencionado uma única vez, por apenas um dos recreadores participantes desta pesquisa:

As minhas experiências, quase todas elas, foram em escolas, né, com jovens, crianças, adultos, e eu acho que isso é que me ajuda muito, enquanto recreadora, né? Porque, em si, nós trabalhamos com pessoas, e as pessoas fazem todas as diferenças, né? Não importa a faixa etária, não importa. É muito gratificante trabalhar com pessoas, com jovem, com adulto, com idoso, né? E a gente vê que as experiências, a troca de saberes, são muito grandes. Então, assim, o Educandário Paulo Freire é a minha raiz, é a minha raiz! Eu digo que é a minha raiz! Eu trabalhei lá mais de 12 anos com educação. Eu comecei auxiliando, depois fui professora, coordenadora pedagógica e, aí, eu pude ter, assim, uma bagagem muito grande lá. Eu trago isso para mim, eu levo isso para minha vida (Recreadora Amarelinha).

Embora tenha sido mencionado uma única vez, o *espaço de experiência escolar*, segundo a Recreadora Amarelinha, contribuiu de maneira significativa para a constituição da sua profissionalidade. A Recreadora Amarelinha explicitou todo o seu percurso profissional no âmbito escolar, bem como as suas experiências com uma diversidade de público e faixas etárias.

De acordo com Tardif (2014, p. 128), o “objeto do trabalho dos professores são os seres humanos individualizados e socializados ao mesmo tempo”. Nesse sentido, entendemos que os recreadores compartilham do mesmo objeto de trabalho dos professores: os seres humanos. Logo, as experiências vivenciadas no espaço escolar, nas mais diversas funções, também constituem parte significativa da profissionalidade da Recreadora Amarelinha.

Percebemos que, frente ao trabalho desenvolvido no Sesc como recreadores, muitos desses profissionais sentem a necessidade de alcançar maior compreensão sobre o seu fazer, o que os impulsionou a buscar a formação superior, a fim de aprimorar sua prática profissional.

No entanto, o movimento da Recreadora Amarelinha se difere do movimento dos demais recreadores, pois ela já era professora, antes de se tornar recreadora. Diante disso, a Recreadora Amarelinha observou que, além da sua experiência advinda da sua formação inicial enquanto pedagoga, a sua experiência no *espaço de experiência escolar* favoreceu o desenvolvimento da sua profissionalidade enquanto recreadora.

Salientamos que, mesmo compartilhando do mesmo objeto de trabalho, a atuação do recreador se dá numa perspectiva diferente da atuação do professor, pois o seu campo de intervenção pode ser todo e qualquer espaço possível de educação (Melo, 2004). Todavia, é primordial ao recreador adquirir conhecimentos sobre como se dão os processos educativos, uma vez que este também é um profissional da Educação.

- Espaços de festas infantis

Denominamos de *espaços de festas infantis* os contextos caracterizados pelas festividades voltadas ao público infantil, como, por exemplo, festas de aniversários, eventos e festas infantis. Os *espaços de festas infantis* foram mencionados três vezes, pelos Recreadores Pula Corda, Pega-pega e Barra-bandeira. A respeito destes espaços, apresentamos a seguinte fala:

[...] e as festas de aniversário. Porque cada festa, ela não muda só o tema, não. Ela muda tudo. Ela muda o tipo de criança, a idade da criança, a quantidade de criança, o temperamento dos pais, as músicas que estão rolando. Então, tipo, tudo isso interfere, influencia demais (Recreador Pula Corda).

Como podemos verificar na fala do Recreador Pula Corda, a versatilidade das festas de aniversário proporciona experiências significativas que contribuem para o desenvolvimento da sua prática profissional como recreador.

De acordo com o relato do recreador, os espaços de festas de aniversários permitem que ele desenvolva saberes que envolvem desde a identificação do público e faixa etária das crianças até o relacionamento com os pais destas. Esse tipo de experiência torna-se relevante porque cada festa tem a própria peculiaridade, fator que também contribui para o desenvolvimento de diferentes elementos que constituem os saberes do recreador.

Nesse sentido, Célio (2014) realizou um estudo com recreadores de festas infantis, os quais destacaram estas festas como o principal espaço de atuação. Conforme o autor, a recreação para festas infantis tem ganhado força no mercado como opção de entretenimento. No entanto, vale salientar que,

independentemente do espaço de atuação, o recreador deve ter a compreensão educativa do seu fazer.

Dessa forma, o fazer do recreador, como afirmam Dias e Isayama (2014), exige o domínio de saberes, competências, valores, habilidades, fundamentos, ou seja, exige uma profissionalidade que, muitas vezes, não é abordada de modo apropriado na formação profissional. Isto ressalta a importância de pensarmos como tem se constituído as profissionalidades dos recreadores.

- Espaços de vulnerabilidade social

Mencionados duas vezes, pelos Recreadores Bola de Sabão e Barra-Bandeira, nos *espaços de vulnerabilidade social*, segundo Abramovay (2002, p. 29):

Ao contrário da situação de bem-estar, apresenta-se a vulnerabilidade social como o resultado negativo da relação entre a disponibilidade dos recursos materiais ou simbólicos dos atores, sejam eles indivíduos ou grupos, e o acesso à estrutura de oportunidades sociais, econômicas, culturais que provêm do Estado, do mercado e da sociedade. Esse resultado se traduz em debilidades ou desvantagens para o desempenho e mobilidade social dos atores.

Sendo assim, os *espaços de vulnerabilidade social* foram definidos como locais onde pessoas enfrentam dificuldades significativas para acessar recursos básicos e oportunidades. Estes espaços incluem abrigos, pessoas em situação de rua, instituições destinadas a crianças carentes, população rural, presídios, entre outros.

Podemos identificar alguns desses espaços nas falas dos recreadores a seguir:

Os espaços que mais contribuíram, na minha visão enquanto recreador, é o espaço periférico. As crianças que têm menos acesso. Quando estamos na zona rural, mesmo com as dificuldades, a gente percebe que o trabalho forma a gente como pessoa. Os espaços de onde as pessoas são mais carentes despertam nossa humanidade (Recreador Bola de Sabão).

Eu trabalhei em... Como eu posso dizer isso? Para várias classes. Então, de condomínio e muitos shoppings, muitos shoppings mesmo. Eu fiz muitas atividades para o governo do estado, com ações com arte/educação, mas que era literalmente recreação, porque envolvia muitos jogos, muitas dinâmicas,

propriamente ditas, festas infantis também em colônias de férias e instituições que é considerada de risco, em sentido de vulnerabilidade. Eu fiz muitas dessas atividades. Eu fiz atividade em presídio, eu fiz atividade para instituições de menores carentes. Então, assim, na recreação há a possibilidade de você trabalhar para qualquer tipo de classe, qualquer tipo de pessoa, desde que você também desenvolva um... Como é que eu posso dizer? Várias linguagens (Recreadora Barra-Bandeira).

Os recreadores são pessoas que têm o trabalho voltado para outras pessoas, ou seja, o objeto de trabalho dos recreadores é o próprio ser humano. De acordo com a fala do Recreador Bola de Sabão, ao se deparar com pessoas em situações de vulnerabilidade social, com diferentes realidades, ele tem a possibilidade de despertar sua própria humanidade, trazendo a consciência das desigualdades sociais. Ao ver de perto as condições precárias das pessoas, o Recreador Bola de Sabão sente-se motivado a fazer a diferença naquela realidade.

Nesse contexto, o recreador amplia a compreensão sobre o seu fazer, e a sua ação ganha ainda mais sentido, ao ver o impacto positivo do seu trabalho na vida das pessoas. Se a ação do recreador é de natureza educativa, ela também é uma prática social, que intenciona o bem-estar das pessoas, o que, de acordo com Abramovay (2002), é o contrário do estado de vulnerabilidade social.

A fala da Recreadora Barra-Bandeira, *por seu turno*, aponta para a diversidade de experiências vivenciadas nos mais diversos *espaços de vulnerabilidade social*. Cada espaço apontado tem um público específico, uma faixa etária diferente, o que possibilita o desenvolvimento de saberes provenientes de cada contexto social.

Essa diversidade dos espaços de atuação do recreador é interessante, porém, como afirmam Dias e Isayama (2014), também exige do recreador um conjunto de saberes peculiares, para lidar com os desafios relativos a cada público e contexto de atuação, e, ao mesmo tempo, possibilita aprendizagens profissionais significativas, que constituem as respectivas profissionalidades dos recreadores.

- Lugares da infância

Na área da Geografia, o conceito de *lugar* está associado ao espaço geográfico que possui um significado específico, gerando sentimentos de pertencimento ou afeto para um determinado grupo ou pessoa. Com base nesse conceito, designamos como *lugares da infância* os espaços relacionados à própria infância, que remetem a vivências na escola, nos ambientes domésticos, como, por exemplo, jardim, varanda, quintal, na casa de familiares, nas ruas, praças, parques, entre outros.

Os *lugares da infância* foram mencionados seis vezes ao todo, pelos Recreadores Pega-pega, Amarelinha e Barra-Bandeira. No trecho a seguir, podemos verificar alguns exemplos dos *lugares da infância* que contribuíram para a prática profissional da Recreadora Barra-bandeira:

Minha casa, a casa dos meus pais, meus avós, o quintal da minha casa, da casa dos meus pais, né? Enquanto criança. A calçada, brincar no meio da rua, na infância. Alguém me perguntou 'o que é felicidade para você?' E eu dizia: é comer pipoca sentada na calçada. Isso já era lazer [...] para mim, isso já era recreação para mim. Ficar sentada na calçada, comendo pipoca, brincando, jogando bola. Independente da altura, independentemente de qualquer coisa, né? Era ser criança por ser criança, ser adolescente por ser adolescente. Então, as praças, ver certas coisas nas praças, brincadeiras, jogos e a escola... A escola é, acho que é uma base, né? A escola é uma base, não tem como a gente fugir disso. O recreio da escola. [...] É uma lembrança da infância e que eu trago para o meu universo profissional. [...] Eu vim a entender que ali tinha muito do recreativo, então havia contações de história, tinham dinâmicas, tinham mímicas, eram brincadeiras, eram jogos recreativos, na verdade. Só não tinha essa dimensão na época (Recreadora Barra-bandeira).

Conforme observamos no fragmento acima, os lugares mencionados pela recreadora supracitada estão impregnados de memórias afetivas, as quais foram criadas durante a infância e influenciaram a vivência dessa profissional, uma vez que esses lugares podem possibilitar experiências significativas para as pessoas. Nesse sentido, Debortoli (2004) chama a atenção para a dimensão do brincar como demarcador de tempos, espaços, memórias e histórias, quando afirma que:

Uma brincadeira entrecruza histórias, tempos e espaços. Não se brinca apenas com um objeto. Brinca-se com uma memória coletiva que muitas vezes transcende quem brinca e o próprio momento da brincadeira: objetos, tempos, substâncias, regiões, épocas, cidades,

países, estações do ano, rituais, os mais amplos e ricos contextos humanos (Debortoli, 2004, p. 20).

Logo, o espaço do brincar na infância demarca um lugar cheio de símbolos e significados afetivos, possibilitando experiências prazerosas, as quais favoreceram – e ainda favorecem – a prática profissional do recreador.

- Espaços Sesc

O Sesc é uma instituição multifacetada, que atua além dos seus próprios espaços físicos. Por isso, denominamos de *Espaços Sesc* todos os locais relacionados ao Sesc Pernambuco, tanto dentro quanto fora das suas instalações físicas. Ou seja, com 56 menções, os *Espaços Sesc* se referem às instalações físicas, aos contextos de atuação, aos projetos desenvolvidos e às esferas de formação dessa instituição.

Os espaços internos do Sesc são os espaços físicos pertencentes ao próprio Sesc e incluem diversas estruturas, que estão presentes no Sesc Ler, nas UE e nos CTLs. Nesse sentido, os *espaços Sesc* também ganham forma de acordo com a natureza de atuação do Sesc e dos seus projetos, como podemos verificar no depoimento a seguir:

E eu acho que o mais forte, para mim, é a rede hoteleira. Eu posso falar que a rede hoteleira, ela realmente abre esse espaço para o profissional de recreação. Depois da rede hoteleira, em geral, eu acho que são poucas instituições, como a instituição do SESC, que abre espaço para o profissional. Capacitar profissionais, receber esse profissional e mantê-lo no mercado, não é? Porque o difícil é manter o profissional no mercado, atuando (Recreador Pega-pega).

O Recreador Pega-pega mencionou o seu próprio contexto de trabalho em um dos CTLs do Sesc, ao se referir ao espaço que contribuiu para a sua constituição profissional. De acordo com Tardif (2014) o desenvolvimento dos saberes profissionais está relacionado “tanto às suas fontes e lugares de aquisição, quanto aos seus momentos e fases de construção” (Tardif, 2014, p. 68).

Os saberes adquiridos pelo Recreador Pega-pega, que colaboram para a sua constituição e prática profissional, correspondem aos saberes provenientes tanto da formação profissional, promovida em serviço, quanto da

sua própria experiência profissional. Isto demonstra a relevância do próprio contexto profissional na constituição da profissionalidade dos participantes desta pesquisa.

Além do espaço hoteleiro do Sesc, foram mencionados pelos recreadores diversos projetos e ações realizados pelo Sesc, como podemos observar no depoimento a seguir:

Em setembro, feriado, um monte de coisa, um monte de projeto, um monte de integração e tal. Entrevista na TV... E a gente está em novembro, e outubro ainda não acabou. São muitos projetos. Então, o Sesc, ele me motiva dessa forma, me desafiando (Recreador Pula Corda).

Com relação aos espaços externos, estes são os contextos promovidos pelo Sesc fora das suas unidades, ou seja, são os espaços que não pertencem ao Sesc, mas onde ocorre a atuação desta instituição. Desse modo, esses espaços também contribuem para a atuação profissional dos recreadores. Alguns projetos são elaborados e executados pela própria *Atividade de Recreação do Sesc*. Já outros, em parceria com outros setores, os quais podem ser do próprio Sesc ou de outras instituições públicas ou privadas.

Chamamos a atenção para o fato de que todos os recreadores mencionaram determinado projeto desenvolvido pelo próprio Sesc, seja no espaço interno ou externo, referindo-se a ele como um espaço constituinte da sua prática. Entre os projetos citados pelos recreadores, destacaram-se os seguintes: BNF – com 21 menções –; *Maratona Recreativa* – com quatro menções –; e *Sesc Lazer* – também com 4 menções.

O projeto BNF diz respeito à colônia de férias do Sesc, que ocorre duas vezes por ano, nos meses de janeiro e julho, justamente no período das férias escolares. Cada Sesc de Pernambuco tem um projeto BNF voltado para determinada faixa etária. Além disso, todos os Sesc desenvolvem o projeto a partir de uma temática, a qual deve ser aprovada por toda a equipe de recreação, como relata a Profissional Siga a Mestre:

Então, uma referência é o Brincando nas Férias. Ele tem o pré-projeto, onde a gente faz, é... Um desenho exatamente com a apresentação. As unidades são convidadas a montarem suas apresentações, defendendo um tema, porque toda a recreação no Sesc, hoje, tem tentado trabalhar pelo mote, tanto intencional quanto

temático. E, dessa forma, as unidades fazem seus desenhos, levam para uma apresentação nos encontros técnicos, que, geralmente, ocorrem em torno de maio. O tema vencedor é o tema que vai dar norte ao ano seguinte. Então, hoje, a gente praticamente escolheu o tema, quase um ano de antecedência. Os dois temas, né? Janeiro e julho. Após isso, é solicitada toda uma pesquisa inicial acerca da temática, encabeçada pela unidade que venceu, e a gente faz uma reunião de *brainstorming*, hoje, já envolvendo a parte inteira da comunicação profissional do Sesc, que são jornalistas e *web designers*, é o marketing inteiro que se reúne para ouvir o tema e ver de que forma aquilo pode ser agregado, criando peças publicitárias inclusivas. A lógica inteira da concepção de como aquela temática vai se projetar para o público. É... A partir dessa aprovação, a gente começa a criar as peças, e isso vai para a rua. Mas também os nossos recreadores são convidados a pensar, o que a gente chama hoje de *mix de atividades*, né? Chama há algum tempo de *mix de atividades*, que é um conjunto de atividades reunidas num, num... Em um compêndio, nem é compêndio, porque não é tão grande, mas num material, onde cada unidade é convidada a colocar a sua contribuição sobre o tema e ela precisa dizer qual é o nome da atividade e como ela se desenvolve, que materiais são necessários. Então, depois disso, o mix será criado e entregue a todas as unidades. Validado sempre lá pela DPS, né? Pela gerência de lazer. E, agora, sim, é realizada uma grande reunião para que o *start* seja dado, do projeto, com relação à questão de programação. Acontece que a gente tem feito também, ainda para agregar valor, uma parceria com sua nutrição, ou seja, a nutrição também pensa um cardápio que contemple, hoje, as cores, os sabores, os desenhos que se encaixam no formato lógico do que foi criado lá pela comunicação e do que foi pensado lá pelos nossos recreadores, né? Então, e, depois disso, vamos para a operação e, no final, a gente faz uma reunião de alinhamento para ver, de fato, como aquilo se deu na prática. É, tem sido um projeto que se retroalimenta. E, hoje, a gente tenta fazer todos os projetos, a partir desse escopo. Óbvio que, hoje, essa é uma metodologia que está mais avançada, mas, de fato, a gente percebe que ela é libertadora, porque é reconhecida por quem participa do processo e para quem ele é dirigido. Ou seja, a gente consegue alcançar um objetivo, a partir da metodologia preestabelecida (Profissional Siga a Mestre).

O projeto *BNF* é um projeto sistemático dos setores de recreação de todos os Sesc PE. Diante disso, em cada unidade Sesc, esse projeto é adequado e executado levando em consideração a realidade da unidade. Semestralmente, o Sesc abre as inscrições para que o público geral e os comerciários inscrevam os seus filhos para participar do projeto.

Já o projeto *Maratona Recreativa*, este também é um projeto sistemático do Sesc, voltado para atender às escolas, seja levando as crianças para vivenciarem um momento de recreação e lazer nos espaços do Sesc, seja indo às próprias escolas, a fim de proporcionar momentos de lazer para crianças e adolescentes. Geralmente, esse projeto ocorre durante a semana, no turno das

aulas. Ademais, ele é realizado mediante o agendamento das escolas, para o recebimento do serviço, o qual é oferecido de modo gratuito.

O projeto *Sesc Lazer*, por sua vez, também consiste num projeto sistemático, no qual as unidades que possuem parque aquático abrem as suas portas, como “clubes”, proporcionando ao público um dia de lazer, ao oferecer banho de piscina, vivência de jogos, brinquedos e brincadeiras, apresentação musical, apresentações culturais, oficinas, entre outras atividades.

Quanto aos projetos realizados por outros setores do Sesc, em parceria com a *Atividade de Recreação*, os participantes desta pesquisa evidenciaram os projetos *Colmeia na Comunidade*, *AquaSesc* e *Festival de Natação*, os quais foram mencionados apenas uma única vez, como podemos observar na fala a seguir:

O Sesc é um espaço que me ajudou muito, com certeza. Todos os espaços do Sesc, todos os projetos do Sesc. Todos os projetos que não são de recreação, mas que a recreação atuou também – *Colmeia na Comunidade*, *Festival de Natação*, *AquaSesc* (Recreador Pula Corda).

Embora existam múltiplos contextos de ação dos recreadores do Sesc, face à amplitude dos espaços Sesc, identificamos que um componente ganhou destaque nas falas dos recreadores, a saber: os *Espaços de Formação Sesc*, apresentando 24 menções. Não se tratam, necessariamente, de espaços físicos, mas, sim, de espaços criados para formar os profissionais da instituição, como percebemos na fala do Recreador Pega-pega:

Então, comecei a me capacitar, fazer o curso, e o Sesc me ajudou bastante na capacitação e, até hoje, ajuda (Recreador Pega-pega).

Os *Espaços de Formação*, portanto, vão além das paredes do Sesc, abrangendo desde as próprias unidades desta instituição até outros espaços, como as universidades, por exemplo. Tratam-se de eventos formativos, planejados pelo Sesc com o objetivo de ampliar o conhecimento, socializar experiências e promover o desenvolvimento profissional dos recreadores. Dentre esses eventos, encontram-se: o *Encontro Técnico*; os cursos oferecidos

pelo Sesc; e os eventos formativos, como, por exemplo, o Seminário *Ciranda do Conhecimento* e os congressos.

O *Encontro Técnico* é um evento formativo, voltado para os recreadores, que ocorre uma vez por ano, durante uma semana, como explica a Profissional Siga a Mestre:

Os nossos *Encontros Técnicos* têm sempre uma parte formativa. Então, no mínimo, hoje, no escopo do *Encontro Técnico*, uma vez por ano, a gente leva um profissional que desenvolva, né? 4 a 8 horas por dia de formação sobre uma temática, e a temática não tem só a ver com a minha atividade, com a recreação em si, tem a ver com aquelas questões que eu já pontuei, ou seja, pode ser um desenvolvimento ético, pode ser profissional, com pessoa, diferentes temas (Profissional Siga a Mestre).

O *Encontro Técnico*, portanto, busca atender às necessidades emergentes da equipe de recreação, promovendo o encontro dos recreadores com os pares, bem como a troca de conhecimentos e experiências entre os participantes.

O *Seminário Ciranda do Conhecimento* também é um evento formativo, voltado para as áreas do Lazer: Esportes, Recreação e Turismo, e acontece a cada dois anos, como esclarece a Profissional Siga a Mestre:

E, agora, bienalmente, a gente voltou com o *Ciranda*, por exemplo, volta bienalmente, já com cursos mais direcionados. Agora, em 2023, ofertamos oito cursos, cinco minicursos, sete palestras e lançamento de cinco livros, entre outros. O *Ciranda* tem o intuito de promover o diálogo com a produção técnico-científica das áreas de lazer. É uma grande oportunidade de desenvolvimento e aprendizagem para todos os participantes (Profissional Siga a Mestre).

Em 2023, o *Seminário Ciranda do Conhecimento* foi realizado no Centro Universitário Brasileiro (Unibra), no bairro da Boa Vista, no período de quatro dias, com uma média de 400 participantes de todo o Brasil. Nesta edição do evento, foram homenageados Christiane Luce, Doutora em Educação pela UFMG e professora de Educação, Turismo e Lazer, e Victor Andrade de Melo, pós-doutor em Ciências Humanas pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Os dois eventos, mencionados anteriormente, são elementos apontados pelos recreadores como *espaços de formação*, como podemos observar nos depoimentos abaixo:

Ele [o Sesc] contribui com as formações, que eles fazem com as nossas conversas, nossas reuniões. O *Encontro Técnico*, quando ele mostra várias possibilidades, quando ele abre horizontes para a gente. [...] Agora, está acontecendo a *Ciranda do Conhecimento*, né? Então, ela aconteceu há dez anos atrás. Mas, nesses dez anos, não significa que não teve outros e outros momentos. Teve vários momentos, né? (Recreadora Barra-bandeira).

O SESC é uma empresa que ele capacita, né? Ele capacita, enquanto empresa. [...] A cada ano, a gente tem um *Encontro Técnico* com os outros recreadores, uma vez por ano, e esse encontro, ele dura uma semana, né? É uma semana de produção, uma semana de envolvimento, uma semana de choro, de risos, de tensões, de emoções, é uma semana de frustração, mas também de muita alegria. É uma semana onde a gente se encontra para a gente colocar em prática, para a gente debater, para a gente conversar tudo aquilo que deu certo, durante o ano inteiro, e que a gente pode levar, durante o outro ano, mais aquilo para as pessoas. Então, assim, é uma semana de capacitação, uma semana de formação, onde se é esperado por recreadores o ano inteiro, para que as pessoas possam encontrar o outro, trocar os saberes, trocar experiências, dar grandes abraços, fornecer altos sorrisos, mas passar também uma troca incrível. Então, o SESC, ele proporciona isso pra gente. Ele faz com que a gente se encontre, e da unidade do interior à do sertão, né? Então, assim, para que a gente possa ter essa troca, ter essa vivência, ter esse jogo de experiência. E sem contar que, lá, a gente é uma semana de capacitação, onde a gente pode aprender mais coisas que a gente sabe e nos envolver com a prática, com a temática, com a recreação em si (Recreadora Amarelinha).

Corroborando as falas das recreadoras, a Profissional Seu Mestre Mandou destacou uma das Diretrizes Nacionais presentes na política de lazer do Sesc:

Uma outra diretriz é a questão da formação profissional, que a gente entende que o Sesc é o espaço de atuação e é o espaço de formação. O nosso recreador, enquanto ele estiver ali, ele está à frente de um serviço da empresa, ele também está se organizando na questão de receber informações e construir um conhecimento, um saber próprio (Profissional Seu Mestre Mandou).

Logo, constatamos que as diretrizes estabelecidas pelo Departamento Nacional vêm sendo aplicadas na prática e são reconhecidas não apenas pelos recreadores, mas também pela Gerência Regional de Pernambuco, como podemos observar no depoimento a seguir:

Então, a gente vem aí, ao longo dos anos, formando profissionais que, por incrível que pareça, entram em um cargo que é instrutor, né? Instrutor de atividade de recreação, que é a nível médio, mas todos eles, pela experiência que vivem, sentem vontade de se profissionalizar, inclusive ingressando em uma Instituição de Ensino Superior. Então, acho que essa tem sido a grande [...] diferença, quando a gente fala em Sesc, né? Quando a gente fala em recreação no Sesc Pernambuco (Profissional Siga a Mestre).

A partir das falas dos participantes desta pesquisa, podemos afirmar que os espaços despertam o interesse dos recreadores em aprimorar os seus conhecimentos, a fim de se desenvolver profissionalmente. No que se refere ao investimento da formação dos recreadores, a Profissional Siga a Mestre, na função de Gerente de Lazer do Sesc Pernambuco, complementa:

O Sesc acredita na recreação e sabe que muitos dos nossos recreadores, hoje, estão no mercado, fora do Sesc, que a gente formou. Isso é bom, né? É, eu acho que isso... Acho que é uma grande escola, tem formado excelentes profissionais na área e, o que é melhor, às vezes, não forma para retê-los, e muitos deles conseguem desenvolver a prática em mais de um lugar, por exemplo. Eu acho que essa é a grande... O grande 'Q' da questão. Eu [o Sesc] não te quero [o recreador] só para mim. Eu [o Sesc] quero que o teu fazer [do recreador] aqui possa, inclusive, mostrar que você é diferente e especial no que desenvolve, porque você consegue estar aqui, a partir do fazer e saber que a gente constrói aqui, levar para um outro ambiente (Profissional Siga a Mestre).

Ao analisar a fala da Profissional Siga a Mestre, percebemos que o movimento feito pelo Sesc dialoga com a perspectiva de Isayama (2009), que corresponsabiliza as instituições empregadoras dos recreadores pela formação profissional continuada destes, destacando a relevância do investimento em conhecimento para a promoção de uma efetiva participação cultural. Dessa maneira, os *espaços formativos do Sesc* são elementares para a construção das profissões dos recreadores.

Sobre os espaços constitutivos das profissões dos recreadores, a seguir, apresentamos o lugar ocupado por cada um dos *espaços Sesc* mencionados pelos dos recreadores:

Gráfico 17 – Espaços constitutivos das profissões dos recreadores



Fonte: A autora (2024).

Como podemos observar, os *projetos promovidos por outros setores*, em parceria com a *Atividade de Recreação do Sesc*, representam apenas 5% das contribuições do *espaço Sesc* para a prática profissional dos recreadores. Embora pequena, essa fatia revela a importância de colaborações intersetoriais, mesmo que seu impacto seja limitado, em comparação ao impacto das atividades específicas da *Atividade de Recreação* e dos *espaços de formação Sesc*.

Já os *espaços de formação Sesc*, correspondem a 43% das contribuições do *espaço Sesc* para a prática profissional dos recreadores, número que revela que esses *espaços* são essenciais para o crescimento e aperfeiçoamento dos profissionais, ou seja, possuem grande significado para a prática dos recreadores, através dos eventos, como, por exemplo, os cursos formativos, promovidos pela instituição.

Por fim, os *projetos promovidos exclusivamente pela Atividade de Recreação* somam 52% das contribuições do *espaço Sesc* para a prática profissional dos recreadores, configurando-se como os contextos mais significativos para a constituição da profissionalidade destes. Portanto, a própria *Atividade de Recreação Sesc* desempenha um papel central no desenvolvimento das profissões dos recreadores.

5.4.1.5 Personagens influentes na constituição das profissões dos recreadores

Vimos que o *espaço Sesc* possui significativa relevância na constituição da profissão dos recreadores participantes desta pesquisa. No entanto, é preciso destacar que esse contexto é formado por diversos elementos que estão para além do próprio espaço, seja ele físico ou não. Um contexto que está situado no tempo e no espaço, ocorrendo nas circunstâncias específicas que o caracteriza. Logo, compreende não apenas o tempo, o espaço, as ações, mas também as pessoas envolvidas (personagens). Entender esse último elemento é essencial para compreendermos como os contextos estão relacionados à construção das profissões dos recreadores.

Sendo assim, apresentamos a seguir alguns personagens que se sobressaíram nos depoimentos dos recreadores, ocupando um lugar relevante na constituição das profissões destes.

- A Profissional Siga a Mestre e seu papel no desenvolvimento profissional dos recreadores

A primeira personagem que se destacou nos depoimentos dos recreadores está diretamente ligada a todas as unidades Sesc, pois ocupa, atualmente, a Gerência Regional de Lazer do Sesc Pernambuco: a Profissional Siga a Mestre. Os depoimentos abaixo revelam o papel dela para a grande maioria dos recreadores do Sesc Pernambuco:

A recreação não era ainda o que é hoje, e eu ainda estava voando, tentando entender qual era a ideia daquele projeto. Aos poucos, fui entendendo, fui absorvendo com Siga a Mestre, que é a gerente de lazer do Sesc Pernambuco. Foi ela quem me orientou, dizendo que a recreação ia além e não era só jogar bola. E foi aí que fui me desenvolvendo até chegar a ser o recreador que sou hoje (Recreador Bola de Sabão).

Então, assim, Siga a Mestre foi a pessoa que, além de me ouvir, me ensinou. Eu entrei lá, eu acho que no quinto período, faltavam dois para me formar, e eu atrasei a faculdade para não sair de perto dela. E ela me ensinou, ela não só me ouviu, como ela me ensinou a estudar na faculdade. Tem muitas pessoas importantes na minha vida e, na carreira de recreação, é ela, Siga a Mestre, lidera o topo (Recreador Pula Corda).

A Siga a Mestre mostra, a cada dia, o quanto eu sou especial naquilo que eu faço, que não me deixa cair, os meus sonhos. Quando eu, às vezes, estou desanimada que quando eu escuto só alguma palavrinha dela, algum incentivo, isso já faz com que eu possa me sentir lá em cima (Recreadora Amarelinha).

Como demonstram os depoimentos acima, Siga a Mestre é uma personalidade influente e inspiradora para os recreadores. Ela ocupa um papel significativo no desenvolvimento das profissões destes, ou melhor, ocupa diversos papéis: o de ensinar, apoiar, desafiar, encorajar, ouvir, entre outros.

Dois participantes desta pesquisa evidenciaram que Siga a Mestre representa um papel materno, por incentivar o desenvolvimento profissional dos recreadores e estimular o crescimento pessoal de cada um deles, como podemos observar nos depoimentos a seguir:

[...] Tem Siga a Mestre, que é uma grande mãe, uma grande inspiradora, que é uma pessoa que faz a gente querer crescer, tanto profissionalmente como pessoa, e faz a gente buscar cada dia mais (Recreadora Amarelinha).

A minha mãe. Assim, eu acho que, com um mês de estágio, eu já chamava aquela mulher [Siga a Mestre] de mãe. Eu entrei lá [no Sesc] em 2016, eu tinha 25 anos e parecia que eu vivi 25 anos sem ninguém me ouvir. Só me esforçando, tentando falar, tentando falar, tentando falar, e ela sempre me ouviu (Recreador Pula Corda).

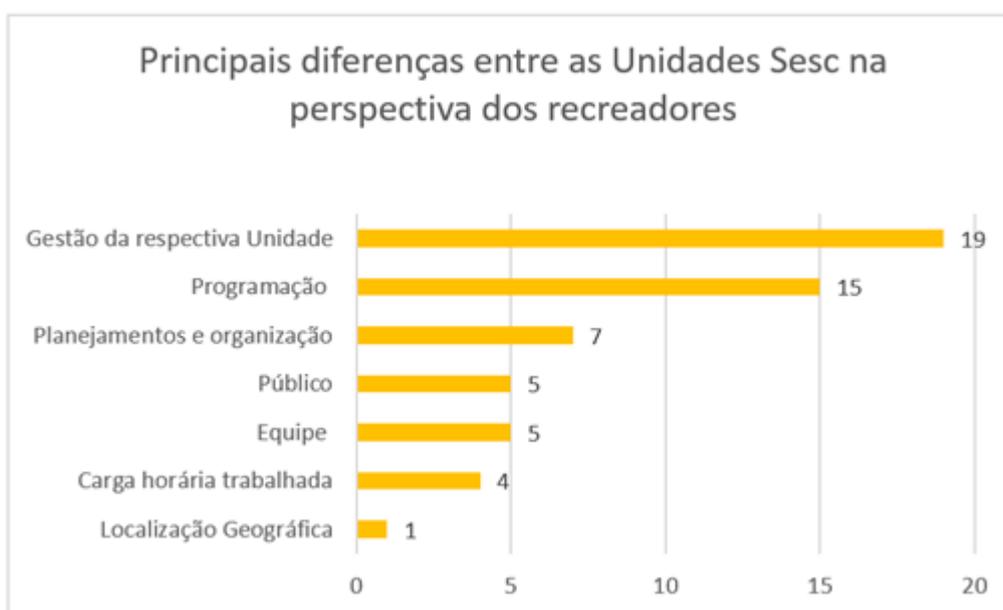
Com 18 menções, Siga a Mestre é reconhecida pelo seu compromisso em desenvolver e fortalecer as equipes de recreação do Sesc Pernambuco. Constatamos que ela desempenha um papel de liderança, que inspira confiança, oferece apoio e motivação constantes, apresentando-se como *personalidade central* no processo de constituição profissional dos recreadores.

- A influência das gerentes de unidade na profissão dos recreadores

Embora nos referindo ao Sesc como uma instituição, o Sesc Pernambuco é composto por diversas unidades, que possuem suas peculiaridades, o que favorece a constituição de profissões multifacetadas, que se constituem de acordo com a natureza de cada unidade.

Quando perguntamos aos recreadores em que o Sesc da sua unidade se diferencia do das outras, todos eles afirmaram perceber diferenças, devido às respectivas naturezas de cada uma dessas unidades – UE, Sesc Ler e CTLs. No gráfico a seguir, demonstramos os principais aspectos, destacados pelos recreadores, que se diferenciam, a depender da unidade Sesc, no que tange à área da Recreação:

Gráfico 18 – Principais diferenças entre as unidades Sesc, segundo os recreadores



Fonte: A autora (2024).

Como podemos observar, os principais aspectos que diferem entre as unidades do Sesc, na perspectiva dos participantes desta pesquisa, são desde a localização geográfica até a própria gestão da unidade. Todos esses aspectos são bem previsíveis, conforme a própria descrição da natureza de cada uma dessas unidades, correspondendo diretamente às suas estruturas e aos contextos nos quais estão inseridas.

Todavia, um aspecto que prevaleceu nas declarações da maioria dos nossos entrevistados foi o lugar eminente ocupado pela gestão da unidade. Os gerentes das unidades são os principais responsáveis por gerenciar cada uma das unidades do Sesc. Salientamos que, no tange ao nosso campo de pesquisa, as gerências das unidades são ocupadas, majoritariamente, por

mulheres. Isto demonstra que as mulheres ocupam os cargos de maior liderança nas unidades do Sesc por nós investigadas.

Com 19 menções, as gerentes das unidades ocupam um lugar de destaque, no que se refere ao diferencial para o êxito da *Atividade de Recreação* de cada unidade do Sesc investigada, o que demonstra a importância delas na condução das práticas profissionais dos recreadores. Dessa forma, a maioria dos recreadores citaram a gerente e a sua respectiva gestão como um elemento importante para o desempenho deles, no que concerne ao seu trabalho enquanto recreador.

Dentre os aspectos relevantes da gerência de unidade apontados pelos recreadores, estão: 1) a confiança da gerente no trabalho desenvolvido pelos recreadores; 2) o cuidado e zelo da gestão com os projetos realizados pelos recreadores; 3) a ética da gerente na condução do funcionamento da unidade do Sesc; 4) o reconhecimento e a valorização da recreação, por parte da gerente; 5) o trabalho dos recreadores junto à gerência; e 6) a visão institucional da gestora. Podemos observar alguns desses aspectos nos depoimentos a seguir:

Hoje, eu tenho muito mais fluidez para realizar alguns projetos, tenho a confiança da gerente atual para poder executar os projetos. No começo, foi bem desafiador, mas, hoje, após 13 anos, tenho muito mais independência e segurança para realizar os projetos, né? [...] Eu acredito que o Sesc em que trabalho é diferente por conta da gerente que eu tenho, hoje, do olhar que a gestão tem, atualmente, em relação a isso (Recreador Bola de Sabão).

O meu Sesc é diferente dos outros por conta da gestora. Eu tenho uma gestora muito zelosa. Sabe uma coruja que não deixa o filho sair na rua com cabelo assanhado? Então, a minha gerente, ela é isso. Ela me ensinou a ter esse cuidado, sabe? Se eu for pra um projeto na rua, ela quer saber se a tenda tá limpa, se meu material tá em bom estado, qual é a camisa que eu vou usar [...] Esse é o grande diferencial da minha unidade, é a minha gestora. Se a gente vai fazer uma ação na frente do Sesc, a gente se reúne uma semana antes, a gente se reúne um dia antes e a gente vai vendo, vai amarrando. Ela chega 6h da manhã para ver se está tudo certo, então ela é o grande diferencial (Recreador Pula Corda).

Eu tenho a minha gerente, que me possibilita ser quem eu sou dentro do meu âmbito profissional, né? [...] A gente sabe que as realidades são diferentes, por ser uma unidade do interior, às vezes, as coisas são mais complexas, mas eu tenho uma grande ajuda, que é da minha gerência, que, enquanto gestora da unidade, ela faz de tudo para que as coisas deem certo. E, às

vezes, quando a gente encontra uma dificuldade muito grande, ela busca andar sempre de mãos dadas, tentar resolver junto com a gente, interfere dentro do programa para que as coisas deem certo. E isso, pode ter certeza, faz toda a diferença (Recreadora Amarelinha).

Conforme os depoimentos dos recreadores entrevistados, percebemos que as gerentes de unidade do Sesc são elementares na condução da prática profissional desses recreadores. Dessa forma, a gestão influencia diretamente na visão profissional, na qualidade, no desempenho e na satisfação dos recreadores em seu exercício profissional. Logo, compreendemos que as gerentes de unidade do Sesc são figuras que ocupam um lugar de relevância na constituição das profissões dos recreadores do Sesc Pernambuco.

5.4.1.6 Anunciando as possibilidades e denunciando os limites de ser recreador

Pensar sobre a constituição das profissões dos recreadores também se trata de um ato político, que busca fortalecer a identidade e valorização desse profissional. Um sonho utópico, que nos deu coragem e nos trouxe até aqui, para anunciar a relevância dos recreadores para a sociedade e denunciar o que os impede de ser “mais”. Conforme Freire (1983, p. 101), “ai daqueles e daquelas, entre nós, que pararem com a sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem, de denunciar e anunciar”.

Diante disso, na presente subseção, anunciamos as possibilidades e denunciaremos os limites de ser recreador.

- Anunciando as possibilidades de ser recreador

Identificamos, nos depoimentos dos recreadores, alguns fatores que possibilitam a constituição das suas profissões, partindo da perspectiva de que esses fatores podem ser determinantes não apenas para a escolha de se tornar recreador, mas também para a decisão de permanecer nessa profissão.

Sendo assim, diante da observação do movimento individual de desenvolvimento profissional de cada recreador, ou seja, do constante processo de formação das profissões dos nossos recreadores,

procuramos identificar os fatores que possibilitam a prática profissional de cada um deles. No quadro a seguir, apresentamos as principais possibilidades do trabalho com a recreação apontadas pelos recreadores participantes desta pesquisa:

Quadro 3 – Possibilidades para a constituição das profissionalidades dos recreadores

Nº	POSSIBILIDADES PARA A CONSTITUIÇÃO DAS PROFISSIONALIDADES DOS RECREADORES
1	Aprender com as novas gerações e estudar para aprimorar a prática profissional.
2	Autonomia de criação para o trabalho; É um trabalho que não é fácil, mas é prazeroso; Identificação pessoal e intrínseca com o campo da recreação; Realização pessoal por trabalhar com recreação; Liberdade para ser o que se é.
3	Possibilidade de educar e transformar vidas.
4	Satisfação e felicidade, por poder proporcionar momentos satisfatórios e felizes para os outros; Ter o trabalho reconhecido pelas pessoas; Ser reconhecido pelas pessoas; Trabalho diversificado, com diferentes públicos, e não monótono.
5	Realização financeira.

Fonte: A autora (2024).

Aprender com as novas gerações e estudar para aprimorar a prática profissional são algumas das possibilidades do trabalho com a recreação, como podemos observar no depoimento da Recreadora Amarelinha:

A gente tem tentado aperfeiçoar, porque não sou tão velha assim, mas, do meu tempo para o tempo dessas crianças de agora, tudo mudou muito, né? E a recreação proporciona isso. A gente tem que estar buscando se integrar, entrar na *vibe*, como eles dizem, buscando o novo, adquirindo esse conhecimento, para não ficar para trás. Eu, para oferecer a eles uma recreação melhor e uma coisa que realmente os envolva, tenho que estar a par daquilo que eles estão vivendo hoje em dia. Então, tenho que realmente mergulhar nos estudos e me integrar a tudo isso aí, para não ficar para trás, para não ser aquela tia careta. Tenho que estar por dentro de tudo isso,

mostrando as possibilidades também. E a recreação me possibilita aprender com as novas gerações (Recreadora Amarelinha).

O depoimento da Recreadora Amarelinha, além de revelar que ela reconhece a necessidade de buscar novos conhecimentos para alcançar as novas gerações, também demonstra o compromisso com o seu desenvolvimento profissional contínuo, para que, assim, a recreadora possa oferecer um serviço de qualidade.

“Ficar por dentro” do mundo jovem é um desafio que, ao ser superado, possibilita a aprendizagem, a partir da interação com as novas gerações e com o que há de novo. Esse movimento remete ao que Freire (1996) chama de *dialogicidade*, uma das principais categorias da pedagogia freireana, compreendida aqui numa dimensão intergeracional.

Para Freire (1996, p. 86), “o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica”, a qual possibilita o desenvolvimento mútuo. Dessa forma, inferimos que a busca por conhecimento e informações favorece a dialogicidade entre recreadores e recreandos, o que permite a aprendizagem e o desenvolvimento conjunto entre recreador (educador) e recreando (educando).

A possibilidade de *identificação com o trabalho*, por sua vez, agrega diversos pontos, os quais foram levantados pelos recreadores, a saber: 1) a autonomia de criação para o trabalho; 2) o prazer de trabalhar com a recreação; 3) a identificação pessoal e intrínseca com a recreação promovida pela instituição; 4) a realização profissional; e 5) a liberdade para ser o que se é.

Como exemplos dessas possibilidades, vejamos os seguintes depoimentos dos recreadores:

Primeiro que é um trabalho que não é fácil, mas é prazeroso, né? (Recreador Bola de Sabão).

É o que eu te falo, né, eu não consigo fazer outra coisa. Eu amo essa atividade. É... Você trabalhar principalmente, assim, a instituição da gente visa muito o social aqui, então eu sempre me emociono. Todo final de semana, me emociono com alguma coisa, um cliente, uma criança, um idoso, então eu, hoje, eu me sinto muito realizado e abro a boca e digo: eu amo a minha profissão e eu sou profissional de recreação e lazer. Me sinto muito realizado nessa área (Recreador Pega-pegas).

Sim, sim, muito realizada. É como eu falei, quando a gente faz aquilo que a gente gosta, a gente não trabalha, né? A gente está ali para doar felicidade, para dar felicidade. A recreação, para mim, é uma coisa que está no meu sangue, que está na minha alma. Eu sempre fui muito moleca, muito menina, muito brincalhona, e eu acho que a gente tem que olhar a vida com outros olhos. E tudo a gente tem uma situação que a gente pode tirar alguma coisa boa. De toda uma situação ruim vem alguma coisa boa, né? Então, a recreação é uma coisa que eu sinto muito realizada. É... É uma coisa que eu faço com muito carinho. É uma coisa que eu faço, assim, sorrindo, eu me entrego de verdade. (Recreadora Amarelinha).

O que eu mais gosto [...] é poder ser quem eu sou, é poder fazer aquilo que eu estou projetando fazer naquele momento. Então, assim, é... É isso, a gente pode ser quem a gente é (Recreadora Amarelinha).

Podemos observar, a partir dos depoimentos acima, que os recreadores entrevistados gostam de trabalhar com a recreação, sentem prazer com o que fazem, se identificam com o seu fazer profissional. A recreação, para eles, está em consonância com as suas visões de mundo e os seus propósitos relacionados à própria perspectiva pessoal.

Nesse sentido, corroboramos Xavier (2022), que afirma que a escolha para se tornar um profissional da recreação está relacionada ao propósito de vida desse profissional. Dessa forma, “a prática do recreador está conectada a um processo empático do ser humano”, que se retroalimenta a partir da “concretização dos sonhos de outras pessoas” (Xavier, 2022, p. 114).

Os recreadores do Sesc Pernambuco sentem satisfação em ser, profissionalmente, o que escolheram ser, destacando questões subjetivas que contribuíram para que eles não só escolhessem a recreação como campo profissional, mas também permanecessem trabalhando como recreadores. Para promover práticas exitosas, é necessário ao recreador “dedicação, comprometimento, responsabilidade, junto a isso, é preciso ter o desejo de ver o outro bem e conseqüentemente como seres humanos melhores, um mundo melhor” (Xavier, 2022, p. 117).

A possibilidade de educar e transformar vidas, ou seja, a perspectiva transformadora da recreação, também é um elemento que foi evidenciado pelos recreadores, pois eles demonstraram compreender o papel educativo e transformador da sua ação, enquanto recreador, como podemos observar no depoimento abaixo:

Então, é uma responsabilidade muito grande que nós temos. É muito grande, ou seja, através dessa sua profissão, você transforma vidas também, não é? Nós somos educadores, nós transformamos vidas, então, para mim, é muito gratificante (Recreador Pega-pega).

Analisando a fala do Recreador Pega-pega, percebemos que ele se reconhece como educador, dialogando, portanto, com Silva (2018), que defende que o recreador é um profissional do campo da Educação *para e pelo* lazer, efetivado na ação recreativa, enquanto a sua atuação lúdica, além do divertimento, tem o intuito de formar sujeitos humanos.

Salientamos que a educação é compreendida aqui como “um meio para a transformação da realidade. Não pode ser uma prática neutra, mas deve estar voltada para a mudança social e a humanização” (Freire, 1967, p. 47).

Além de reconhecer a sua responsabilidade profissional, o recreador tem consciência do seu papel educativo. Nesse sentido, Padilha (2007) ressalta que a educação é uma das atividades humanas que mais pode contribuir para o nosso processo de humanização, principalmente quando se dá de forma alegre. Logo, a ação do recreador busca a (trans)formação humana, e a educação emerge “como responsabilidade diante do outro” (Tardif, 2020, p. 182).

Compreendemos essa (trans)formação humana a partir da perspectiva de Freire (1970, p. 77), que afirma que “a educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo” (Freire, 1970, p. 77).

Além disso, o papel educativo do recreador revela o seu compromisso com a comunidade, o que consiste numa das dimensões da profissionalidade, apontada por Contreras (2002), que diz respeito à responsabilidade de contribuir positivamente para a sociedade.

A satisfação e o reconhecimento do público, portanto, também são elementos favoráveis ao ser recreador, que foram mencionados pelos recreadores participantes desta pesquisa, e estão relacionados a ser reconhecido e ter o trabalho reconhecido pelas pessoas. Esse reconhecimento é percebido pelos recreadores da seguinte forma:

O que eu mais gosto na minha profissão é o resultado do meu trabalho, sabe? Quando a gente planeja e dá certo [...]. Na colônia de

férias, a quadra ficou a coisa mais linda e foi, sabe? E, assim, eu ficava com o microfone, calado, olhando o quanto eles estavam se divertindo. Então, tipo, isso é o que mais enche minha bola, é o que é, é o resultado final do meu trabalho. É o *feedback* no final, é na sexta-feira, a mãe me dizendo assim: 'venha cá, que eu preciso lhe dar um abraço e lhe agradecer'. É uma criança tímida, que, às vezes, naquela multidão de colônia de férias, você nem decorou o nome dela, e ela me dá um desenho no final e com 'eu te amo' embaixo. Tem uma carta que está colada, lá dentro do armário, que é: 'eu te amo, tio Pula Corda, você é lindo, sabia? Meu tio do Sesc'. Então, ele fez a carta para mim (Recreador Pula Corda).

É muito gratificante, quando você ganha um abraço, e ela diz, assim, no final: 'foi a experiência mais incrível da minha vida, né?' E você sai de lá realizada. Então, assim, a RECREAÇÃO, para mim, ela é, hoje, ela é a minha vida. Ela é a minha vida, posso dizer (Recreadora Amarelinha).

E eu me sinto feliz. Eu me sinto bem, fazendo o que eu faço, ainda mais hoje, quando eu estou com mais possibilidades de realizar o meu trabalho. Eu estou, nesse momento, com mais possibilidades, né? A gente trabalha por hora. Nós somos profissionais horistas. Então, cada minuto, cada segundo, ele é muito importante. A gente trabalha muito. Eu, particularmente, com cronômetro. Às vezes, isso é um pouco estressante, porque, mesmo no silêncio do seu lazer, você está ali meio que escutando aquele cronômetro, os alarmes da vida. Mas, eu me sinto feliz e realizada, porque, cada vez que eu encontro uma pessoa que já passou, sabe, pela atividade, que lembra de você, que faz questão de voltar, porque, por exemplo, vamos falar de Caruaru, mas vamos abranger para todos, todos os Sesc no país todo. Então, há muitas possibilidades, em especial, nesse momento que a gente vive, de lazer e recreação. Há muitas possibilidades, quando aquela pessoa volta para estar ali, com você, novamente. Nossa! Você trouxe aquela pessoa de volta. Foi você, foi o seu fazer. Eu me sinto feliz e realizada no meu fazer (Recreadora Barra-bandeira).

O que eu mais gosto é estar em determinada situação e ouvir aquele nome: 'tio Bola de Sabão', 'professor Bola de Sabão', ou quando algum idoso me vê na feira e [ele me] para, para conversar, para mostrar a família. É como se eu tivesse um super poder, de fazer a diferença para diferentes tipos de pessoas, com aquela coisa que, às vezes, é tão pequena, tão mínima, mas faz grande diferença para quem recebe. Então, o que torna prazeroso é isso. É esse momento de reconhecimento, de perceber do outro essa troca (Recreador Bola de Sabão).

Quanto ao *trabalho diversificado, com diferentes públicos, e ao fato de trabalhar com pessoas*, também são elementos, apontados pelos recreadores, que influenciam positivamente na constituição da profissionalidade destes, como podemos observar a seguir:

É o que eu mais gosto, é essa flexibilidade de você trabalhar com vários públicos, né? Então, como eu falei, muito aberto, ele [o Sesc] é muito aberto. A área de Lazer, ela abrange muita coisa (Recreador Pega-pega).

O que mais gosto é de estar com as pessoas, realizando sonhos com as pessoas, de estar junto com as pessoas. A pessoa, né? O ser humano, isso não importa qual a idade, todas as idades (Recreadora Barra-bandeira).

Como podemos observar nos depoimentos acima, a diversidade de público é um fator que influencia positivamente o trabalho dos recreadores participantes desta pesquisa, visto que realizar um trabalho voltado às pessoas traz satisfação para os recreadores e permite o seu crescimento pessoal e profissional. A recreação, mediada pelo recreador, tem o papel essencialmente educativo.

A *realização financeira*, por seu turno, consiste em outro elemento que influencia positivamente o trabalho dos recreadores no Sesc PE, como demonstra o depoimento do Recreador Bola de Sabão:

Eu me sinto realizado, pois é um trabalho muito prazeroso, a gente vai trabalhando, vai desenvolvendo, e, todo dia, é uma novidade. Dá aquele frio na barriga a toda entrega. Eu me sinto realizado não só no fazer, mas financeiramente também. Por meio do meu trabalho como recreador, eu consegui conquistar muitas coisas, meus estudos, meu transporte, minha casa, minha família. Então, se não fosse através disso... Enquanto profissional recreador, eu sou muito realizado. Graças a Deus, por isso! (Recreador Bola de Sabão).

O Recreador Bola de Sabão afirmou que é realizado sendo recreador, apontando aspectos positivos da sua profissão, que vão desde a realização do seu fazer até a questão financeira, ou seja, a remuneração pelo seu trabalho. De acordo com Pina (2005), Moreno (2005), Destéfani (2007), Santos (2005), Fillipis (2012), Arruda (2018) e Costa (2021), o reconhecimento e a valorização profissional do recreador também perpassam pela questão da remuneração.

Portanto, dentro do Sesc Pernambuco, no que se refere ao aspecto financeiro, o recreador sente que o seu trabalho é devidamente remunerado, o que aponta para certo tipo de valorização e reconhecimento do trabalho desse profissional, conferido ao profissionalismo que, conforme Ramalho, Nunes e Gauthier (2004), está articulado com a profissionalidade, em dimensões complementares.

Embora a satisfação pessoal e financeira do Recreador Bola de Sabão não seja suficiente para afirmarmos que os recreadores são devidamente

reconhecidos e valorizados pela instituição, podemos dizer que essa satisfação é elementar no processo de valorização e reconhecimento do recreador enquanto profissional.

- Denunciando os limites do ser recreador

Freire (1992) explica que

[...] não há utopia verdadeira fora da tensão entre a denúncia de um presente tornando-se cada vez mais intolerável e o anúncio de um futuro a ser criado, construído, política, estética e eticamente, por nós, mulheres e homens. A utopia implica essa denúncia e esse anúncio, mas não deixa esgotar-se a tensão entre ambos quando da produção do futuro antes anunciado e agora um novo presente. A nova experiência de sonho se instaura, na medida mesma em que a história não se imobiliza, não morre. Pelo contrário, continua (Freire, 1992, p. 47).

É a partir dessa perspectiva de denúncia, bem explanada por Freire (1992), que procuramos denunciar os fatores que limitam a constituição do ser recreador. Entendemos que, além de possibilitar o conhecimento dos principais entraves enfrentados pelos recreadores, denunciar esses limites pode alavancar o movimento de reflexão e pensamento de estratégias de enfrentamento para superação dessas dificuldades.

No quadro a seguir, apresentamos os principais aspectos apontados pelos participantes desta pesquisa como fatores que limitam seu trabalho enquanto recreadores.

Quadro 4 – Limites para a constituição das profissionalidades dos recreadores

Nº	LIMITES PARA A CONSTITUIÇÃO DAS PROFISSIONALIDADES DOS RECREADORES
01	<p>A ausência de formação inicial específica de recreação; Dificuldade de encontrar material para estudar; Dificuldade para adquirir qualificação profissional; A descredibilidade que a experiência profissional e a formação em outros cursos superiores têm, frente ao curso de Educação Física; Pelo movimento de constituição profissional individual ser insuficiente, frente ao que o curso de Educação Física representa para a instituição.</p>

02	As pessoas terem uma representação equivocada e pejorativa do recreador; Pessoas (funcionários) dificultam o trabalho do recreador, ao invés de facilitar, por não compreender a relevância profissional da recreação.
03	Regimento legal e valorização financeira.
05	Performar felicidade, quando está com problemas.
06	Dificuldade para encontrar recursos materiais.
07	Acompanhar o avanço da tecnologia, as novas gerações e tendências.

Fonte: A autora (2024).

Como podemos observar no quadro acima, a partir dos depoimentos dos recreadores entrevistados, identificamos 12 aspectos que são reconhecidos por eles como elementos que dificultam o seu trabalho. No entanto, como alguns desses aspectos se aproximam da mesma discussão, abordaremos alguns deles em conjunto. Sendo assim, dos 12 aspectos identificados, apresentamos a seguir oito aspectos que dificultam a constituição das profissões dos recreadores.

- Os aspectos ligados à *formação do recreador* apresentam desdobramentos que merecem reflexão, devido às peculiaridades destes. A esse respeito, iniciamos a discussão com o depoimento do Recreador Pega-pega sobre a sua principal dificuldade no início da carreira profissional de recreador:

Rapaz, na época, é a questão da formação, né? Você ter que procurar cursos que possam lhe qualificar, fazer tudo o que é preciso, né? Pelo perfil do profissional, que é muita coisa, é o seu perfil. Então, na época, a minha dificuldade era a questão da formação. A minha formação toda foi fora. Principalmente nessa área de litoral, em Maceió, Fortaleza, que é uma área que tem muito, que treina muito o profissional de recreação no Recife, que é o forte (Recreador Pega-pega).

No início da sua jornada profissional, a principal dificuldade do Recreador Pega-pega foi conseguir qualificação para o seu exercício profissional enquanto recreador, uma vez que, na época, existiam poucos

cursos de recreação em Pernambuco, e a maioria deles se encontrava na cidade do Recife, capital do estado.

Quando o assunto é recreação hoteleira, essa dificuldade se torna ainda maior para quem reside no Agreste de Pernambuco. Por isso, o Recreador Pega-pega destacou que os cursos voltados para a recreação hoteleira estão mais presentes nas cidades litorâneas de Pernambuco ou fora dele.

No entanto, sair do estado para fazer um curso não é uma tarefa tão simples, principalmente quando se tem vínculo empregatício. Diante disso, a dificuldade enfrentada pelo Recreador Pega-pega há tantos anos, quando iniciou o seu trabalho com recreação, provavelmente, ainda se faz presente nos dias atuais no contexto de outros recreadores.

Ainda sobre a formação e também a autoformação do recreador, o Recreador Bola de Sabão evidenciou mais uma dificuldade:

Primeiro, encontrar material, que não foi fácil encontrar material para estudar (Recreador Bola de Sabão).

A fala acima revela a dificuldade do Recreador Bola de Sabão para ter acesso aos materiais de estudos sobre recreação, no início da sua carreira profissional, há mais de dez anos. Existem muitos fatores relacionados a essa dificuldade, desde a localidade geográfica do recreador ao acesso à tecnologia. Além disso, sabemos que não basta ter acesso à tecnologia, também é preciso saber onde procurar os conteúdos formativos. Essa dificuldade foi, aos poucos, sendo superada pelo recreador Bola de Sabão, mas, até hoje, ele ainda enfrenta algumas dificuldades relacionadas ao acesso a recursos materiais, como podemos observar no seu depoimento a seguir:

Também não foi fácil encontrar recursos materiais. Não foi fácil encontrar materiais, devido à região. Tem materiais que aqui, até hoje, não é fácil encontrar, tipo bambolê, bolinhas de ping pong, não tem. Determinados materiais não têm. Então, falta isso. Por muito tempo, precisei adaptar e fazer reciclagem, porque aqui não tinha os materiais, e desenvolver atividades com aquilo. Os materiais, até hoje, aqui ainda são um certo problema (Recreador Bola de Sabão).

Bola de Sabão reside no sertão de Pernambuco, a mais de 600 km de distância da capital pernambucana, o que justifica parte dessa dificuldade enfrentada por ele. No entanto, salientamos que, embora enfrentando essa

dificuldade, o referido recreador desenvolveu meios criativos e sustentáveis para realizar o seu trabalho.

A formação dos recreadores ocorre de diferentes formas, a partir das suas diferentes experiências formativas, ao longo da vida, como, por exemplo, as experiências em cursos, em serviço e de autoformação (Silva, 2018). No entanto, a *formação humana do recreador* não é reconhecida socialmente. Como demonstraram os depoimentos dos recreadores participantes desta pesquisa, as experiências formativas adquiridas por eles, ao longo da vida, não possuem a mesma credibilidade de uma formação acadêmica.

Outro aspecto limitante, observado no depoimento da Recreadora Barra-bandeira, diz respeito à maior valorização, por parte do Sesc, dos profissionais que são formados no curso superior de Educação Física:

Volto para a formação. Eu volto para formação, então, é... Se você tem uma formação acadêmica voltada para a recreação, talvez fosse diferente o solo que você pisasse enquanto profissional. Está entendendo? Então, é um o profissional, por exemplo, da Educação Física. É como se ele tivesse um degrau a mais. É, sim, uma dor. Isso é uma dificuldade. O profissional da Educação Física, ele tem um degrau a mais, sendo que muitas pessoas que têm são excelentes profissionais, mas, de essência, ele não é recreador. Ele não foi, não enveredou para este caminho. Muitos conseguem realizar bem, mas muitos, não. Então, assim, mas se você tem a formação de Educação Física, você consegue algo que eu não consigo, porque eu não tenho a formação de Educação Física, eu tenho Pedagogia, estou fazendo uma pós: 'Lúdico, Ludicidade, Recreação e Lazer'. Mas, eu não tenho Educação Física, então isso é um calo. Então, eu tenho toda uma formação, eu tenho uma estrutura, eu tenho fundamentação teórica, eu tenho, eu tenho uma prática, eu tenho a experiência, mas dependendo do que eu for fazer e eu tiver competindo com um profissional de Educação Física, que ele tenha formação, não tem nem experiência, mas, aí, é ponto para ele, isso é uma dificuldade. Volto para o estudo, né, para a formação acadêmica (Barra-bandeira).

O depoimento da Recreadora Barra-bandeira suscita várias questões que precisam ser discutidas por todos nós que estudamos sobre a recreação e a constituição profissional do recreador. As experiências formativas relatadas pela referida recreadora são insuficientes frente à representação social que um profissional da Educação Física tem. Essa representação foi, por muito tempo, da própria instituição Sesc, que, de acordo com o depoimento acima, oferecia mais oportunidades aos profissionais da Educação Física, com experiências em recreação ou não.

Corroborando o depoimento da Recreadora Barra-bandeira, Siga a Mestre falou sobre a mudança de perspectiva, da instituição Sesc Pernambuco, ao longo dos anos, em relação ao recriador:

Hoje, a gente tem o Instrutor de Atividades/Recreação, que é o recriador, de fato. O que pode acontecer, hoje, é que o recriador, dependendo da sua... É que a gente voltou com isso, aconteceu um tempo atrás, a gente parou e, aí, a responsabilidade técnica da atividade só poderia ser assumida pelo Professor 2/Esportes (Educação Física), né? Que estava com esse escopo na sua formação. Mas, como hoje, na área, a gente tem várias pessoas com formação em diversos segmentos, né? De diversas áreas, como: Eventos, Psicologia, Pedagogia, entre outras, não só da área da Educação Física, a gente também está colocando pessoas dessas outras áreas, dependendo do desempenho e projeção de como elas se veem desenvolvendo agora, que é um caso que a gente tem, há 4 meses, de um instrutor também poder ter a responsabilidade técnica, porque ele tem apropriação técnica do conteúdo e do conhecimento. Então, hoje, a gente está fazendo isso (Siga a Mestre).

Como demonstra a fala da Profissional Siga a Mestre, a compreensão sobre o recriador também tem trazido mudanças, a partir da perspectiva da própria instituição. O Responsável Técnico é uma função de liderança do setor de Recreação, que exige habilidades, competências e saberes da própria experiência profissional. Porém, muitas vezes, essa função foi desempenhada, majoritariamente, por professores de Educação Física, que, às vezes, não tinham experiência com recreação.

O Sesc não exige curso superior para o ingresso profissional de recriadores na instituição. Quando perguntada sobre a relevância da formação acadêmica, Siga a Mestre reconheceu a importância da formação acadêmica para a prática do recriador, além de ressaltar em seu depoimento outras perspectivas de formação:

Sim, mas eu diria que ela [a formação] não está só dentro da universidade, não é? Ela está no lugar onde ele [o recriador] se permite se desenvolver como profissional e também pode estar em diversos lugares. Não está apenas na academia, no ensino superior, mas em qualquer lugar onde ele (o recriador) encontre fomento para melhorar o seu fazer. Seria acadêmico, nesse sentido (Siga a Mestre).

Frente à complexidade do trabalho desenvolvido pelos recriadores, muitos deles procuram cursos e estudos para embasar a sua prática. A prova

disso é que um dos movimentos, feitos pelos recreadores participantes desta pesquisa, que mais se sobressaíram, neste estudo, foi a busca por conhecimento, para qualificar e aprimorar a prática profissional.

Ainda sobre a necessidade de formação acadêmica, Seu Mestre Mandou afirmou o seguinte:

Sim, é super importante ter uma formação acadêmica exatamente por tudo que eu já falei, né? Eu acho que é importante, sim. Não só esse comprometimento em dar retorno, em termos de quantidade, significa a prática excessiva. Mas, eu acho que ele [o recreador] precisa saber o papel que ele exerce. Por que que ele está ali, sabe? Os objetivos daquilo que ele quer propor, onde ele quer chegar (Seu Mestre Mandou).

Isto significa que a atuação profissional do recreador no Sesc exige saberes específicos para que ele saiba qual é o seu papel no âmbito da proposta institucional do Sesc.

A grande maioria dos recreadores do Sesc Pernambuco possuem formação superior em Educação Física. Talvez, o prestígio que o curso de Educação Física tem ou, um dia, teve para a instituição seja um dos fatores que influenciaram esses profissionais a buscar esse curso superior. No entanto, a maioria dos recreadores que são inspiradores para os demais recreadores do Sesc e que participaram desta pesquisa desta pesquisa não é formada em Educação Física.

Logo, podemos inferir que, embora o curso de Educação Física seja constitutivo na profissionalidade do recreador, esse componente não é primordial nessa constituição, uma vez que os recreadores de referência do Sesc Pernambuco não são formados em Educação Física.

Como não há um curso superior específico para a recreação, a identidade profissional do recreador vem se constituindo de modo transversal, porém essa identidade profissional precisa representar o seu fazer. Se não ter um curso superior específico já compromete a representação e a identidade do recreador, a nomenclatura utilizada pela instituição para designar o recreador tem colaborado ainda mais para a compreensão do fazer desse profissional. Sobre esse assunto, *Seu Mestre Mandou* afirmou em seu depoimento que, no Sesc do Brasil, existem diferentes nomenclaturas para designar o recreador:

Existe *recreador, animador sociocultural, animador social, analista de recreação*, é... Não sei te falar agora, mas tem, tem vários, tem vários, mas eu acho que *instrutor de atividades de recreação* é só aqui [em Pernambuco] (Seu Mestre Mandou).

No Sesc Pernambuco, os recreadores são denominados de *instrutores de atividades/recreação*. Como discutimos anteriormente, a diversidade de nomes também dificulta o estabelecimento de uma identidade profissional, uma vez que, segmentada, ela perde a força da sua representação. Além disso, quando perguntadas se nomenclatura *instrutor de atividades/recreação* representa integralmente o que o recreador é e faz na instituição, as profissionais Seu Mestre Mandou e Siga a Mestre disseram que não, como podemos observar nos depoimentos a seguir:

Não, não. Um instrutor de atividades e recreação, para mim, pode ser um oficineiro. A gente pode até trabalhar com um título semelhante, porque, na minha cabeça, o instrutor de atividades de recreação é algo muito específico. Você vai instruir sobre algo, então acho que, quando a gente contrata um oficineiro, é, mais ou menos, nesse sentido. Acho que deveria ser 'Recreador' o título, né? Ou um 'Analista de Recreação' (Seu Mestre Mandou).

Conceitualmente, não. Porque acho que, hoje, o recreador é mais do que um instrutor, e a palavra 'recreador', pelo que a gente desempenha no SESC, traria muito mais, agregaria muito mais valor. No entanto, hoje, a nível de SESC Brasil, vê-se que o nome diverge em várias regionais, né? Alguns são *animadores socioculturais*, alguns, inclusive, não são os recreadores que desenvolvem as opções recreativas. Mas, hoje, a mudança dessa nomenclatura segue um regimento, porque existem cargos que já foram criados e aprovados no conselho. Como vai ser um cargo que não existia no Sesc PE. Ele passa a existir quando a gente entra no Sesc 2000. Acho que a gente conseguiu, a gente entrou no SESC, em 2004, e ele passa a existir, de fato, em 2005, quando surge a primeira equipe de recreadores no Sesc Pernambuco, reconhecida como equipe de recreadores, que, até então, eram os professores de esportes que completavam sua carga horária, fazendo a função de recreadores. Aí é que a gente começa a entender e dar identidade a uma função que não existia, que estava lá presente, mas que não existia, de fato, documentalmente. Acho que é um avanço que a gente precisa ir galgando, porque todos os cargos precisam de aprovação de um conselho e, hoje, a gente tem tentado aprovar mais numericamente pessoas para ingressar na instituição do que, de fato, ainda trabalhar com a nomenclatura do cargo. Mas, é uma coisa que já está sob nosso ponto de observação (Siga a Mestre).

Observamos, nos dois depoimentos acima, que o termo *instrutor de atividades/recreação* não representa a função desempenhada pelos recreadores no Sesc, porém cada um dos depoimentos aponta perspectivas

que se complementam, embora seja basilar que a nomenclatura e função dos recreadores sejam discutidas e formalizadas nacionalmente.

A representação profissional equivocada e, muitas vezes, pejorativa também é um fator que limita o recreador. Vejamos os depoimentos a seguir:

Mas, eu tenho muitas dificuldades enquanto recreador, por exemplo, às vezes, a gente chega em uma festa de aniversário, o papai e a mamãe pensam que a gente é analfabeto, fazem, tipo, fala com a gente gesticulando, sabe? E a gente fica, sabe? E, às vezes, a gente tem que dizer 'eu estou lhe entendendo, mãe, está tudo certo'. Eu já cheguei em festas onde a mãe disse assim: 'vai ser com essa roupa que'... Eu, de farda. "Vai ser com essa roupa que você vai recrear?'. Eu disse: 'é'. 'Porque eu pensei que vocês iam se vestir de bonecos, botar uma cabeça de Mickey e tal, alguma coisa'. Então, tem isso, e acho a falta de respeito, às vezes, tanto das crianças quanto dos adultos, de pensar que, assim, a gente é recreador, porque sobrou isso. E não, não sobrou, não. Eu sou recreador, porque eu escolhi me manter nessa função. As atividades que a gente faz, elas têm sentido, têm significado. A gente brinca pelo brincar também, mas a gente, na maioria das vezes, o brincar está atrelado a algum propósito. Então, são essas dificuldades [...] que, às vezes, colocam a gente, assim, para baixo, como se... Faz a gente já cair nessa armadilha de pensar se é isso mesmo, eu quero está passando por isso? Eu estudei tanto, sei fazer tanta coisa e ficar passando por isso? Então, são essas dificuldades. O que mais me incomoda é a questão do respeito das pessoas, as pessoas, às vezes, me tratam/tratam os recreadores como se fossem qualquer coisa. É, repetindo o que eu disse antes, como se a gente tivesse trabalhando só com o que sobrou, como se fosse um bico, e isso é muito chato (Recreador Pula Corda).

O que me incomoda é achar que a gente é palhaço. Não somos. Lembro que uma amiga falou: 'não, você tem que se fantasiar para fazer a atividade', 'você tem que fazer como fulaninho faz. Ele se veste assim...' Não. Ser um recreador não é um personagem. Eu vou de cara limpa. É lógico que, dependendo do contexto, eu posso até me vestir para determinada situação, mas eu não sou um personagem. Não sou palhaço. Quando me colocam como se eu fosse um palhaço, isso me incomoda muito. A minha prática tem um saber e está fundamentada. A gente está ali para desenvolver uma atividade com intenção, não para viver de palhaçada. Inclusive, quando vem alguns colegas e me perguntam 'ah, você é palhaço?', da forma pejorativa, e eu explico a gente não está ali para tapar buraco/que é outra situação também que, antigamente... Hoje, eu não tenho esse problema na unidade, mas acontecia... Está faltando gente aqui, chama lá o recreador para tapar o buraco aqui. Hoje, eu tenho muito respeito aqui, mas, até isso, foi muito desgastante, era assim. Está faltando o professor, chama lá o recreador que ele faz. Então isso era um grande problema para mim. Hoje, já não é mais. É como eu disse, teve um tempo de maturação que não foi fácil, não só para mim, mas para todos compreenderem o que a gente faz. Antes, achavam que a gente tinha que fazer as coisas de última hora. Não. Isso não existe (Recreador Bola de Sabão).

Os dois depoimentos acima falam sobre as visões equivocadas das pessoas acerca do que é ser um recreador. Enquanto o Recreador Pula Corda

ressalta o desprestígio social desse profissional, o Recreador Bola de Sabão destaca o desprestígio vindo dos próprios colegas de trabalho, por não compreenderem corretamente qual o papel do recreador na instituição.

No entanto, a partir do trabalho da coordenação de recreação junto às gerências, com formações para as equipes e apresentações do papel do recreador na instituição, bem como da luta diária dos recreadores, com estudos para fundamentar a sua prática, hoje, os funcionários do Sesc já compreendem que o recreador da instituição tem uma função específica, que exige um saber fundamentado, como evidenciaram os recreadores Pula Corda e Bola de Sabão em seus depoimentos.

No que diz respeito à representação que a população tem do recreador, esse profissional pode se deparar, frequentemente, com a ideia de que ele é um palhaço ou um personagem que anima festas infantis. Não estamos aqui desmerecendo esses personagens, mas evidenciado que a prática do recreador não é vazia. Os depoimentos dos recreadores participantes desta pesquisa demonstraram que a prática deles está repleta de intencionalidade educativa, além de ser fundamentada e seriamente planejada. Essa complexidade profissional implica que os recreadores desenvolvam elementos específicos dessa profissionalidade, característicos de um educador que busca formar sujeitos mais humanos.

É preciso discutirmos sobre o recreador numa perspectiva que possibilite construir uma unidade, a fim de facilitar para que a sociedade construa uma representação social positiva em relação a ele. Paralelo a isso, também é preciso pensar meios de potencializar a valorização desse profissional, como podemos observar no depoimento do Recreador Pega-pega:

A recreação é uma área que precisa crescer muito e precisa ser mais legalizado, a questão financeira, né? Não na instituição que eu trabalho, que é uma maravilha, mas tem instituições essas que não valorizam muito esse profissional, né? Eu cheguei até em hotéis que o recreador trabalha e é tratado como se fosse um monitor, né? Aquela coisinha ali de brincar com a criança. E, não. É uma responsabilidade muito grande que nós temos. É muito grande, ou seja, através dessa sua profissão, você transforma vidas também, né? Nós somos educadores, nós transformamos vidas, então, para mim, é muito gratificante ser recreador (Recreador Pega-pega).

O Recreador Pega-pega reconhece que a perspectiva profissional da recreação precisa ser mais debatida, a fim de instituir diretrizes legais que amparem o profissional, principalmente no aspecto financeiro. Mesmo salientando essa necessidade legal de reconhecimento e valorização financeira, o referido recreador declara que, na instituição em que atua, ele não tem problemas relacionados a essa questão, porém reconhece a necessidade dos recreadores que atuam fora do Sesc.

Sobre esse assunto, Pina (2005), Moreno (2005), Destéfani (2007), Santos (2005), Fillipis (2012), Arruda (2018) e Costa (2021) apontaram a necessidade de reflexão sobre a falta de reconhecimento e valorização do recreador no Brasil. Logo, para iniciarmos tal reflexão, é imprescindível compreender que a identidade do recreador se difere dos demais profissionais do lazer. Essa identidade deve ser demarcada e compartilhada pela comunidade acadêmica para favorecer a compreensão desse profissional e, conseqüentemente, afirmar a sua identidade.

Nesse sentido, a Associação Brasileira dos Recreadores (ABRE) tem representado o movimento que os recreadores de todas as partes do país vêm realizando para alcançar a valorização profissional.

Outro fator que também limita o recreador é a ilusão de que esse profissional não tem problemas pessoais, não pode ter um dia ruim ou parecer cabisbaixo. Nesse sentido, temos a fala do Recreador Pega-pega:

O que me incomoda é porque você tem que estar sempre feliz, sempre legal, não pode ter uma dor de cabeça. Se você está com algum problemzinho é alguém dizer: 'ei, você está diferente, está acontecendo alguma coisa?'. Então, às vezes, quem trabalha com essa parte de lazer ou falam arte, né? Um artista, um cantor, ele não pode passar pro cliente, e qual é o problema? E nós temos problema também, né, igual a todo mundo. Mas, está sempre tomando cuidado que não pode passar de nada para o cliente, você tem que dar ali 100%. 100%. Se não der mais, pelo menos 90%. Tem que ficar lá, perto do seu cliente, e sempre fazendo o melhor, né? (Recreador Pega-pega).

A questão de não aparecer para o público estando triste é um desafio para os recreadores, pois nem sempre eles estão bem. Quando isso acontece, o recreador tenta não transparecer que está enfrentando algum problema. Essa visão de que o recreador é um ser que está alegre o tempo inteiro pode ser nociva para esse profissional, pois nega a sua condição humana de sentir

as coisas. O recreador não é um personagem, mas, muitas vezes, se torna um, para não desapontar ou frustrar a expectativa do público.

Xavier (2022) defende que essas dificuldades podem ser enfrentadas com a maturidade profissional, a qual possibilita ao recreador separar os seus problemas pessoais da sua atuação profissional. No entanto, considerando uma perspectiva humana do recreador, vamos de encontro ao que defende Xavier (2022). Portanto, defendemos que, no caso de problemas atípicos, que, possivelmente, venham a interferir na prática exitosa do recreador, deve haver o diálogo junto a equipe de trabalho, a fim de pensar estratégias para que esse profissional não atue estando com os eventuais problemas e não se sujeite a virar um personagem de si mesmo.

As profissionalidades dos recreadores se constituem, principalmente, pelo esforço individual de cada um com o seu próprio desenvolvimento profissional, de forma que os seus elementos são diversos, provenientes de diferentes contextos e carregados de saberes, os quais os tornam recreadores. Por isso, discutir a formação da profissionalidade do recreador é tão importante, uma vez que essa compreensão aponta quais elementos são necessários para uma profissionalização.

O último ponto que também desafia os recreadores é o de acompanhar o avanço da tecnologia, as novas gerações e tendências. Esse aspecto pode ser visto no depoimento da Recreadora Amarelinha:

As dificuldades, eu acho que é do dia a dia, né? Desse tempo que a gente vive. Hoje, a gente vive um tempo muito tecnológico, e eu estou... Eu sou uma pessoa que tem um pouquinho de idade, já. E tudo, hoje em dia, a gente tem que tentar acompanhar o tempo, a era, o espaço de tudo aquilo, a gente vê que a tecnologia é muito avançada, né? Então, é... A gente tem que começar a entrar na *vibe*, né, dos adolescentes, entrar na *vibe* das crianças e ver o que, realmente, o que é necessário para que, realmente, faça essa recreação acontecer. E assim como a gente tem a noção do que a gente está fazendo de melhor, a gente tem que ver aquilo que flui, que não flui, para a realidade de hoje. Então, eu acho que o que foi mais difícil, para mim, é realmente entrar nesse mundo tecnológico. Foi entrar nesse mundo tecnológico, nessa *vibe* aí da internet, nessa modernidade toda. A gente tem tentado e vem tentando aperfeiçoar, porque não sou tão velha assim, mas, do meu tempo para o tempo dessas crianças de agora, tudo mudou muito, né? E a gente tem que estar buscando se integrar, entrar na *vibe*, como eles dizem, buscando o novo, adquirindo esse conhecimento para não ficar para trás. Eu... Para oferecer a eles uma recreação melhor e uma coisa que, realmente, eles se envolvam, eu tenho que estar a par daquilo que eles estão por dentro hoje em dia. Então, é que tenho que

realmente mergulhar nos estudos e me integrar a tudo isso aí, para que eu não fique para trás, para que eu não seja aquela tia careta. Eu tenho que estar por dentro de tudo isso, mostrando as possibilidades também. Eu acho que essa foi a minha maior dificuldade, mas estou tentando. Eu chego lá, eu digo assim, para minha filha, que a cada dia eu aprendo uma coisa nova com os jovens, com eles lá, com os adolescentes. E eu consigo sempre, assim, adaptar para a maneira deles, para ficar tudo certinho e para dar o mais certo possível (Recreadora Amarelinha).

Podemos observar, na fala acima, que o avanço das tecnologias também é um elemento desafiador, por si só, uma vez que, a cada dia que passa, surgem artefatos tecnológicos novos, requerendo do profissional habilidades que exigem familiaridade com a tecnologia. Além da própria tecnologia, outro ponto destacado pela Recreadora Amarelinha é a necessidade de acompanhar as novas gerações, procurando entender o que faz sentido para os jovens e as crianças, nos dias de hoje.

Embora diante desses desafios, a Recreadora Amarelinha consegue traçar estratégias para enfrentar as dificuldades. Acreditamos que identificar as próprias dificuldades é um movimento importante para saber quais as suas necessidades enquanto profissional, como também onde conseguir adquirir os saberes necessários a serem mobilizados na sua prática profissional. A busca por conhecimento é uma estratégia basilar para enfrentar essas e outras dificuldades existentes no movimento incessante da constituição das profissões dos recreadores.

Na subseção a seguir, apresentamos os saberes que constituem as profissões dos recreadores.

5.4.2 Os saberes que constituem as profissões dos recreadores

Na seção anterior, identificamos e caracterizamos os contextos que contribuem para as profissões dos recreadores do Sesc Pernambuco. Descobrimos que esses contextos estão repletos de diversas nuances que os compõem, que vão desde a descrição física dos espaços até as pessoas neles envolvidas.

Na perspectiva de Tardif (2014), o primeiro movimento de profissionalização dos professores é o reconhecimento dos saberes docentes, os quais envolvem os saberes mobilizados na prática docente. Diante disso,

propomos o deslocamento dessa compreensão para pensarmos sobre um dos aspectos que compõem o processo de profissionalização do recreador: a profissionalidade.

Buscamos, neste estudo, investigar o processo individual dos participantes para constituir as suas profissionalidades. Logo, além de defender que os recreadores possuem saberes específicos, procuramos identificar quais são esses saberes profissionais, os quais são mobilizados em suas práticas.

Nesse sentido, fundamentamo-nos na perspectiva de Courtois (1996), que entende que a

[...] profissionalidade designa primordialmente o que foi adquirido pela pessoa como experiência e saber, e sua capacidade de utilizá-lo em uma situação dada, seu modo de cumprir as tarefas. Instável, sempre em processo de construção, surgindo do próprio ato do trabalho, ela se adapta a um contexto em movimento (Courtois, 1996, p.172).

Compreendendo a profissionalidade como um elemento dinâmico e em constante movimento, direcionamos o nosso olhar para os saberes mobilizados pelos recreadores participantes desta pesquisa. Identificar esses saberes, além de possibilitar uma compreensão mais aprofundada sobre o movimento de formação das suas profissionalidades, permite o delineamento dos saberes necessários ao recreador, contribuindo para a ampliação da reflexão sobre a formação profissional e contínua desse profissional.

5.4.2.1 Os saberes dos recreadores a partir de uma analogia da Física

A palavra *ciência* teve origem do latim, *scientia*, e significa *conhecimento*. O conhecimento é o elemento que permite a compreensão da realidade. Existem diferentes formas de perceber e conhecer o mundo, como, por exemplo, por meio da religião, do senso comum, da filosofia, mitologia e da própria ciência. Todas essas perspectivas produzem conhecimentos que objetivam dar sentido às coisas, para que nós possamos melhor compreender tudo o que nos cerca.

A diferença entre todas essas formas de conhecimento e o conhecimento científico é a existência do método científico, que consiste num conjunto de procedimentos rigorosos que tendem a garantir a confiabilidade

dos resultados obtidos. Dessa forma, a “ciência é um conjunto de atitudes e atividades racionais, dirigidas ao sistemático conhecimento com objeto limitado, capaz de ser submetido à verificação” (Marconi; Lakatos 2005, p. 22).

A ciência, em si, é um artefato basilar para a compreensão do universo e dos seus diversos fenômenos. A Pedagogia, por exemplo, é a ciência da Educação (Pimenta, 2021). Assim como a Pedagogia, existem várias outras ciências que buscam alcançar a compreensão dos mais diferentes fenômenos, sejam eles físicos, químicos, biológicos, geológicos, sociais, comportamentais, tecnológicos, entre outros.

No entanto, corroboramos o pensamento de Morin (2003), que critica a fragmentação dos saberes, ao afirmar que:

há inadequação cada vez mais ampla, profunda e grave entre os saberes separados, fragmentados, compartimentados entre disciplinas, e, por outro lado, realidades ou problemas cada vez mais polidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais, planetários (Morin, 2003, p. 13).

Nesse sentido, embora estejam fragmentadas em muitos estudos, todas as ciências se complementam e, quando unidas, favorecem uma visão ampla de todos os fenômenos nos quais estamos inseridos, proporcionando uma maior compreensão de mundo.

Sendo assim, na presente pesquisa, procuramos dialogar com a Física, a fim de ampliar a nossa perspectiva sobre os saberes dos recreadores. A palavra *física* é proveniente do grego *physis*, que significa *natureza*. A Física é uma das ciências que, com o auxílio de métodos sistemáticos de investigação, busca investigar e compreender a natureza, por meio de leis gerais que conduzem aos fenômenos naturais.

Na Física Moderna, difundida no século XIX, surgiu o conceito de *campo*, originado da Matemática, que consiste numa propriedade de uma região do espaço. Cada ponto do espaço possui uma característica, chamada de *campo*, e esse campo pode caracterizar vários elementos, como, por exemplo, fenômenos gravitacionais, elétricos, eletromagnéticos e, até mesmo, de temperatura.

Considerando esse conceito da Física Moderna, deslocamos o conceito de *campo* para pensarmos a caracterização dos saberes mobilizados pelos

recreadores do Sesc Pernambuco. Destacamos que, assim como o campo não é o espaço, mas, sim, uma região do espaço, mapeamos os saberes dos recreadores em diferentes regiões, as quais denominamos de *campos de saberes dos recreadores*.

Para chegarmos ao total de cinco *campos dos saberes mobilizados pelos recreadores*, inicialmente, identificamos os saberes magnéticos, que se referem aos saberes com características proeminentes, as quais apresentam maiores frequências nas falas dos recreadores. Denominamos os saberes mais frequentes de *saberes magnéticos*, por estes manifestarem a capacidade de atração de outros saberes da mesma natureza, sejam eles com alta ou baixa frequência.

Dessa forma, mapeamos os saberes mobilizados pelos recreadores, por meio de três procedimentos: o primeiro, de identificação das partículas de saberes; o segundo, de categorização dos campos, a partir das naturezas congruentes de cada partícula de saber; e o terceiro, de identificação dos saberes magnéticos.

5.4.2.2 Os cinco campos dos saberes mobilizados pelos recreadores

Por meio da análise categorial, identificamos 146 episódios, os quais nos possibilitaram inferir os saberes dos recreadores do Sesc Pernambuco. Os episódios mapeados variaram de 27 a 34 ocorrências, apresentando uma média aproximada de 29 episódios por recreador. Partindo da análise desses episódios, mapeamos 42 partículas de saberes dos recreadores, que foram organizadas em cinco campos de saberes dos recreadores. A seguir apresentamos cada um desses campos.

- Campo de saberes da prática profissional cotidiana dos recreadores

O *campo de saberes da prática profissional cotidiana dos recreadores* é composto por 15 diferentes partículas de saberes, que estão atreladas à própria dinâmica da prática dos recreadores nos seus respectivos contextos de atuação. O referido campo é formado pelos seguintes saberes:

Tabela 9 – Campo de saberes da prática profissional cotidiana dos recreadores

CAMPO		
1	CAMPO DE SABERES DA PRÁTICA PROFISSIONAL COTIDIANA DOS RECREADORES	
SABER	CARACTERÍSTICAS	Nº
S1	Saber gerir a própria ação profissional: planejar; pensar; ter noção de tempo, espaço e recursos, que podem ou não serem usados; estabelecer objetivos para as ações recreativas a serem desenvolvidas; executar; e avaliar.	14
S2	Saber elaborar uma programação de acordo com o público/contexto; reconhecer as faixas etárias; identificar o que funciona com cada tipo de público; adaptar e adequar as atividades ao público, criando e recriando as ações para atingir determinado público.	12
S3	Saber criar, inovar, adaptar e reciclar recursos materiais necessários às ações; ter habilidade de adaptação e versatilidade para improvisar diante dos imprevistos; estar preparado para lidar com diversas situações.	11
S4	Saber comunicar e interagir com a diversidade de público, alcançando cada tipo de público, contemplando as diferentes classes sociais e faixas etárias; desinibição para falar para grandes públicos; e usar o microfone.	8
S5	Saber conquistar/cativar as pessoas; ser uma pessoa afetuosa e carismática.	6
S6	Saber usar da sensibilidade com o público, percebendo que há expectativa do público para vivenciar o momento da recreação.	5
S7	Saber proporcionar momentos positivos, satisfatórios, felizes e memoráveis.	5
S8	Saber e gostar de relacionar e interagir com as pessoas; trocar experiências com o outro; ter empatia; e saber ouvir o outro.	4
S9	Saber que é preciso estar motivado para motivar e incentivar as pessoas.	4
S10	Saber identificar os diferentes tipos de eventos; e elaborar programações adequadas.	2
S11	Saber evitar transmitir para o público problemas pessoais;	2
S12	Saber identificar o grau de envolvimento das pessoas, durante a recreação, compreendendo que existem diferentes formas de participação do público.	2
S13	Saber se organizar de acordo com a dinâmica do trabalho.	1
S14	Ter experiência da prática contínua com recreação.	1
S15	Saber ser independente e seguro para realizar os projetos e ações.	1
15 SABERES		78

Fonte: A autora (2024).

Como podemos observar, o *campo de saberes da prática profissional cotidiana dos recreadores* envolve desde *saber gerir a própria ação profissional: planejar; pensar; ter noção de tempo, espaço e recursos, que*

podem ou não serem usados; estabelecer objetivos para as ações recreativas a serem desenvolvidas; executar e avaliar até ter independência e segurança para realizar os projetos e ações.

Logo, denominamos como *campo de saberes da prática profissional cotidiana dos recreadores* os saberes mobilizados por eles, que são acionados na prática diária dos seus contextos de atuação, os quais estão situados no tempo e no espaço. O referido campo de saberes também está atrelado ao processo criativo e à capacidade de solucionar e prevenir problemas emergentes, habilidades que são adquiridas pela própria experiência profissional.

Apresentamos a seguir três exemplos do *campo de saberes da prática profissional cotidiana dos recreadores*, a partir das seguintes falas dos participantes desta pesquisa:

Ontem mesmo, eu estava encerrando a Semana da Criança, estava um público de 70 crianças. Hoje, já recebi o público de terceira idade, então, já muda a programação do hotel, já tem que pensar algo para os três horários, amanhã de manhã e à noite, fazer passeios com eles. A grade de programação, ela é bem maior. E você saber como é que funciona o lazer no hotel? Você chega, você, sua família, e temos que preparar uma programação para você e para seu filho, para sua avó, para sua tia. Então, uma programação que abrace todo esse público, com o maior carinho e que ele saia dali super satisfeito naquele momento, seja o momento mágico na vida dele (Recreador Pega-pega).

Então, é muito importante você estar se sentindo bem fazendo o que você faz. Porque você vai motivar outras pessoas, você vai gerar uma rede de positividade nas pessoas e, aí, isso cria um ímã, um ímã positivo. Eles voltam. Então, isso é bem significativo (Recreadora Barra-bandeira).

Eu acho que, assim, a princípio, o que a gente deve saber é que, inclusive, eu não sabia, depois que eu fui entender, é que existem situações, né? Cada determinada faixa etária, ela é primordial para o desenvolvimento de atividades. Uma das coisas primordiais é você conhecer primeiro a faixa etária, a qual você está se dirigindo. Eu vou esperar necessidade para que a gente possa desenvolver com mais facilidade, é ter um olhar criativo para a situação. Não adianta você chegar lá, montar nosso plano maravilhoso e quando chegar na hora, o plano B e C é o que mais vai dar certo. Então, para ser um bom recreador é isso, é estar atento às faixas etárias para você estar entregando ao público, entregando seus filhos ao público. E estar preparado para atuar com as demais situações que acontecem (Recreador Bola de Sabão).

Como podemos observar nos depoimentos acima, os recreadores mobilizam os *saberes dos contextos de atuação* que estão, majoritariamente, ligados aos seus respectivos contextos temporal, local, de público e da dinâmica da própria prática cotidiana.

O *campo de saberes da prática profissional cotidiana dos recreadores* se aproxima dos saberes práticos ou experienciais de Tardif (2014), pelo fato de serem saberes específicos, que se originam da prática profissional cotidiana. Mais uma vez, identificamos, a partir das reflexões do autor, que os recreadores desenvolvem um saber prático, baseado em sua experiência de atuação profissional diária.

Constatamos que, diariamente, os recreadores precisam lidar com situações variadas, que estão sujeitas ao tempo, ao espaço, ao público, à programação, que requerem do recreador expertise, capacidade de resolver problemas e habilidade criativa, para adaptar sua prática à situações abstratas, como afirmam Dias e Isayama (2014).

Nesse sentido, Tardif (2014) argumenta que os fatores condicionantes e situacionais são naturalmente formadores, porque permitem aos docentes o desenvolvimento do *habitus*, ou seja, das “disposições adquiridas na e pela prática real que lhe permitirão justamente enfrentar condicionantes e imponderáveis da profissão” (Tardif, 2014, p. 49). Logo, a partir das falas dos nossos recreadores, percebemos que eles desenvolvem seus *habitus*, os quais são validados pela experiência de seu trabalho no dia a dia, refletindo

[...] tanto a dimensão da razão instrumental que implica num saber-fazer ou saber-agir, tais como habilidades e técnicas que orientam a postura do sujeito, como a dimensão da razão interativa que permite suportar, julgar, decidir, modificar e adaptar de acordo com os condicionamentos de situações complexas (Therrien, 1995, p. 3).

Sendo assim, o *campo de saberes da prática profissional cotidiana dos recreadores* ocupa lugar de destaque em meio aos saberes dos recreadores, pois ele está atrelado aos saberes mobilizados no exercício profissional e considera a experiência cotidiana com o trabalho.

Os *saberes dos contextos de atuação* englobam uma diversidade de 15 saberes, os quais foram mencionados 78 vezes pelos recreadores. Logo, o *campo de saberes da prática profissional cotidiana dos recreadores*

corresponde a aproximadamente 33% dos saberes dos recreadores, o que evidencia que os *saberes dos contextos de atuação* apresentam maior relevância na constituição das profissões dos recreadores desta pesquisa. Portanto, esses saberes são primordiais na constituição das profissões dos recreadores.

O saber de maior evidência do *campo de saberes da prática profissional cotidiana dos recreadores* é o saber número 1 (S1), qual seja: *saber gerir a própria ação profissional: planejar; pensar; ter noção de tempo, espaço e recursos, que podem ou não serem usados; estabelecer objetivos para as ações recreativas a serem desenvolvidas; executar; e avaliar.*

Identificamos este saber como o núcleo do referido campo de saberes, visto que ele se caracteriza como o cerne do *campo de saberes da prática profissional cotidiana dos recreadores*, ou seja, o S1 é o saber mais frequente do campo, caracterizado como um *saber magnético*, por exercer a função de uma espécie de ímã, atraindo outras partículas de saberes ligados ao mesmo campo. Foi a partir do núcleo do campo, o qual denominamos de *saber magnético*, que conseguimos identificar os demais saberes que constituem o mesmo campo de saber. A seguir, apresentamos dois exemplos de *saberes magnéticos*, ou seja, o saber de destaque do *campo de saberes da prática profissional cotidiana dos recreadores*:

Eu gosto mais da parte da gestão, do planejamento, de botar a cabeça para pensar, de sentar com a equipe e avaliar o que funciona, o que não funciona. Aí, na hora, acontecer (Recreador Pula Corda).

Enquanto recreadora, eu sempre estou dentro dos espaços, tanto do Sesc quanto nas escolas, né? E lá é uma contribuição total para a minha profissão, porque eu posso ter noção de tempo, espaço, ambiente, recursos que podem ser usados ou não (Recreadora Amarelinha).

Como podemos observar nos relatos acima, o trabalho do recreador se constitui de saberes que estão para além da própria ação recreativa em si. Os referidos depoimentos evidenciam que o recreador não é apenas um executor de tarefas determinadas por terceiros, mas, sim, um sujeito pensante, que planeja, se organiza, se articula para executar a ação e avalia a sua prática. Tal movimento corrobora com a perspectiva de Isayama (2003), ao compreender que “a ação profissional deve ser pautada na interação entre a teoria com a

prática, sendo necessário o encaminhamento da ação/reflexão/ação” (Isayama, 2003, p. 74). Dessa forma, o recreador que pensa sobre a sua própria prática também produz saberes, a partir da sua própria experiência cotidiana.

Pensar sobre a própria prática também é um conceito abordado por Tardif (2014), que denomina de *epistemologia da prática profissional* o “conjunto de saberes utilizados realmente pelos profissionais em seu espaço de trabalho cotidiano para desempenhar todas as suas tarefas” (Tardif, 2014, p. 255). Nesse sentido, o autor amplia o sentido de *saber*, incluindo “os conhecimentos, as competências, as habilidades (ou aptidões) e as atitudes, isto é, aquilo que muitas vezes foi chamado de saber, saber fazer e saber ser” (Tardif, 2014, p. 255).

Embora o presente estudo não se trate de uma pesquisa sobre representações sociais, é importante observarmos as esferas de atuação ocupadas pelos recreadores, uma vez que a ação deles não se dá de maneira isolada. O recreador precisa elaborar estratégias de ação para conseguir uma atuação exitosa com o público. Planejar e gerir a própria ação requer saberes específicos que são mobilizados cotidianamente pelos recreadores.

- Campo de saberes fundamentados dos recreadores

O *campo de saberes fundamentados dos recreadores* é formado por seis diferentes partículas de saberes, que servem de base para a ação do recreador. O referido campo é composto pelos seguintes saberes:

Tabela 10 – Campo de saberes fundamentados dos recreadores

CAMPO 2	CAMPO DE SABERES FUNDAMENTADOS DOS RECREADORES	
SABER	CARACTERÍSTICAS	Nº
S16	Buscar qualificar e aprimorar a sua prática continuamente, por meio de pesquisas, cursos, vídeos, livros, artigos e estudos.	34
S17	Saber trabalhar em equipe; colaborar e apoiar os colegas recreadores; trocar saberes e experiências com outros recreadores; observar a prática de outros recreadores; estar aberto a aprender com outros recreadores; reconhecer que há diferentes formas de saber, que os saberes são plurais e que a socialização desses saberes trazem novos aprendizados para a sua atuação profissional.	16

S18	Saber que a prática do recreador é fundamentada em estudos.	7
S19	Saber contemplar a cultura da região na prática recreativa, integrando-a às novas culturas e acompanhando a tecnologia, adquirindo os novos conhecimentos da nova geração; saber adaptar os objetivos da ação ao contexto dos jovens; avaliar o que se adequa ao contexto dos dias atuais; e saber integrar-se ao contexto do público.	7
S20	Saber que a prática do recreador está fundamentada numa proposta de caráter educativo, que abarca atitudes éticas e valores institucionais.	6
S21	Saber e integrar os conhecimentos do campo da Educação à recreação.	4
6 SABERES		74

Fonte: A autora (2024).

Observamos que o *campo de saberes fundamentados dos recreadores* foi mencionado 74 vezes e é constituído por seis diferentes saberes, que são equivalentes a aproximadamente 14,5% da diversidade dos saberes identificados, os quais vão desde *buscar qualificar e aprimorar a sua prática continuamente, por meio de pesquisas, cursos, vídeos, livros, artigos e estudos até saber e integrar os conhecimentos do campo da Educação à recreação.*

O *campo de saberes fundamentados dos recreadores* é constituído por saberes que alicerçam a prática desses profissionais. Estes saberes são provenientes de diferentes fontes, uma vez que são adquiridos tanto por meio de estudos, cursos e pesquisas quanto na própria instituição Sesc, que possui um modelo de ação próprio, com visão e valores, em que os recreadores baseiam a sua prática.

O referido campo também abarca os saberes que são adquiridos e compartilhados, a partir da troca de saberes e da observação da prática dos demais colegas recreadores. Dessa forma, além de refletir sobre o movimento dos recreadores para a apreensão de conhecimentos que contribuem com o desenvolvimento e aprimoramento profissional contínuo da prática, o *campo de saberes fundamentados dos recreadores* também é constituído por todos os elementos teóricos e institucionais que embasam toda a atuação profissional do recreador.

Portanto, denominamos de *campo de saberes fundamentados dos recreadores* o conjunto de saberes que fundamenta a prática desses profissionais. Dessa forma, compreendemos que esse campo reúne os

saberes que estão repletos de perspectivas institucionais e teóricas, as quais fundamentam a prática dos recreadores. A seguir apresentamos alguns exemplos desse campo, a partir das falas dos recreadores participantes desta pesquisa:

A minha prática tem um saber e está fundamentada. A gente está ali para desenvolver uma atividade com intencionalidade (Recreador Bola de Sabão).

A gente tem o nosso campo de estudo, né? A gente sempre está em estudo, sempre está analisando, buscando as situações, as nossas temáticas do dia a dia, enquanto recreadora. [...] Cada um procura fazer de acordo com o que consegue e de acordo com a sua realidade, né? Mas, as entregas da gente, eu acho que elas são verdadeiras, enquanto recreadores do Sesc, até porque a gente tem todo um estudo. Tem toda uma logística, tem toda uma proposta. Não brinca por brincar, né? Não faz por fazer. Faz realmente porque a gente precisa que a entrega seja feita e que seja feita da melhor forma possível (Recreadora Amarelinha).

É importante conhecer também as teorias, né? É como falei há pouco, tudo há um motivo, tudo há uma razão de ser. Então, ele estudar, ele ter um conhecimento teórico, uma fundamentação teórica, é importante, contribui muito para o saber e para o realizar dele (Recreadora Barra-bandeira).

Podemos observar, a partir das falas acima, que a prática do recreador é intencional e fundamentada, de maneira que o conhecimento teórico é valorizado e alinhado aos princípios institucionais. Os nossos recreadores demonstraram que valorizam a qualificação e formação contínua para aprimorar as suas práticas, manifestando o genuíno compromisso com a qualidade do trabalho desenvolvido.

O núcleo do *campo de saberes fundamentados dos recreadores* é o saber número 16 (S16): *buscar qualificar e aprimorar a sua prática continuamente, por meio de pesquisas, cursos, vídeos, livros, artigos e estudos*. O referido saber demonstra que os recreadores compreendem que a recreação é um campo profissional que exige conhecimento, o que significa que sempre haverá algo para aprender, seja para se qualificar e aprimorar a prática profissional, seja para manter-se apto para o mercado de trabalho.

Além de ter sido o saber de maior frequência no *campo de saberes fundamentados dos recreadores*, o saber 16 (S16) também se mostrou como o saber de maior frequência entre todos os saberes mobilizados pelos recreadores participantes. Logo, além de ser um saber nuclear, por estar no

cerne do campo em questão, ser um saber magnético, por atrair os demais saberes do campo, o S16 também é o *saber central dos recreadores*.

O *saber central dos recreadores* é o saber mais frequente, ou seja, que foi mencionado mais de uma vez por cada recreador. Denominamos de *saber central*, justamente, devido à sua natureza inerente à prática do recreador. O *saber central* compreende um único saber, correspondente ao número 16, que diz respeito à compreensão da necessidade e à ação de *buscar conhecimento, a fim de qualificar e aprimorar a prática profissional continuamente, por meio de pesquisas, cursos, vídeos, livros, artigos e estudos*.

Com 34 menções, o *saber central* se destaca como o elemento principal de contribuição para a prática dos recreadores. Esse saber revela que os recreadores compreendem que a recreação é um campo profissional que exige conhecimento, bem como o compromisso de cada um com a sua prática profissional. A seguir apresentamos cinco exemplos desse saber:

Eu comecei a estudar muito. Comecei a adquirir bastante conhecimento para saber realmente no que eu estava entrando, na área em que eu estava ali, tentando me localizar. Até porque eu sabia que tinha uma bagagem como professora, como psicopedagoga, mas que era totalmente diferente da área da recreação. Eu tentei fazer uma junção que, do jeito que estou vendo, deu super certo. Mas, a gente vê que realmente são áreas de extrema diferença, né? E a gente precisa poder adaptar, estar estudando, estar sempre procurando o novo, estar buscando sempre inovar. Inovar com pouco, até porque a gente sabe que as situações financeiras das empresas não estão numa realidade tão boa que se possa gastar tanto assim. Mas, a gente tem que estar buscando inovação e estratégias para poder se manter nesse ramo da recreação. Acho que o diferencial é tentar sempre estar estudando, estar inovando, estar buscando (Recreadora Amarelinha).

Então, através do SESC, a instituição do trabalho, até hoje, eu me capacitei muito para fazer o que eu faço hoje, né? É sempre estar lendo, sempre estar pesquisando o que é que estão usando na hotelaria hoje, como é que os hotéis estão funcionando hoje, como é que é o perfil hoje do recreador que trabalha com hotel, né, que é um perfil mais dinâmico. Você tem que ser muito dinâmico. [...] A gente tem que estar se capacitando sempre, lendo sempre, pesquisando. E sempre fazendo cursos, tá sempre fazendo cursos, tá sempre vendo o que o mercado tá querendo, o que a criança e o cliente quer (Recreador Pega-pega).

Quando a gente tem um olhar para o outro, é muito importante teoria, fundamentação teórica, os teóricos. Isso é muito importante, né? Aprender que a gente precisa sempre aprender, sempre pesquisar, é algo fundamental, e que eu sinto e vejo a importância disso cada vez mais (Recreadora Barra-bandeira).

O que eu fiz foi mais estudar. Não adianta dizer que eu vi Fulano fazendo e vou fazer também. Não, eu tive que estudar. Eu lembro que eu tinha um combo de livros que foi uma base para que eu pudesse fazer e ser o que sou hoje. Eu fiz muita pesquisa, teorias estudadas, foi muito de observar também o que outros recreadores faziam que dava certo. Eu não só observava a recreação em si, tinha muita coisa que eu observava da pedagogia, né? Eu estudava não só para tentar entender um pouco mais do universo infantil, mas também do adulto, do adolescente e tudo. A todo tempo a gente precisa melhorar. Hoje, tem a questão da tecnologia, e a gente tem que se apropriar para poder desenvolver melhor, né? (Recreador Bola de Sabão).

Para me tornar o recreador que eu sou hoje eu estudei e apanhei muito. Eu acho que é a soma das duas coisas. [...] E, aí, acho que foram esses estudos, essas oportunidades que me foram dadas, junto com as lapadas que levei. Porque tem gente que estuda e só cresce, cresce sem precisar levar lapada. [...] E é isso, foram as duas coisas: estudo, estudo de todas as maneiras, tanto de artigo e livro, como estudo de observação, de ver outras pessoas atuando, e as lapadas (Recreador Pula Corda).

A partir das falas dos recreadores, constatamos que o saber 16 é primordial na prática deles, devido à necessidade de compreenderem o seu próprio fazer profissional.

De acordo com as falas acima, esse saber não se dá de modo isolado, pois existe toda uma estrutura institucional que possibilita a ampliação do olhar do recreador para o seu próprio fazer profissional. Reconhecer que é preciso adquirir saberes e movimentar-se em busca do conhecimento é uma ação necessária a todos os recreadores participantes deste estudo, em razão de uma infinidade de fatores, os quais envolvem a ausência de formação inicial superior, a falta de conhecimento sobre o campo, a falta de reconhecimento profissional e de cursos de qualificação, que contemplem os saberes necessários aos recreadores de maneira mais direta, entre outros.

Por isso, os recreadores têm realizado processos de constituição profissional de maneira fragmentada, buscando, de forma autônoma, adquirir conhecimentos práticos e teóricos para fundamentar o seu fazer. Essa busca por conhecimento é um processo inerente à constituição da profissionalidade dos recreadores. Logo, podemos inferir que o movimento de profissionalização interno, ou seja, a profissionalidade, preponderante nos recreadores do Sesc Pernambuco, está fortemente relacionado ao *saber central*, responsável pela fatia aproximada de 15% de todos os saberes encontrados.

Portanto, o *campo de saberes fundamentados dos recreadores*, além de conter o *saber central dos recreadores*, também apresentou alguns aspectos que gostaríamos de destacar. Vejamos:

O primeiro deles é o referido *campo de saberes*, que revela que todos os recreadores entrevistados compreendem a recreação como um processo educativo, o que os configura como educadores. Dessa forma, esse ponto de vista confirma a visão de Silva (2018), que defende que os recreadores são educadores porque suas práticas possuem intencionalidades educativas.

O segundo diz respeito ao fazer do recreador, que não se dá de modo aleatório. Para ter uma prática bem-sucedida, é preciso que o recreador mobilize saberes que possam fundamentar a sua ação, para que, assim, ele possa elaborar o seu planejamento, estabelecendo objetivos a serem alcançados.

O terceiro aspecto, por sua vez, refere-se à prática educativa, a qual é definida por Marques e Carvalho (2017) como *bem-sucedida*, visto que ela contribui para que os sujeitos se tornem mais humanos.

Nesse sentido, Espinosa (2007) ampliou esse conceito, acrescentando que a prática educativa bem-sucedida é toda prática educativa que afeta os sujeitos de alegria, potencializando a capacidade de ser e agir dos envolvidos – educando e educador. Portanto, compreendemos que as práticas do recreador possibilitam o alcance de “aprendizagens e desenvolvimento humano, porque contribuem para a expansão de afetos alegres que potencializam mentes e corpos humanos a agirem com compromisso social” (Marques; Carvalho, 2017, p. 3).

- Campo de saberes das dimensões do ser recreador

O *campo de saberes das dimensões profissionais da recreação* é composto por cinco diferentes partículas de saberes, referentes ao próprio campo da recreação, numa perspectiva profissional. Esse campo é constituído pelos seguintes saberes:

Tabela 11 – Campo de saberes das dimensões do ser recreador

CAMPO 3	CAMPO DE SABERES DAS DIMENSÕES DO SER RECREADOR	
SABER	CARACTERÍSTICAS	Nº
S22	Saber que a recreação é um elemento importante para a construção do ser possibilita uma transformação mútua dos recreandos e recreadores, os tornando sujeitos mais humanos, partindo da perspectiva do recreador enquanto educador, pois suas ações podem marcar/transformar a vida das pessoas.	14
S23	Saber que a recreação é um campo de trabalho amplo, diversificado e multiprofissional, que demanda que o recreador seja multifacetado e que saiba não só exercer o seu papel com seriedade, mas também se comportar e vestir-se adequadamente.	12
S24	Saber valorizar o outro; ter sensibilidade para ler e enxergar o outro como pessoa humana; enfrentar preconceitos e incluir as pessoas nas suas diversidades.	9
S25	Saber que a recreação promove aprendizagens espontâneas.	1
S26	Saber que a recreação contribui com a saúde e bem estar.	1
5 SABERES		37

Fonte: A autora (2024).

Como podemos observar, o *campo de saberes das dimensões do ser recreador* é composto por cinco diferentes saberes, os quais são equivalentes a aproximadamente 12% da variedade dos saberes identificados, que vão desde *saber que a recreação é um campo de trabalho amplo, diversificado e multiprofissional, que demanda que o recreador seja multifacetado e que saiba não só exercer o seu papel com seriedade, mas também se comportar e vestir-se adequadamente* até *saber valorizar as pessoas ; ter sensibilidade para ler e enxergar o outro como pessoa humana; enfrentar preconceitos e incluir as pessoas nas suas diversidades*. A seguir, apresentamos três exemplos do referido campo de saberes:

A minha prática tem um saber e está fundamentada. A gente [recreador] está ali para desenvolver uma atividade com intenção, não para viver de palhaçada. Inclusive, quando alguns colegas vêm e me perguntam 'Ah, você é palhaço?', de forma pejorativa, eu explico: a gente não está ali para tapar buraco, que é outra situação também. Antigamente... Hoje, eu não tenho esse problema na unidade, mas acontecia... Está faltando gente aqui? Chama o recreador para tapar o buraco. Hoje, eu tenho muito respeito aqui, mas até isso foi muito desgastante. Era assim: está faltando o professor? Chama o recreador que ele faz. Então, isso era um grande problema para mim. Hoje, já não é mais. É como eu disse, teve um tempo de maturação que não foi fácil, não só para mim, mas para todos compreenderem o

que a gente faz. Antes, achavam que a gente tinha que fazer as coisas de última hora. Não, isso não existe! (Recreador Bola de Sabão).

O recreador trabalha com sonhos. É proporcionar momentos diferentes, é você ser um educador, é você ser um psicólogo, é você ser tudo um pouquinho. Você pega todos os públicos, você faz muita coisa, é muito aberta essa área, muito lindo trabalhar como recreador (Recreador Pega-pega).

A cada prática, a gente tem que se formar uma pessoa desconstruída. Desconstruída de preconceitos, despida de olhares, de conceitos. A cada entrega, a gente tem que, tipo, ver mais o outro, ver o que o outro está sentindo para desenvolver nossas atividades. Precisamos ter desapego a certos ideais, esse é um fator primordial. Quando eu chego numa comunidade e tem uma criança, eu tenho que me desapegar de todos os meus preconceitos e tentar fazer uma entrega daquilo que, realmente, ela está precisando. Se for um idoso, a gente tem que ter sensibilidade para saber o que aquele idoso está passando para poder fazer a entrega. Se é preto, se é branco, se é gay, se não é, tudo a gente tem que estar desapegado para que a gente consiga efetuar a nossa entrega. Na prática, tipo, se eu for fazer uma atividade e demonstrar algum preconceito com gênero, não cabe. Então, eu vejo que um elemento maior e importante que perpassa toda a prática é desapegar dos conceitos e preconceitos para acessar o outro (Recreador Bola de Sabão).

Como podemos observar nas falas dos recreadores, o *campo de saberes das dimensões do ser recreador* está muito relacionado à própria essência formativa da recreação. O depoimento do Recreador Bola de Sabão, por exemplo, reflete seus saberes sobre a dimensão profissional da recreação, principalmente no que se refere à clareza sobre o seu fazer enquanto recreador. A esse respeito, destacamos a analogia feita pela profissional Seu Mestre Mandou:

Então, assim, o recreador é um monstro, porque ele precisa, cada dia, lutar contra várias situações para dizer que o trabalho dele é tão importante como o de todos os outros profissionais que estão no Sesc (Profissional Seu Mestre Mandou).

Embora o próprio Sesc tenha, há anos, um trabalho nacional voltado, especificamente, para a recreação, ainda há confusão quanto à compreensão sobre a recreação e o recreador entre os próprios funcionários da instituição. Por isso, os recreadores passam por muitos desafios: primeiro, para apreender qual a perspectiva institucional da recreação e, depois, para apresentar aos seus colegas de trabalho o seu verdadeiro papel profissional enquanto recreador.

É preciso, portanto, conhecer as dimensões da recreação para poder reconhecer o papel do recreador enquanto profissional. Por outro lado, destacamos a complexidade do recreador enquanto profissional multifacetado, que se forma por diferentes caminhos e que, dependendo do local de atuação, recebe diferentes nomenclaturas e funções.

Porém, salientamos que partimos da compreensão da recreação numa perspectiva educativa, a qual propõe a formação de sujeitos mais humanos. Nesse sentido, a fala dos recreadores Pega-pega e Bola de Sabão evidenciam a diversidade de papéis do recreador e a boniteza de trabalhar para as pessoas. Associamos as falas dos recreadores à boniteza freireana. Como afirma Redin (2008):

Esta dimensão, boniteza, faz parte, para Paulo Freire, da concepção da vida, bem como amorosidade, bem querer, amizade, solidariedade, utopia, alegria, esperança, estética e genteidade. A vida há que ser bonita, não só a vida do indivíduo, mas a realização de um povo (Redin, 2008, p. 60).

Nesse sentido, a dimensão humana da recreação exige o desenvolvimento da boniteza freireana dos recreadores. As falas dos participantes desta pesquisa demonstraram a necessidade de perceber o outro como sujeito humano e diverso, ou seja, de reconhecer que o recreador precisa humanizar-se para humanizar.

O *campo de saberes das dimensões do ser recreador* também foi mencionado por todos os recreadores, totalizando 37 menções, o que equivale a aproximadamente 16% das menções de todos os saberes identificados. Dessa forma, compreendemos como *campo de saberes das dimensões do ser recreador* o conjunto de saberes relacionados ao próprio aspecto profissional do campo da recreação. Cada saber contido neste grupo de saberes é fundamental para a compreensão sobre como deve se constituir o recreador.

Dentro do *campo de saberes das dimensões do ser recreador* também se destaca uma partícula de *saber magnético*, justamente por atrair as demais partículas de saberes desse campo. O *saber magnético* é o saber que se destaca por ser mencionado com maior frequência, como já dito.

Assim, o *saber magnético* do *campo de saberes das dimensões do ser recreador* é o saber número 22 (S22): *saber que a recreação é um elemento*

importante para a construção do ser possibilita uma transformação mútua dos recreandos e recreadores, os tornando sujeitos mais humanos.

A seguir apresentamos três depoimentos dos recreadores que apontam o referido saber:

Porque eu vejo que ele [o recreador] é transformador. A recreação, ela transforma. Ela traz um link diferente, enquanto ser humano. Você transforma as pessoas, transforma o momento que a pessoa está ali com você, que você está recreando, seja o que for. Inclusive, a questão da educação também, volto na tecla, não é? [...]. Então, a partir desse princípio de que eu poderia contribuir para a sociedade como um todo e como eu fui transformada também, porque me vejo diferente de outras pessoas que não tiveram a infância que eu tive, que não tiveram a possibilidade de experiências que eu vivi e que me construíram enquanto pessoa (Recreadora Barra-bandeira).

É uma responsabilidade muito grande que nós [recreadores] temos. É muito grande, ou seja, através dessa sua profissão, você transforma vidas também, não é? Nós somos educadores, nós transformamos vidas, então, para mim, é muito gratificante (Recreador Pega-pega).

Precisam saber que nós somos pessoas dotadas de felicidade, pessoas que podem transformar vidas, avançar cada dia mais e buscar sempre o novo, para fazer totalmente a diferença na vida de cada pessoa. O mundo já passou por tristeza demais. E a gente, como recreador, tem o papel fundamental de mostrar para as pessoas o quanto elas são especiais, especiais na vida da gente, especiais na vida do outro. Então, eu acho que é isso que eles precisam saber (Recreadora Amarelinha).

Mencionado 14 vezes pelos recreadores, o *saber magnético* é a partícula de saber que reflete, de modo contundente, a perspectiva transformadora da recreação, a qual compreende o recreador enquanto educador, uma vez que as suas ações podem marcar e transformar a vida das pessoas (Silva, 2018). As falas dos nossos recreadores destacaram o caráter educativo, que, segundo Waichman (2007), se dá, justamente, pela intenção de transformação, de forma consciente.

O *campo de saberes das dimensões do ser recreador* é constituído pela boniteza humanizadora, a qual exige alteridade e um movimento contínuo de “buscar ser mais” (Freire, 1987, p. 75). Só a formação humana é capaz de edificar uma sociedade “em que seja menos difícil amar” (Freire, 1968, p. 18).

Dessa forma, podemos afirmar que o *campo de saberes das dimensões do ser recreador* reflete a natureza educativa e transformadora do ser

recreador, características que constituem as profissões dos recreadores do Sesc Pernambuco.

- Campo de saberes sobre o universo infantil dos recreadores

O campo de saberes sobre o universo infantil dos recreadores abarca 11 diferentes partículas de saberes fundamentais para a atuação profissional do recreador voltada para as crianças. Esse campo é composto pelos seguintes saberes:

Tabela 12 – Campo de saberes sobre o universo infantil dos recreadores

CAMPO 4	CAMPO DE SABERES SOBRE O UNIVERSO INFANTIL DOS RECREADORES	
SABER	CARACTERÍSTICAS	Nº
S27	Saber lidar com crianças; estabelecer relações espontâneas de afeto com as crianças; ouvir e ter paciência de ouvir; interagir e sorrir com as crianças.	8
S28	Saber e ter sensibilidade com os desafios de ser criança no contexto atual.	2
S29	Saber que as crianças têm necessidades de descanso, divertimento e desenvolvimento infantil.	2
S30	Saber noções de segurança e primeiros socorros infantil; e ter responsabilidade pela integridade física das crianças.	2
S31	Saber identificar as necessidades das crianças, de acordo com a faixa-etária.	1
S32	Saber sobre conhecimentos pedagógicos para compreender o universo infantil.	1
S33	Saber estimular a criatividade das crianças.	1
S34	Saber quais os objetivos/intencionalidades das ações recreativas desenvolvidas com crianças.	1
S35	Gostar de brincar com as crianças.	1
S36	Saber inclusivo para atender às crianças neuroatípicas e com deficiências.	1
S37	Saber adaptar os espaços para as crianças se sentirem bem.	1
11 SABERES		21

Fonte: A autora (2024).

Como podemos observar, o campo de saberes sobre o universo infantil dos recreadores está relacionado a elementos que abrangem desde *saber lidar com crianças; estabelecer relações espontâneas de afeto com as crianças;*

ouvir e ter paciência de ouvir; interagir e sorrir com as crianças até saber adaptar os espaços para as crianças se sentirem bem.

Dessa forma, compreendemos como *campo de saberes sobre o universo infantil dos recreadores* os saberes mobilizados pelos recreadores para atuar com as crianças. Esses saberes são compostos por um conjunto de conhecimentos específicos e necessários para que haja a atuação apropriada do recreador com as crianças. A seguir, apresentamos três exemplos desses saberes, a partir das seguintes falas dos recreadores:

Hoje, uma questão que ainda tem uma necessidade de trabalhar mais é o lado infantil, pois temos muitas crianças autistas e a gente tem que inserir esse público. Então, você deve inserir, abrir esse leque de público, né? Tentar trabalhar com todos os públicos (Recreador Pega-pega).

A gente atende, o Sesc atende escolas particulares, escolas municipais que não têm tanto recurso quanto as outras. Então, a gente procura tentar adaptar os espaços, procura adaptar e adequar o local para que as crianças se sintam da melhor forma possível (Recreadora Amarelinha).

Há muitos recreadores, já vi muitos recreadores que trabalham só pela grana, sabe? E não é isso, não! A gente tem que ser responsável com o que a gente está fazendo, com a integridade física das crianças (Recreador Pula Corda).

Consoante as falas acima, os recreadores mobilizam saberes específicos que são voltados para o público infantil. A recreação é, por natureza, uma prática lúdica. Nesse sentido, Vygotsky (1989) defende que a atividade lúdica é um instrumento importante para a promoção do desenvolvimento afetivo, cognitivo e social da criança. Ele também evidencia que a atividade lúdica amplia a capacidade da criança de aprender, a partir da interação com o outro.

Dessa forma, é crucial que os recreadores desenvolvam saberes voltados para o universo infantil, pois este possui características próprias que são fundamentais para que os recreadores desenvolvam uma prática exitosa com o público infantil.

Embora a ação do recreador não seja somente voltada para o público infantil, verificamos que os *saberes do universo infantil* englobam uma diversidade de 11 saberes, os quais foram mencionados 21 vezes pelos recreadores. Sendo assim, os *saberes do universo infantil* correspondem a

26% dos saberes dos recreadores, o que evidencia que esses saberes apresentam forte relevância para a constituição das profissões dos recreadores participantes desta pesquisa. Isto é, os *saberes do universo infantil* são importantes elementos constituintes das profissões dos recreadores.

A partícula de saber mais frequente do *campo de saberes sobre o universo infantil dos recreadores*, a qual denominamos de *saber magnético*, diz respeito ao saber número 27 (S27): *saber lidar com crianças; estabelecer relações espontâneas de afeto com as crianças; ouvir e ter paciência de ouvir; interagir e sorrir com as crianças*.

O referido saber magnético foi mencionado oito vezes e é caracterizado, principalmente, pela relação que o recreador estabelece com as crianças. A seguir, apresentamos dois exemplos desses saberes, a partir das seguintes falas dos recreadores:

Ser recreadora é ser band-aid naquela carência que as crianças têm, às vezes. Às vezes, a gente é recreador e o que faz a gente ser recreador não são nem as brincadeiras. É a gente estar ali, disponível, para ouvir, sorrir e interagir com a criança, hoje. [...] Então, o recreador é esse ouvinte, é ser também esse ouvido para coisas que os professores, os pais, os irmãos, os familiares não têm paciência de ouvir. Então, além de a gente ser esse ouvido, esse suporte emocional carente das crianças, é a gente que dá esse estímulo à criatividade (Recreador Pula Corda).

Minha esposa, ela diz: 'você tem bastante fãs', e eu achava aquilo um pouco clichê, mas não. A gente se torna realmente um ídolo para essas crianças, porque gera essa afetividade. A nossa entrega é de coração, ela é olho no olho, eu levo sorrisos. Então, não é uma coisa que acontece de forma forçada. Sorrir não é uma coisa que acontece de forma mecânica. [...] Então, essas experiências, entre tantas outras, me marcaram (Recreador Bola de Sabão).

A partir das falas dos recreadores, podemos observar que esses profissionais sabem da sua relevância para o público infantil. Os moldes de trabalho impostos pelo capitalismo, em que mães, pais e responsáveis precisam se ausentar, cada vez mais, para cumprir as suas jornadas de trabalho, ou, até mesmo, quando livres das suas ocupações, se distraem com o uso do celular são fatores que acentuam a carência de atenção e afetividade das crianças. Dessa forma, as crianças, cada vez mais, sentem a necessidade de atenção e afetividade dos adultos.

Nesse sentido, Wallon (2007) advoga que a afetividade é um componente fundamental no desenvolvimento da vida do ser humano desde o seu nascimento, perpassando por toda a sua existência. Assim, a ausência afetiva compromete o desenvolvimento da criança e o seu relacionamento com as demais pessoas da sociedade. Portanto, a dimensão afetiva do trabalho do recreador contribui para o desenvolvimento infantil (Silva, 2018).

Ademais, podemos observar que, além dos recreadores perceberem o seu papel profissional e afetivo, em relação às crianças, também há o reconhecimento destas, em relação aos recreadores. Diante disso, esses profissionais, às vezes, são considerados uma espécie de *band aid*, que, metaforicamente, protege ou tapa um machucado, ou um *super-herói*, o qual, metaforicamente, aparece como um adulto grandão para realizar os desejos de alegria e felicidades das crianças. Essas metáforas ressaltam a relevância não apenas do *saber magnético*, mas também do *campo dos saberes sobre o universo infantil dos recreadores*.

- Campo de saberes do brincar dos recreadores

O *campo de saberes do brincar dos recreadores* é o conjunto de conhecimentos mobilizados pelos recreadores relacionados ao brincar. Os saberes do brincar são compostos pelos seguintes saberes:

Tabela 13 – Campo de saberes do brincar dos recreadores

CAMPO 5	CAMPO DE SABERES DO BRINCAR DOS RECREADORES	
SABER	CARACTERÍSTICAS	Nº
S38	Saber um repertório amplo e diversificado de brincadeiras e atividades.	5
S39	Saber que o brincar também produz e possibilita a troca de saberes e o alcance de aprendizagens.	5
S40	Saber das experiências das vivências do brincar ao longo da vida.	3
S41	Saber brincar.	2
S42	Saber que é importante brincar pelo brincar.	1
5 SABERES		16

Fonte: A autora (2024).

Como podemos observar, o *campo de saberes do brincar dos recreadores* é composto por cinco diferentes saberes, o equivalente a aproximadamente 12% dos diferentes saberes identificados, que vão desde o *saber brincar até ter um repertório amplo e diversificado de brincadeiras*. Os *saberes do brincar* foram mencionados por todos os recreadores, totalizando 16 menções, o que equivale a 7% das menções de todos os saberes identificados.

A gente brinca pelo brincar também, mas, na maioria das vezes, estamos atrelados a algum propósito. [...] E, assim, eu tenho que brincar de uma forma que preza pela segurança das minhas crianças (Recreador Pula Corda).

Na recreação, eu vi que era possível atrelar ao brincar algum tipo de aprendizagem. Então, eu levo para a prática (Recreador Bola de Sabão).

Desde a infância, mesmo sem saber o que era a recreação propriamente dita, a partir do lúdico, da ludicidade, do meu universo enquanto criança ainda, porque eu sei que tem muitas crianças que não têm a vivência que eu tive com relação, inclusive a experiência de quintal, de brincar, a brincadeira livre, né? Do brinquedo imaginário. Então, eu tive uma infância muito rica, vejo hoje. Eu tive inúmeras bonecas imaginárias e eu tive muita possibilidade da brincadeira com meu pai, minha mãe, minha avó. Então, assim, essa parte da infância, ela foi, serviu de base para mim na recreação. No decorrer da vida, fui me descobrindo. Eu tinha a essência da recreação, que era essa experiência do brincar, e, depois, eu realmente fui descobrindo esse universo da recreação e sua importância para as crianças e para qualquer pessoa (Recreadora Barra-bandeira).

Podemos observar nas falas dos recreadores que existem diferentes saberes relacionados ao brincar. Portanto, compreendemos como *saberes do brincar* o conjunto de saberes ligados ao brincar que são necessários à prática dos recreadores.

Esses saberes são mobilizados pelos recreadores com todos os tipos de público, desde o público infantil até o público da pessoa idosa, uma vez que o brincar é inerente não apenas à criança, mas, sim, à pessoa humana, pois, de acordo com Silva (2020), “é uma atividade dotada de uma significação social que, como qualquer outra, precisa ser aprendida” (Silva, 2020, p. 47).

Nesse sentido, Isayama e Gomes (2008, p. 160) dizem que o brincar, além de ser considerado uma linguagem, também carrega consigo significados e sentidos compartilhados coletivamente, os quais estão ligados à cultura da

sociedade. Os autores compreendem que o brincar é inerente à toda pessoa humana, até porque o ato de brincar

carrega as marcas da nossa vida cotidiana: sentidos e significados, tradições, inovações, papéis sociais, desejos, necessidades, sonhos, prazeres, descobertas, anseios, receios, limites, contradições (Isayama; Gomes, 2008, p. 161).

Dessa forma, o brincar possui nuances que implicam a necessidade de conhecimentos característicos, os quais são imprescindíveis à prática do recreador.

Destarte, dentro do *campo de saberes do brincar dos recreadores* destacaram-se dois saberes de maior frequência, quais sejam: os saberes número 38 (S38) e 39 (S39), os quais são, respectivamente: *saber um repertório amplo e diversificado de brincadeiras e atividades e saber que o brincar também produz e possibilita a troca de saberes e o alcance de aprendizagens*.

Sendo assim, podemos afirmar que o *campo de saberes do brincar dos recreadores* apresenta dois pólos de *saberes magnéticos*, cujas características exerceram uma espécie de atração de outros saberes relacionados ao referido campo. A seguir apresentamos dois exemplos de cada um dos *saberes magnéticos* do *campo de saberes do brincar dos recreadores*, a partir das falas dos nossos recreadores:

- S38:

Claro, um cardápio de brincadeiras é de suma importância (Recreador Pula Corda).

O repertório de atividade e brincadeiras, ele tem que ter uma variação, do mesmo jeito que nas outras unidades também. O Sesc Ler, a Unidade Executiva, de acordo com os programas que se tenham, né? Há um cronograma. O que é igual ao cronograma? O repertório que é igual e nunca é igual, porque ele sempre vai variar, então, há diferença em si, nesse sentido. Agora, a aplicação e o modo de atuação do recreador, ele tem uma base igual, né? Pelo menos, é o que se estima, somos todos diferentes, mas temos todos um perfil semelhante (Recreadora Barra-bandeira).

- S39:

Até na brincadeira há organização. Ele vai brincar e ele vai estar aprendendo, depois, a guardar todas as coisas. É... De ter a noção de espaço e etc. Então, a organização faz parte (Recreadora Barra-bandeira).

[...] A gente pode trabalhar a recreação na íntegra, que não é só brincar por brincar. É brincar com responsabilidade, é brincar podendo levar para as crianças ali saberes e podendo levar para as pessoas aquilo que a recreação tem de melhor, com comprometimento. [...] Eu já escutei, várias vezes, assim, alguns amigos dizerem: 'você ganha brincando'. Ganho. Graças a Deus, eu ganho brincando! Mas, eu posso dizer que não é um brincar por brincar, é um brincar com a seriedade, é um brincar com respeito. É um brincar realmente produtivo (Recreadora Amarelinha).

A partir das falas acima, percebemos que saber brincar, na perspectiva dos recreadores, não é somente saber um repertório de atividades e brincadeiras. Porém, os participantes desta pesquisa destacaram que esse repertório é um importante saber para a sua prática profissional enquanto recreador. Diante disso, de acordo com Silva *et al.* (2011), o repertório deve ser pensado criticamente e criativamente, a fim de possibilitar, além do divertimento, o desenvolvimento dos brincantes. Os *saberes magnéticos* se complementam, ao mesmo tempo em que são complementados pelas demais partículas de saberes constituintes do *campo de saberes do brincar dos recreadores*.

Conforme Silva (2018), o brincar é uma experiência necessária e transversal para a formação do recreador, visto que perpassa por todas as experiências necessárias à formação desse profissional. Ademais, com este estudo, compreendemos que o brincar, além de ser uma experiência necessária, abarca um conjunto de saberes elementares para a prática do recreador, ou seja, o *campo de saberes do brincar dos recreadores* é imprescindível para as suas práticas profissionais.

Dessa forma, por meio da presente investigação, constatamos que os recreadores mobilizam, em suas práticas, uma complexa gama de saberes, os quais deram origem aos cinco *campos de saberes dos recreadores*:

- 1) *Campo de saberes da prática profissional cotidiana dos recreadores;*
- 2) *Campo de saberes fundamentados para a qualificação e aprimoramento profissional;*
- 3) *Campo de saberes das dimensões do ser recreador;*

- 4) *Campo de saberes sobre o universo infantil dos recreadores; e*
- 5) *Campo de saberes do brincar dos recreadores.*

Embora algumas partículas de saberes transitem por diferentes campos, percebemos que cada *campo de saberes* possui saberes específicos que são fundamentais para a constituição profissional do recreador. Dessa forma, compreendemos que a profissionalidade dos recreadores também é constituída pelos cinco *campos de saberes* aqui apresentados.

Na próxima seção, realizamos as nossas considerações finais sobre a presente pesquisa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolvemos este trabalho com o objetivo de compreender como os recreadores têm constituído as suas profissionalidades. Para isso, realizamos um estudo de caso no Sesc Pernambuco, onde, a partir de categorias previamente estabelecidas, buscamos compreender como ocorre o processo de construção dos saberes, competências, habilidades, entre outros elementos integrantes das identidades profissionais, que colaboram para o desenvolvimento profissional dos recreadores.

Inicialmente, traçamos o perfil dos recreadores do Sesc Pernambuco, a fim de descobrir quantos e quem são os recreadores dessa instituição. Dessa forma, procuramos construir uma espécie de visão panorâmica desses profissionais, identificando os principais pontos em comum entre eles, bem como os principais pontos divergentes.

A partir do perfil dos recreadores, chegamos aos sete sujeitos que participaram da segunda fase da pesquisa. Além disso, identificamos cinco recreadores e dois profissionais que são considerados referências pelos demais recreadores do Sesc Pernambuco. Os recreadores e profissionais inspiradores, apontados pelos próprios recreadores, contribuíram, de forma significativa, para aprofundarmos a nossa investigação. Logo, consideramos que os participantes da pesquisa contribuem diretamente para a constituição das profissionalidades dos recreadores do Sesc Pernambuco.

Frente à dimensão e à complexidade do Sesc, investigamos como se estrutura a referida instituição, por meio dos seus documentos norteadores, bem como da política e estrutura organizacional da recreação. Esse movimento possibilitou a visão da perspectiva educativa institucional da recreação, que exige do recreador uma prática que deve fundamentar-se no que é estabelecido pela própria política institucional. Dessa forma, descobrimos que os documentos institucionais apresentam elementos significativos para a composição das profissionalidades dos recreadores.

Assim, por meio da compreensão da estrutura organizacional e dos documentos norteadores do Sesc, verificamos como se deu a descoberta e o interesse dos participantes desta pesquisa pela recreação como campo profissional, quais as principais motivações intrínsecas e extrínsecas dos

recreadores para a escolha pelo campo da recreação e como eles iniciaram nesta profissão.

Destarte, constatamos que a descoberta e o interesse dos recreadores pela recreação como campo de atuação profissional se deu por meio do próprio Sesc, mais especificamente, a partir da participação no projeto BNF. Ademais, percebemos que a maioria das motivações apontadas pelos recreadores são subjetivas e tem a ver com elementos de relevância pessoal. Ainda no que se refere aos fatores que contribuem para as profissionalidades dos recreadores, identificamos que a maioria dos recreadores iniciaram a sua carreira profissional com a recreação no próprio Sesc, ao ingressar na instituição, após aprovação em seleção pública.

Em seguida, voltamos o olhar para os espaços que contribuem para a atuação dos recreadores, identificando os seguintes: o *Espaço de experiência escolar*; os *Espaços de festas infantis*; os *Espaços de vulnerabilidade social*; os *Lugares da infância*; e o *Espaço Sesc*. Ainda que todos os espaços identificados sejam formativos, percebemos que o *Espaço Sesc* apresentou maior relevância, visto que foi mencionado por todos os recreadores participantes desta pesquisa. Assim, constatamos que o *Espaço Sesc* consiste num elemento basilar para a constituição das profissionalidades dos recreadores do Sesc Pernambuco.

Além disso, descobrimos que, no contexto Sesc, há dois projetos essenciais para o desenvolvimento profissional dos recreadores: o projeto BNF e o *Encontro Técnico*. O primeiro configura-se como um evento propulsor para o ingresso dos sujeitos no trabalho como recreador, enquanto o segundo, consiste num evento formativo, promovido pela instituição, a fim de aprimorar e qualificar a prática dos recreadores dentro da própria instituição.

No decorrer da presente pesquisa, além dos cinco recreadores, identificamos outros personagens importantes, que influenciam, de maneira significativa, no desenvolvimento e na prática profissional dos recreadores participantes desta pesquisa: a Profissional Siga a Mestre e as gerentes das unidades do Sesc Pernambuco, onde realizamos a pesquisa de campo.

Logo, consideramos que a instituição Sesc se mostrou relevante, ao extrapolar os seus espaços físicos. Ou seja, o contexto do *Espaço Sesc* abarca, além dos seus espaços físicos, elementos como, por exemplo, as

diretrizes políticas institucionais, os projetos e os personagens significativos, que colaboram para a constituição das profissões dos recreadores, de modo contundente.

Ademais, nesta dissertação, apresentamos uma analogia dos saberes com o campo da Física, o que possibilitou a caracterização dos cinco *Campos de saberes dos recreadores*, que surgiram a partir das partículas dos saberes mobilizados pelos recreadores: 1) *Campo de saberes da prática profissional cotidiana dos recreadores*; 2) *Campo de saberes fundamentados para a qualificação e aprimoramento profissional*; 3) *Campo de saberes das dimensões do ser recreador*; 4) *Campo de saberes sobre o universo infantil dos recreadores*; e 5) *campo de saberes do brincar dos recreadores*.

Ao investigar os saberes dos recreadores, identificamos um forte movimento de busca por qualificação e aprimoramento profissional, por meio dos estudos. Acreditamos que a procura por autoformação significa que os recreadores buscam conhecimentos para atender às demandas cotidianas da sua atuação profissional. Nesse cenário, revela-se a necessidade de sistematização de saberes que possibilitem a criação de padrões formativos, que favoreçam a disseminação dos saberes necessários aos recreadores.

Dessa forma, consideramos que uma das necessidades de compreendermos como se constitui a esfera profissional do recreador é a possibilidade de reflexão sobre os principais elementos que colaboram e garantem a qualidade do preparo desse profissional. Por meio desse entendimento, é possível pensarmos em estratégias para formar qualitativamente os recreadores, uma vez que profissionais bem formados tendem a realizar um trabalho de melhor qualidade.

Além disso, compreendemos que o processo de formação profissional deve estar alinhado às demandas da sociedade, intuindo a legalização e o prestígio social da profissão. Para isso, é necessário, ao recreador, se articular coletivamente com outros recreadores em prol da valorização do trabalho desse profissional, para que, um dia, possamos realizar a utopia de a recreação ser reconhecida como uma verdadeira profissão.

Em nossa utopia “freireana”, os recreadores estão imersos num processo cheio de *boniteza*, no qual as suas profissões devem ser

intencionalmente constituídas, a fim de formar sujeitos mais humanos e criativos, de maneira alegre, leve e lúdica.

Constatamos que as informações sobre a constituição das profissões dos recreadores são fundamentais para o movimento de regulamentação e certificação da profissão, bem como para a elaboração de políticas públicas voltadas à valorização social e econômica desse profissional, que se constitui por meio de diferentes percursos.

Portanto, consideramos que é fundamental continuar e ampliar o debate sobre o desenvolvimento da profissão do recreador, fomentando a discussão da recreação como uma profissão. Acreditamos que esses debates devem extrapolar os ambientes acadêmicos e chegar até os próprios recreadores, visto que é essencial que eles possam questionar o seu trabalho e identificar o que é necessário para aprimorá-lo, reconhecendo-se enquanto profissionais e entendendo que, ao fazer isso, também contribuem para a construção coletiva da profissão.

Desse modo, acreditamos que esta pesquisa possibilitou refletir, de maneira crítica, sobre a constituição profissional do recreador pelo viés da profissão, que emerge como um ato essencial para o desenvolvimento profissional, pois, conforme Freire (2005a, p. 39):

Quanto mais me assumo como estou sendo e percebo as razões de ser de porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me, no caso, do estado de curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica.

Essa perspectiva amplia a nossa compreensão sobre os principais elementos constituintes das profissões complexas dos recreadores, destacando as dimensões significativas dos contextos, das experiências e dos saberes adquiridos no caminho para se tornar um profissional completo e consciente do seu papel.

Assim, compreender como tem se formado as profissões dos recreadores é importante não apenas para a profissão e os profissionais, mas também favorece diretamente os recreandos, podendo reverberar numa sociedade “em que seja menos difícil amar” (Freire, 1987, p. 213).

A compreensão sobre como tem se constituído as profissões dos recreadores se projeta como uma espécie de lente, através da qual podemos melhor compreender o movimento interno do processo de profissionalização dos recreadores e os seus respectivos papéis na (trans)formação humana.

Por fim, sugerimos que futuros estudos explorem o movimento de profissionalismo, traçando um panorama interno e externo da profissionalização, por uma consolidação da profissão do recreador, bem como se aprofundem nos campos dos saberes, especialmente o campo dos saberes do brincar e o campo dos saberes do universo infantil, articulando-os com a formação de professores pedagogos.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam *et al.* **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas.** Brasília: UNESCO, BID, 2002. Disponível em: <http://xa.yimg.com/kq/groups/14829397/80861882/name/Juventude+e+violencia+-+miriam+Abramoway.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2024.
- ADAMS, Telmo. Sulear (verbete). *In*: STRECK, Danilo.; REDIN, Euclides.; ZITKOSKI, Jaime. José. (Orgs). **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte: Editora Autêntica. p. 396-398.
- ALTET, Marguerite. Qual(quais) profissionalidade(s) dos formadores em formação contínua? Por um perfil poliidentitário. *In*: ALTET, Marguerite; PAQUAY, Léopold; PERRENOUD, Philippe (Orgs.). **A profissionalização dos formadores de professores.** Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 55-82.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Usos e abusos dos estudos de caso. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 129, p. 637-651, set./dez., 2006.
- ANDRADE, André Matos Benatti de; SILVA, Helen Carmem Lucena da. Colônia de férias: refletindo sobre a programação de lazer com base nos estudos de Dumazedier e Gardner. *In*: ANDRADE, André Matos Benatti de; ARAÚJO, Cristiano dos Santos (Orgs.). **Recreação, vivências e reflexões práticas.** São Paulo: Supimpa, 2022. p. 18-28.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de; PLACCO, Vera Nigro de Souza. Processos psicossociais na formação de professores: um campo de pesquisas em Psicologia da Educação. **Contrapontos**, Itajaí, v. 7, n. 2, p. 339-346, mai./ago., 2007.
- ARRUDA, Larissa Silva Guimaraes. **Perfil e trajetória de recreadores: uma análise da atuação profissional no mercado de trabalho.** 188 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.
- BARBOSA, Cláudio. Lazer e qualidade de vida. *In*: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Lazer e formação profissional.** 7. ed. Campinas: Papirus, 2005. p. 13-21.
- BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira. A Sociologia das profissões: em torno da legitimidade de um objeto. **Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais**: BIB, Rio de Janeiro, n. 36, p. 1-116, 1993.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2016.
- BERNABÉ, Andressa. Peli.; NATALI, Paula. Marçal. Formação e atuação de recreadores: o caso da equipe de recreação e lazer da cidade de Maringá-PR nos anos de 2001 a 2004. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação**

Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, 2014.
Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/620>.
Acesso em: 1 jan. 2023.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. A pesquisa em Psicologia: análise de métodos e estratégias na construção de um conhecimento que se pretende científico. *In*: ROMANELLI, Geraldo (Org.). **Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa**. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998. p 178.

COMERLATTO, Lairton Marcelo. **A cadeia global de valor do turismo: estudo sobre os resorts internacionais no Nordeste do Brasil**. 250 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Florianópolis, 2015.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOURDONCLE, Raymond. La professionnalisation des enseignants: analyses sociologiques anglaises et américaines. **Revue Française de Pédagogie – Recherches en Éducation**, França, v. 1, n. 94, p. 73-92, 1991.

BOURDONCLE, Raymond. La professionnalisation des enseignants: les limites d'un mythe. **Revue Française de Pédagogie – Recherches en Éducation**, Paris, n. 105, p. 3-119, 1994.

BOURDONCLE, Raymond; MATHEY-PIERRE, Catherine. Autour du mot "professionnalité". **Recherche et Formation**, Lyon, n. 19, p. 137-148, 1995.

BRAEM, Sophie. Le nécessaire développement théorique de la notion de professionnalité pour la sociologie des professions françaises. Comunicação apresentada na **Interim Conference of ISA Research Committee Sociology of Professional Groups RC 52**, Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa, 2000.

BRAMANTE, Antonio Carlos. Lazer: concepções e significados. **Licere**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 9-17, set., 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. São Paulo: Tecnoprint, 1988.

BRUHNS, Heloisa Turini (Org). **Introdução aos estudos do lazer**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Educação para o lazer**. São Paulo: Moderna, 1998.

CASTELLANI FILHO, Lino. O Departamento de Estudos do Lazer FEF/UNICAMP. *In*: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Lazer e formação profissional**. 7. ed. Campinas: Papyrus, 2005. p. 63-68.

CAVALLARI, Ricardo; ZACHARIAS, Vany. **Trabalhando com a recreação**. 5. ed. São Paulo: Ícone, 2001.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1995.

CIVITATE, Hector. **Jogos recreativos para clubes, academias, hotéis, acampamentos, spas e colônias de férias**. 2. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.

CONTRERAS, José. **A autonomia dos professores**. São Paulo: Cortez. 2002.

COURTOIS, Bernadette *et al.* Transformations de la formation et recompositions identitaires en entreprise. *In*: BARBIER, Jean-Marie; BERTON, Fabienne; BORU, Jean-Jacques (Orgs.). **Situations de travail et formation**. Paris: L'Harmattan, 1996. p.165-201.

CUNHA, Maria Isabel da (Org.). **Reflexões e práticas em Pedagogia universitária: magistério, formação e trabalho pedagógico**. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. Verbete Brincadeira. *In*: GOMES, Christianne Luce. (Org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 19-24.

DESTEFANI, Andreia. **O bacharelado em recreação e lazer da FEF/UNICAMP (1990-2004): projetos de formação, disposições institucionais e contradições políticas**. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

DRUMMOND, Maria Francelina Ibrahim. Instrução popular e nação literária n'ó recriador mineiro. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 25, p. 25-69, 2008.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

- DUMAZEDIER, Joffre. **A revolução cultural do tempo livre**. São Paulo: Studio Nobel, SESC, 1994.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- Espinosa, Bento de. **Tratado da reforma do entendimento**. São Paulo: Escala, 2007.
- FERNANDES, Valdilene de Jesus Lopes. A ludicidade nas práticas pedagógicas da Educação Infantil. **Revista Científica Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas da EDUVALE**, v. 8, n. 1, p. 61-72, jan./jun., 2022.
- FERREIRA, Solange. **Tapeçaria recreativa**. Rio de Janeiro: Sprint, 2006.
- FILIPPIS, André de. **Formação profissional em lazer, nos cursos de Educação Física, no estado de São Paulo**. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2012.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Editora Artmed. 2009.
- FREIDSON, Eliot. **O renascimento do profissionalismo**. São Paulo: EDUSP, 1998.
- FREIDSON, Eliot. Para uma análise comparada das profissões: a institucionalização do discurso e do conhecimento formais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 11, p. 141-145, 1996.
- FREIDSON, Eliot. **Profissão médica: um estudo de sociologia do conhecimento aplicado**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1980.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 39. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Utopia. *In*: STRECK, Danilo.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 77.
- GARCIA, Erivelto Busto. Os novos militantes culturais. *In*: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Lazer e formação profissional**. 7. ed. Campinas: Papirus, 2005. p. 23-53.
- GATTI, Bernardete Angelina. Formação de professores e profissionalização: contribuições dos estudos publicados na Rbep entre 1998 e 2011. **Revista**

Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 93, n. 234, p. 423-442, mai./ago., 2012.

GAUTHIER, Clermont. (Org.). **Por uma teoria da Pedagogia**. Pesquisas Contemporâneas sobre o saber docente. 3. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GILLET, Jean-Claude. O sistema de animação sociocultural francês: entre diversão e educação, a conquista permanente de uma viva democracia. *In*: SILVA, Jamerson Antonio de Almeida da Silva; SILVA, Katharine Ninive Pinto. (Orgs.). **Recreação, esporte e lazer: espaço, tempo e atitude**. Recife: Instituto Tempo Livre, 2007. p. 19-40.

GOMES, Christianne Luce. Estudos do Lazer e Geopolítica do Conhecimento. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 14, n. 3, p.25, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/762>. Acesso em: 1 ago. 2024.

GOMES, Christianne Luce. Lazer e formação profissional: saberes necessários para qualificar o processo formativo. *In*: FORTINI, Janiece; GOMES, Christianne Luce; ELIZALDE, Rodrigo. (Orgs.). **Desafios e perspectivas da educação para o lazer/Desafíos y perspectivas de la educación para el ocio/Challenges and prospects of education for leisure**. Belo Horizonte: SESC/Otium, 2011a. p. 33-46.

GOMES, Christianne Luce. **Significados de recreação e lazer: reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964)**. 322 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

GOMES, Christianne Luce. Trabalho e lazer na sociedade contemporânea. *In*: SILVA, Jamerson Antonio de Almeida da Silva; SILVA, Katharine Ninive Pinto. (Orgs.). **Recreação, esporte e lazer: espaço, tempo e atitude**. Recife: Instituto Tempo Livre, 2007. p. 199-210.

GOMES, Christianne Luce. Estudos do lazer e geopolítica do conhecimento. **Revista Licere**, Belo Horizonte, v. 14, n. 3, p. 1-25, set., 2011.

GORZONI, Sílvia de Paula; DAVIS, Claudia. O conceito de profissionalidade docente nos estudos mais recentes. **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, n. 166, p. 1396-1413, 2007.

GUERRA, Marlene. **Recreação e lazer**. 5. ed. Porto Alegre: Sagra DC Luzzatto, 1996.

GUIMARAES, Sueli Édi Rufini; BZUNECK, José Aloyseo; SANCHES, Samuel Fabre. Psicologia educacional nos cursos de licenciatura: a motivação dos estudantes. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 6, n. 1, p. 11-19, jun., 2002.

HERZBERG, Frederick. O conceito de higiene como motivação e os problemas do potencial humano no trabalho. *In*: HAMPTON, David Russell. **Conceitos de comportamento na administração**. São Paulo: EPU, 1973. p. 53-62.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ISAYAMA, Helder. Ferreira. A formação profissional no âmbito do lazer: desafios e perspectivas. *In*: ISAYAMA, Hélder Ferreira. (Org.). **Lazer em estudo**: currículo e formação profissional. Campinas: Papyrus, 2010. p. 9-25.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LARSON, Margali Sarfatti. **The rise of professionalism**: a sociological analysis. Berkeley: University of California, 1977.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educar**, Curitiba, n. 17, p. 153-176, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. 5. ed. Goiânia: Alternativa, 2004.

LINS, Carla Patrícia Acioli. “**Professor não dá aula, professor desenvolve aula**”: mudança nas atividades docentes e o processo de profissionalização – O caso de professores de ensino médio. 296 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LÜDKE, Menga; BOING, Luiz Alberto. Profissionalidade docente. *In*: OLIVEIRA, Dalila Andrade; DUARTE, Adriana Maria Cancelli; VIEIRA, Lígia Maria Fraga (Orgs.). **Dicionário**: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: 2010. p.

MARCELLINO, Nelson Carvalho *et al.* Formação de quadros para atuação em políticas públicas de lazer: os casos de Campinas e Piracicaba. *In*: SILVA, Jamerson Antonio de Almeida da Silva ; SILVA, Katharine Ninive Pinto. (Orgs.). **Recreação, esporte e lazer**: espaço, tempo e atitude. Recife: Instituto Tempo Livre, 2007. p. 269-280.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. A ação profissional no lazer, sua especificidade e seu caráter interdisciplinar. *In*: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org). **Lazer e formação profissional**. 7. ed. Campinas-SP: Papirus, 2005. p. 161-167.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação**. Campinas Papirus: 1987.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer: formação e atuação profissional**. Campinas: Papirus, 1995.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e humanização**. Campinas: Papirus, 1983.

MARCONI, Maria. Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2005.

MASLOW, Abraham Harold. **Motivation and personality**. 3. ed. New York: Addison-Wesley Educational Publishers Inc., 1987.

MELO, Victor Andrade de. **A animação cultural: conceitos e propostas**. 1. ed. Campinas: Papirus, 2006.

MELO, Victor Andrade de. A animação cultural, os estudos do lazer e os estudos culturais: diálogos. **Licere**, v. 7, n. 2, p. 86-103, 2004.

MELO, Victor Andrade de; ALVES JUNIOR, Eduardo de Drummond. **Introdução ao lazer**. Barueri: Manole, 2003.

MELO, Victor Andrade de. Animação (socio)cultural: uma possibilidade de intervenção pedagógica. *In*: SILVA, Jamerson Antonio de Almeida da Silva; SILVA, Katharine Ninive Pinto. (Orgs.). **Recreação, esporte e lazer: espaço, tempo e atitude**. Recife: Instituto Tempo Livre, 2007. v. 1, p. 125-142.

MELO, Victor Andrade de. Educação, estética e animação cultural. **Revista Licere**, Belo Horizonte, v. 5, p. 101-103, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2000. p.190.

MONTEIRO, Adalberto Reis. **Profissão docente: profissionalidade e autorregulação**. São Paulo: Cortez, 2015.

MORENO, Suelly Therezinha Santos. **Lazer/recreação e formação profissional**. 84 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2005.

MORGADO, José Carlos. **Currículo e profissionalidade docente**. Porto: Porto Editora, 2005.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, Edgar; PENA-VEGA, Alfredo; PAILLARD, Bernard. **Diálogo sobre o conhecimento**. São Paulo: Cortez, 2004.

MORIN, E. **O método 6**: ética. Porto Alegre: Sulina, 2005.

NÓVOA, Antônio. **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 1999.

PADILHA, Paulo Roberto. Cidades educadoras: espaço, tempo e atitude. *In*: SILVA, Jamerson Antonio de Almeida da Silva; SILVA, Katharine Ninive Pinto. (Orgs.). **Recreação, esporte e lazer**: espaço, tempo e atitude. Recife: Instituto Tempo Livre, 2007. p. 51-90.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Profissional. **Dicionário Online de Português, 2021**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/profissional/>. Acesso em: 06 ago. 2021.

PINA, Luís Wilson. Multiplicidade de profissionais e de funções. *In*: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org). **Lazer e formação profissional**. 7. ed. Campinas-SP: Papirus, 2005. p. 117-130.

PINA, Luiz Wilson. Dia Nacional da Recreação: percursos de uma profissão centenária. *In*: ANDRADE, André; ARAÚJO, Cristiano (Orgs.). **Recreação**: vivências e reflexões práticas. São Paulo: Editora Supimpa, 2022. p. 64-70.

PIMENTA, Selma Garrido. Pedagogia e pedagogos entre insistências e resistências: entrevista realizada com a Prof.^a Dr.^a Selma Garrido Pimenta. *In*: FRANCO, Maria Amélia do Santoro; MASCARENHAS, Aline Daiane Nunes; MOREIRA, Jeferson da Silva. (Orgs.). **Rev. Eletrônica Pesquiseduca**, Santos, v. 13, n. 31, p. 925-948, nov., 2021. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/1180>. Acesso em: 7 jan. 2022.

RAMALHO, Betania Leite; NUÑEZ, Izauro Beltrán; GAUTHIER, Clermont. **Formar o professor, profissionalizar o ensino**: perspectivas e desafios. Porto Alegre: Sulina, 2004.

REQUIXA, Renato. As dimensões do lazer. **Revista Brasileira de Educação Física e Desporto**, n. 45, p. 54-76, 1980.

REQUIXA, Renato. Conceito de lazer. **Revista Brasileira de Educação Física e Desporto**, n. 42, p. 11-21, 1979.

ROMANELLI, Geraldo. A entrevista antropológica: troca e alteridade. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto**, Ribeirão Preto, p. 119-133, 1998.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SANTOS, Edmilson Santos dos. O ensino de recreação: repensando algumas práticas. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 7, n. 15, p. 89, 2001.

SCHÖN, Donald. **The reflective practitioner: how professionals think in action**. London: Temple Smith, 1983.

SILVA, Débora Alice Machado da *et al.* Importância da recreação e do lazer. *In*: MELO, Victor Andrade de (Org.). **Cadernos interativos: elementos para o desenvolvimento de políticas, programas e projetos intersetoriais, enfatizando a relação lazer, escola e processo educativo. Importância da recreação e do lazer**. Brasília: Gráfica e Editora Ideal, 2011. 52 p.

SILVA, Everson Melquiades. **A formação do arte/educador: um estudo sobre história de vida, experiência e identidade**. Jaboatão dos Guararapes, PE: SESC, 2015.

SILVA, Jamerson; SILVA, Katharine. **Círculos populares de esporte e lazer: fundamentos da educação para o tempo livre**. Recife: Bagaço, 2004

SILVA, Katharine Nínive Pinto. Formação de trabalhadores de lazer: construindo uma educação continuada. *In*: SILVA, Jamerson Antonio de Almeida da Silva; SILVA, Katharine Ninive Pinto. (Orgs.). **Recreação, esporte e lazer: espaço, tempo e atitude**. Recife: Instituto Tempo Livre, 2007. p. 281-292.

SILVA, Priscilla Lima da. **Imagens das infâncias nos tempos e espaços do brincar: um olhar para as crianças da Vila da Felicidade, em Manaus**. 2020. 152 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2020.

STOPPA, Edmur. Antônio.; ISAYAMA, Helder. Ferreira. (Orgs.). **Lazer no Brasil: representações e concretizações das vivências cotidianas**. Campinas: Autores Associados, 2017.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2020.

TEIXEIRA, Sérgio. **O lazer e a recreação na Revista Brasileira de Educação Física e Desportos como dispositivos educacionais (1968-1984)**. 251 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2008.

THERRIEN, Jacques. **Uma abordagem para o estudo do saber da experiência das práticas educativas**. Fortaleza: FAGED-UFC, 1995.

THERRIEN, Jacques. O professor no trabalho: epistemologia da prática e Ação/cognição situada: elementos para a análise da *práxis* pedagógica. **Revista Brasileira de Formação de Professores**, Cristalina, v. 1, n. 1, p. 129-147, mai., 2009.

VIANNA, Heraldo Marelím. **Pesquisa em Educação: a observação**. Brasília: Plano Editora, 2003.

VIEIRA, Fani Therezinha Lopes *et al.* Espaços e equipamentos de lazer na cidade de Curitiba: um estudo visando à formação e qualificação profissional. *In*: SILVA, Jamerson Antonio de Almeida da Silva; SILVA, Katharine Ninive Pinto (Orgs.). **Recreação, esporte e lazer: espaço, tempo e atitude**. Recife: Instituto Tempo Livre, 2007. p. 313-320.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WAICHMAN, Pablo Alberto. Tempo livre e recreação: a construção da liberdade no tempo a partir da recreação educativa. *In*: SILVA, Jamerson Antonio de Almeida da Silva; SILVA, Katharine Ninive Pinto (Orgs.). **Recreação, esporte e lazer: espaço, tempo e atitude**. Recife: Instituto Tempo Livre, 2007, p. 91-116.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica das crianças**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WEBER, Silke. Profissionalização docente e políticas públicas no Brasil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 24, n. 85, p. 1125-1154, dez., 2003.

WERNECK, Christianne. Lazer e formação profissional na sociedade atual: repensando os limites, os horizontes e os desafios para a área. **Revista Licere**, Belo Horizonte, v. 1, 19 p. , 1998.

World Leisure Organization - **International Charter for Leisure Education**. Cedar Fall/EUA: WLO, 1993.

XAVIER, Cleber. Por que ser um profissional de recreação? *In*: ANDRADE, André Mattos Benatti de; VERDIANI, Carlos Eduardo Sampaio; ARAÚJO,

Cristiano dos Santos; LEÃO JUNIOR, Cleber Mena (Orgs.). **Recreação: vivências e ações**. 2022. p. 113-119.

YIN, Robert Kuor-zuir. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. 2. ed. São Paulo: Bookman, 2001.

ZIPEROVICH, Pablo Carlos. O aprendizado: teorias e práticas pedagógicas no campo da recreação. *In*: SILVA, Jamerson Antonio de Almeida da Silva; SILVA, Katharine Ninive Pinto (Orgs.). **Recreação, esporte e lazer: espaço, tempo e atitude**. Recife: Instituto Tempo Livre, 2007, p. 61-90.

APÊNDICE A – RESUMO DA PESQUISA ENVIADA AO SESC



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

O Sesc Pernambuco foi escolhido como campo da pesquisa intitulada *A CONSTITUIÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOS RECREADORES: Um estudo a partir do SESC Pernambuco*, desenvolvida pela mestranda Helen Carmem Lucena da Silva e coordenada pela Prof.^a Dr.^a Clarissa Martins de Araújo, ambas do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco.

A pesquisa tem o objetivo de compreender como tem se constituído a profissionalidade dos recreadores do Sesc Pernambuco. A proposta é traçar o perfil dos recreadores do Sesc Pernambuco e se debruçar sobre a investigação, a fim de compreender quais os limites e possibilidades para a constituição da profissionalidade dos recreadores do Sesc Pernambuco.

A escolha do Sesc como campo deste estudo se deu mediante o reconhecimento de seu pioneirismo e sua histórica trajetória na promoção e no desenvolvimento de ações voltadas para recreação e lazer. Além de possuir uma atividade específica de recreação com profissionais exclusivos para atuar nessa atividade, a referida instituição também apresenta número relevante de profissionais atuantes no campo da recreação de forma efetiva e sistemática nas cinco mesorregiões (Região Metropolitana do Recife, Zona da Mata, Agreste, Sertão e São Francisco) do estado de Pernambuco.

As pesquisadoras acreditam que as discussões acerca da profissionalidade do recreador podem trazer considerações relevantes em relação aos saberes, competências, valores, entre outros elementos que

formam o “ser recreador” e que servem de base para a ação desse profissional. Para isto, a participação dos recreadores do Sesc Pernambuco é fundamental.

O referido estudo trata-se de um passo em direção à superação dos paradigmas existentes sobre o recreador, a fim de se estabelecer melhores condições e possibilidades para sua atuação profissional.

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO – PERFIL DOS RECREADORES DO SESC PERNAMBUCO

O presente questionário online faz parte da primeira etapa da coleta de dados da pesquisa intitulada *A constituição da profissionalidade dos recreadores: um estudo a partir do SESC Pernambuco*, desenvolvida pela mestranda Helen Carmem Lucena da Silva e pela Prof.^a Dr.^a Clarissa Martins de Araújo, ambas do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco.

*** Este Questionário é destinado aos recreadores atuantes no Sesc Pernambuco e suas respostas servirão como fonte de informações, as quais serão analisadas para fins da referida pesquisa. As identidades dos participantes serão preservadas.**

1. Nome completo.

2. Em relação à sua cor, raça/etnia, como você se autodeclara?

Preto(a)

Pardo(a)

Branco(a)

Indígena

Amarelo(a)

Outros:

3. Qual o seu gênero?

Feminino

Masculino

Outros:

4. Qual a sua idade?

5. Possui curso superior?

Sim

Não

() Estou cursando

6. Caso tenha ensino superior completo e/ou incompleto, qual curso superior você cursou (ou está cursando)? Onde? Qual o ano de conclusão?

7. Caso tenha curso técnico, escreva o nome do curso. Onde cursou? Qual o ano de conclusão?

8. Caso tenha pós-graduação *lato sensu*, mestrado e/ou doutorado, escreva a área de conhecimento correspondente. Onde cursou? Qual o ano de conclusão?

9. Qual a sua profissão?

10. Em qual bairro, cidade e unidade Sesc você trabalha?

11. Qual o nome do cargo que você ocupa no Sesc?

12. Quais funções você desenvolve na instituição Sesc?

13. Há quanto tempo você atua como recreador(a) no Sesc Pernambuco?

14. Qual o seu vínculo de trabalho?

() Contrato temporário

() Efetivo

() Outros:

15. Há quanto tempo você é recreador(a)?

16. Cite de 3 a 5 características importantes que um(a) recreador(a) deve ter.

17. Quais espaços de formação favoreceram para você se tornar recreador(a)?

18. Como você busca conhecimento para atuar com a recreação?

19. Você acredita ser necessário possuir uma formação acadêmica e/ou profissional para atuar com a recreação? Por quê?

20. Cite até 3 recreadores e/ou profissionais do Sesc Pernambuco que, para você, são referência em sua prática profissional enquanto recreador(a).

21. Na sua opinião, o que o recreador(a) precisa saber para atuar com recreação?

22. Complete a frase: ser recreador(a) é...

23. O trabalho no campo da recreação é a sua única fonte de renda?

Sim

Não

23. Se marcou “não”, qual outra(s) atividade(s) profissional(is) remunerada(s) você desenvolve? Onde?

24. Para você, qual o maior desafio do trabalho com recreação?

25. Na sua opinião, qual é a melhor parte de trabalhar com recreação?

APÊNDICE C – CARTA CONVITE AOS RECREADORES PARA ENTREVISTA

Querida **XXX**,

É com grande prazer e admiração que venho até você por meio desta carta. Como você já sabe, estou realizando uma pesquisa acadêmica intitulada “A CONSTITUIÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOS RECREADORES: um estudo a partir do SESC Pernambuco”, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Clarissa Martins de Araújo.

Primeiramente, gostaria de começar esta mensagem lhe parabenizando por você ser reconhecida como profissional de referência para a maioria dos recreadores do Sesc Pernambuco. Isso é uma conquista de muita relevância e uma afirmação do seu talento, dedicação, responsabilidade e atuação profissional com a recreação. Você é uma inspiração para muitos, é um exemplo do que é possível alcançar quando se ama o que faz e se compromete profundamente com sua profissão. Seu compromisso e paixão pela atividade têm impactado positivamente a vida de muitas pessoas e é por isso que venho convidá-la para participar de uma entrevista que faz parte da segunda etapa de minha pesquisa.

Durante a entrevista, teremos a oportunidade de conversar e explorar suas experiências, a fim de compreender melhor como você se tornou essa profissional tão admirada por seus pares. Entendemos que suas palavras e sua história podem servir de inspiração para futuras gerações de recreadores.

Acreditamos que as discussões acerca da profissionalidade do recreador podem trazer considerações relevantes em relação aos saberes, competências, valores, entre outros elementos que formam o “ser recreador” e que servem de base para a ação desse profissional. Para isto, a sua participação é basilar. Temos a missão de tornar público o resultado desta pesquisa e reafirmamos nossa disponibilidade na prestação de esclarecimentos, em qualquer uma das fases do estudo.

Portanto, se você estiver disposta a compartilhar suas experiências ou tiver alguma dúvida sobre a pesquisa, aguardo sua confirmação por meio do telefone: X XXXX XXXX ou pelo endereço eletrônico: helen.lucena@ufpe.br.

Mais uma vez, parabênzo pelo seu TALENTO em ser uma RECREADORA QUE INSPIRA! Sua contribuição é vital para o sucesso desta pesquisa.

Com admiração e gratidão,

Helen Carmem Lucena da Silva

Mestranda em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação, da
Universidade Federal de Pernambuco

APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – ENTREVISTA

Pesquisa: A CONSTITUIÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOS RECREADORES DO SESC PERNAMBUCO

Você está convidado(a) para participar da segunda fase da pesquisa “A CONSTITUIÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOS RECREADORES: um estudo a partir do SESC Pernambuco”, da mestranda Helen Carmem Lucena da Silva e orientada pela pesquisadora responsável Prof.^a Dr.^a Clarissa Martins de Araújo, ambas do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco.

A pesquisa tem o objetivo de compreender como tem se constituído as profissões dos recreadores do Sesc Pernambuco. Para isso, traçaremos o perfil dos recreadores do Sesc Pernambuco e, em seguida, realizaremos uma investigação mais aprofundada, a fim de identificar os limites e possibilidades para a constituição da profissão dos recreadores do Sesc Pernambuco.

A primeira etapa da coleta de dados se efetivou por meio da aplicação do questionário destinado aos recreadores atuantes no Sesc Pernambuco. A partir das informações levantadas, identificamos os sujeitos que farão parte da presente pesquisa, que se efetivará por meio de entrevistas.

Desta forma, ao solicitarmos a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido aos sujeitos, garantimos o anonimato dos participantes e o sigilo no tratamento das informações obtidas. Considerando os fundamentos éticos e científicos, asseguramos que os riscos e desconfortos previsíveis da entrevista, como constrangimentos, serão evitados.

Asseguramos que os participantes da pesquisa terão suas identidades preservadas e enfatizamos que os voluntários deste estudo estarão livres para se recusarem a participar ou retirar seu consentimento, sem penalização ou prejuízos quaisquer, em qualquer etapa da pesquisa.

Acreditamos que as discussões acerca da profissão do recreador, que propomos neste trabalho, podem trazer considerações relevantes em relação aos saberes, competências, valores, entre outros elementos que formam o “ser recreador” e que servem de base para a ação

desse profissional. Para isto, a participação dos recreadores do Sesc Pernambuco é fundamental.

Sendo assim, temos a missão de tornar público o resultado desta pesquisa e reafirmamos nossa disponibilidade na prestação de esclarecimentos, em qualquer uma das fases do estudo. Disponibilizamo-nos por meio do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco, localizado na Av. Professor Moraes Rego, 1235 - Cidade Universitária, Recife – PE – CEP: 50670-901 e também por meio dos endereços eletrônicos: Helen Carmem Lucena da Silva – helen.lucena@ufpe.br e Clarissa Martins de Araújo – clarissa.araujo@ufpe.br

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) segue em duas vias, uma cópia para o entrevistado(a) voluntário e uma cópia para a pesquisadora.

Portanto, se você compreendeu a proposta da pesquisa e concorda em ser voluntário(a) favor assinar o protocolo abaixo afirmando seu consentimento formal.

Desde já, agradecemos pela compreensão e voluntariedade.

Eu, _____, RG nº _____
_____ declaro ter sido informado e concordo em participar,
como voluntário(a), do projeto de pesquisa acima descrito.
_____, _____ de outubro de 2023

Assinatura do(a) recreador(a) voluntário(a)

Responsáveis pela pesquisa:

Prof.^a Dr.^a Clarissa Martins de Araújo
Orientadora da pesquisa

Helen Carmem Lucena da Silva
Mestranda em Educação

APÊNDICE E – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM OS RECREADORES

1. Como você conheceu a recreação e veio a considerá-la como possibilidade profissional?
2. Porque e onde você iniciou o trabalho com recreação?
3. Quais lugares você trabalhou e quais experiências adquiriu nesses locais?
4. Quais pessoas/grupos e momentos marcaram sua história contribuindo ou influenciando para sua constituição profissional como recreador?
5. Você acha que o Sesc em que você trabalha é diferente dos outros Sesc? Por que?
6. Considerando os diferentes perfis das unidades executivas, hoteleiras e Sesc Ier, você percebe alguma diferença na recreação?
7. Na sua opinião, o que é ser recreador?
8. O que você fez para se tornar o recreador que é hoje?
9. Você trabalhou no período da pandemia?
10. Se trabalhou, como foi para você trabalhar nesse período?
11. Você percebeu alguma mudança na instituição em que você trabalha antes, durante e após pandemia?
12. De que forma a sua formação contribuiu para você se tornar o recreador que é hoje?

13. Em algum momento da sua carreira você sentiu mais necessidade de realizar formação continuada? Por quê?
14. Como o Sesc tem contribuído para a sua prática profissional enquanto recreador?
15. Você sente falta de algum tipo de conhecimento que é importante para a sua atuação profissional?
16. Quais os espaços que contribuíram para a sua atuação como recreador?
17. Quais as principais dificuldades que você encontrou para se tornar recreador?
18. Quais elementos você considera indispensáveis para a constituição do recreador?
19. Na sua opinião, o que os recreadores precisam saber para atuar profissionalmente com recreação?
20. Você se sente “realizado” trabalhando profissionalmente com a recreação? Por quê?
21. O que você mais gosta na sua profissão e o que mais lhe incomoda?
22. Gostaria de fazer alguma consideração ou complementar algo na sua fala?

APÊNDICE F – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM A PROFISSIONAL SIGA A MESTRE

1. Como você conheceu a recreação e veio a considerá-la como possibilidade profissional?
2. Porque e onde você iniciou o trabalho com recreação?
3. Quais lugares você trabalhou e quais experiências adquiriu nesses locais?
4. Há quanto tempo você trabalha com recreação?
5. Há quanto você trabalha no Sesc com recreação?
6. Qual é a sua profissão e qual função você ocupa no Sesc Pernambuco?
7. Qual é a proposta da recreação oferecida pelo Sesc e como está organizada essa atividade no Sesc Pernambuco?
8. Quais elementos (políticos, documentais, institucionais...) instituem a atividade de recreação do Sesc Pernambuco?
9. Os Sesc de Pernambuco que oferecem recreação possuem três diferentes perfis: as unidades executivas, hoteleiras e Sesc Ler. Então, quais são as semelhanças e diferenças da recreação oferecida nesses lugares?
10. O Sesc Pernambuco se difere dos Sesc de outras regiões do Brasil? Como?
11. Como é feita a contratação dos recreadores do Sesc Pernambuco?
12. Quais são os critérios para essa contratação? O que é observado? O que se avalia para contratar um recreador para atuar efetivamente no Sesc?

13. Atualmente, quantos recreadores atuam no Sesc Pernambuco?
14. Como é o regime de trabalho dos recreadores do Sesc Pernambuco?
15. Quais os cargos e funções ocupados pelos recreadores do Sesc Pernambuco?
16. O termo *instrutor de atividades de recreação* representa a atuação dos recreadores do Sesc Pernambuco?
17. O que é ser recreador?
18. O que é um bom recreador?
19. Qual a relevância do recreador para o Sesc?
20. Qual é o principal papel da atividade de recreação do Sesc Pernambuco? Missão? Visão? Valores?
21. Quais elementos você considera indispensáveis para a constituição do recreador?
22. Na sua opinião, o que os recreadores precisam saber para atuar profissionalmente com recreação?
23. O que o recreador não pode fazer na sua prática?
24. A formação acadêmica é importante para o recreador? Por quê?
25. Como o Sesc Pernambuco tem contribuído para a formação profissional dos recreadores?
26. Por que o Sesc investe em formação para os recreadores?

27. Você se sente “realizada” trabalhando profissionalmente com a recreação?

Por quê?

28. Gostaria de fazer alguma consideração ou complementar algo na sua fala?

**APÊNDICE G – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM O
PROFISSIONAL SEU MESTRE MANDOU**

1. Qual é a sua profissão e qual função você ocupa no Sesc Pernambuco?
2. Já atuou como recreadora?
3. Há quanto tempo você trabalha com recreação?
4. Há quanto tempo você trabalha no Sesc com recreação?
5. Qual é a proposta da recreação oferecida pelo Sesc e como está organizada essa atividade no Sesc no Brasil?
6. Quais elementos (políticos, documentais, institucionais...) instituem a atividade de recreação do Sesc?
7. Qual é o principal papel da atividade de recreação do Sesc? Missão? Visão? Valores?
8. Quais as principais semelhanças e diferenças da recreação oferecida nos diferentes estados do Brasil?
9. O Sesc Pernambuco se difere dos Sesc de outras regiões do Brasil? Como?
10. O que é recreador?
11. Qual a relevância do recreador para o Sesc?
12. Quais elementos você considera indispensáveis para a constituição do recreador?

13. Na sua opinião, o que os recreadores precisam saber para atuar profissionalmente com recreação?
14. O que o recreador não pode fazer na sua prática?
15. A formação acadêmica é importante para o recreador? Por quê?
16. Como o Sesc Pernambuco tem contribuído para a formação profissional dos recreadores?
17. Por que o Sesc investe em formação para os recreadores?
18. Existe alguma diretriz nacional que estabelece os critérios de avaliação para contratação dos recreadores? O que se avalia para contratar um recreador para atuar efetivamente no Sesc?
19. O regime de trabalho dos recreadores do Sesc Pernambuco é igual em todos os Sesc?
20. No Sesc Pernambuco é utilizado o termo *instrutor de atividades de recreação* para designar o recreador? Existem outros termos no Sesc para se referir a esse profissional? Quais?
21. Você acha que o termo *instrutor de atividades de recreação* representa a atuação que os recreadores desenvolvem no Sesc? Por quê?
22. Gostaria de fazer alguma consideração ou complementar algo na sua fala?

ANEXO A – COMUNICADO DAS VAGAS E ETAPAS DO PROCESSO SELETIVO



COMUNICADO DAS VAGAS E ETAPAS DO PROCESSO SELETIVO

Vaga: INSTRUTOR DE ATIVIDADES – RECREAÇÃO	
Quantidade de vagas/ Lotação (local de trabalho): 01 Vaga – Sesc Serra Talhada	
Tipo de Contratação: Contrato indeterminado (após o período de experiência de 90 dias - Regido pela CLT)	Carga Horária: Horista (Mínima de 10h e máxima de 40h semanais, de acordo com a necessidade do SESC).

1. REQUISITOS

Ensino médio completo com cursos de qualificação em Recreação que somem uma carga horária mínima de 30 horas.

ANEXAR na Etapa de Verificação de Requisitos: Comprovante de Conclusão do Ensino Médio e comprovação da realização cursos de Recreação que somem uma carga horária mínima de 30 horas.

2. COMPETÊNCIAS COMPORTAMENTAIS

Comprometimento, Proatividade, Foco em Resultados, Relacionamento Interpessoal e Ética.

3. BREVE DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DO CARGO

Planejar a programação recreativa para as diversas faixas etárias (Infantil, adolescente, adulto, idosos e pessoas com deficiência); Propor projetos para dinamização das programações respeitando as diretrizes institucionais; Executar as programações recreativas conforme planejadas; Possuir capacidade de criação em relação ao desenvolvimento de atividades observando o mapa estratégico institucional; Realizar pesquisas e estudo para fundamentação e aperfeiçoamento da prática; Integrar suas atividades com outras áreas; Monitorar sistemas de controles institucionais (atendimentos, receita e despesas das ações sistemáticas e projetos referentes a atividade recreação; Participar de processos de capacitação e desenvolvimento profissional com o compromisso de multiplicação para os demais funcionários do Sesc quando solicitado. Executar outras atividades inerentes à natureza do cargo.

4. SALÁRIOS E BENEFÍCIOS

Salário inicial: **R\$ 18,28** por hora/ Salário após 90 dias: **R\$ 20,31** por hora

Vale Transporte (de acordo com a legislação vigente e normas administrativas internas);

Auxílio Saúde (de acordo com normas administrativas internas);

Valores subsidiados para Assistência Odontológica nas Clínicas Odontológicas do Sesc/PE;

Alimentação subsidiada ou Ticket Alimentação em conformidade com as normas internas;

Descontos em serviços do Sesc/PE.

5. ETAPAS DO PROCESSO SELETIVO EXTERNO
<i>Etapa 1 - Triagem Curricular (item 6.11 do Regulamento) - Classificatória</i>
<p>Etapa comum a todos os cargos, consiste na leitura e interpretação automática dos currículos através de algoritmo. Cada currículo é analisado e recebe uma pontuação baseada nos requisitos e perfil do cargo pretendido.</p> <p>Informações: O candidato deverá acessar a área do "Trabalhe Conosco" no endereço www.sescpe.org.br, e será direcionado para a Página de Carreiras do Sesc/PE. Ao escolher a vaga desejada, o candidato deverá clicar em "inscrever-se na vaga", preencher os dados pessoais e anexar o currículo, conforme modelo disponibilizado no Anexo I – Modelo de Currículo.</p>
<i>Etapa 2 - Verificação de Requisitos (item 6.12 do Regulamento) – Classificatória e Eliminatória</i>
<p>Consiste em perguntas objetivas para identificação da habilitação do candidato ao Processo Seletivo tais como atendimento ao requisito necessário para o cargo, e vedações previstas nos itens 2.2 e 2.3 do Regulamento. Para cada requisito solicitado para a vaga, o candidato deverá anexar documento comprobatório do atendimento.</p> <p>Informações: Etapa on-line realizada através de link encaminhado ao e-mail indicado pelo candidato no ato da inscrição e de acordo com o cronograma estabelecido para realização das etapas do processo seletivo.</p>
<i>Etapa 3 - Avaliação de Conhecimento (item 6.13 do Regulamento) - Classificatória e Eliminatória</i>
<p>A avaliação será composta por 10 (dez) questões objetivas de múltipla escolha, sendo 05 (cinco) questões de Língua Portuguesa e 05 (cinco) questões de Conhecimentos Específicos, com pontuação de 1,0 (um) ponto cada. A avaliação terá a pontuação máxima de 10 (dez) pontos, ficando eliminados os que obtiverem nota inferior a 5,0 (cinco) pontos. Passarão para a próxima etapa do Processo Seletivo os candidatos que obtiverem as 50 (cinquenta) maiores pontuações na Avaliação de Conhecimento conforme item 6.13.6 do Regulamento.</p> <p>Informações: Etapa on-line realizada através de link encaminhado ao e-mail indicado pelo candidato no ato da inscrição e de acordo com o cronograma estabelecido para realização das etapas do processo seletivo.</p> <p>Conteúdo da Avaliação:</p> <p>Língua Portuguesa: Leitura e interpretação de diversos tipos de textos (literários e não literários).</p> <p>Conhecimentos Específicos: Recreação e lazer: conceitos de recreação, lazer, ludicidade, brinquedo, brincadeira, jogo, ócio e tempo livre; Fundamentos e elementos da recreação e lazer; Lazer educativo (educação para e pelo lazer); Papel pedagógico dos jogos cooperativos, competitivos e de tabuleiro; Prática de jogos lúdicos para diferentes faixas etárias e com grupos específicos (idosos, pessoas com deficiências, crianças, adolescentes, adultos); Técnicas pedagógicas e didáticas: planejamento e organização de atividades recreativas como facilitadora da Socialização, Criatividade e Senso Crítico; O trabalho recreativo a partir de um tema gerador; A prática recreativa com finalidades pedagógicas - Cuidados e observações relevantes na montagem de uma programação recreativa; Lazer, recreação: contribuições com a melhoria da qualidade de vida e bem estar.</p> <p>Duração da Avaliação: 01 (uma) hora.</p>
<i>Etapa 4 - Análise Comportamental (item 6.14 do Regulamento) - Classificatória</i>
<p>Consiste em questionário com perguntas sobre o candidato com o objetivo de identificar a aderência do seu perfil comportamental ao cargo pretendido. Através da análise de discurso dos candidatos, o algoritmo mapeia seus traços de personalidade e identifica a compatibilidade entre o candidato e os 5 (cinco) Perfis do Trabalho selecionados para a oportunidade: Criatividade no Trabalho, trabalho em equipe, abertura a novos desafios, bom atendimento a clientes e "veste a camisa da empresa".</p> <p>Informações: Etapa on-line realizada através de link encaminhado ao e-mail indicado pelo candidato no ato da inscrição e de acordo com o cronograma estabelecido para realização das etapas do processo seletivo.</p>

Etapa 5 - Habilitação (item 6.15 do Regulamento) - Classificatória e Eliminatória
<p>Consiste na análise dos documentos anexados na etapa de Verificação de Requisitos, que deverão comprovar o atendimento dos requisitos necessários ao exercício do cargo (informados na divulgação de cada vaga). Serão analisados os documentos dos candidatos com as maiores pontuações na etapa anterior até atingir o quantitativo de 25 (vinte e cinco) habilitados.</p> <p>Os candidatos que não atenderem aos requisitos do cargo serão eliminados do processo seletivo.</p> <p>Informações: Procedimento Interno.</p>
Etapa 6 - Avaliação Situacional (item 6.16 do Regulamento) - Classificatória e Eliminatória
Modalidade - Prova Prática
<p>A avaliação situacional terá pontuação máxima de 10,0 (dez) pontos, ficando eliminados os que obtiverem nota inferior a 5,0 (cinco) pontos.</p> <p>1ª. Elaboração de uma Programação: O(a) candidato(a) deverá elaborar uma Programação Recreativa, cujas orientações serão informadas durante a realização da etapa. O candidato receberá um breve informativo sobre o Projeto do Sesc e onde deve ser inserido a faixa etária, a temática, as atividades, o desenvolvimento e o fechamento da(s) atividades (s) propostas. Cada candidato receberá uma lista contendo o nome de diversos materiais como sugestão para descrever na respectiva programação e posteriormente realizar a demonstração prática do conteúdo elaborado.</p> <p>Informações: Etapa on-line realizada através de link encaminhado ao e-mail indicado pelo candidato no ato da inscrição e de acordo com o cronograma estabelecido para realização das etapas do processo seletivo.</p> <p>Conteúdo da Avaliação: Prática de jogos lúdicos para diferentes faixas etárias e com grupos específicos (idosos, pessoas com deficiências, crianças, adolescentes, adultos); Técnicas pedagógicas e didáticas: planejamento e organização de atividades recreativas como facilitadora da Socialização, Criatividade e Senso Crítico; O trabalho recreativo a partir de um tema gerador; A prática recreativa com finalidades pedagógicas - Cuidados e observações relevantes na montagem de uma programação recreativa; Lazer, recreação e qualidade de vida.</p> <p>2ª. Apresentação da Programação: O(a) candidato(a) fará a apresentação da sua programação recreativa, para a banca examinadora, com duração máxima de 15 minutos.</p> <p>Informações: Etapa presencial. A data e horário para apresentação da programação recreativa de cada candidato serão divulgados mediante prévia convocação, obedecendo a ordem alfabética, de acordo com o cronograma estabelecido para realização das etapas do processo seletivo.</p> <p>Duração da Avaliação: Até 15 (quinze) minutos.</p> <p>Critérios de avaliação:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Adequação à natureza coletiva da turma em questão (0 - 1,0 ponto); 2. Criatividade na elaboração e execução das atividades propostas para o plano de aula (0 - 2,0 pontos); 3. Natureza teórico-prática da metodologia aplicada (0 - 3,0 pontos); 4. Descrição e desenvolvimento da aula (0 - 2,0 pontos); 5. Descrição da avaliação da aula (0 - 2,0 pontos).